
DIZ-ME QUE
Sim
Melanie Harlow
AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY E DA AMAZON
TOP SELLER

Melanie Harlow

DIZ-ME QUE Sim

TOP SELLER
os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: novembro de 2023

DIZ-ME QUE SIM
Título original: *Call Me Crazy*
© 2021, Melanie Harlow
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2023, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.
Esta edição foi publicada por acordo com Bookcase Literary Agency e RF Literary.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Ana Beatriz Manso
Coordenação Editorial: Vanessa Domingos
Tradução: Fernanda Semedo
Revisão: Manuela Duarte
Capa: adaptação de Wonder Studio / Carolina Leonardo sobre design de Hang Le
Fotografia da capa: Michelle Lancaster

ISBN: 978-989-787-573-1

Composição digital: Simon and Sons ITES Services Private Limited

Site: penguinlivros.pt
Twitter: @PenguinLivrosPT
Facebook: topseller.editora
Instagram: topseller.suma

Índice

Diz-me que Sim
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Diz-me que Sim
Receitas
Agradecimentos
Sobre este livro
Sobre Melanie Harlow

Para as Harlots
(Vocês sabem quem são…)

Aqueles dedos no meu cabelo
Aquele tentador olhar malicioso
Que me desnuda a consciência
É bruxedo…

E para esse não tenho defesa
O calor é demasiado intenso
E de que me serve o bom senso?

Carolyn Leigh

Um

Enzo

Chega um dia na vida de um homem em que ele entra numa sala cheio de esperança no coração e um anel no bolso, preparadíssimo para pôr um joelho no chão. Para jurar a sua devoção eterna. Para tomar na sua a mão da alma gémea e a pedir em casamento, prometendo amá-la, honrá-la e estimá-la para todo o sempre, até que a morte os separe, ámen.

Este não era o dia.

Contudo, eu tinha um anel no bolso — um lindo diamante solitário de 1,4 quilates num aro de ouro. Tinha feito um excelente negócio, porque o meu primo Paulie trabalha na joalharia e um infeliz qualquer acabara de o devolver. Claro que tinha gravado o nome de outra pessoa, mas o Paulie garantira-me que podia ser removido.

Pensando nisso agora, acho que devia tê-lo feito antes do pedido de casamento. Mas eu não andava a pensar bem — precisava de uma esposa, e precisava dela depressa.

Aconteceu tudo por causa desta tradição ridícula na minha família. Para herdar a empresa de construção da família — Moretti & Filhos —, o filho mais velho tem de «ter assentado» com uma mulher e, de preferência, ter um filho ou dois quando chegar aos 35 anos. O meu pai, que tem 68 e está preparado para se reformar, há anos que anda a ameaçar deixar o negócio ao meu irmão mais novo, o Pietro.

Maldito Pietro!

Apesar de ter 32 anos e de ser casado, com o terceiro *bambino* a caminho, *nunca* chega a horas, é o cúmulo da desorganização e demasiado mole para ser um gestor eficaz. Os empreiteiros, os fornecedores e os clientes estavam sempre a abusar dele, porque odiava confrontos.

Não me entendam mal, é o meu irmão mais novo e adoro o gajo — e a minha sobrinha e o meu sobrinho são fantásticos — mas não é pessoa para gerir a nossa empresa, que vale muitos milhões de dólares.

Quanto a mim? Adoro confrontos. Não receio acusar alguém de me estar a lixar ou de lhe recordar o preço que tínhamos acordado ou os prazos com que tinha concordado. Sei ser encantador e ser uma besta. E sei fechar um negócio.

Pelo menos, pensava que sabia.

Mas isso foi antes do pedido de casamento.

Eu e a Reina estávamos juntos há três meses, o que me parecia um período de tempo bastante decente para passar com alguém, embora talvez não fosse a melhor pessoa para o dizer, visto o compromisso a longo prazo nunca ter sido a minha onda. Não que eu fosse um sacana em relação a isso — sempre me certifiquei de que a mulher compreendia exatamente o que eu lhe podia oferecer (um tempo muito bem passado) e o que não podia (algo que se assemelhasse a uma relação).

Porém, à medida que os 35 anos se aproximavam e as ameaças do meu pai iam ficando mais reais, percebi que estava na altura de me fazer homem e pôr um anel no dedo de alguém.

Achava a Reina uma candidata a Sra. Moretti tão boa como outra qualquer. Era nova — isto é, tinha feito 21 anos no dia anterior —, um pouco dependente demais do seu telefone e por vezes eu não fazia a mínima ideia do que ela estava a dizer, mas cumpria todos os outros requisitos. Era bonita, não era maluca, dava-se bem com a família e a mãe dela tinha 40 e tal anos e ainda tinha bom aspeto. Que mais podia eu pedir?

Também cumpria os requisitos dos meus pais: Católica. Italiana. A minha *Nonna* conhecia a *Nonna* dela.

Estava apaixonado por ela? Não. Mas o amor era algo que se desenvolvia com o tempo, não é verdade? Embora não tivesse a certeza, visto nunca ter estado apaixonado, parecia-me ser algo em que nos íamos instalando, como um sofá que ao princípio é um bocadinho rijo, mas se torna mais confortável quanto mais nos sentamos nele. Achava que acabaríamos por chegar lá.

O mais importante, naquele momento, era garantir o meu lugar no topo da Moretti & Filhos, onde trabalhei todos os malditos dias da minha vida desde os 14 anos. Não dedicara todo este sangue, suor e lágrimas ao crescimento de um negócio para o ver ir para as mãos do Pietro, e diabos me levassem se ia ser o único filho mais velho em cinco gerações que falhava a herança. Se precisava de ter uma mulher e um filho para isso, eu arranjava uma mulher e um filho.

Não era assim tão difícil, pois não?

Afinal de contas, era um pouco mais do que eu julgava.

Para celebrar o aniversário da Reina, tinha-a levado a jantar ao DiFiore’s, que, além de ser o restaurante italiano mais simpático da vila, pertencia ao primo da minha mãe, o Big Tony. Tinham-nos dado a melhor mesa. Com velas e tudo.

Música suave. Quanto a mim, usava fato e gravata novos. Tinha cortado o cabelo e aparado a barba. Cheirava bem como o raio, o meu cabelo ondulado fazia aquela cena à frente e vestira a minha roupa interior da sorte.

Estava tudo a conjugar-se.

Esperei que a empregada de mesa, a minha prima Lara, levantasse os pratos da sobremesa, endireitei-me na cadeira e pigarreei. Sentia um pequeno aperto na barriga, mas ignorei-o.

— Então, que tal está a ser o teu aniversário?

A Reina sorriu-me e sacudiu o cabelo negro, comprido e liso.

— Fantástico. Obrigada pelo jantar. O *ravioli* estava delicioso.

— Não tens de agradecer. — Olhei para o seu copo de vinho e percebi que ainda estava bastante cheio. Eu tinha esbanjado numa garrafa cara de *Barolo*, que me parecia valer cada cêntimo. — Não gostaste do vinho?

— De verdade? — Ela encolheu os ombros. — Não sou bem uma pessoa de vinho tinto. Mas não queria ser mal-educada.

— Não é mal-educado pedires o que queres — disse eu. — Vamos mandar vir o que te apetece.

— Posso só beber uma *Coca-Cola Diet*?

— Claro. — Depois de fazer sinal à Lara, pedi uma *Coca-Cola Diet* para a Reina e, quando esta chegou, deixei-a beber um gole através da palhinha e recomecei.

— Então. É o teu aniversário.

— Sim. — Ela relanceou o telemóvel, que estava em cima da mesa.

— Queres o teu presente?

Ela sorriu como uma criança a quem tivessem oferecido um doce.

— Trouxeste-me um presente?

— É possível. — Inclinei a cabeça, fazendo a minha expressão mais irresistível.

— Enzo, não precisavas de me comprar nada. Trouxeste-me a jantar fora.

— Escuta, só se faz 21 anos uma vez na vida. Eu queria que fosse memorável.

— Ohhh. Isso é tão querido.

Meti a mão no bolso do casaco e tirei a caixa. Abrindo-a, virei-a na direção dela e arqueei uma sobrancelha.

— Então? O que é que dizes?

Ela ficou de boca aberta. Arregalou os olhos para o diamante como se fosse uma aranha gigante pronta a atacá-la.

— O que é isso?

— É um anel de noivado. — Inspecionei o interior da caixa, para me

certificar de que estava mesmo lá.

— Eu… isso vejo eu. Mas porque estás a mostrar-me um anel de noivado neste momento?

— Bem… porque sim. — De repente fiquei cheio de calor e a suar, e alarguei o nó da gravata. — Quero ficar noivo.

— Meu noivo?

— Sim. — Pigarreei. — Quero ser o teu noivo.

— Mas… nem me pediste em casamento.

— Pedi, sim.

— Não, não pediste. Só me mostraste o anel.

— Oh. Nesse caso é melhor pedir. — Mas primeiro enfiei dois dedos no colarinho da camisa branca e puxei. — Então, casas comigo?

Ela olhou-me por um momento e cerrou os lábios.

— Bem, isto é embaraçoso. Mas não.

— O quê? — Pestanejei. — Como assim, não?

— Assim, não. Não caso contigo. Só namoramos há três meses, Enzo.

— Eu sei, mas o tempo voa e… em breve… em breve serão quatro meses.

Ela parecia confusa

— Hã?

— Olha, eu sei que isto pode parecer um bocadinho… repentino — disse, puxando outra vez o colarinho. — Mas eu gosto mesmo de ti.

— Gostas?

— Claro.

Cruzando os braços diante do peito, a Reina abriu muito os olhos, com desconfiança.

— Então porque é que nunca tentaste nada?

— Como assim?

— Quer dizer, beijaste-me, mas mais nada. E das poucas vezes que tomei a iniciativa para algo mais, recuaste.

— Estava a tentar respeitar-te. — Peguei na minha água com gelo e bebi uma grande quantidade. — Queria que soubesses que estava disposto a esperar.

Ela abanou a cabeça, como se não compreendesse.

— Eu sei, mas… é esquisito para mim. Até pensei que fosses *gay.*

— Só porque alguém não quer ter sexo contigo, isso não significa que seja *gay* — revidei, chateado. — E o que é que tem de esquisito querer respeitar a rapariga com quem vou casar?

Ela revirou os olhos.

— Enzo, por amor de Deus. Nós não vamos casar-nos.

— Porquê?

— Para começar, só tenho 21 anos. Há coisas que quero fazer com a minha vida. E quando me casar, se me casar, quero que o meu marido seja alguém que me respeite, mas também que não consiga tirar as mãos de cima de mim. Alguém que me *ame*.

— Amor — desdenhei, franzindo a testa. — O que é isso, afinal?

— É uma coisa que devias sentir pela pessoa que estás a pedir em casamento. E… o que é isso, gravado no anel? — Arrancou o anel da almofada de veludo antes de eu poder impedi-la. — Diz *Amor Para Sempre, Ricky*.

— Hum…

— Tu estás… — Olhou para o anel e depois para mim, com incredulidade. — Estás a pedir-me em casamento com o anel de outra pessoa?

— Posso explicar — disse, embora percebesse que qualquer explicação para aquela gravação soaria pessimamente.

— Não te incomodes. — Suspirando, ela enfiou novamente o anel na ranhura e empurrou a caixa na minha direção. — Afinal, não tem importância.

Humilhado, fechei a caixa.

— Caramba. Estraguei mesmo tudo, não foi?

— Sim. Estragaste. Mas o problema não foi o anel. — A Reina inclinou-se para a frente, estendeu a mão por cima da mesa e tocou-me no braço. — Não estou apaixonada por ti, Enzo. E tu não estás apaixonado por mim, pois não? — Sem tirar os olhos da toalha da mesa, abanei a cabeça. — E, na verdade… — Ela retirou a mão e suspirou. — Acho que isto não vai resultar. Tu és um bocadinho… velho para mim.

Levantei a cabeça bruscamente.

— Hã?

— Não que sejas velho em geral — disse ela rapidamente. — És só velho para *mim*.

Eu concordava completamente com ela, claro, mas não gostei de ouvir aquilo. Estendendo a mão para o meu copo de vinho, dei uma série de goles que me custaram uma fortuna.

A Reina verificou o telemóvel.

— Escuta, obrigada pelo jantar e… e tudo, mas acho que é melhor deixarmos de nos ver.

— Está bem — disse eu, emborcando mais *Barolo*.

— Os meus amigos estão no The Tipsy Canoe, do outro lado da rua — disse ela, referindo-se a um bar que abrira recentemente em Bellamy Creek e era popular entre os miúdos mais novos. — Por isso acho que vou lá ter com eles.

— Deixa-me ao menos levar-te de carro. — Pousei o copo vazio, peguei na carteira e olhei em volta à procura da Lara para poder pedir a conta.

— Não, a sério, fica e acaba o vinho. Prefiro ir a pé. — Deslizou para fora do banco e meteu a mala debaixo do braço. — Sem ressentimentos, certo?

Tentei sorrir, mas foi um esforço pouco frutífero.

— Sem ressentimentos.

— Fantástico — disse ela, voltando a olhar para o telemóvel. — A gente vê-se. — Estava a escrever qualquer coisa enquanto se afastava.

Carrancudo, enfiei a caixa do anel no bolso do casaco e estava a deitar mais vinho para o meu copo quando a Lara apareceu junto da mesa.

— Eh — disse ela, parecendo surpreendida. — Vi a tua namorada a sair. Deixou-te, ou quê?

— Decidimos mutuamente seguir caminhos separados — menti.

— Esta noite? Ou em geral?

— Em geral.

— Ah. — Ela fez uma pausa. — Estás bem?

— Estou ótimo. — Mas não estava. Os meus planos para o futuro tinham acabado de ser eviscerados, e a culpa era toda minha.

— Queres a conta, para poderes sair daqui? — perguntou a Lara, compreensiva.

Encolhi os ombros.

— Não. Não tenho aonde ir. A menos que precises da mesa, fico aqui sentado como um velho a beber vinho sozinho. Aliás, deve ser o que vou fazer para o resto da minha vida. Mais vale que me habitue.

— Oh, vá lá. Sabes que não vais ficar sozinho muito tempo. — A Lara deu-me uma palmadinha no ombro. — Mas fica o tempo que quiseres. Se precisar de te pôr fora, aviso-te.

— Obrigado. Deixo-te uma boa gorjeta.

Ela piscou-me o olho.

— Eu sei que deixas.

Novamente sozinho, bebi o meu vinho e fitei a luz trémula da vela, perguntando-me onde diabo tinha errado. Era culpa minha não estar apaixonado pela Reina? Devia ter fingido que estava? Devia ter dormido com ela para o «provar»? Este era um perfeito exemplo dos meus motivos para fugir de relacionamentos.

As mulheres eram confusas, enfurecedoras, caprichosas e temperamentais. Diziam uma coisa e faziam outra. Esperavam que um homem soubesse exatamente como agir e o que lhes dizer. Queriam leitores de mentes, não homens. E depois, quando um homem fazia ou dizia algo errado, ou *falhava* em dizer ou fazer a coisa certa, lançavam-se numa fúria e atiravam-lhe pratos à cabeça ou davam-lhe um tratamento de silêncio durante dias. Os meus pais

tinham acabado de celebrar trinta e seis anos de casamento, por isso eu sabia em primeira mão como o casamento funcionava. As mudanças de humor da minha mãe e o seu temperamento explosivo punham o meu pai a trepar pelas paredes, e ele por vezes podia ser verdadeiramente teimoso, beligerante e sacana. Estou a falar de trinta e seis anos de brigas aos gritos, de bater de portas e ameaças de sair de casa ou mudar as fechaduras.

Não que alguma vez o concretizassem. Que caraças, tenho cinco irmãos mais novos — dois rapazes e três raparigas. E quando os nossos pais não estavam a brigar, todos concordávamos que era *embaraçosa* a forma como não conseguiam tirar as mãos de cima um do outro. Mas era sempre um extremo ou o outro — como é que alguém conseguia viver assim? Qual era o interesse?

— Olá. Este lugar está ocupado?

Quando eu achava que a noite não podia piorar, levantei os olhos e vi a Bianca DeRossi — praticamente a minha pessoa *menos* favorita no universo — ao lado da mesa, com um copo de vinho na mão.

— Não parece estar — atirei-lhe.

Ela sorriu e sentou-se à minha frente.

— Obrigada, tenho todo o gosto em juntar-me a ti.

Carrancudo, terminei o vinho que tinha no copo e servi o resto da garrafa. Normalmente nunca seria tão rude com uma mulher, mas a Bianca não era uma mulher normal. Conhecíamo-nos desde que éramos miúdos — as nossas famílias eram amigas — mas ela tinha sido sempre uma ranhosa, de nariz metido nos livros, que se achava demasiado inteligente para mim. Sempre que eu tentava falar com ela, fechava-se e ia-se embora. Uma vez, os meus pais obrigaram-me a acompanhá-la a um baile na sua escola secundária católica só para raparigas — não me surpreendeu que ela não conseguisse arranjar um acompanhante sozinha — e ela levou a porcaria de um livro na mala e passou o baile todo com o nariz enfiado nele. Então eu diverti-me convidando outras raparigas para dançar. Como podia saber que isso a enfureceria a ponto de dizer às amigas que eu tinha uma pila pequena? Como se alguma vez ela a tivesse visto!

Só soube o que ela tinha feito alguns anos mais tarde, quando tive um caso com uma das suas colegas de turma que professou uma agradável surpresa pelo tamanho generoso do meu material. Quando lhe perguntei porque é que ela pensava que eu podia ser algo menos do que bem dotado, contou-me o que a Bianca tinha dito.

Eu ainda estava danado com isso.

A Bianca vivera em Chicago depois da universidade, mas há um par de anos voltara para Bellamy Creek e retomara a tarefa que havia interrompido: irritar-me. Era *designer* de interiores e gostava de comprar e remodelar casas, tal como

eu, e tinha conseguido ultrapassar-me em relação a todas aquelas em que tínhamos competido, agindo sempre com grande doçura, como se fôssemos velhos amigos.

Não éramos. Eu não a suportava. Já não era uma ranhosa de nariz nos livros, mas ainda sabia exatamente como irritar-me.

O que era ainda mais irritante?

Era *gira* à brava.

— Que fazes aqui? — perguntei.

— A minha família esteve aqui a jantar, é o aniversário do meu pai. Mas os jantares da nossa família são curtos porque a avó Vinnie tem 96 anos. Começa a adormecer passado uma hora.

— Ena! Noventa e seis! — Fiz uma pausa na minha irritação para apreciar uma vida longa.

— Sim. E casou-se aos 21, teve cinco filhos antes dos 30 e foi casada com o meu avô Jack durante setenta anos, até ele morrer. Algo que ela gosta de me dizer sempre que a vejo, logo antes de perguntar porque é que ainda estou solteira. — Bebeu um gole de vinho.

— Tenho algumas ideias acerca disso.

Por baixo da mesa, ela empurrou-me o pé com o dela.

— Então, e o que se passa contigo? Não te vi com uma namorada? Ou isso, ou estavas a fazer *babysitting*.

Olhei-a com fúria.

— Que graça.

Ela sorriu.

— Então, quem era ela? A tua namorada?

— Não. Acabámos.

Ela arregalou os olhos.

— Oh. Lamento saber.

— Não lamentas nada.

— Enzo, isto pode ser uma surpresa para ti, mas não sou tua inimiga. Nem se pode dizer que me desagrades… muito.

— Oh, a sério? Desde quando?

Ela encolheu os ombros.

— Desde que deixámos de ser miúdos imaturos e embaraçados, que não sabiam como ser amigos de alguém do sexo oposto?

— Fala por ti. Eu tinha muitas amigas.

Os seus olhos azuis brilharam à luz da vela.

— É verdade. Foste sempre um mulherengo.

Revirei os olhos.

— Adiante. Agora estou aqui sozinho, não estou?

— Por acaso esperas que tenha pena de ti? Como se não pudesses sair daqui agora e agarrar a primeira rapariga que visses? Não há uma única mulher que consiga resistir aos teus encantos, Enzo. Esses olhos negros? Esse cabelo ondulado? O estilo Moretti?

— Aparentemente, perdi o jeito — murmurei, deitando o resto do vinho da Reina no meu copo.

Ela inclinou a cabeça para um lado.

— Eh, duvido disso. Mas tu não estavas mesmo interessado naquela rapariga, pois não?

Encolhi os ombros.

— Ela não era má.

— Podias arranjar melhor.

— Melhor não é a questão.

— Qual é a questão?

— Rápido.

— Porquê? — Ela riu-se. — Vais transformar-te numa abóbora à meia-noite?

— Não. Vou perder a Moretti & Filhos para o meu irmão Pietro se não me casar antes dos 35.

Ela ficou de boca aberta.

— A sério?

Em vez de responder, emborquei o resto do *Barolo* e pousei o copo com um estrondo.

— Preciso de outra bebida. Algo mais forte.

— Eu também — disse ela, terminando o vinho no seu copo.

Chamei a Lara e pedimos *cocktails* — um vodca martíni para a Bianca, e *bourbon* com gelo para mim. Assim que ela os trouxe, dei um gole e examinei a mulher à minha frente. Seria do vinho, ou ela estava ainda mais gira do que da última vez em que a vira?

Tinha uma pele tão branca que praticamente brilhava no escuro, cabelos ruivos cintilantes que lhe davam pelos ombros e refulgiam como ouro à luz da vela, olhos azuis que não perdiam pitada atrás de óculos de aros pretos e uma boca exuberante pintada de vermelho-carro-dos-bombeiros. O nariz e as orelhas eram pequeninos — na verdade, tudo nela era pequeno, e se bem me lembrava, ela detestava que fizessem piadas com isso.

— Que foi? — disse ela, começando a ficar desconfortável sob o meu olhar fixo. Tocou no cabelo. — Porque é que estás a olhar para mim assim?

— Estou a pensar o que é que os teus pais te deram para comer que afetou o teu crescimento.

Ela cerrou os lábios carmim e sentou-se mais direita.

— Sou de altura média, muito obrigada.

— Média para quê, um esquilo?

Ela deu um gole na bebida e estalou a língua.

— Sempre tão obcecado com o tamanho. Que podemos concluir daí, Dr. Freud? Tem medo de não estar à altura?

— Ei, foste tu que deste início ao rumor acerca do tamanho do meu… do meu material — disse eu zangado, inchando o peito. — Totalmente infundado, devo acrescentar.

— Está bem, está bem. — Ela pousou o copo e ergueu as palmas das mãos. — Está na altura de te pedir desculpa por isso.

— Não sei se aceito — respondi, obstinadamente. — Não podes insultar assim a virilidade de um homem, sem sequer a teres visto, e esperar que ele diga que não tem importância. Difamaste as joias da família.

Rindo, ela pôs o cabelo atrás da orelha.

— Peço muita desculpa pelo que disse, e não voltarei a difamar as tuas joias.

— Já agora, porque é que fizeste isso?

Ela pegou novamente no copo e deu um gole gracioso.

— Para me vingar de teres convidado todas as raparigas para dançar menos eu, claro.

— O quê? — Ri-me desdenhosamente. — Isso é ridículo. Tu não querias dançar comigo.

— Como sabes? Não perguntaste.

— Bianca, tu levaste um maldito *livro* contigo e passaste o tempo a ler.

Ela pôs as mãos no peito.

— *Crepúsculo* para mim não é apenas um *livro*, Enzo. É um mundo. Ainda o releio todos os anos.

— *Crepúsculo*? Isso não é acerca de um vampiro adolescente?

— Pelo menos esse vampiro era um cavalheiro.

Revirei os olhos.

— Como queiras. Recusaste, ao menos, falar comigo, e eu estava aborrecido, por isso convidei algumas raparigas para dançar. Achei que não fazia mal.

— Bem, magoou os meus sentimentos — disse ela, empinando o seu narizinho petulante na minha direção. — Eu já sabia que tu não querias estar ali. Sabia que os teus pais te tinham obrigado a acompanhar-me. E sentia-me horrível por causa disso, por isso a má atitude foi para esconder a minha humilhação.

— Bem, eu não sabia nada disso, porque nunca me disseste. Mas… peço desculpa por ter magoado os teus sentimentos.

— Desculpas aceites — disse ela. — Agora, vais aceitar as minhas?

— Acho que sim — resmunguei, dando mais um gole.

Ela iluminou-se com um sorriso.

— Obrigada. Então agora podemos ser amigos?

— Acho que podemos tentar — disse eu —, embora ainda não compreenda porque eras tão altiva nessa altura, sempre demasiado boa para falares comigo.

— Eu não era altiva, Enzo, era *tímida*! — exclamou ela, como se eu tivesse obrigação de saber. — E tu estavas sempre rodeado de miúdas a fazer olhinhos e a sacudir os seus cabelos longos e louros e a dar risadinhas como idiotas a tudo o que dizias. Só por não ser uma delas, não significa que me achasse demasiado boa para ti. Francamente, estou chocada pelo simples facto de tu te lembrares de mim nessa altura. Não se pode dizer que costumasses reparar quando eu estava numa sala, com o teu ego a ocupar todo o espaço à tua volta.

— OK, se calhar é melhor deixarmos o passado em paz — disse eu, lembrando-me das razões para não gostar muito dela. — Claramente, vamos sempre discordar.

— Para mim pode ser. — Tirou o palito do martíni e comeu uma das azeitonas. — Então, como está o teu ego esta noite? Talvez um bocadinho magoado, não?

— Está bom — disse eu, apertando o nó da gravata. — A Reina obviamente não era a escolha certa para mulher. Ainda bem que disse que não.

A Bianca começou a engasgar-se com a azeitona.

— Espera aí. — Abanou a cara e conseguiu engolir. — Tu pediste em casamento a… a… como é que se chama a pequenina?

— Reina. E tu não podes chamar pequenina a ninguém, *Minorca*.

Como eu esperava, a velha alcunha arrancou-lhe por momentos uma expressão carrancuda.

— Agora estamos a falar de ti. Pediste-a mesmo em casamento esta noite? Tipo, com um anel?

Suspirei, arrependendo-me de ter falado nisso.

— Sim.

Os olhos dela iluminaram-se.

— Deixa-me vê-lo.

— Não.

— Porquê?

— Porque tu só queres esfregar sal na minha ferida.

— Bolas, Enzo. Tu não estás ferido. Nem sequer amas aquela rapariga, só precisavas de lhe pôr um anel no dedo para o teu pai pôr o teu nome no letreiro da empresa. — Estendeu a mão. — Agora deixa lá ver.

Algo me disse que me ia arrepender, mas tirei a caixa do anel do bolso do casaco. Ela pegou-lhe e abriu-a.

— É bonito — disse, com uma admiração ressentida. Depois semicerrou os olhos, subindo os óculos pelo nariz. — Mandaste-o gravar?

Peguei no *bourbon* e dei um grande gole.

— Não.

— Mas diz… — Ela pousou a caixa e tirou o anel do veludo para ver mais de perto. Depois desatou a rir. — *Amor para sempre, Ricky*?

— Dá cá isso. — Inclinei-me para a frente e tentei arrebatar-lhe o anel da mão, mas ela segurou-o fora do meu alcance.

— Só um segundo! Quero experimentá-lo.

Recostei-me com força, peguei novamente na bebida e acabei-a. Poderia esta noite piorar ainda mais?

A Bianca enfiou o anel no dedo — servia-lhe — e estendeu a mão, examinando-o.

— Então, o que é que disseste?

— Fiz o pedido.

— Mas como? Tipo, «És o amor da minha vida e quero ficar contigo para sempre»?

— Hum, não exatamente. Eu não queria mentir-lhe. Eu só… pronto… dei-lhe o anel. — Fiz um gesto grandioso com uma mão.

— Mas deves ter dito alguma coisa.

— Que diferença faz? — perguntei com irritação.

— Olha, só estou a tentar ajudar-te. Obviamente estragaste esta noite, mas tu próprio admitiste que tens de encontrar uma Lucy para o teu Ricky o mais depressa possível, não é?

Olhei em volta à procura da Lara. Precisava de outra bebida. E depois de uma boleia para casa.

— Não é? — A Bianca bateu-me com o pé por baixo da mesa, mais uma vez. — Então deixa-me ajudar-te.

— A única maneira de me ajudares é casares comigo — resmunguei, chamando a Lara. — E como isso está fora de questão, a nossa conversa acabou.

— Bem, calma aí. Quem disse que estava fora de questão?

Fitei-a como se lhe tivessem nascido chifres.

— Hum?

A Bianca continuou a examinar o anel no seu dedo.

— Só estou a pensar alto. Mas parece-me que ambos temos um objetivo e ambos podem ser concretizados com uma simples, e falsa, relação.

Abanei a cabeça, tentando clareá-la, mas o nevoeiro permaneceu.

— Eu sei que estou bêbedo, mas de que raio estás a falar?

Ela suspirou e pegou no martíni para dar um gole.

— Estou a falar do facto de precisares de uma mulher para conseguires o que queres. Estou disposta a ser essa mulher, temporariamente e sob condições rigorosas, se tu estiveres disposto a dar-me o que eu quero.

Abanei a cabeça.

— Oh, não. Nem pensar. Estou a ver o que queres. Não te vou pagar para fingires ser minha mulher.

A Bianca revirou os olhos.

— Calma aí, Enzo. Não quero o teu dinheiro. Nem preciso dele.

— Nesse caso, não compreendo — disse eu, sentindo-me, mais uma vez, completamente perplexo com uma mulher. — O que é que tu podes querer que eu possa dar-te?

O sorriso que cresceu naqueles lábios vermelhos como o inferno devia ter sido um aviso.

— Um bebé.

Dois

Bianca

A expressão do Enzo era impagável.

— Um quê?

— Um bebé.

— Qual bebé?

— Meu. E… — Comi a segunda azeitona do palito. — Teu.

— Não tenho nenhum bebé.

Suspirei.

— Enzo, sei que estás um bocadinho embriagado, mas tenta acompanhar. Tu precisas de uma mulher. Eu gostava de ter um bebé. Um mais um pode dar três.

O Enzo continuava a olhar-me como se não soubesse quem eu era.

— Isso não faz sentido.

— Na verdade, faz todo o sentido.

Ele franziu a testa.

— Não quero casar contigo.

— Não queres casar com ninguém — corrigi.

— É verdade.

— Pelo menos, se casares comigo, há uma data pré-acordada para o fim do contrato. Só temos de permanecer casados tempo suficiente para conseguir o que tu queres. — Comi a terceira azeitona. — E o que eu quero, claro.

— Esse é o outro problema. Que história é essa acerca de um *bebé*?

Mesmo com a consternação a franzir-lhe a testa e a cerrar-lhe os maxilares, ele era estupidamente bonito. Sempre tinha sido. Pigarreei.

— Bem, o bebé é algo em que ando a pensar há algum tempo. Sempre quis filhos, mas ainda não encontrei *o tal* e, infelizmente, para uma mulher, o relógio biológico é uma coisa real. E o meu está a contar.

— Que idade tens?

— Vou fazer 33 no mês que vem.

— Não és velha. A minha mãe teve o meu irmão Matteo quando tinha 38, ou

algo assim.

— Tenho alguns problemas reprodutivos adicionais, OK? — Senti-me desconfortável a discutir isto com ele, e bebi mais um gole de martíni. — Sem entrar em pormenores, direi apenas que era melhor para mim tentar engravidar mais cedo. É provável que tenha dificuldades, pelo que pode ser pior adiar.

Ele parecia ir fazer uma pergunta sobre isto, mas calou-se e bebeu.

— Então como é que ia funcionar? Teríamos mesmo de…

— Não! — Pousei a bebida tão depressa que salpicou a toalha de mesa. — Seria feito numa clínica de fertilidade. Tu doavas o teu… tu sabes. — Dei por mim com dificuldades em dizer a palavra *esperma*. — Material genético.

Uma das suas sobrancelhas negras ergueu-se.

— O meu material genético?

— Sim. — A minha cara aqueceu e eu sabia que um rubor se alastrava pelas bochechas. — O procedimento chama-se inseminação intrauterina. Tu forneces… hum… o ADN, este é lavado e concentrado, e depois uma enfermeira procede… à sua colocação no meu útero.

— Oh, como aquela coisa com a proveta? Já ouvi falar disso.

Suspirei e sentei-me mais direita, sentindo-me como uma diretora a lidar com um aluno problemático.

— Sim, mais ou menos isso.

— Não parece muito *sexy* — disse ele, erguendo novamente o copo, mas não antes de eu ver o sorriso que lhe crescia nos lábios.

— Não é para ser *sexy* — disse eu rigidamente. — É ciência.

— Está bem, e depois? Tu ficas grávida do nosso bebé científico e eu divorcio-me de ti enquanto estás grávida? Nem penses nisso. Ia parecer um monstro.

— Podemos esperar até depois de o bebé nascer, se quiseres — disse eu apressadamente. — Só não sei quanto tempo vou levar até engravidar. Acho que podemos escrever no contrato que se eu não engravidar dentro de um certo período de tempo, o contrato é anulado.

O Enzo pensou por um momento e abanou a cabeça.

— Mas se engravidares, sou um cabrão se me for embora.

Levantei as mãos.

— Eu assumo a culpa. Sou eu que te deixo.

— Mas eu devo ter feito alguma coisa para te levar a deixares-me. Sou o cabrão em todas as tuas ideias — queixou-se ele. — Não. Se fizermos isso, teremos de fazer uma separação amigável. Ninguém fica com as culpas.

— Pronto, está bem. Separamo-nos como amigos.

— Nem sequer somos amigos agora.

Levantei uma mão.

— Então separamo-nos como não-amigos. Como queiras terminar as coisas, Enzo, eu concordarei. Desde que fique com o bebé.

O Enzo endireitou-se na cadeira.

— Essa é outra questão. A ideia é que eu dê o nome a este bebé e nunca mais o veja?

— Não disse nada disso. Podes ver a criança sempre que quiseres. Não vou mudar-me, nem nada disso. Quero viver perto da minha família, foi por isso que voltei para Bellamy Creek.

— Então eu seria… uma espécie de pai de fim de semana? — Ele pestanejou e olhou para longe, como se tentasse imaginar.

— Se quiseres.

Depois de uns sólidos trinta segundos a fitar o futuro, ele abanou a cabeça.

— Não sei. Não parece correto fazer isso a uma criança.

— Enzo. — Estendi a mão por cima da mesa e pu-la em cima da dele, fazendo-o olhar para baixo com surpresa. — Já há uns dois anos que penso em ter um bebé sozinha. Pesquisei clínicas de fertilidade, analisei perfis de possíveis dadores, falei com a minha família e a minha psicóloga.

— O que é que eles dizem?

— A psicóloga compreende. A família não. — Cerrei os lábios. — São totalmente contra. Não imaginam porque é que eu hei de querer engravidar de um estranho ou criar um filho sozinha. Mas eles são católicos e antiquados, e querem para mim o que eles tiveram, e isso não vai acontecer, pelo menos, a tempo de eu ter um bebé. Sei que posso sempre adotar, e sem dúvida que o faria, embora ache que é mais difícil para uma mulher solteira do que para um casal. Admito que não fiz a pesquisa completa. Porque na verdade gostaria mesmo de ter a experiência de estar grávida e dar à luz, se puder. Sei que serei uma boa mãe. — Os olhos do Enzo estavam sobre as nossas mãos. Ele engoliu em seco. — Não imaginas as coisas que as pessoas me dizem — disse-lhe, com um nó a tentar formar-se na minha garganta.

Ele olhou para cima.

— Que género de coisas?

— Do género: «Na tua idade, devias reduzir os critérios e simplesmente arranjar um homem que se queira comprometer.» Ou então: «Se calhar terás de te contentar com um homem que já tenha filhos, se realmente os queres.» Ou: «És um mulher bonita. Não deve ser assim tão difícil arranjar alguém que te dê uma queca.»

— Alguém te disse isso? — O Enzo parecia ter ficado adequadamente horrorizado.

— Sim. As pessoas estão sempre a dizer essas tretas às mulheres.

— Foda-se. — Ele abanou a cabeça, como se não fizesse ideia do quanto as pessoas podem ser idiotas. Mas este não era o momento para uma lição sobre como a sociedade trata as mulheres e os seus corpos.

— Deves estar a perguntar-te *Porquê eu?* — prossegui. Na expressão dele vi a combinação que conhecia tão bem: três partes arrogância e uma parte diversão.

— Nem por isso.

Rindo, retirei a mão.

— Bem, mas eu digo-te na mesma.

— Por favor. — Bebericou o *bourbon*, sabendo que ia gostar de ouvir.

— Sei que tivemos os nossos conflitos no passado, mas já nos conhecemos há muito tempo, e isso é importante para mim. As nossas famílias são amigas há muito tempo. Existe confiança, lealdade e respeito. Há uma história de… as pessoas estarem lá umas para as outras. E estava a pensar que, mesmo com o nosso passado complicado, nos apoiaremos um ao outro. Não achas?

Ele bebeu mais um pouco e agitou o que restava no copo.

— Nada é mais importante para mim do que a família. Isso é verdade.

— Acho que por baixo de tudo o resto, partilhamos os mesmos valores familiares tradicionais, apesar de alguns ajustes modernos — disse eu. — Não acho que uma mulher precise de ser casada para ter um bebé, e tu não achas que um homem tenha de ser casado para herdar o negócio da família.

O Enzo refletiu por um momento.

— Mas também acredito na honestidade, e esse teu plano envolve mentir às nossas famílias e amigos. E os meus amigos mais próximos são como família para mim.

— Eu sei, e não adoro essa parte. Mas gosto disso em ti — acrescentei. — O facto de hesitares antes de enganares as pessoas que amas. Faz parte do que me leva a querer que sejas o pai do meu bebé, apesar do teu ego enormemente inchado. Lá *mesmo* no fundo, enterrado sob camada após camada de vaidade, orgulho e presunção…

— Está bem, está bem. — Ele tentou calar-me com uma mão. — Basta.

Eu sorri e continuei.

— Lá no fundo, acredito que sejas um homem decente. Honrado. De confiança. Protetor daqueles que amas.

— Não te esqueças da minha cara — disse ele, exibindo o olhar escaldante do Enzo Moretti, que provavelmente derreteu mais cuecas do que as que eu já tive.

— A tua cara? — Semicerrei os olhos, como se não tivesse realmente considerado o facto de ele ser o tipo mais bonito que conhecia. — Acho que é

razoavelmente atraente. Nunca a examinei com muita atenção.

Ele riu-se, abanando a cabeça.

— Muito bem, que assim seja. Doarei a minha aparência razoável ao teu bebé-proveta.

—A sério? — O meu coração começou a acelerar.

— Porque não? — Ele encolheu os ombros, como se estivesse a concordar em sair para comer *pizza* comigo. — Não sei se vamos conseguir enganar alguém, mas que se lixe. Não tenho nada a perder. Quero ser pai e não estou a ir para novo. E casar contigo a fingir parece-me melhor do que casar a sério com alguém, desde que seja temporário.

— Acho que é a melhor proposta que vou obter, não? — Olhei para o anel no meu dedo. — Bem, Ricky, acho que arranjaste uma Lucy.

*

— Fizeste *o quê*? — A Ellie, a minha irmã mais nova, quase caiu para trás na passadeira ao meu lado no ginásio. Teve de se segurar aos suportes para manter o equilíbrio.

— Pedi ao Enzo Moretti para ser o pai do meu filho e, em troca, ofereci-me para casar com ele.

— Que raio, Bianca? — A Ellie trocou os pés e quase se desequilibrou outra vez. — Porque fizeste semelhante coisa? Parece psicótico.

— Não é psicótico. Na verdade, é muito lógico. — Aumentei a minha velocidade de um passeio vigoroso para um *jogging* ligeiro. — Vai proporcionar aos dois exatamente aquilo que queremos, com o bónus de ser uma situação temporária.

— Temporária? Da última vez que verifiquei, um bebé é para sempre.

Ri-me.

— Eu sei que um *bebé* é para sempre, mas o casamento não será. É só um casamento de conveniência. Está sempre a acontecer nos livros.

— Pois, mas isto não é um livro, Bianca, é a vida real. O que estás a dizer parece insano! Um casamento falso?

— Chiu — repreendi, olhando em volta para me certificar de que ninguém ouvira. Eram nove da manhã de um domingo e o ginásio não estava muito cheio, porque a maioria das pessoas ainda estava na igreja. Eu tinha ido à missa na tarde anterior com a minha família, antes do jantar. Não me podia dar ao luxo de faltar, visto andar a pedir a Deus um grande favor para os próximos meses… possivelmente um quase milagre, se o meu especialista em fertilidade estivesse

certo. — O casamento não será falso, só os nossos sentimentos.

— Nesse caso, para quê dares-te ao trabalho de um casamento real?

— Bem, falámos disso e concordámos que temos mesmo de nos casar para que isto resulte. O pai dele tem de se convencer de que é legítimo. Além disso, quero que seja legal, pelo bebé.

Ela abanou a cabeça.

— Isso é um disparate.

— Mas vai acontecer.

A Ellie digeriu as palavras enquanto aumentava a inclinação da passadeira. É três anos mais nova que eu e partilhamos o cabelo arruivado e os olhos claros da nossa mãe, embora ela mantenha o cabelo mais louro-arruivado e seja uns bons sete centímetros mais alta do que o meu metro e cinquenta e cinco. Em contraste, o nosso irmão mais novo, o JJ, é alto como o nosso pai e herdou também do pai o cabelo escuro e a pele morena. Eu e a Ellie queixávamo-nos todos os verões do lindo bronzeado dourado que ele adquiria facilmente enquanto nós ficávamos todas vermelhas se não usássemos mangas compridas e chapéus de abas largas na praia.

— Então, o que é que vais dizer à mãe e ao pai? — perguntou ela. — Não podes propriamente fingir que namoraste com ele este tempo todo.

— Pois não — concordei. — Por isso é que ainda não vou usar o anel.

A Ellie teve de se agarrar outra vez aos suportes.

— Ele já te deu um anel?

— Sim. — Não contive o riso. — As coisas avançaram rapidamente na noite passada. E é isso que vou dizer à família. Encontrámo-nos por casualidade no DiFiore’s depois do jantar de aniversário do papá. Conversámos durante horas. Apaixonámo-nos loucamente.

A Ellie abanou a cabeça.

— Ninguém vai acreditar nisso.

— Ouve, preciso do teu apoio para isto — supliquei. — Tens de me apoiar, Ellie, caso contrário, concordo. Não vai resultar.

— Mas…

— Eu amparei-te quando contaste ao pai e à mãe acerca da Sierra — relembrei.

— Isso é diferente — argumentou ela. — Eu sou mesmo lésbica. Eu e a Sierra estamos mesmo apaixonadas. Tu estás a pedir que te apoie numa mentira.

— É verdade. Desculpa — disse eu, sentindo-me uma merda. — Mas queria mesmo ter-te do meu lado.

— Eu estou do teu lado. — Ela expirou sonoramente. — Não estou certa de que esta seja a melhor maneira de se ter um bebé, mas se estás determinada a

fazê-lo, vou apoiar-te. Que tenho de fazer?

Atirei-lhe um grande sorriso.

— Apenas ficar publicamente feliz por mim. Eliminar qualquer dúvida que alguém levante de que isto não é verdadeiro. Ficar fascinada por ter acontecido e, no entanto, totalmente convencida de que é o destino.

— Isso é pedir muito. Não suportavas o Enzo Moretti quando éramos novas.

— Honestamente, ainda há algumas coisas nele que me irritam bastante — confessei. — Mas não preciso de o amar para isto. De facto, funciona melhor se não o amar.

— Como assim?

— Porque quando chegar o momento de terminar tudo, não ficarei destroçada. Sentir-me-ei muito bem por me ir embora. Além disso, nessa altura eu não o detestava propriamente — disse. — Só odiava o facto de as raparigas estarem sempre a tropeçar umas nas outras para estar com ele, e ele reter todas as atenções, como se fosse um *golden retriever*. Achava-o cretino e vaidoso.

— Compreendo.

— E talvez tivesse um bocadinho de ciúmes — admiti.

— Ciúmes? — Ela olhou-me com surpresa. — Dele?

— Mais ou menos. Ou talvez tivesse ciúmes daquelas raparigas namoradeiras. — Tentei encaixar as peças do puzzle. — Eu era só demasiado tímida. Queria que ele me desse atenção, mas não sabia como demonstrá-lo. Ele era tão bonito e confiante. Eu ficava com a língua presa junto dele. Então fingia que o detestava. Era mais fácil do que admitir que gostava dele. Percebes o que quero dizer?

— Acho que sim.

— Mas tudo isso é história antiga. Fizemos as pazes na noite passada e concordámos em deixar o passado lá atrás. O que importa é o futuro.

— Então, quando casam?

— Ainda não sei. Vamos discutir os detalhes do contrato durante o jantar de amanhã. Ambos temos algumas condições que queremos pôr por escrito.

— Isso é tão esquisito. Parece um contrato comercial, não um noivado.

— Sim, é exatamente isso. Está tudo claro acerca da missão, mas vamos esclarecer a nossa visão, definir o nosso propósito, discutir a cronologia.

— Oh, meu Deus. — A expressão da Ellie era de agonia quando colocou as mãos sobre o coração. — O romance está mesmo morto, não está?

— Não quero romance, Ellie — expliquei-lhe, começando a ficar frustrada. — Olha, eu tentei ter romance. Estive com o Tate cinco anos antes de perceber que ele nunca se casaria comigo, desperdicei cinco anos da minha vida a acreditar nas mentiras dele e a deixá-lo desviar todas as conversas sérias que

tentei ter acerca do futuro. E agora não há nada que eu não fizesse para recuperar pelo menos um desses anos. E se for demasiado tarde para mim?

— Lamento, B — disse a Ellie, um pouco mais doce. — Sei o quanto ficaste magoada depois do Tate. Se estás determinada a fazer isto, eu apoio-te.

— Estou mais do que determinada, Ellie. Quero ter um bebé e estou farta de esperar. Porque não hei de ter a experiência de ser mãe só porque não encontrei o amor verdadeiro? Eu estava disposta a recorrer a um dador anónimo, mas, felizmente, não tenho de o fazer. O meu filho pode mesmo conhecer o pai.

— E o Enzo está disposto a isso? — perguntou ela. — Criar um filho contigo?

— Ele disse que sim. — Hesitei, depois admiti o meu receio. — Mas ele estava bêbedo. Esta noite, quero ter uma conversa completamente sóbria acerca disso.

— Boa ideia. — Ela olhou-me de esguelha. — Que vais fazer se ele disser que não?

Respirei fundo, exalei e aumentei para velocidade de corrida.

— Sigo em frente. É a beleza disto, Ellie. Não vou entregar o meu coração ao Enzo Moretti para ele o partir.

Ela pensou por um momento.

— Então vais mesmo fazer *aquilo* com ele?

— Não! Será na mesma inseminação artificial. Ele só vai fornecer o esperma.

Ela riu-se.

— Que pena. Acho que, se vais casar com um tipo tão giro como o Enzo Moretti, devias pelo menos retirar daí alguns benefícios, como vê-lo nu.

— Não quero vê-lo nu — disse eu. Mas então tive de baixar a velocidade da passadeira.

Estava a ter problemas em respirar e sentia o meu coração a bater um pouco depressa demais.

*

O Enzo bateu à minha porta nessa tarde pouco depois das seis.

Vivo no rés do chão de um condomínio mesmo no porto, que adoro, apesar de ser pequeno — apenas 270 metros quadrados — e nunca consegui comprar um barco para colocar no espaço que me fora atribuído. Mas era o tamanho perfeito para uma pessoa, com uma cozinha e sala em espaço aberto, dois quartos e uma casa de banho grande e outra mais pequena. E visto que eu não

planeara ter um colega de casa ao voltar para Bellamy Creek — muito menos um marido —, na altura parecera-me uma boa aquisição.

Perguntei-me onde viveria o Enzo. Eu teria de desistir do meu apartamento e ir viver com ele? E para onde iria quando me separasse? Antes mesmo de lhe abrir a porta, percebi que havia muitas peças deste puzzle que ainda tínhamos de encaixar.

Quando o vi à porta, ignorei o pequeno *cabum* que sentia no peito sempre que o via. Provavelmente todas as mulheres que punham os olhos nele sentiam esse *cabum*.

— Olá — disse-lhe. — Entra.

Ele entrou e eu fechei a porta contra o frio dos finais de fevereiro.

— Isto é para ti — disse ele entregando-me uma garrafa de *Nebbiolo*. — É um dos meus favoritos, mas não me deixes beber. Ainda me dói a cabeça por causa da noite passada.

— Obrigada. — Coloquei-a na ilha da cozinha, que também funcionava como mesa de jantar e já estava posta para dois. — Posso guardar o teu casaco?

Ele despiu um casaco de lã preta com dupla gola. Por baixo tinha calças de ganga escuras e uma camisola de caxemira preta sobre uma camisa de colarinhos brancos. As roupas assentavam-lhe como se tivessem sido feitas por medida, mas ele tinha um corpo que ficava bem com roupas justas — magro e musculoso, mas não volumoso, apenas com a quantidade certa de músculos no tronco. Reparara nas suas mãos em cima da mesa na noite anterior e eram surpreendentemente elegantes para quem executava trabalhos manuais, com dedos longos e graciosos, as unhas bem arranjadas e pulsos grossos, masculinos. O género de mãos que se podia imaginar a bater agressivamente com um martelo ou a arrancar gesso cartonado, mas também a deslizar suavemente pela nossa pele nua.

Virando-lhe as costas, esmaguei o pensamento preocupante e pendurei o casaco dele no bengaleiro, ao lado do meu.

— Cheira muito bem aqui — disse ele, examinando o fogão, onde havia dois tachos ao lume. — O que é que vamos comer?

— *Pappardelle* com salsicha, couve *kale*, e molho de tomate picante. — Fui até lá e levantei a tampa do meu molho, provando rapidamente. — Posso arranjar-te alguma coisa para beber?

— Água serve.

Tirei uma garrafa de água do frigorífico e entreguei-lha.

— Estás a reidratar-te?

Ele sorriu, encostando-se à bancada.

— Sim. Da próxima vez que eu achar que é boa ideia beber uma garrafa

inteira de *Barolo* com *bourbon* para sobremesa, lembra-me da dor de cabeça que tenho hoje. E de como não pude conduzir para casa. E de como tive de ir buscar o meu carro antes da missa.

— Levantaste-te para ir à missa? Estou impressionada. — Tive de o afastar com o cotovelo para pegar numa grande tigela de servir que estava num armário baixo.

— Claro que levantei. — Tirando a tampa da garrafa de água, ele parecia chocado por eu questionar a sua devoção a Jesus. — O padre Mike e eu somos muito próximos hoje em dia.

— Oh, sim? E a que se deve isso?

— Ao facto de eu precisar de um milagre para evitar casar-me, e achar que o padre Mike podia dispor de um. Também queria que Deus me visse a ajudar a minha *Nonna* a sentar-se no banco, a ajoelhar-me para rezar, a pôr dinheiro na caixa de esmolas, a admitir que sou um pecador, etc., etc., etc. — Bebeu da garrafa de água.

Abanando a cabeça, abri o forno e tirei o pão que aquecia lá dentro.

— Não creio que Deus veja tão favoravelmente o teu género de piedade etc. que te vá fornecer um milagre. Como é que esse seria?

— O meu pai mudaria de ideias acerca desta treta de assentar. Eu poderia viver a minha vida como quero.

— Pensei que tinhas dito que querias uma família — disse eu, pegando na faca para partir o pão.

— E quero. Mas porque é que ele tem de escolher esta arbitrariedade? Porque não posso fazê-lo quando estiver preparado?

— Parece injusto — disse-lhe eu. — Por outro lado, o mesmo se passa com esta coisa do relógio biológico. Os homens podem ser pais com segurança muito depois da idade em que as mulheres podem conceber filhos com facilidade.

— Sim, isso também parece uma treta — concordou ele. — Queres que te ajude em alguma coisa?

Olhei por cima do ombro, erguendo uma sobrancelha.

— Sabes cozinhar?

— Sim, sei. — Ele revirou os olhos. — Saí de casa dos meus pais quando tinha 18 anos. Teria morrido de fome se não tivesse aprendido a cozinhar.

— Nesse caso, podes ver a massa? Acho que deve estar pronta. — Olhei-o por cima do ombro. — Tira um garfo dessa gaveta à tua direita.

Ele pousou a garrafa de água, lavou as mãos no lava-loiça e tirou um garfo da gaveta. Depois de a fechar com a anca, levantou um longo fio de *pappardelle* da panela a ferver no fogão. Deixou-o arrefecer por um segundo, arrancou-o do garfo com os dedos e mordeu uma ponta. Depois acenou com a cabeça.

— Está pronta.

— OK, apaga o lume desse bico, por favor. E também o do molho.

Ele fez o que lhe pedi enquanto eu tentava chegar às tigelas de massa na terceira prateleira. Mas estava de sabrinas e nem sequer lhes tocava com as pontas dos dedos. A minha cozinha era pequena, mas tinha sido feito um bom aproveitamento do espaço vertical, o que significava que havia armários até ao teto. Normalmente, eu subiria para a bancada de pedra, mas não queria fazê-lo com o Enzo aqui.

— Precisas de ajuda?

Cerrei os dentes.

— Sim.

Ele veio por trás de mim, tão perto que senti o cheiro da sua colónia, o que fez as minhas partes femininas acordarem de um sono profundo, e retirou facilmente duas tigelas baixas, colocando-as à minha frente.

— Aí tens. Devias ter mandado instalar aqui um escadote rolante. Como na biblioteca.

— Muito engraçado. Se queres ser útil, pega naquele escorredor e escorre a massa. Reserva uma chávena de água.

Respirando mais facilmente quando ele se afastou de mim, coloquei o pão fatiado num cesto forrado com um guardanapo de linho e pousei-o na mesa. A salada e os respetivos pratos já estavam postos, assim como os pratos para o pão, copos de vinho e água e talheres.

De volta à cozinha, passei cuidadosamente ao lado dele e retirei alguns utensílios de uma gaveta. Não tinha a certeza de qual era o meu problema esta noite, mas era importante manter-me ciente de que ele estava aqui apenas para tratar de negócios. Não era um jantar romântico. Quase nem éramos amigos. E só porque tinha passado *mesmo* muito tempo desde que eu tivera intimidade com um homem, isso não justificava que eu estivesse a pensar como é que ele ficaria nu.

— Queres isto no molho? — perguntou ele, segurando o escorredor cheio de *pappardelle* fumegante.

— Sim. Obrigada. — Observei-o enquanto ele despejava cuidadosamente a massa para dentro do molho. — Eu faço o resto. Podes sentar-te, se quiseres.

— Está bem. — Ele pousou o escorredor no lava-louça. — Posso servir-te um copo de vinho?

— Sim, claro. — Queria manter as minhas faculdades mentais bem aguçadas esta noite, mas achei que apenas um copo de vinho não faria mal. Até podia ajudar a acalmar qualquer atração física que eu sentisse por ele.

— Saca-rolhas?

Tirei-o de uma gaveta e entreguei-lho, com o cuidado de não deixar os nossos dedos tocarem-se. Enquanto ele abria o vinho, desviei os olhos e respirei fundo antes de terminar a massa, transferindo-a para a tigela de servir e ralando um pouco mais de parmesão para o prato. Tirei do frigorífico um pouco de manjericão fresco e piquei rapidamente um punhado dele, salpicando-o no cimo. Quando me virei, o Enzo tirou-me das mãos a grande e pesada tigela e pousou-a na ilha.

— Tem um aspeto incrível.

— Não precisas de te mostrar tão surpreendido. — Sentei-me num dos bancos da bancada e bebi um gole do vinho que ele me servira.

— Era um elogio — disse ele, franzindo a testa. — Estás a ver, esse é o problema com as mulheres. Tentas dizer algo simpático e elas não sabem dizer apenas obrigada.

— Tentarei lembrar-me disso — murmurei, grata por ele dizer algo que me recordou porque é que eu *nunca* estaria romanticamente interessada nele.

Nunca, repeti, vendo aquelas mãos servirem salada e massa para ambos.

Nunca.

Nunca.

Nunca.

Três

Enzo

— Então — disse ela quando começámos a comer. — Esperamos até acabarmos de jantar para falar de negócios?

— Não é necessário — respondi, temperando a minha salada com azeite e vinagre. — Podemos falar agora, se quiseres. E se precisarmos de passar alguma coisa a escrito, podemos fazê-lo quando terminarmos a conversa.

Ela tomou um gole de vinho.

— Então, continuas disposto a isto?

— Sim. E tu? — O meu tom foi um pouco mais desafiador do que pretendia.

— Sim. Só achei melhor confirmar contigo, visto que a tua capacidade de decisão estava fragilizada na noite passada. — Nem se deu ao trabalho de esconder o sorriso.

— Bem, hoje estou completamente sóbrio e continuo disposto.

— Excelente. Eu também. — Enfiou uma garfada de salada na boca.

— Então, da maneira que eu vejo as coisas, este projeto tem três fases — disse eu, sentindo que estava a apresentar um novo projeto de construção. — O noivado, o casamento, que inclui um bebé, e a separação.

— Parece-me correto.

— Acho que não devemos adiar o noivado. Parece surgir um pouco do nada, mas devemos fingir essa cena de nos apaixonarmos rapidamente e anunciar que estamos casados. — Comi um pouco de massa, estava deliciosa. O seu talento para a cozinha seria, sem dúvida, um benefício. — Acho que podemos casar na Conservatória e contar às pessoas depois do facto consumado.

Ela tomou mais um gole de vinho e pousou o copo lentamente.

— Então não haverá mesmo um casamento? Com convidados?

— Não estava a pensar nisso. Porquê? Querias?

— Não muito grande. Mas, e se esta for a minha única possibilidade de usar um vestido branco e ter o meu pai a levar-me ao altar?

Pensei nisso enquanto mastigava.

— Não pode ser até à mesa da Conservatória?

Ela pensou.

— Acho que podia contentar-me com isso. Até pode ser melhor, assim não temos de mentir a um padre. Estava nervosa com isso.

— Acho que será melhor deixarmos Deus fora disto. Caso contrário, um de nós pode ser fulminado por um raio, ou algo assim.

Ela assentiu com a cabeça.

— A história será que nos encontrámos por acaso depois do jantar de ontem à noite e percebemos, subitamente, que estivemos enganados acerca do outro todos estes anos, e de repente estamos totalmente apanhados.

Encolhi os ombros e enfiei mais massa na boca.

— Como queiras.

— Provavelmente, teremos de «namorar» pelo menos um mês antes de me pedires em casamento, não achas? — Ela fez aspas com os dedos quando disse a palavra *namorar*. — Para as nossas famílias não pensarem que perdemos totalmente a cabeça?

Depois de pensar um pouco, respondi.

— Sim, és capaz de ter razão. Não quero que o meu pai invente uma treta qualquer a impor que temos de estar juntos por um certo período de tempo antes de me dar a empresa. Tem de acreditar que nos amamos e que isto é real. — Olhei-a criticamente. — De certeza que és capaz de fazer isto?

Ela devolveu-me o olhar.

— Tu és?

Endireitei a coluna.

— Sim. Fica a saber que sou um grande ator. Fiz de Romeu no último ano do secundário.

A expressão dela dizia *Vai-te lixar, não fizeste nada*.

— O quê?

— É verdade. Uma miúda de quem eu gostava na altura era toda virada para o teatro e essas cenas, e convenceu-me a experimentar. Eu não acreditava que conseguisse o papel, mas consegui. E ela ficou tão passada que me fez um broche nesse mesmo dia depois da escola. — Encolhi os ombros. — Por isso achei que devia mesmo fazer a peça.

A Bianca estava a abanar a cabeça.

— Claro que foi por isso que fizeste a peça.

— Mas eu era bom. — Pus as mãos no peito e falei numa voz dramática e rouca. — «E assim, com um beijo, morro.»

Ela desatou a rir.

— Exatamente quando eu pensava que não te podias tornar mais ridículo.

— Se tu o dizes. — Recomecei a comer. — O que quero dizer é que sei que consigo ser convincente. Espero que estejas à altura do desafio.

— Admito que representar uma paixão louca por ti será um desafio, mas darei o meu melhor — disse ela, enrolando a massa no garfo. — Mas não esperes broches.

Ri desdenhosamente.

— Nem me atreveria. Então, o que será permitido? Temos de lhes dar alguma coisa. Dar as mãos?

— Sim.

— Posso beijar-te a bochecha?

— Acho que sim. — Disse-o com um suspiro, como se fosse uma verdadeira tortura. — Só para manter as aparências. Mas não há beijos na boca.

— De acordo. Mas diz-me: se puser o braço à tua volta, dás-me uma bofetada?

— Manténs as mãos no sítio delas, Enzo, e correrá tudo bem.

— Para mim, está bem — respondi, embora reparasse que os meus olhos deambulavam pelas pequenas curvas dos seus seios sob a camisola preta e justa que ela usava. Por um momento, imaginei-me a deslizar entre os lençóis com ela, mas mesmo quando a via na minha fantasia ela estava de óculos e tinha o nariz enfiado num livro sobre vampiros adolescentes.

— Onde é que está a piada? — perguntou ela.

— Não é nada. — Nem sequer tinha percebido que começara a rir.

Ela semicerrou os olhos e fiquei com a sensação de que me lera a mente e sabia que me estava a rir dela.

— Então, o casamento — disse ela rispidamente. — Tenho algumas regras.

— Atira.

— É só uma fachada. Não há *leito nupcial*. Não haverá consumação. Nem na noite de núpcias, nem em qualquer outra.

— Desmancha-prazeres.

— E faremos a inseminação imediatamente.

— Tudo bem. Estou mesmo ansioso por te inseminar a uma sala de distância.

— E se não resultar da primeira vez, gostaria de mais duas tentativas. Se à terceira não resultar, podemos passar à fase do divórcio. — Parecia perturbada enquanto espetava o garfo na massa.

— Achas que não vai resultar?

Ela ergueu os ombros.

— Não sei. As mulheres que têm síndrome dos ovários policísticos, como eu, têm hipóteses reduzidas de conceber.

— Bem, isso é porque elas nunca tentaram com um Moretti. — Bati no

peito. — Os homens da minha família têm genes muito fortes.

— Oh, santo Deus. — Ela revirou os olhos. — Não tem nada que ver com os teus genes, Enzo. Tem que ver com os meus óvulos. Francamente, não me apetece falar disso agora.

— Como queiras.

Ela respirou fundo e olhou-me nos olhos.

— Gostava de tentar três vezes. Se não te importares.

Encolhi os ombros.

— Por mim tudo bem. Posso masturbar-me três vezes.

— Importas-te de não o dizer assim? — Ela franziu o nariz.

— Mas é o que é, certo? Porque não chamar os bois pelos nomes?

— Prefiro *fornecimento de uma amostra*. *Fornecerás uma amostra* três vezes.

— Se isso te faz sentir melhor — respondi. — Mas é exatamente a mesma coisa…

— Se resultar — continuou ela, interrompendo-me —, penso que devemos ficar casados pelo menos até o bebé nascer. Isso significa que estamos a comprometer-nos para uma possibilidade de ficarmos casados por um ano ou mais. Talvez 15 meses.

— Era o que estava a pensar. Também julgo que menos do que isso levantaria suspeitas.

Ela tomou mais um gole de vinho.

— Podemos discutir a fase três? A separação e divórcio?

— Já estás a tentar ver-te livre de mim?

— Do meu ponto de vista, há dois cenários possíveis.

— Continua. Quais são?

— Primeiro, se eu não engravidar, podemos simplesmente dizer que é por isso.

Abanei a cabeça.

— Nem pensar. Faz-me parecer um cabrão, lembras-te?

Ela levou a mão ao peito.

— Eu assumo a culpa. Olha, não consigo explicar isto, mas a infertilidade é muito dura para as mulheres. Afeta-nos de forma que as pessoas que não passaram por isso não conseguem entender. Acredita quando digo que pode prejudicar um casamento, especialmente um tão apressado e insensato logo de início.

Que escolha tinha eu senão acreditar nela?

— Está bem.

— O segundo cenário é mais complicado. Se houver um bebé.

Pousei o garfo e bebi um grande gole de água.

— Sim, concordo. Se eu não estivesse tão bêbedo que adormeci mal caí na cama na noite passada, a ideia ter-me-ia mantido acordado.

— Esta é a parte mais séria, a parte que é real e que é, na verdade, para sempre.

— Certo.

A minha garganta estava com um comportamento estranho e a água não descia facilmente. Tossi para o cotovelo.

A Bianca pousou o garfo, ajustou os óculos e colocou as mãos no colo. Tinha uma expressão preocupada.

— Quero que dediques algum tempo a pensar nisto, Enzo. Isto não é uma situação de doação de esperma. Devido ao nosso «casamento» — fez aspas novamente —, as pessoas saberão que és o pai do bebé. Como disse antes, não te pedirei nada, mas se quiseres partilhar a parentalidade comigo, podes. Faremos um acordo de custódia e visitas. Por outro lado, se quiseres ir à tua vida, também podes.

A raiva começou a ferver dentro de mim, e fitei-a intensamente.

— Que se lixe isso. Não sou um cabrão, Bianca. Se tiver um filho, serei o seu pai. Não sou homem de fugir das responsabilidades.

— Está bem.

— E já te disse que sempre quis ter filhos — continuei tão irritado como se ela tivesse insinuado o contrário.

— Eu percebo, mas só quero que penses bem se estás ou não preparado para um nesta altura da tua vida, e nestas circunstâncias. Serás um pai solteiro.

Olhei-a diretamente nos olhos.

— Eu sei. Disse que estava disposto a isto, e falava a sério. — Era verdade. Não podia dizer que não estava nervoso, mas queria filhos. E não queria ser pai só depois de velho. Uma criança merecia um pai que pudesse jogar basebol com ela, lutar e brincar à apanhada, ensiná-la a nadar e a pescar e a andar de bicicleta, treinar as suas equipas. Então, isto não era o melhor a fazer?

— OK. Então vou dizer uma última coisa acerca deste tema. — A Bianca respirou fundo. — Sei que queres dirigir a tua empresa. Mas tens a certeza de que esta é a única forma de o conseguires?

— Claro que tenho a certeza. É o que tenho estado a dizer.

— E se fundasses a tua própria empresa? Em vez de ficares com a do teu pai.

Arregalei os olhos.

— Começar do zero? O tanas. É um direito meu por nascimento, Bianca. Sou o filho Moretti mais velho, e mereço isto, tal como as anteriores cinco gerações de filhos mais velhos. Tenho tanto valor como os outros. Posso prová-lo.

— Acredito em ti — disse ela baixinho e, de alguma forma, senti que acreditava.

— Ótimo. Então está resolvido. — Sem mais uma palavra, comi o resto da massa, servi-me de um pouco mais e acabei-a também. Depois peguei numa fatia de pão e molhei-a no molho que ficara na tigela.

Quando finalmente ergui os olhos, a Bianca também estava a ensopar pão no molho, como eu fizera, e depois lambeu os dedos. O apetite dela era *sexy*.

Embora ela não soubesse que eu estava a observá-la, examinei dissimuladamente o seu perfil e imaginei como seria um filho nosso. Ficaria com o seu cabelo ruivo e liso, ou com as minhas espessas ondas castanhas? Os meus olhos escuros, ou os dela, azul-bebé? A sua pele de alabastro ou a minha, morena? A sua estatura pequenina ou a minha altura? Seria um rapaz ou uma rapariga?

Ela levantou os olhos, apanhou-me a fitá-la e a sua expressão ficou zangada.

— Para com isso — disse, lambendo molho do polegar. — Estás a assustar-me.

— Desculpa. — Temperamental, sem dúvida, decidi. Imaginei-me a andar para trás e para diante durante a noite, segurando um bebé gordo e aos berros, com loucos cabelos vermelhos, e por instantes quase mudei de ideias.

— Queres café? — perguntou ela, levantando-se do banco.

— Quero. — Levantei-me também, para ajudar a levantar a mesa.

— Estou impressionada — disse ela, vendo-me pôr os pratos no lava-loiça para os enxaguar.

— Obrigado.

— Com a tua mãe. Tens boas maneiras.

Dei-lhe uma cotovelada e ela riu-se, fugindo de mim.

— Pois, quando ela não estava a gritar com o meu pai, conseguiu criar filhos educados.

Limpámos a ilha e, enquanto eu carregava a máquina de lavar, ela guardou a comida.

— Queres levar massa para casa?

— Estás a brincar? Sim, por favor.

Ela tirou um recipiente de plástico de um armário, encheu-o de *pappardelle* e pôs-lhe a tampa.

— Depois não te esqueças de a levar. Vou deixar no frigorífico.

— Está bem, obrigado. Posso usar a casa de banho?

— Claro. Depois da esquina, à tua direita.

Quando saí da casa de banho, em vez de virar à esquerda para a cozinha, espreitei a salinha do outro lado do corredor. Era um pequeno escritório, mas

também tinha um sofá, que parecia ser de abrir. Avistando uma série de fotografias emolduradas nas prateleiras atrás da secretária, acendi a luz e entrei na sala para lhes dar uma olhadela.

Eram sobretudo fotografias de família — algumas recentes, outras da infância, alguns instantâneos *vintage* a preto e branco — mas também tinha algumas fotografias de viagem. Percebi que ela tinha estado em Itália pelo menos uma vez, assim como em Londres e Paris.

Peguei numa fotografia da Bianca e da sua família mais próxima no que parecia ser a conclusão do secundário e examinei-a. Aos 18 anos, ela era muito parecida com o que é quinze anos depois — os mesmos óculos de armações pretas, o mesmo sorriso aberto, a mesma pele lisa e brilhante e o cabelo indomável. É sem dúvida parecida com a mãe. Bianca DeRossi é um nome italiano, mas a Bianca real parece tão irlandesa quanto uma pessoa podia ser. Tomei uma nota mental para lhe atirar algumas anedotas sobre duendes.

— Perdeste-te?

Virei-me e vi a Bianca à porta.

— Estou só a coscuvilhar o teu escritório. Para ter a certeza de que não és uma psicopata.

— Não guardo os corpos no escritório, Enzo. Não me consideres tão estúpida.

Sorrindo, pousei a moldura na prateleira.

— Gostas de viajar, não é?

— Adoro. É onde encontro todas as minhas inspirações de *design*.

— Qual é o teu sítio favorito? Acho que devo saber estas coisas acerca de ti.

— Tens razão. — Ela deu a volta à secretária e pôs-se ao meu lado. Cheirava a alho e a molho de tomate, o que, na verdade, até era *sexy*.

— Diria que é Florença. Não, a Costa de Amalfi. Não, talvez Capri.

Acenei com a cabeça.

— Gosto de uma mulher capaz de dar uma resposta direta.

Ela deu-me uma palmada no ombro.

— Pelo menos, fica tudo no mesmo país. E tu?

— Também gosto de Itália. Escolheria Roma ou Florença, pela arquitetura.

— Olha, afinal concordamos em alguma coisa. Se tivéssemos uma lua de mel verdadeira, podíamos ir a Itália.

— Quem são estes? — Apontei para uma das fotografias a preto e branco; uma fotografia de casamento, ao que parecia.

— Oh, são os pais da avó Vinnie, os meus bisavôs. O apelido deles era Lupo. Casaram-se em 1923.

Examinei o casal.

— Então esta é a tua bisavó? És parecida com ela.

— Dizes isso porque ela é baixinha. Toda a gente lhe chamava *Minorca*, também. É daí que vem a minha alcunha.

Ri-me.

— Não é só por ser baixinha. É a cara dela. Em formato de coração. — A Bianca tinha uma boca mais carnuda, mas não parecia uma coisa que eu pudesse dizer.

— Ela também tinha cabelos ruivos — disse a Bianca. — Isto é, quando ela morreu eu tinha 3 anos e não me lembro dela. Além disso, nessa altura o seu cabelo era branco, mas ouvi histórias acerca dela. Parece que era mesmo pespineta!

— Oh, a sério?! — Mandei-lhe um sorriso de esguelha e uma pequena cotovelada. — A senhora que tinha o mesmo nome que tu era pespineta. Que surpresa!

Ela deitou-me a língua de fora.

— Sabes alguma coisa da história da tua família?

— Muito pouco — admiti. — Devia perguntar aos meus pais. Parece que o meu bisavô, cujo nome me deram, estava envolvido num negócio sinistro. Era um *gangster*.

— Isso tem graça, porque o meu também. Ambos, na verdade — disse a Bianca, apontando para a velha foto de casamento. — Contrabandeavam *whisky* do Canadá para Detroit, durante a Proibição.

— A sério? — Examinei a mulher franzina e o seu marido forte e robusto. Havia algo de malicioso nos seus sorrisos. — Muito fixe. O meu bisavô também vivia em Detroit. Talvez se conhecessem.

A Bianca riu-se.

— Isso teria muita piada. Anda, vamos tomar o café e a sobremesa. Sou gulosa.

— É bom saber — disse eu, seguindo-a para fora da sala, tentando não olhar para o seu giro rabo redondo dentro das calças de ganga justas.

Negócios sinistros, pois claro.

*

— O que é isso? — disse eu, vendo o bloco de papel e a caneta no tampo na ilha, juntamente com duas chávenas de café e um prato de *pizzelle* polvilhadas com açúcar em pó.

— É para redigirmos as cláusulas mais importantes do nosso acordo. Acho

que não precisamos de tudo por escrito, talvez só as cinco coisas mais importantes. — Bebeu um gole do café e pegou na caneta. — Começo eu. *Nada de sexo* — disse, escrevendo em maiúsculas, como se eu tivesse passado a noite a apalpá-la.

Revirei os olhos.

— Está bem.

— Com *ninguém* — continuou, empurrando os óculos para cima, na cana do nariz. — Enquanto estivermos casados. Não quero que corra a notícia de que andas a trair-me.

— Bem, eu não quero que corra a notícia de que sou um traidor.

— Ótimo, então concordamos — disse ela alegremente, trincando um bocado de bolacha.

Abalado pela ideia de um longo ano de seca, peguei também numa bolacha. Eu não era muito de doces, mas gostava de *pizzelle*.

— Foste tu que as fizeste?

— Sim.

— Estão boas.

— Obrigada. Então, qual é a tua regra principal?

Pensei por um minuto, dando mais uma dentada.

— Não ralhares comigo.

— O quê?

— A minha mãe está sempre em cima do meu pai, por tudo e por nada: sujou o chão, deixou a tampa da sanita levantada, esqueceu-se do aniversário de casamento, não fez a reserva para o jantar, o som da televisão está demasiado alto… — Abanei a cabeça. — É uma corrente constante de críticas.

— Concordo. Nada de ralhar — apontou ela.

— Acrescenta aí outra coisa. — disse eu, terminando a minha primeira bolacha e pegando noutra. — Acrescenta que se alguma coisa estiver mesmo a incomodar-te, vais ter de me dizer o que é, e não esperar que eu adivinhe, como se lesse mentes. Isto é, não te metes num quarto e atiras com a porta, fazendo-me ficar a pensar o que é que fiz de errado ou o que é que te aborreceu.

Ela lançou-me um olhar, mas fez o que eu pedia.

— Item 2A, não haver expetativas de leitura de mentes.

— OK, o que é que se segue? — perguntei, limpando o açúcar em pó das mãos nas calças.

A Bianca pensou por um momento.

— Temos de poder confiar um no outro. Por isso, nada de mentiras entre nós.

— Concordo. E não revelar o segredo a ninguém — disse eu seriamente. — Mais ninguém pode saber disto.

Ela parecia culpada.

— Contei à minha irmã.

— O quê?!

— Contei à minha irmã, a Ellie. Mas podemos confiar nela — prosseguiu. — Repara, vamos precisar de apoio das pessoas próximas de nós. E senti que a Ellie, de qualquer modo, ia perceber o que se passava. Escolhe um amigo ou um dos teus irmãos a quem possas contar.

Franzindo a testa, pensei no assunto enquanto tomava um gole de café. Os meus irmãos eram uma treta a guardar segredos, e escolher um entre os meus três melhores amigos seria duro. Era amigo do Griffin Dempsey, do Cole Mitchell e do Beckett Weaver desde o ciclo. Eram como irmãos para mim. Qualquer deles me apoiaria, fosse no que fosse — embora todos fossem julgar isto uma loucura.

— Não consigo escolher entre os meus amigos — disse.

— Estamos a falar de quantos?

— Três.

Ela franziu a testa.

— Isso é demasiado. Faz um sorteio.

— A sério?

— Sim. — Ela mudou para uma nova folha de papel. — Quem são eles?

Ela escreveu os nomes que eu lhe ditei em três pedaços de papel separados, dobrou-os e colocou-os à minha frente.

— Fecha os olhos e escolhe um — instruiu.

Assim fiz e, quando desdobrei o papel, vi o nome do Cole Mitchell. Por um lado, era a melhor escolha, por ser o que conhecia melhor a Bianca — ela ajudara-o a decorar a sua nova casa. Por outro, o Cole era o pior mentiroso do planeta. Duvidava que ele conseguisse fingir o grau de entusiasmo requerido.

— Então? O que é que diz? — incentivou ela.

— É o Cole.

Ela sorriu.

— Excelente escolha.

— Não tenho a certeza. O Cole é péssimo a mentir.

— Não vamos propriamente pedir-lhe que minta. Estamos só a confiar-lhe um segredo.

— Talvez.

Virando novamente a sua atenção para a lista, ela leu o que já tinha escrito.

— Número três: Não mentimos um ao outro. Número quatro: Não contamos a ninguém exceto à Ellie DeRossi e ao Cole Mitchell.

— Certo.

— Espera… e as suas companheiras? Podemos esperar que não contem à Cheyenne e à Sierra?

Franzi a testa.

— Acho que não. Mas é tudo. Quanto mais pessoas souberem, mais provável é que o segredo escape.

— Concordo. — A Bianca fez a emenda e examinou a lista. — Precisamos de mais uma. Temos *nada de sexo, não ralhar nem esperar leitura de mentes, não mentir, não contar a ninguém fora do círculo de confiança*. Que podemos acrescentar?

Analisei a questão e a situação, e ocorreu-me uma coisa.

— Não te apaixonares por mim — disse, cruzando os braços diante do peito.

Ela ficou boquiaberta.

— O quê?

— Ouviste-me.

Os nossos olhos encontraram-se como espadas a cruzarem. Um pequeno sorriso chegou aos seus lábios.

— Espera. Isso é uma brincadeira, não é?

— Falo totalmente a sério, Bianca. A única coisa que podia arruinar toda esta operação era tu ficares toda hormonal e emocional e desenvolveres sentimentos por mim.

— Ah! — grasnou ela, batendo o pé. — Altamente improvável!

— Então escreve — insisti, espetando o indicador na lista.

— Oh, sim, claro. Deixa-me apontar depressa, antes que me esqueça. — Ditou enquanto escrevia: — Cláusula especial para a Bianca: Não se apaixonar pelo Enzo Moretti, e se ela se esquecer por um momento de como ele é altivo, arrogante, egoísta, presunçoso e pavão, deve voltar a esta lista.

— Apaga a última parte — exigi.

— Nem pensar — retorquiu ela, acrescentando vários pontos de exclamação.

— Escuta, a única razão para eu querer isso aí é por já ter estado nessa situação, OK? Em que penso que eu e uma mulher estamos em perfeita sintonia, só a curtir e a divertir-nos, e de repente ela começa a gostar de mim a sério, e acabou-se a diversão. Ela começa a esperar que eu seja outra pessoa, e depois eu sou um cabrão por não mudar.

— Enzo — disse a Bianca baixinho, o fantasma de um sorriso nos seus lábios. — Juro que sei exatamente quem és. E nunca vou esperar que sejas outra pessoa.

Acho que ela disse isto como um elogio.

Mas não tinha a certeza.

*

No Bulldog Pub na sexta-feira à noite seguinte, o Cole deteve-se com a garrafa de cerveja a meio caminho da boca.

— Espera aí. O que é que disseste?

— Vou casar com a Bianca DeRossi. — Estávamos à espera de que o Griffin e o Beckett se juntassem a nós para beber umas cervejas e comer umas asas de frango. Eu tinha pedido ao Cole para chegar um pouco mais cedo.

— Quando?

— Talvez daqui a um mês ou dois. Não queremos apressar as coisas.

Ele pousou a garrafa na mesa com um estrondo e olhou-me como se eu tivesse perdido a cabeça.

— *Porquê?*

— Para o meu pai me dar a Moretti & Filhos. Sabes qual é a condição: casado e assente aos 35 anos.

— Eu sei, mas… — O Cole abanou a cabeça. — Casares-te com a Bianca? Isso é uma loucura. Tu não a suportas.

— É temporário. Além disso, começo a gostar um bocadinho mais dela… um bocadinho — clarifiquei, tomando um gole de cerveja.

O Cole afogou o choque com alguns tragos da cerveja artesanal e pousou novamente a garrafa.

— Temporário? Quanto tempo?

— Não muito. Talvez cerca de um ano. Apenas o tempo suficiente para o bebé nascer.

Os olhos do Cole quase saltaram para cima da mesa.

— O bebé!

Encolhi os ombros.

— Sim. A Bianca quer um bebé. Eu preciso de uma mulher. As peças encaixam.

Ele continuou a fitar-me de boca aberta.

— Sinto que estou na *Twilight Zone*.

— Ouve, já planeámos tudo. É mais um acordo de negócios que outra coisa. Temos uma missão, um propósito, um plano.

— Hum. Esse plano inclui a criação de outro ser humano. Sabem no que se estão a meter? E depois de se separarem, continuarás a ser um pai.

— Eu sei.

— Um *pai solteiro*. Não é fácil.

O Cole tem uma filha do primeiro casamento com a namorada do

secundário, que morreu com um coágulo sanguíneo durante o parto. Criou a Mariah sozinho durante uns dez anos, embora vivesse com a mãe viúva até há alguns meses. Foi quando se apaixonou pela irmã mais nova do Griffin, a Cheyenne, e agora os dois estão noivos e vivem juntos na casa que ele comprou na altura do Natal.

— Eu sei. Falámos acerca disso tudo. E eu pensei muito. Acho que ser pai solteiro parece fantástico. Tens todos os benefícios de ser pai sem ter de lidar com uma mulher a dar contigo em doido. Podes fazer tudo à tua maneira sem interferências nem discussões.

— Nem ajuda — salientou Cole.

Encolhi os ombros.

— Tenho mãe e irmãs, se precisar de ajuda. E talvez nem haja um bebé. A Bianca não tem a certeza de conseguir engravidar.

— Porquê?

— Tem um problema qualquer com os óvulos — expliquei eu, sentindo-me um bocado mal por não ter prestado atenção à explicação dela. — E só vai piorar, por isso ela está a tentar engravidar o mais depressa possível. Ia usar um dador de esperma, mas disse-me que a família foi totalmente contra e ela não adorava a ideia de um estranho ser o pai do seu filho.

— Mas adora a ideia de *tu* o seres? — Mais uma vez, o Cole abanou a cabeça. — Isto é tão estranho. Vocês não fazem mais do que brigar e picarem-se um ao outro quando estão na mesma sala.

— Estamos a trabalhar nisso — afirmei, embora não fosse propriamente verdade. — E ela pediu desculpa por ter dito que eu tinha um pénis pequeno.

— Bem, isso é a única coisa que importa — disse o Cole, rindo-se.

— Ouve, eu sei que parece um pouco extremo, mas eu e ela estamos de acordo em relação a isto. Cada um de nós tem um objetivo e vamos ajudar-nos mutuamente a atingir esse objetivo. E quando isso estiver feito, separamo-nos como amigos e organizamo-nos para criar a criança. — O Cole não parecia convencido. — O que precisamos dos nossos amigos é de apoio incondicional — prossegui, um pouco chateado por não estar a obtê-lo. — Compreendemos que não era isto que a maioria das pessoas faria a fim de obter o que quer, mas talvez a maioria das pessoas não seja tão… — debati-me para encontrar uma palavra — tão corajosa como nós. Tão determinada. Tão disposta a fazer o que for necessário para chegar aonde quer estar. Não estamos a ir para novos, sabes?

— Sei — disse ele.

— E ainda bem para ti e para o Griffin, que encontraram o amor verdadeiro com alguém, mas eu e a Bianca não encontrámos.

O Cole arqueou uma sobrancelha.

— Ao menos tentaram?

— A questão não é essa — disse eu, passando uma mão pelo cabelo. — A questão é que isto é o que vamos fazer, e precisamos que os nossos amigos e família nos apoiem.

— Vais contar a verdade à tua família? — Ele parecia confuso e chocado.

— Claro que não, caramba! As únicas pessoas que sabem a verdade és tu e a Ellie, a irmã da Bianca. Está no contrato.

O Cole resmungou.

— Caraças, Moretti. Sabes que sou péssimo a mentir. Fico com um tique no lábio e todo suado.

— Não terás de mentir — disse eu, tentando parecer reconfortante. — Só tens de manter um segredo. E ficar entusiasmado por mim.

— Acho que consigo fazer isso. Na verdade — prosseguiu ele, um sorriso chegando-lhe à boca — até sou capaz de gostar.

— Porquê?

— Porque — disse ele, agora a rir-se — te conheço. E conheço-a. Ela vai dar contigo em doido.

Fazendo uma careta, levei a cerveja aos lábios e dei um grande gole. Tinha a sensação de que ele tinha razão.

Quatro

Bianca

Um mês depois

— Estás pronto?

— Acho que sim. — A voz do Enzo falhou.

— Não estejas nervoso. Estamos totalmente preparados para isto.

— Estamos?

Estávamos sentados no carro dele à porta do DiFiore's, a reunir coragem para entrar e anunciar o noivado às nossas famílias. Tínhamos uma reserva para as 19 horas e já eram 18h55, por isso já deviam estar todos à espera lá dentro: o Sr. e a Sra. Moretti, os meus pais e a avó Vinnie, a Ellie e a Sierra, o JJ, o meu irmão de 26 anos, que trabalha na empresa de construção Moretti & Filhos, o Pietro e a Lynne, irmão e cunhada do Enzo, o seu irmão Carlo e as irmãs, Eve, Talia e Cat. Eu fiz 33 anos na terça-feira, por isso o pretexto era uma celebração de aniversário que o Enzo preparara para mim.

— Estamos, Enzo. Tanto quanto as nossas famílias sabem, já namoramos há mais de um mês. Passamos o nosso tempo todo juntos. Não nos fartamos.

Na realidade, todas as noites que tínhamos passado juntos haviam sido dedicadas a aprender o mais possível um sobre o outro, para podermos ser mais convincentes. Tínhamos visto os filmes favoritos um do outro, assim como as séries de TV. Eu provavelmente gostara mais dos filmes de Bond e de *Os Sopranos* do que ele gostara de *O Diário da Nossa Paixão* e *Fleabag*, mas ficámos satisfeitos ao descobrir uma afinidade partilhada em relação a *Schitt's Creek*, aos filmes de Judd Apatow e, como não podia deixar de ser, *I Love Lucy*.

Mas os nossos esforços pouco importavam — as duas famílias estavam mais do que felizes pelo nosso súbito romance e praticamente não o tinham questionado.

— Certo — disse ele. — Não nos fartamos.

— Qual é o meu segundo nome? — perguntei.

— Jane. Qual é o meu?

— Thomas. Que universidade frequentei?

— Columbia. Há quanto tempo trabalho para o meu pai?

— Desde os 14 anos. Que instrumento é que eu tocava na escola secundária?

— Violino. Em que posição jogo nos Bellamy Creek Bulldogs?

Sorri.

— Oh, sim. Não me posso esquecer do basebol dos velhotes. És segunda base.

— E o corredor mais rápido — acrescentei. — Roubei a base na final contra os Mason City Mavericks no ano passado, o que nos deu o comando. Ganhámos por um *run*. — Ergueu um dedo, para se assegurar de que eu reconhecia exatamente a importância da sua base roubada.

— És muito rápido — disse eu, dando-lhe uma palmadinha na perna.

— OK, que mais?

Respirei fundo.

— A tua comida favorita é sanduíche de almôndegas, a tua cidade favorita é Roma, a tua cor favorita é azul. És bom a matemática, gostas de livros de arquitetura e tens uma excelente memória. Falas um bocadinho de italiano, o que eu adoro. Gostas de me dar flores e eu gosto de cozinhar para ti. Ressonas, mas não me importo.

— Eu não ressono! — O Enzo recuou, ofendido. — E como é que podias saber? Nunca passámos a noite juntos.

— Porque também descobrimos os nossos valores comuns antiquados — recordei-o. — Não acreditamos em sexo antes do casamento.

Ele fez uma careta.

— Não vamos dizer isso em voz alta, pois não?

— Não. Apenas ficará implícito. — Sorri docemente. — Agora tu. Que sabes acerca de mim?

O Enzo inspirou e expirou, passando uma mão sobre o seu peito esculpido.

— És gulosa e por vezes comes bolachas ao pequeno-almoço; não que eu te apanhado a fazê-lo, claro. És míope e, sem os teus óculos, és cega que nem um morcego. As tuas flores favoritas são rosas brancas. Os teus bisavôs eram contrabandistas de álcool. Adoras viajar, especialmente para Itália. Voltaste de Chicago para cá para estares mais perto da tua família.

— Isso é importante — interrompi. — Vamos trabalhar nisso, para garantia. A importância da família é outra crença que temos em comum. E também o desejo de formar uma família em Bellamy Creek.

— Certo.

— Agora, diz-me uma coisa que adoras em mim.

Ele coçou o queixo.

— Hum…

— Enzo! — Dei-lhe uma palmada no braço.

— Estou a pensar!

— Bem, tens de pensar mais depressa. Temos de entrar no restaurante agora.

— Está bem. — Ele fez um beicinho. — A tua comida.

— E?

— És boa no teu trabalho. Trabalhas arduamente. Agrada-me que tenhas criado a tua pequena empresa de *design*.

— Não digas assim. Soa condescendente.

— Está bem — disse ele por entre dentes cerrados. — Mas não percebo qual é o problema. É uma empresa de *design*. É pequena. Só tens um empregado: tu própria.

— OK, esquece. Que mais? Tem de haver algo de mais pessoal.

Ele franziu a testa para mim.

— Nada de ralhar, lembras-te? Está no contrato.

— Ainda não estamos casados, e não estaremos se não fizeres isto bem. Posso ralhar por um momento.

— Está bem. Algo mais pessoal. — Ele pareceu pensar mais profundamente. — Gosto do aspeto do teu rabo com essas calças com o buraco no joelho.

Suspirei pesadamente, apesar de o seu comentário não me ter desagradado.

— Algo menos tarado, por favor.

— Dá-me vontade de rir que sejas demasiado pequena para chegar aos armários mais altos da cozinha?

— Oh, esquece. — Desapertei o cinto de segurança.

— Não, espera. Já me lembrei de uma coisa. — Estalou os dedos. — Tens aquilo a que o meu pai chama pelo na venta.

— Pelo na venta?

— Sim. Significa coragem. Determinação. Consegues lidar com o que te acontece e aterrar de pé.

Este era verdadeiramente um elogio simpático.

— Obrigada, aceito isso. Vamos entrar.

— Eu abro-te a porta. Espera aí. — Ele saltou do banco do condutor e depois voltou a meter a cabeça no carro. — Minha ervilha-doce.

Fiz uma careta.

— Ervilha-doce? Não me parece.

Ele deu a volta e ajudou-me a descer do carro.

— Bolinho de açúcar? — perguntou enquanto me pegava no braço e me acompanhava à entrada.

— Blhec. Não.

— Carinha laroca?

— Estamos em 1920?

— Vá lá. Tenho de te chamar alguma coisa querida. — Abriu a porta do restaurante e sorriu. — Já sei.

— O quê?

— Vou chamar-te *mia polpetta*.

O meu coração flutuou.

— Italiano! Isso é bom, agrada-me. O que é que significa? — perguntei enquanto seguia à frente dele até à sala das traseiras que tínhamos reservado para acomodar o nosso grupo grande.

Atrás de mim, o Enzo pôs-me a mão no fundo das costas e desatou a rir.

— Minha almondegazinha. Agora sorri, *polpetta*, vamos subir ao palco.

Consegui lançar-lhe um olhar gélido por cima do ombro antes de olhar outra vez em frente e afivelar a minha melhor expressão de «Sou a rapariga mais sortuda do mundo».

Podia matá-lo mais tarde.

*

O plano era simples. Depois de entrarmos e cumprimentarmos toda a gente — com os necessários abraços e beijos nas faces típicos dos cumprimentos italianos —, a Ellie «notaria» o meu anel. Então eu e o Enzo olhávamos um para o outro, eu coraria adequadamente, e ele anunciaria que me tinha pedido em casamento no dia do meu aniversário. Há quatro dias que estávamos ansiosos por lhes contarmos. E estávamos ainda mais ansiosos por dar o nó, pelo que íamos fazer apenas uma cerimónia simples na Conservatória nas próximas semanas. Já tínhamos pedido a licença de casamento e estávamos só à espera da resposta do juiz. Seria uma cerimónia muito pequena, mas planeávamos fazer uma festa depois, para a qual estavam todos convidados.

Era canja.

Esperávamos nós.

— Oh, meu Deus! Bianca, o que é isso no teu dedo? — disse a Ellie sonoramente, quando estávamos todos sentados e a beber. Eu pedira um *Prosecco* e, apesar de ser destra, fiz questão de segurar o copo com a mão esquerda, pondo o anel bem à vista.

Troquei com o Enzo o olhar de «adoração» que tínhamos ensaiado. (Após muitas gargalhadas e tentativas falhadas — «Parece que tens um peido entalado,

podes esforçar-te um pouco mais, por favor?» — achávamos que tínhamos conseguido.)

— *Isto* — disse eu, pousando o copo na mesa e torcendo o pulso para baixo, para mostrar o meu diamante — é o meu anel de noivado.

Um coro de arquejos, gritinhos e um par de *Grazie Dio* fizeram-se ouvir. A Sra. Moretti fez o sinal da cruz. A minha mãe agarrou no braço do meu pai. As irmãs do Enzo guincharam. Para dentro, fiz uma prece rápida para ninguém me pedir que tirasse o anel para ver melhor — a maldita coisa ainda dizia *Amor para Sempre, Ricky* no interior.

— A sério? — disse o meu irmão, como se não conseguisse imaginar porque é que alguém quereria casar comigo.

— Parabéns — disse a Sierra.

— Espera. Vais-te casar? — perguntou o Pietro.

— Sim — respondeu o Enzo, pondo o braço por cima de mim, o que fazia parte da coreografia aprovada.

— Quando? — perguntou a Ellie, o que era a sua deixa.

— Em breve, na verdade. — Dei uma palmadinha na mão do Enzo, que sentia grande e pesada no meu ombro. Também tínhamos praticado o gesto na noite passada — «O que achas? Na cadeira ou mesmo no ombro?» — e tínhamos decidido que era preferível o gesto mais íntimo. De facto, os dedos dele estavam quase a roçar-me a parte de cima do seio. Seria de propósito? Fosse ou não, tinha-me provocado uma pequena vibração elétrica pela espinha acima. — Já pedimos uma licença, por isso creio que dentro de uma semana ou duas.

— O quê? — A minha mãe e a Sra. Moretti trocaram um olhar frenético. — Não podem casar dentro de uma semana ou duas. Não dá tempo para mandar todos os convites.

— Queremos uma cerimónia pequena, mãe — disse eu. — Apenas nós e duas testemunhas na Conservatória.

Pelas caras de todos, até parecia que eu tinha dito que íamos casar no beco atrás do Bulldog Pub.

— Na Conservatória! — A Sra. Moretti segurou o peito como se estivesse a ter um ataque cardíaco. — Mas vocês são católicos!

— Pois somos, *Ma*, mas preferimos manter as coisas simples — disse o Enzo.

— Íntimas — esclareci.

— Quer dizer que nem podemos ir? — A cara da Sra. Moretti estava a enlividecer rapidamente.

— Podem ir, se quiserem — respondeu o Enzo. — Mas queremos que a cerimónia seja muito pequena. Faremos uma festa depois a que toda a gente

pode ir.

— Isto é mesmo a sério? — perguntou uma das irmãs do Enzo, a Talia. — Vocês não namoram só há um mês?

Abri a boca com uma resposta ensaiada, mas nem foi necessária. A Sra. Moretti estendeu o braço diante do marido para dar uma palmada na orelha da Talia.

— Au! — disse ela. — *Ma*!

— Está calada, Talia! — ralhou a mãe. — Há coisas que, quando sabemos, sabemos. Está mais do que na hora de o Enzo assentar. — A sua expressão tornou-se altiva. — E sempre tive um pressentimento em relação a eles, desde que eram miúdos.

— Eu também, Marisol — interveio a minha mãe.

— Posso ficar com o teu apartamento? — perguntou o meu irmão.

O meu pai pigarreou e levantou-se.

— Um brinde — disse ele, erguendo o seu copo de vinho. — Ao futuro feliz da Bianca e do Enzo, e à união das nossas famílias!

O Sr. Moretti, que estivera a observar a cena sem comentar, também se levantou. Era alto, como o Enzo, mas largo e amolecido no meio, onde o Enzo era esguio e musculoso. Era fácil perceber onde é que o Enzo tinha ido buscar a sua aparência, porque o pai ainda era um homem bonito, apesar de as suas mãos serem menos elegantes e o cabelo muito menos denso. Senti o braço do Enzo ficar um pouco tenso — o pai dele estaria a perceber a nossa artimanha?

— À Bianca e ao Enzo — disse ele, com a sua voz grave e rouca. — *Per cent'anni*.

Sorri e ergui o meu copo de *Prosecco*, embora a ideia de cem anos com o Enzo me desse vontade de fugir porta fora. Ao meu lado, o Enzo estremeceu e eu soube que ele estava a pensar a mesma coisa, mas também ergueu o copo.

Quando toda a gente estava outra vez sentada e as felicitações tinham acalmado, a Sra. Moretti pegou no seu telemóvel. Por um momento, pensei que ia perguntar se nos podia tirar uma fotografia, mas ela parecia esta a mandar uma mensagem.

— Mãe, que aconteceu à regra de não se usarem telemóveis à mesa? — perguntou a Cat, a irmã mais nova do Enzo.

— Já o guardo — disse a mãe com impaciência. — Só preciso de mandar uma mensagem ao padre.

O Enzo quase se engasgou.

— O quê?

— Estou a mandar uma mensagem ao padre Mike. Lá porque vais casar na Conservatória, não quer dizer que ele não possa abençoar o casamento.

Eu e o Enzo trocámos um olhar frenético.

— É uma ideia maravilhosa, Marisol — disse a minha mãe.

O Enzo deu-me um pequeno pontapé por baixo da mesa.

— Na verdade, não queremos nada muito… hum, *complicado* — disse eu, relanceando-o. — Pois não, querido?

Ele abanou a cabeça.

— Não, de todo.

— Não queres mesmo um grande casamento? — A mulher do Pietro olhou-me com surpresa. — Nós tivemos umas trezentas pessoas no nosso. Foi tão divertido.

— Não queremos mesmo. — Sorri-lhe e encostei a cabeça ao ombro do Enzo. — Só queremos casar-nos.

— Não é tão querido? — Os olhos da minha mãe ficaram húmidos. — Estão tão apaixonados que só querem ser marido e mulher o mais depressa possível.

— Porquê a pressa? — perguntou o meu irmão JJ. — Estás grávida, Bianca?

— John Patrick DeRossi, que se passa contigo? — A minha mãe estava indignada.

— Não estou grávida — assegurei a toda a gente na mesa.

— Mas querem filhos, não querem? — A Sra. Moretti assentiu para mim, como que para incentivar uma resposta afirmativa.

— Queremos, sim.

Ambas as mães ficaram tão encantadas que pareciam prestes a sair disparadas das cadeiras como foguetões.

— Acho que vou chorar. É como se todas as minhas preces tivessem sido atendidas no espaço de dez minutos. — A Sra. Moretti abanou a cabeça e virou os olhos para o céu. — Obrigada — sussurrou.

— Mas, *Ma*, na verdade, não queremos um padre. Já estou em contacto com o juiz Reinhart. Fizemos as obras de remodelação da cozinha dele e da mulher no ano passado, e só espero que ele me diga uma data.

— James Reinhart? — disse o Sr. Moretti. — Eu telefono-lhe amanhã. Fizemos um grande desconto nessa remodelação, e ele disse que podia telefonar-lhe se alguma vez precisasse de alguma coisa.

O Enzo interveio.

— Pai, temos tudo controlado. Não precisas de…

— Considera-o feito — disse o Sr. Moretti com determinação. — Terei essa data de casamento no fim da semana.

O Enzo e eu olhámo-nos — um olhar totalmente não ensaiado de *oh, merda, isto acabou de se tornar real*.

Eu recuperei primeiro e lancei um sorriso ao pai do Enzo.

— Obrigada, Sr. Moretti. Ficamos muito gratos.

— Então, Enzo, como é que fizeste o pedido de casamento? — perguntou a sua irmã Eve.

Estávamos preparados para esta pergunta e a primeira deixa era minha.

— Foi muito romântico — disse eu, tentando não me rir ao recordar a bebedeira dele e aquele anel gravado para outra pessoa. — Ele até se ajoelhou.

— Onde é que estavam? — perguntou a Cat.

— No meu apartamento — respondi.

— Ficaste surpreendida? — perguntou a Lynne.

— Ficou chocada — respondeu o Enzo, parecendo satisfeito consigo mesmo enquanto voltava a pôr o braço sobre os meus ombros. — Chocada e deliciada. Respondeu logo que sim. E chorou lágrimas de alegria.

Isto não estava no guião. Antes de conseguir conter-me, lancei-lhe um olhar irritado, a que ele respondeu pisando-me o pé. Tentei mudar rapidamente a minha expressão para uma de adoração.

— Foi uma grande surpresa — disse eu por entre dentes.

— De certeza que foi — disse a Talia, divertida. — Quem diria que o Enzo era do género de pôr um joelho no chão?

— Ambos os joelhos, de facto — disse eu, acrescentando a minha própria porção de diálogo improvisado. — Quase como se me suplicasse para passarmos juntos o resto das nossas vidas. Não parava de dizer o quanto me amava. Como não podia esperar que eu me tornasse sua mulher.

O Enzo enterrou-me as pontas dos dedos no ombro.

— É que tu és tão adorável, *mia polpetta* — disse ele, com o queixo empinado, fitando-me nos olhos com uma expressão assassina. — Depois de ultrapassar a tua superfície espinhosa, descobri um coração verdadeiramente grande.

— E quando eu percebi que tu eras mais do que o teu grande ego inchado, não pude deixar de me apaixonar. — Contive uma gargalhada. — De facto, agora acho a tua insuportável arrogância quase charmosa.

— E eu acho a tua atitude sabichona e o teu ar geral de importância imperial extremamente fascinante — disse ele, com irritação. Segurava-me o ombro com tanta força que ia deixar uma nódoa negra. — Estou tão enfeitiçado por ti, querida, que nem vejo bem.

À minha esquerda, a Ellie pigarreou.

— Uau. Claramente, estavam destinados a ficar juntos.

— Claramente — disse eu, e não resisti a plantar um beijo nos lábios do Enzo. A boca dele era quente e firme e sabia bem na minha, tão bem que arrastei o beijo por mais alguns segundos do que planeara. Um calor cresceu-me no

fundo da barriga e espalhou-se-me pelos membros. Quando me afastei, a expressão do Enzo revelou-me a sua perplexidade. Francamente, eu também estava um tanto perplexa; o meu corpo tinha reagido como se o beijo fosse real.

Mas não era. Ou era? Eu estava apenas a representar um papel. Então porque é que os meus dedos dos pés ainda vibravam?

— Ah, digam lá, não é tão querido? — A minha mãe suspirou e pegou no seu copo de vinho. — Vocês os dois ficarão juntos para sempre. Eu sei.

*

Enquanto esperávamos que servissem a sobremesa e o café, a minha irmã agarrou no meu braço.

— Casa de banho, por favor — murmurou.

Virei-me para o Enzo.

— Volto já, amor — disse-lhe, dando-lhe uma palmadinha no braço, como se ele fosse sentir a minha falta.

Ele assentiu e pegou no seu copo de vinho. Tinha estado um pouco calado durante a refeição, mas calculei que fosse apenas o *stress* de pôr a nossa «relação» à prova pela primeira vez num palco tão grande.

Segui a Ellie para a casa de banho e assim que ficámos sozinhas atrás da porta fechada ela voltou-se para mim, de mãos na cabeça.

— Oh, meu Deus! Nem acredito que vocês vão para a frente com isto. Olha para mim. Estou a suar. — Afastou a camisola das axilas.

Eu ri-me.

— Relaxa. Está a correr muito bem. A mãe e o pai estão tão felizes, que nem questionam o facto de estarmos obviamente a precipitar-nos para algo que vai ser um enorme erro. — Entrámos em casas de banho contíguas e continuámos a conversa.

— Nem os Morettis — comentou a Ellie. — Exceto, talvez, o Pietro.

— Bem, ele está a perder a oportunidade de ser o diretor da empresa da família. É compreensível que tenha relutância em oferecer os seus sinceros parabéns.

— O Sr. Moretti também parece um bocado calado. Achas que tem dúvidas?

Eu tinha notado o silêncio dele — que espelhava o do Enzo — e o seu olhar curioso sobre nós toda a noite.

— Não sei, mas ele ofereceu-se logo para contactar aquele juiz.

— Talvez pensasse que vocês iam recusar.

— Esperemos que tenha notado que não recusámos. — Saímos das casas de

banho e lavámos as mãos lado a lado nos lavatórios. — Não vemos qualquer razão para recusar.

Ela secou as mãos, abanando a cabeça.

— Ainda não acredito que vocês vão prosseguir com isto. Pelo menos vais casar com um gajo giro. Por vezes é difícil afastar os olhos da cara dele. E eu nem gosto de homens.

Ri-me, pegando numa das toalhas empilhadas sobre a bancada.

— Ele é lindo. Concordo.

— Vocês dão-se minimamente bem?

— Não. — Sorrindo, procurei o batom dentro da mala. — Quer dizer, estamos a aprender a fingir melhor, e ocasionalmente sinto algum apreço ou mesmo gratidão por ele, mas depois ele diz algo realmente desprezível e lembro-me porque é que ele é do pior.

Ela riu-se, tentando ajeitar o cabelo ao espelho.

— Vocês têm boa química. Há decerto faíscas à mesa.

— Por todas as razões erradas — disse eu, acutilante. — A nossa química não é do género bom.

Ela encolheu os ombros.

— Faíscas são faíscas. E não me surpreenderia nada se alguma acabasse por pegar fogo.

Revirei os olhos e retoquei o batom.

— Não vai acontecer.

Olhando-me de frente, a sua expressão era maliciosa.

— Estás a dizer-me que não sentes a menor atração por ele?

— Nenhuma. — Mas senti calor nas bochechas e um momento depois estas floresceram como rosas vermelhas. — Além disso, concordámos que não faríamos nada.

Ela desatou a rir.

— Vocês fizeram mesmo um contrato?

— Sim. Estabelecemos algumas regras fundamentais — insisti, voltando a tapar o batom e guardando-o na mala.

— Nesse caso, o que é que foi aquele beijo?

O tom rosado nas minhas bochechas intensificou-se, mas virei-me para ela, enfrentando os seus olhos. *Aquele beijo. Aquele beijo. Aquele beijo.*

— Foi só para mostrar.

— Pareceu-me real.

— Isso é porque sou uma boa atriz. Vamos voltar para a mesa. — Passei ao lado dela, abri a porta e ela seguiu-me.

— Sabes, na verdade não és assim tão boa atriz — disse ela, num tom

divertido.

Eu ia discordar quando o Enzo, à mesa, levantou a cabeça e os nossos olhos se cruzaram. O meu estômago ficou sem peso e quase tropecei nos meus próprios pés. Caramba, aquele idiota era lindo. Tinha de admitir, não era de facto difícil simular atração por ele.

Mas *era* falsa.

Não era?

*

— Que raio foi aquilo? — explodiu o Enzo assim que ficámos sozinhos no carro dele.

— Foi o nosso jantar de noivado. Que, a propósito, acho que até correu bem — disse eu, afivelando o cinto.

— Referia-me ao beijo. Que merda foi aquela? — Ele ligou o motor, fitando-me com fúria no escuro.

Encolhi os ombros, mas por dentro só conseguia pensar: *Aquele beijo. Aquele beijo. Aquele beijo*.

— Beijar-se é algo que um casal verdadeiro faria no seu jantar de noivado, não achas? Estava a tentar ser autêntica.

O Enzo conduziu para fora do estacionamento e depois do parque. A mão direita apertava o volante com força. A esquerda estava de punho fechado no seu colo.

— Disseste que os beijos não eram permitidos e eu concordei.

— Desculpa — disse eu encolhendo os ombros. — Não tinha percebido que te incomodava tanto.

— Não é que me tenha incomodado. É só que me apanhaste… desprevenido. Acho que temos de combinar essas coisas antecipadamente.

Divertida por ele estar tão abalado — pelo menos, não estava sozinha —, olhei para ele.

— Enzo, se vamos fingir que estamos apaixonados, temos de fazer coisas que os casais apaixonados fazem quando estamos com outras pessoas. Faz parte da representação. Quer dizer, vamos ter de nos beijar na cerimónia, não é?

— Isso é diferente — contrariou ele. — Isso é esperado. Isto foi inesperado. E deixou-me à toa.

— Está bem, está bem, calma. — Estendi a mão e dei-lhe uma palmadinha na perna. — Da próxima vez aviso-te, está bem?

— Não preciso de avisos, Bianca. Agora que sei que beijar é admitido, está

tudo bem. — Olhou-me de esguelha. — Não sabia que tinhas tanta dificuldade em controlar-te junto de mim.

Fiquei boquiaberta.

— Não tenho dificuldade em controlar-me junto de ti, Enzo. Já te disse. Estava a alinhar no jogo.

— Está bem — disse ele, malicioso. — O jogo.

Senti a irritação a crescer dentro de mim.

— Por falar em atitudes não aprovadas, o que foi aquela treta de eu chorar lágrimas de alegria quando me pediste em casamento?

Ele encolheu os ombros.

— É o que as raparigas fazem quando estão felizes, não é? Estava só a tentar ser autêntico. — Ele estava a usar a minhas palavras contra mim própria.

— Não estavas a ser autêntico, estavas a ser sacana. A minha *superfície espinhosa*?

— Ouve, tu não foste melhor, dizendo-lhes que te implorei para seres minha mulher. — Emitiu um som do fundo da garganta. — Caraças, eu nunca na vida supliquei a uma mulher que fizesse nada.

— Isso era antes. Agora, que estás apaixonado por mim, é tudo diferente. Suplicaste, sem dúvida.

Ele murmurou qualquer coisa que não compreendi, mas tenho a certeza de que me implicava, ao sítio onde eu podia ir e o que eu podia fazer quando lá chegasse.

— Ouve, não vamos brigar — disse eu. — Temos problemas para resolver. Achas que o teu pai consegue mesmo que o juiz nos arranje uma data de casamento para o fim da semana?

— Provavelmente. O meu pai consegue ser muito persuasivo. — Temos de estar preparados para agir rapidamente.

— Está bem.

Ele deve ter ouvido a ligeira hesitação na minha voz.

— Se vais recuar, Bianca, fá-lo agora. Última oportunidade.

Abanando a cabeça, endireitei-me no assento.

— Se tu ainda estás decidido, eu também estou.

— Ainda estou decidido. Temos de decidir onde vamos viver — disse o Enzo. — Em minha casa ou na tua.

— Oh, pois. Parece que um de nós tem de se mudar, não é?

O Enzo riu-se.

— Pois é. Acho que não seria muito convincente se vivêssemos separados.

Comparei por um momento o meu apartamento, de 270 metros quadrados, com a sua casa de três quartos que, não sendo enorme, oferecia decididamente

mais espaço do que a minha.

— A tua casa é maior. Creio que faz mais sentido. Mas detesto desistir do meu apartamento… vou acabar por precisar dele.

— Então não te desfaças dele — disse o Enzo. — Deixa o JJ viver lá.

Estremeci perante ideia.

— Talvez. Mas tenho de o expulsar quando precisar de voltar. Não quero viver com ele ou ficar sem sítio para morar.

— Não ficarás sem sítio para morar, Bianca. — O Enzo parecia irritado comigo. — Achas que te deixava na rua com o nosso bebé? Se chegar a esse ponto, posso sempre ficar em casa do Beckett.

Relanceei-o.

— A sério? Sairias da tua casa por mim?

Ele encolheu os ombros.

— Claro.

— Obrigada — disse eu, sentindo um estranho aperto no peito.

Alguns minutos depois, ele parou diante do meu prédio, e eu desapertei o cinto.

— Obrigada pela boleia. E pelo jantar. — O Enzo tinha pagado a conta, que não fora pequena.

— De nada.

Olhei para o relógio digital no painel do carro. Eram só nove horas.

— Queres entrar para tomar uma bebida, ou algo assim?

— Acho que podia entrar.

— Sem pressões — disse eu rapidamente. — Se tens outros planos, tudo bem.

— Não tenho outros planos — disse ele, dando a volta para poder estacionar num dos lugares destinados às visitas. — Apenas estou surpreendido por quereres passar mais tempo comigo do que o necessário.

— Estou a tentar acostumar-me a ti — brinquei. — É como terapia de exposição. E, muito em breve, todos os nossos sábados à noite serão passados juntos.

— Mal posso esperar — disse ele, a sua voz escorrendo sarcasmo. Depois desligou o motor e observou o porto através do para-brisas, um fantasma na escuridão. — Tens *whisky*?

— Por acaso, tenho. E faço um *Manhattan* maléfico, se estiveres interessado.

— Estou interessado.

O meu ritmo cardíaco acelerava sempre que ele me olhava assim, com aquela expressão *se alinhares, eu alinho*. Esforcei-me por manter um tom neutro.

— Então vamos entrar.

Cinco

Enzo

— A que devemos beber? — perguntou a Bianca, sentando-se na outra ponta do sofá e erguendo o seu *Manhattan* para o meu.

— A uma vida longa e feliz… separados — sugeri, inclinando-me e batendo com o meu copo no dela.

Ela deu um gole e enfiou os pés debaixo do corpo. As cortinas estavam fechadas, havia um único candeeiro de pé aceso e ela tinha ligado a lareira a gás, por isso o ambiente na sala era quente e íntimo. Noutra vida, com outra mulher, eu aproximar-me-ia um pouco mais dela no sofá, deslizaria a palma da mão sobre a sua coxa, roçaria a boca pelo pescoço dela até aos lábios. Quando aqueles lábios tão perfeitos me beijaram, à mesa, eu ia ficando maluco. O meu pénis então, esse reagira como se ela tivesse posto a mão nas minhas calças.

Passei o resto da refeição danado com ela — e com a forma como o meu corpo lhe reagira. Mas como podia eu controlar isso?

Não estava nos planos que ela me beijasse, porra! A regra era *dela*, e ela tinha-a quebrado. E agora beijar era admissível no jogo, e o que é que eu ia fazer em relação a isso? Como podia não ficar duro quando ela se inclinava para mim, punha aqueles lábios nos meus e me olhava como se me desejasse? Era *tudo* só para os outros verem?

Tinha de ser, porque assim que ficávamos sozinhos ela estava sempre zangada com alguma coisa. Mas, caramba, vê-la tão zangada também me excitava. Irritá-la tornara-se o meu desporto favorito.

Que raio se passava comigo?

— Remodelaste algumas casas ultimamente? — perguntou ela.

— Nem por isso. E tu?

— Há algum tempo que não. Eu estava a trabalhar com um amigo em Chicago, e era ele que tinha o dinheiro; eu fazia todo o trabalho manual, supervisionava as remodelações e depois entregava-as a um amigo agente imobiliário para fazer a venda. Mas o amigo em Chicago perdeu muito dinheiro

na Bolsa e retirou-se. — Encolheu os ombros. — E eu sabia que tinha de poupar dinheiro para os tratamentos de fertilidade. Não são baratos.

— Percebo. — Dei mais um gole na bebida. — Gostaste de viver em Chicago?

— Gostei, por incrível que pareça. Nunca me imaginei como uma rapariga da cidade e odiava o trânsito, mas gostava da conveniência de ter muitas opções para fazer compras e para comer dentro do bairro.

— Em que parte de Chicago vivias?

Ela recostou-se na outra ponta do sofá, esticando as pernas, quase tocando com os pés nas minhas coxas. Usava meias pretas com bolinhas cinzentas, e quando retorceu os dedos, estes estalaram.

— Quando me mudei, vivia no *campus* da universidade. Depois partilhei um apartamento com uma amiga, em Bucktown. — Baixou os olhos para a bebida. — Mas nos últimos quatro anos vivi com o meu namorado na Baixa. Ele tinha um apartamento em Lake Shore Drive.

— Elegante — comentei, perguntando-me porque é que odiava esse namorado, apesar de nem saber o seu nome.

Ela assentiu com a cabeça, sem sorrir.

— Pois era.

— Quatro anos, então? É muito tempo.

— Na verdade, estivemos juntos cinco anos.

Voltei a beber.

— Como é que ele se chamava?

— Tate DuCharme.

Já esperava que ele tivesse um nome parvo.

— E então, que aconteceu?

Ela exalou e fitou o copo e, por um segundo, pensei que ia dizer-me que não era da minha conta e eu teria de argumentar que a história da sua relação era algo que eu conheceria se estivéssemos mesmo apaixonados, disfarçando o facto de estar mesmo curioso. Mas ela voltou a surpreender-me.

— O que aconteceu foi que eu fui uma idiota — disse ela, com um tom amargo. — Acreditei nas mentiras dele, deixei-o convencer-me de que só precisava de mais tempo, e fingi não ver os sinais de que ele nunca estaria preparado para um compromisso para toda a vida.

— Porque é que fizeste tudo isso?

— Porque o amava. — Os olhos dela encontraram os meus, e estavam brilhantes de lágrimas. Esta noite usava lentes de contacto, em vez dos óculos. Ficava diferente. — E queria que ele me amasse da mesma maneira. Mas nem toda a minha vontade pôde transformar isso em realidade.

— Mas ele deve ter-te amado — contrariei. — Caso contrário, porque namorariam durante cinco anos?

Ela encolheu os ombros, dando mais um gole no *Manhattan*.

— Talvez amasse. Mas não o suficiente. E para que serve isso? — Eu não tinha uma resposta. — Ele tinha sempre alguma condição que precisava de se concretizar, ou algum objetivo que precisava de atingir, antes de pensar na fase seguinte da sua vida, ou seja, casar e ter uma família, algo que ele *dizia* que queria. Durante algum tempo, era chegar aos 30 anos, depois era tornar-se sócio na sua empresa, depois era garantir um determinado cliente importante, depois era resolver o caso. — Abanou a cabeça. — Mas havia sempre outro cliente importante e outro grande caso. E então percebi que, afinal, era tudo mentira. Ele andava a dormi com uma mulher do trabalho.

— A sério? Que cabrão. — Eu tinha vontade de lhe dar um pontapé no rabo. Se um homem quer a sua independência sexual, tudo bem, mas não mente acerca disso. Emborquei o resto da bebida com um gesto zangado.

— E essa, provavelmente, não foi a primeira.

— Lamento, Bianca — disse eu, perguntando-me se alguma vez antes teria proferido essa palavra com sinceridade.

— O pior foi que, depois de isso se saber, eu fui ter com ele e disse: «Última oportunidade. Se queres uma vida comigo, começa agora.» E ele disse que não estava disposto a abdicar da vida que tinha pelo futuro que planeáramos.

— Foda-se. — Agora queria mesmo dar-lhe uma valente sova. — O que é que fizeste?

Ela bebeu o resto do seu *cocktail*.

— Deixei-o nessa noite e fiquei em casa de uma amiga. Despedi-me no dia seguinte. Duas semanas mais tarde, voltei para cá.

— Fizeste a coisa certa. Esse cabrão não te merecia.

— Obrigada. Então e tu? — perguntou ela, fazendo girar a cereja no fundo do copo. E não era uma daquelas cerejas falsas, de compra, tinha frasquinhos de cerejas do Michigan que ela própria conservava. Eu gostava disso.

— Eu o quê? — Pousei o copo vazio em cima da mesa e encostei a cabeça às costas do sofá, pousando um joelho na almofada entre nós. As pontas dos pés dela estavam agora encostadas ao meu tornozelo.

— Qual foi a tua relação mais longa? — Ela retirou a cereja do copo e comeu-a.

— Define relação.

Ela sorriu.

— É uma coisa em que tu namoras com uma pessoa exclusivamente, por um período de tempo relativamente longo.

— Hum. — Fingi puxar pela cabeça. — Creio que houve uma rapariga no secundário que transportei da escola até casa durante uns quatro meses.

Ela espetou-me os dedos dos pés na perna.

— Isso não é uma relação, é uma boleia.

— Se os pais dela não estivessem em casa, por vezes ela convidava-me a entrar e masturbava-me no quarto. Ajuda?

Ela franziu o nariz.

— Não. És um porco.

— Oh, calma. Eu gostava mesmo da rapariga. — Segurei-lhe os dedos dos pés e puxei. — E devolvia-lhe o favor.

— A sério? — Ela arqueou as sobrancelhas. Remexeu os dedos dos pés.

— Claro. Sou um cavalheiro e um feminista. Devolvo sempre os favores.

Ela pousou o copo na mesa e cruzou os braços diante do peito, com um olhar mordaz.

— E a Julieta?

— Quem?

— A Julieta. A que te fez um broche no parque de estacionamento depois da tua audição para Romeu.

— O que é que queres saber dela?

— Devolveste-lhe esse favor?

— Não no parque de estacionamento. Mas sim, devolvi.

— Interessante.

— O que é que tem de interessante?

Ela encolheu os ombros.

— Não sei. Alguns tipos não gostam de devolver esse favor.

— Alguns tipos são idiotas.

Ela fitou a lareira, e as labaredas dançaram nos seus olhos.

— És bom nisso?

O meu queixo quase bateu no peito.

— Hã?

— És bom nisso? — A expressão dela tornou-se maliciosa. — Isto é, se eu quiser alardear as tuas proezas sexuais, por exemplo?

— A quem?

— Não sei. — Levantou os ombros. — As raparigas, por vezes, falam.

Recompondo-me — mais ou menos — sentei-me mais direito.

— Bem, podes com confiança alardear o meu talento nesse aspeto. Sei como levar uma mulher ao orgasmo.

— Sabes? — Ela parecia intrigada. Era muito excitante, e não resisti a dar-lhe mais do que ela pedia.

— Sim. Sou paciente, intuitivo e muito, muito bom com a língua. — A cara dela ficou da cor das cerejas, mas não desviou o olhar. — E com os lábios, as mãos e o…

— OK, basta — disse ela subitamente, pondo os pés no chão. — Está a ficar tarde e tenho de me levantar cedo para ir à missa amanhã.

— Eu também. — Não resisti a sorrir ao levantar-me. Era difícil não sentir que tinha vencido esta ronda. — E um cavalheiro sabe quando deve retirar-se.

Ela acompanhou-me à porta, tirou o meu casaco do armário e deu-mo.

— Obrigado pela bebida — disse eu, vestindo-o. Agradou-me a forma como ela observou os meus dedos a manobrarem os botões.

— De nada. — Ela abriu a porta e um vento frio de março entrou, fazendo-a tremer.

— Sabes, eu podia ficar — sugeri, brincalhão. — Podia manter-te quentinha toda a noite.

— Não — disse ela empurrando-me para o tapete da porta. — Boa noite, Enzo.

Virei-me, apoiando as mãos no cimo da ombreira da porta.

— Não há beijo?

Ela olhou para os meus lábios, e por uma fração de segundo pensei que ia fazê-lo. Mas depois recuou e fechou-me a porta na cara.

Rindo, dei meia volta e fui para o meu carro. Era difícil dizer o que me agradava mais — quando ela baixava a guarda e era doce e vulnerável, como quando me contara acerca do Tate, ou quando cerrava os punhos e desferia o golpe. Ambas as versões tinham o seu encanto.

Mas mais tarde, nessa noite, foi a Bianca bélica e cheia de vivacidade que apareceu nos meus sonhos, vestindo apenas um avental de xadrez, guinchando enquanto eu a perseguia pela minha casa. Quando a apanhei, ela deu muita luta, atirando-me um gancho direito à cara, um murro sólido na barriga e outro, chocantemente poderoso, ao peito, que me fez perder o fôlego. De facto, esse atirou-me de costas, e ela aterrou em cima de mim.

Num gesto ágil, deitei-a de costas, segurei-lhe os braços por cima da cabeça e fitei os seus elétricos olhos azuis. Estávamos ambos a respirar pesadamente quando eu…

Buzz. Buzz. Buzz. Buzz.

Abri os olhos, confuso, desorientado, duro como o aço e muito zangado. O meu primeiro instinto foi parar o barulho, e estendi a mão, peguei no telemóvel, desliguei o alarme e, com irritação, atirei a maldita coisa para cima do colchão.

O meu instinto seguinte foi masturbar-me e estendi a mão para a abertura dos boxers, embainhando o meu pénis de ferro no punho e sacudindo furiosamente.

Exatamente com quem ou com o quê estava zangado, não sabia bem. Era com a Bianca, por me tentar? Era comigo mesmo, por me sentir atraído por ela? Era com o universo, por me emboscar nesta situação em que tinha de fingir um casamento com uma mulher por quem quase começava a ter sentimentos?

Não, insisti repetidamente enquanto investia de encontro à palma da minha mão, com os músculos do estômago retesados. *Não, não, não.* Nada de sentimentos. Esta coisa com a Bianca era só para mostrar aos outros. Não podia apaixonar-me por ela. Nem sequer gostava dela. Ela punha-me maluco. Insano. De cabeça perdida. Era o meu sonho que me estava a afetar, apenas isso. Aquele sonho em que eu a perseguia e ao seu traseiro redondo, provocante sob o laço do avental, os seus pés nus subindo os degraus a correr, para fugir de mim, o seu riso reverberando das paredes.

Adorava que ela me desse luta. Céus, ela sabia exatamente como pôr a minha adrenalina a bombar. Que vontade de lhe dar umas palmadas por isto. Além disso, se tivesse sexo com ela, não seria doce. Não seria gentil. Investiria dentro dela com toda a paixão e a fúria e o tumulto que ela me fazia sentir. Fá-la-ia suplicar, primeiro por mais, depois por misericórdia. E quando sentisse o seu corpo ceder, quando as unhas dela se cravassem nas minhas costas, quando ela se arqueasse e retorcesse debaixo de mim, enterraria o meu pénis mais fundo e vinha-me com tanta força que ela o sentiria como um castigo.

Quando dei por isso, era eu que estava a gemer e a grunhir, com o pénis a latejar, a barriga e a mão uma porcaria quente a escorrer. Respirando com dificuldade, deixei-me ficar por um momento deitado de costas, de olhos fechados, com a imagem da Bianca na cabeça.

— Sai daqui — disse-lhe, irritado por o melhor orgasmo que tinha tido em meses ter sido a fantasiar com ela. — Sai daqui e não voltes, sereia ruiva.

No duche, impus-me uma regra — não podia voltar a imaginá-la enquanto me masturbava. O facto de estar atraído por ela ou mesmo de começar a gostar dela estava a perturbar-me. Não podia deixar que isso frustrasse os meus planos.

Olhos no prémio, Moretti, disse a mim mesmo.

E o prémio era a Moretti & Filhos.

Tinha de me lembrar disso.

*

Na terça-feira de manhã, antes de sair para o trabalho, o meu pai mandou-me uma mensagem.

Pai: O juiz Reinhart respondeu-me. Casa-vos na sexta-feira às 16h45.

Mandei imediatamente uma mensagem à Bianca. Está feito. Sexta-feira, 16h45.

Bianca: Ena. OK.
Eu: Vamos mesmo avante com isto?
Bianca: Para de me perguntar isso. A tua insegurança é cansativa.
Eu: Assim como a tua mania de que és boa.
Bianca: Vem jantar.
Eu: Esta noite?
Bianca: Sim. Casamos daqui a três dias. Acho que devemos ter um plano.
Eu: Certo. Entretanto, avisa a tua família.
Bianca: Sim. Vem às sete.
Eu: És tão mandona.
Bianca: Bem, talvez haja alguém mais humilde e submisso perto da Conservatória na sexta-feira às 16h45.
Eu: Espero bem que sim.

Mas não era verdade. Quando meti o telemóvel no bolso e saí pela porta das traseiras, percebi que o único sítio onde a queria submissa era no quarto — mas só depois de dar uma boa luta.

Essa ideia distraiu-me todo o dia.

*

Levei-lhe rosas.

— Isto é para quê? — Foi com uma expressão desconfiada que mergulhou a cara no ramo para sentir o cheiro.

— Não tens de quê — disse eu, entrando no apartamento e despindo o casaco, que pendurei no armário do corredor.

— Desculpa. Obrigada. São lindas. — Levou-me para a cozinha e tirou uma jarra da despensa. — Só fiquei surpreendida.

— Porque é que te surpreende? Sei que adoras flores naturais e que as rosas brancas são as tuas favoritas. Além disso, foi uma boa oportunidade para as pessoas me verem fazer uma coisa romântica. Estacionei longe da florista para me verem no passeio com as rosas na mão. — Sentei-me na ilha e bati com um dedo na testa. — Cabecinha pensadora.

Ela riu-se enquanto aparava os caules.

— Ah, então foi só exibicionismo.

— E novidades? Cheira bem — disse eu, espreitando para o tacho ao lume. — O que é que vamos comer?

— Sanduíches de almôndegas.

Sorri.

— A minha comida favorita.

— Eu sei. Queres servir o vinho? — perguntou ela, enchendo a jarra com água. — Há algumas garrafas na garrafeira.

— Claro. — Escolhi uma e abri-a. — Até vou tirar os copos da prateleira de cima. Olha, devia escrever isto nos meus votos.

— Como assim?

— Bem, falei com o juiz Reinhart hoje, e ele disse que a parte oficial da cerimónia é bastante rápida e impessoal, e que se quiséssemos podíamos acrescentar votos pessoais. — Tirei dois copos e servi o vinho.

— E *tu* queres acrescentar *votos pessoais*? — Ela fez uma pausa no arranjo das flores e atirou um olhar surpreendido por cima do ombro.

— Achei que seria mais convincente assim — disse, defensiva.

— Talvez tenhas razão. — Ela acabou o arranjo e pousou a jarra na ilha. — Mais uma vez, obrigada pelas rosas. Adoro-as.

— De nada. — Entreguei-lhe um copo de vinho. — Também falei com o meu pai hoje.

Ela arregalou os olhos.

— Sim? O que é que ele disse?

— Disse que mandou redigir um documento para me nomear seu sucessor.

— Um brinde a isso. — Tocou com o copo no meu, deu um gole e pousou-o. — Queres fazer as sanduíches enquanto eu preparo um *antipasto*?

— Claro.

— O «gratinador» está pronto. Normalmente ponho as almôndegas com algumas fatias de *provolone* antes de…

— Eu sei fazer uma sanduíche, Bianca.

Ela sorriu.

— Faz como quiseres.

Trabalhando lado a lado, preparámos o jantar e sentámo-nos para comer.

— Disseste à tua família que era na sexta-feira? — perguntei.

Ela assentiu com a cabeça.

— A minha mãe chorou.

— A minha também. — Dei uma dentada na minha sanduíche, que estava deliciosa, como tudo o que ela fazia. — A propósito, a boda começa às seis.

— Ótimo — disse ela. — Onde é?

— No The Bulldog Pub. Alugámos a sala das traseiras.

Ela franziu o nariz.

— A minha festa de casamento é no Bulldog Pub?

— Ouve, princesa, tivemos de cobrar um favor para o conseguir, por isso não te queixes.

Ela suspirou.

— Está bem. Que seja no Bulldog. Preciso de decidir o que vou vestir.

— Eu também. — Dei mais uma dentada gigantesca. — Isto é bom à brava, a propósito.

— Obrigada. Acho que devias usar um fato preto.

— Está bem. E uma gravata de que cor?

Ela deu uma dentada e ponderou enquanto mastigava.

— Vermelha.

— Combinado.

— Acho que vou usar um vestido branco.

Encolhi os ombros.

— Por mim, tudo bem. Queres outro anel? Uma aliança de casamento, ou isso?

— Não — disse ela. — Um anel chega perfeitamente. Tu queres uma aliança?

Encolhi os ombros.

— Acho que era capaz de usar uma aliança.

— OK. Eu compro-te uma. E a comida?

— Falei com o proprietário do Bulldog. Estamos a decidir. Se quiseres tratar da ementa, estás à vontade.

Ela assentiu com a cabeça.

— Passo por lá amanhã. Vamos manter as coisas simples. Bar aberto?

— Deve ser mais fácil.

— Então, quem é que vai a essa festa? Convidaste alguém hoje?

— O Griffin. O Cole. O Beckett. A minha família. — Encolhi os ombros. — Disse à minha mãe que não queria tios nem primos. Ela reclamou que eles nunca mais lhe falavam.

Os olhos dela estavam arregalados ao pegar no copo de vinho.

— O que é que respondeste?

— Respondi «Não precisas de agradecer».

Ela desatou a rir e isso fez-me sentir demasiado bem.

*

Depois de enxaguarmos os pratos e os colocarmos na máquina, sentámo-nos com caneta e papel e tentámos elaborar os votos, mas nenhum de nós conseguia pensar em nada.

— Que raio! Até parece que não estamos apaixonados — brincou ela.

— Se calhar é melhor deixar o juiz fazer a conversa toda. — Recostei-me na cadeira e espreguicei-me. Ela abanou a cabeça e empurrou os óculos na cana do nariz.

— Não, gosto da ideia dos votos pessoais. Acho que tens razão acerca de ser mais autêntico.

— Se calhar, cada um de nós deve escrever os do outro — sugeri.

— Como assim?

— Tu arranjas um par de coisas que queres que eu diga, e eu faço o mesmo.

Um sorriso lento abriu-lhe os lábios.

— E temos de dizer o que o outro escreveu.

— Sim. Só não te estiques.

— Serão breves e doces — prometeu ela.

— Mas não demasiado doces. — De repente, tive medo daquele sorriso na cara dela. — Não me faças soar ridículo.

— Não farei — disse ela, rindo. — Só te farei soar apaixonado por mim. Podes fazer a mesma coisa. Vai ser divertido.

— Divertido?

— Oh, vá lá. — Bateu com a mão na minha perna. — E se este for o único casamento que um de nós terá? Não merecemos ouvir a nossa alma gémea dizer coisas simpáticas acerca de nós?

— Mas não será real. É inventado.

Ela encolheu os ombros.

— É o que temos.

Tentei pensar num argumento, mas não consegui.

Nessa noite, quando nos despedimos à porta, ela abraçou-me.

— Obrigada pelas flores. Gostei muito.

— Obrigado pelo jantar — disse eu, tentando esconder o meu choque pelo facto de ela querer aproximar-se de mim sem haver público presente.

— Sempre às ordens. — Ela soltou-me e recuou um passo. — Gosto de cozinhar para pessoas que gostam de comer. O meu ex tinha a mania da saúde, não comia hidratos de carbono, não consumia laticínios, não comia açúcar.

Fiz uma careta.

— De que lhe servia viver?

Ela riu-se.

— Pois é.

— Bem, boa noite.

— Boa noite.

Fui para o carro, liguei o motor e o aquecimento. Mas não me fui logo embora. Fiquei ali sentado, fitando o porto no escuro, questionando-me sobre o

estranho aperto no meu peito. Que raio era isto? Mudança de ideias? Culpa? Nervos? Na verdade, sentia uma estranha combinação de tudo isto. Respirei fundo, esperando que a tensão aliviasse, mas não aliviou.

Ainda sentia o cheiro dela.

*

Na noite seguinte, fui a casa do Cole e da Cheyenne para os ajudar a pintar a sala. A Cheyenne estava na cozinha a fazer o jantar com a filha do Cole, a Mariah, que tagarelava excitadamente acerca de um projeto de Ciências em que tivera um Muito Bom.

— Ainda fazem aquele projeto do vulcão? — perguntei, abanando a cabeça enquanto passava o rolo.

— Sim. E provoca um caos tão grande como no nosso tempo. — Ele relanceou-me. — Aposto que estarás a fazer o mesmo projeto daqui a dez anos.

Engoli em seco, concentrando-me na tinta na parede.

— Talvez.

— Que se passa?

— Nada. — Pigarreei e levei o rolo até ao tabuleiro. — Só muitas coisas a acontecerem esta semana.

O Cole riu-se.

— Não acredito. Vais casar daqui a dois dias. Tive de trocar o meu sábado de folga para comparecer.

— Desculpa.

— Ei, estava a brincar. Sabes que não me importo com as folgas. — Agora, o tom do Cole era preocupado. — Que se passa?

Encolhi os ombros, enchendo o rolo de tinta.

— Nada de especial. A Bianca disse uma coisa ontem que me deixou um pouco abalado.

— Não te deixes afetar. Vocês sabem exatamente como irritar-se um ao outro.

— Não é isso.

— Então é o quê? O que é que ela disse? — O Cole parou de pintar e olhou-me de frente.

— Estamos a escrever os votos um do outro… não perguntes, a ideia estúpida foi minha e estou arrependido. Só que, quando a avisei para não exagerar, ela disse algo como «E se este for o único casamento que um de nós terá? Não merecemos ouvir coisas bonitas acerca de nós?».

O Cole assentiu lentamente com a cabeça.

— OK.

— E isso deixou-me… triste, ou não sei o quê. Ela está a desperdiçar comigo a hipótese de ouvir alguém dizer porque é que quer passar o resto da vida com ela.

— Então diz coisas bonitas acerca dela.

Franzi a testa. Ele não estava a perceber.

— Mas não serão sinceras.

— E então? É isso que ela quer.

— Algo nisto não me parece certo — insisti obstinadamente.

O Cole desatou a rir.

— Moretti, tu vais casar com esta rapariga na sexta-feira à tarde. Não por a amares, mas para poderes herdar o negócio de família. E estás preocupado com os votos de três minutos?

— Quando pões as coisas assim, admito que parece estúpido — admiti.

— Não acho estúpido não quereres dizer coisas que não sentes, acho admirável. Mas, sendo realista, vocês estão a fingir esta relação. Sempre envolveu um certo grau de desonestidade, certo?

— Certo.

— E não estás a mentir à Bianca.

— Não. Somos abertos em relação a tudo. Sabemos exatamente no que nos estamos a meter. — Se bem que, ultimamente, eu não estivesse muito certo em relação a esta última parte. O terreno parecia um pouco menos firme sob os nossos pés.

— Então têm de confiar um no outro. Afinal, ela também escolheu isto. Escolheu-te para ter um *filho* contigo. — Baixou a voz, olhando por cima do ombro em direção à cozinha. — É uma coisa muito importante.

— Pois é. — Fiquei em silêncio por um momento, ainda olhando para o rolo pousado no tabuleiro da tinta. — Contaste à Cheyenne?

— Contei. Não lhe escondo coisas importantes. Espero que não te importes.

— Não me importo. — Engoli em seco. — Ela acha que é uma loucura?

— Sim. No entanto, está estranhamente feliz com a situação. — Ele riu-se, coçando a cabeça. — Mas acho que é só porque gosta de casamentos.

— Este deve ser interessante. — Fechei os olhos. — Não faço ideia do que a Bianca me vai obrigar a dizer acerca dela durante os votos.

O Cole riu-se.

— O que é que tu a vais obrigar a dizer acerca de ti?

— Não faço a menor ideia. — Abanando a cabeça, desatei a rir. — Mas não te preocupes. Farei com que seja bom.

Seis

Bianca

—É isso. É mesmo esse — disse a minha mãe, limpando os olhos, quando saí do provador da loja de noivas ao fim da tarde de quarta-feira.

— Mãe, disseste isso de todos os vestidos que ela experimentou até agora — comentou a minha irmã. Estavam sentadas ao lado uma da outra num canapé de veludo cor-de-rosa, enquanto eu me examinava no espelho triplo.

— Parece-me que gosto deste — disse eu, virando-me para ver as costas. Era de renda cor de marfim, pelo joelho e saia rodada, com um decote falso revelando um corpete em forma de coração, e mangas curtas de renda com pontas escadeadas. A cintura justa era realçada por uma fita de cetim, e a saia rodada de renda também tinha a bainha escadeada. Tinha um toque ligeiramente *vintage* que adorava — na verdade, recordava-me algo que Lucy Ricardo podia ter usado, o que me fez rir para mim mesma. O melhor de tudo era não ser demasiado caro nem demasiado comprido, o que era quase um milagre para a minha altura.

— É uma excelente escolha para uma noiva da sua altura — disse a vendedora, em cujo crachá se lia o nome Anita.

— Desculpem o atraso! — Blair Dempsey, uma amiga do meu clube de leitura que se tinha recentemente casado com o Griffin, um dos amigos do Enzo, entrou na loja a correr. Eu tinha-lhe pedido que viesse porque ela tinha um excelente gosto e eu queria a opinião de alguém que não fosse da família. Deteve-se quando me viu e tapou a boca com as mãos. — Oh, meu Deus.

— Que achas? — Virei-me para ela.

— Adoro. — Cruzou as mãos sobre o coração. — É querido, é elegante, é divertido, adequa-se à tua personalidade. — Assentiu com a cabeça. — É perfeito.

— Eu também gosto. — Virei-me novamente para o espelho. — Mas não é demasiado formal?

— De todo — respondeu a Blair com confiança.

— Querida, é o teu vestido de noiva — disse a minha mãe. — Tem de ser formal.

— Mas vou casar-me na Conservatória, mãe. E a festa é no Bulldog Pub. Vamos comer hambúrgueres e batatas fritas e beber vinho de caixa.

— E vai ser fantástico — disse a Blair, aproximando-se de mim. Examinou o meu reflexo no espelho. — Nem precisa de ser alterado, o que é um sinal seguro do universo.

— Nesse caso, acho que é este. — Sorri, sentindo-me triunfante. — Puxas-me o fecho?

— Espere, não vai sequer experimentar nenhum dos outros? — A Anita estava chocada. — Só vestiu três. A maioria das noivas experimenta pelo menos uma dúzia.

— Ela não é a maioria das noivas — disse a minha irmã com um risinho.

Fitei-a ameaçadoramente por cima do ombro.

— Mesmo assim. Tem a certeza? — A Anita estava preocupada, remexendo os dedos das mãos juntas.

— Tenho a certeza. O meu casamento é na sexta-feira, por isso não tenho propriamente muito tempo.

— Isso é verdade — admitiu ela. — E fica-lhe muito bem. Experimentamos um pequeno véu?

— Não — disse eu com firmeza. — Nada de véu.

— Um curto? — A Anita estalou os dedos. — Dê-me um minuto. Tenho uma coisa perfeita. Acabou de chegar.

Enquanto esperávamos, a Blair voltou a suspirar, pondo as palmas das mãos nas faces.

— O vestido é tão bonito, Bianca. O Enzo vai perder a cabeça quando te vir.

Ri-me.

— Obrigada. Nada me dá mais gosto do que fazer o Enzo perder a cabeça.

— É impressionante a forma como vocês se apaixonaram — disse ela, os olhos enternecidos e sonhadores. — Pensar que se conheceram durante quase toda a vida.

— Não é romântico e antiquado? — disse a minha mãe, levantando-se do canapé para se aproximar e brincar com o meu cabelo. Tinha outra vez lágrimas nos olhos.

— Deixa-te disso, mãe. — Afastei-lhe as mãos. As lágrimas dela faziam-me sentir mal. E, sinceramente, as palavras doces da Blair também. Ou talvez fosse apenas a sensação desanimadora de não estar a fazer um bom trabalho mantendo os meus sentimentos pelo Enzo no lugar certo.

— Este! — A Anita veio a correr para a área de provas com um véu brilhante com um *pouf* de renda francesa. Posicionou-se atrás de mim e colocou-o de um dos lados da minha cabeça, e tive de admitir que ficava perfeito com o vestido. — Chama-se um véu gaiola de pássaro — explicou a Anita. — É de estilo *vintage*, mas outra vez muito na moda.

— Oh, Bianca — disse a Blair. — Fica tão bonito com o teu cabelo ruivo.

— Que achas? — Virei-me para a minha irmã e, para meu desgosto, ela também estava de lágrimas nos olhos.

Depois assentiu com a cabeça.

— É perfeito, B.

Olhei novamente para o meu reflexo e respirei fundo, tentando manter-me controlada. Mas aquelas lágrimas todas estavam a tornar isso difícil — até a Ellie chorava, e ela *sabia* que aquilo era tudo a fingir.

Eu também sabia. Então, porque é que tinha um nó na garganta?

— Alguém alinha num copo de vinho depois disto? — perguntei. — Tenho de ir ao *pub* finalizar a ementa.

— Eu alinho — disse a Blair com entusiasmo. — Quero ouvir toda a história do pedido de casamento do princípio ao fim. O Griffin foi absolutamente inútil em relação aos detalhes.

— Gostava de poder, mas tenho de ir para casa alimentar o teu pai — disse a minha mãe.

A Ellie também declinou.

— Desculpa, também tenho de ir para casa.

Depois de ter vestido a minha roupa normal e de me ter despedido da minha mãe e irmã, comprei o vestido e o véu com a Blair a olhar nostalgicamente.

— Quem me dera poder casar outra vez — disse ela.

— Na Conservatória? Com o copo d'água no Bulldog? — brinquei, tentando manter a disposição leve.

— Sim! Não me importava. Não me interpretes mal, adorei o meu casamento em Cloverleigh Farms, mas não importa o local, Bianca. — Deu-me o braço enquanto nos dirigíamos para a rua. — A única coisa que importará é ouvires o Enzo prometer amar-te, honrar-te e estimar-te para o resto da tua vida. E fazeres a mesma promessa logo a seguir.

Mordi o lábio.

— Pois.

Quando chegámos ao meu carro, pousei cuidadosamente o vestido no banco traseiro e coloquei a caixa com o véu no banco do passageiro. Depois de pôr mais algumas moedas no parquímetro, fomos para o *pub*.

Lá dentro, sentámo-nos no bar e pedimos dois copos de vinho. Concluímos a

seleção da ementa com o gerente e o *chef* — eu e o Enzo achámos que era melhor adotar completamente a temática do *pub*, por isso os aperitivos incluíam picles fritos e *sticks* de *mozzarella*, as entradas eram hambúrgueres e *fish & chips*, e quando supliquei por algum género de vegetal o gerente coçou a cabeça e garantiu que podia fazer umas deliciosas couves-de-bruxelas estaladiças.

— Aceito — disse. — Está feito.

Os outros pormenores também estavam resolvidos. A Blair, que era dona de uma pastelaria, faria o bolo de noiva. Usaríamos a *jukebox* antiga para ter música. A namorada da Ellie, a Sierra, era fotógrafa e oferecera-se para tirar as fotografias como presente de casamento. E o Griffin, que tinha uma carrinha *Chevy* de 1955, oferecera-se para me ir buscar e levar em grande estilo à Conservatória.

Não podia ter pedido mais à nossa família e amigos — mas tudo isto se acrescentava ao vazio no meu estômago.

Quando todos os detalhes do *catering* foram finalizados e ficámos sozinhas, a Blair pegou no seu copo de vinho e tocou no meu.

— Tchim-tchim! Estou tão feliz por ti, querida. Não te censuro nem um bocadinho por não quereres esperar para casar. Quando sabemos, sabemos. Agora mostra-me esse anel.

Estendi a mão e ela arquejou ao ver o diamante no meu dedo.

— Oh, Bianca — disse ela sem fôlego. — É lindo. A pedra é grande, mas não ostensiva, é uma colocação clássica e o ouro amarelo está outra vez muito na moda.

Não aguentei mais.

— Não é verdadeiro — disparei.

— O quê? — A Blair pestanejou para mim. — Queres dizer que é um diamante falso?

— É um noivado falso.

— Não compreendo. Não vais mesmo casar?

— Não, vamos casar. Essa parte é verdadeira. E, tanto quanto sei, o diamante também. — Respirei fundo. — Mas tudo o resto é falso.

— Mas… Não compreendo.

— Bebe um pouco de vinho — disse eu, pegando no meu copo para dar um gole. — Bem vais precisar, para escutares esta história.

E ela bebeu. Enquanto lhe explicava a situação, salientando quais eram as razões para nos casarmos e o que cada um de nós ganharia com isso, a Blair não só terminou o seu primeiro copo de vinho como bebeu metade do segundo. Quase caiu do banco quando lhe mostrei a gravação do anel.

— Então não estão apaixonados?

Ela parecia tão destroçada que tive de me rir.

— Não, não estamos. — Voltei a enfiar o anel no dedo. — Acho que agora talvez já gostemos um pouco mais um do outro, mas, decididamente, não estamos apaixonados.

Ela suspirou tristemente.

— Isso é tão deprimente.

— Não é — disse eu, tentando animá-la e ao mesmo tempo controlar as minhas emoções. — Estamos a fazer isto um pelo outro. No final, vamos obter exatamente o que queremos. Ninguém se vai magoar.

— Mas *eu estou* magoada. — Ela parecia infelicíssima, depois animou-se. — Talvez se apaixonem a sério depois de se casarem!

— Santo Deus, espero que não — disse eu, fazendo uma careta.

— Porquê?

— Este plano funciona especificamente por não estarmos apaixonados. A fase três será um desastre se um de nós tiver sentimentos verdadeiros. — *Um enorme incêndio devastador no sítio onde costumava estar o meu coração.*

— Fase três?

— O plano tem três fases — disse eu, sentando-me mais direita e tomando um gole de vinho. Tinha falado tanto que ainda ia no primeiro copo. — Neste momento estamos na fase um: noivado e celebração do casamento. O casamento e engravidar é a fase dois. A separação é a fase três.

— Mas caso se apaixonem não vão precisar de se separar — disse ela com vivacidade.

Abanei a cabeça.

— Não vamos apaixonar-nos, Blair. Nós não somos como tu e o Griffin. Isto é um acordo comercial.

— Mas talvez…

— Não — disse eu com mais veemência do que pretendia. — Acho que não compreendes, eu não quero apaixonar-me pelo Enzo. Estive apaixonada por alguém em Chicago por cinco anos e foi tóxico e terrível e destroçou-me. Levei muito tempo a sentir-me outra vez inteira, e agora que o consegui, não tenciono dar a ninguém esse género de poder sobre mim, especialmente ao Enzo Moretti.

Ela assentiu com a cabeça e disse, algo hesitante:

— Lamento muito a tua má experiência. Não sabia.

— Não falo muito acerca disso. E agora já não importa. — Suavizei a voz. — Desculpa ter ficado irritada. Não adoro discutir o meu passado romântico. Mas não voltarei a ser magoada assim. Porque percebi que não preciso de um homem para aquilo que realmente quero, que é ser mãe. Criar um filho. Não há nada entre mim e o Enzo exceto alguma hostilidade e um contrato que, a

propósito, acabei de violar ao contar-te a verdade.

— Eu sou um túmulo — disse ela. — Nem sequer conto ao Griff, se não quiseres.

Mordi o lábio.

— Detesto pedir-te que guardes um segredo do teu marido.

— Neste caso em particular, acho que ele não ia querer saber a verdade. Por isso, estamos bem.

— Obrigada. — Terminei o vinho, pousei o copo e fiz-lhe a pergunta cuja resposta não tinha a certeza de querer. — Achas que é um erro?

Ela suspirou e fez girar o vinho dentro do copo.

— Não sei. A minha reação instintiva foi de choque, mas, honestamente, acho que as pessoas já se casaram por razões piores. Pelo menos vocês estão a ser totalmente honestos um com o outro.

— Estamos.

— Nesse caso, quem sou eu para julgar? — Ergueu os ombros. — Acho que as mulheres, por vezes, têm de ser arrojadas para conseguirem o que querem. Ser aventureiras. Pensar fora da caixa. Eu sei que tive de o ser. E não foi fácil para mim, porque fui educada para fazer o que me mandavam, o que se esperava de mim. Em vez disso, fiz as coisas à minha maneira e olha para mim agora.

— Estou a olhar — disse eu calorosamente. — E sempre admirei o teu espírito independente. Um dia, espero também sentir-me assim, espero poder olhar para trás sem remorsos do dia em que me tornei a Sra. Enzo Moretti.

— Desculpa — disse uma voz atrás do balcão do bar. — Disseste Sra. Enzo Moretti?

Levantei o olhar e vi uma mulher muito bonita e muito jovem, com cabelo preto e liso e impecavelmente maquilhada. Instintivamente, soube que tinha de ser a Reina, a namorada que o Enzo pedira em casamento na noite em que engendrámos o nosso plano. Tinha de pensar depressa.

— Sim. — Lancei-lhe um grande sorriso. — Deves ser a Reina. Ouvi falar muito de ti. Sou a Bianca.

Ela parecia totalmente confusa.

— Então tu és… és… casaste com ele?

Ri-me.

— Ainda não. Vamos dar o nó esta sexta-feira.

Os olhos dela quase lhe saltavam da cara.

— Esta sexta-feira?

— Sim. Eu sei que parece rápido. Só voltámos a juntar-nos depois de vocês se terem separado. Mas há alguns anos estivemos profundamente apaixonados. Namorados da escola secundária, na verdade. Só nos separámos quando eu fui

para a faculdade. Quando reatámos, foi como se o tempo não tivesse passado. — Estalei os dedos. — A chama reacendeu-se imediatamente.

— Ele também queria casar comigo — disse ela, parecendo aborrecida por o Enzo ter avançado tão rapidamente, e quem era eu para a censurar. Olhou para a minha mão. — Na verdade, fez o pedido com o mesmo anel.

— Bem, graças a Deus tu não reconheces uma coisa boa quando a vês, ou eu não iria casar com o amor da minha vida daqui a dois dias, não é? — Atirei a cabeça para trás e ri-me. — Bem, tenho de ir para casa. Ele tem o jantar pronto e eu estou esfomeada. Se bem que ele é tão depravado que provavelmente nem me deixa comer antes de me arrancar a roupa.

— O Enzo arranca-te a roupa? — perguntou a Reina, cruzando os braços diante do peito.

— Constantemente. O homem é insaciável. — Segundo o Enzo, a Reina achava estranho ele não estar interessado nela sexualmente, por isso, não resisti a torturá-la um bocadinho. Se ela não fosse tão deslumbrante, eu podia ter-me sentido mal, mas a rapariga era nota 10, talvez mesmo 11. O Enzo era maluco. — Podes trazer a nossa conta, por favor?

— Eu pago, Bianca. — Tentando manter uma expressão séria, a Blair tirou um cartão de crédito da carteira. — Vai para casa, para o teu noivo insaciável.

— Obrigada, Blair. — Beijei-lhe a bochecha. — Falo contigo mais tarde. Adorei conhecer-te, Reina! Talvez nos vejamos aqui na sexta-feira à noite.

— Não estou a trabalhar na sexta-feira à noite.

— Que pena! Bem, se calhar vemo-nos por aí. — E saí para evitar males maiores.

Mas ri-me durante todo o caminho para casa.

*

Nessa noite, deitei-me na cama e mandei uma mensagem ao Enzo.

Eu: Encontrei-me com a tua ex hoje.

Ele telefonou-me imediatamente.

— Que raio? Referes-te à Reina?

— Sim. — Sorrindo, recostei-me nas almofadas. — A miúda é giríssima. Explica-me lá outra vez porque é que não quiseste dormir com ela.

— Não quis e pronto. O que é que ela disse?

— Bem, ela ouviu-me falar acerca do casamento e ficou confusa, visto que lhe tinhas feito o pedido recentemente. — O Enzo gemeu. — Não te preocupes, resolvi tudo. Disse-lhe que tínhamos sido namorados na escola secundária,

calculo que ela usasse fraldas nessa altura, e agradeci a Deus ela ter rejeitado o teu pedido, porque isso abriu a porta para o nosso reencontro mágico e agora tudo está como deve ser.

— E ela acreditou?

— Tanto quanto sei, sim. Tenho a certeza de que estava demasiado ocupada a ficar ofendida por nunca lhe teres tocado mas não conseguires tirar as mãos de cima de mim.

— Que raio? Disseste-lhe isso?

— Disse — confirmei, rindo. — E foi muito divertido.

Para minha surpresa, ele também começou a rir.

— Aposto que ela ficou lixada.

— Acho que perplexa é um termo mais correto. Podia ver as rodinhas a girar, como se tentasse perceber o que é que eu tenho que ela não tem.

— Ah.

— A sério, Enzo. A miúda é deslumbrante. Porque é que não quiseste dormir com ela?

— Não sei. — Ele parecia um pouco defensivo. — Ela, simplesmente, não me dizia nada.

— Oh. — Não pude deixar de ficar satisfeita.

— Ou talvez eu estivesse demasiado preocupado para pensar em sexo, sem saber como fazer o meu pai mudar de ideias.

— Problema resolvido — disse eu triunfalmente.

— Não propriamente. Só troquei um problema por outro.

— Como assim?

— Bem, vou reunir-me com o meu pai e o advogado dele amanhã para assinar os documentos da transferência da maioria da propriedade da Moretti & Filhos, mas vou ser celibatário durante pelo menos um ano.

— Oh, esse problema. — Puxei uma almofada para cima da barriga e brinquei com as franjas. — Bem, pelo menos é um problema que partilharemos.

— Tu vais ao menos sentir a falta?

— De sexo?

— Não é disso que estamos a falar?

A minha pele aqueceu sob os cobertores. Tive de pôr uma perna de fora para arrefecer.

— Sim, mas tenho esperança de engravidar em breve.

— O que é que isso tem que ver?

— O meu corpo estará… entretido com outra coisa — disse. — Estarei demasiado ocupada a criar um humano para me preocupar com a satisfação de necessidades egoístas.

— É mesmo isso que pensas? Que o sexo é uma necessidade egoísta?

— Não achas que há algo de egoísta na gratificação sexual?

— Não. Porque garanto sempre que quem está comigo seja beneficiada, em toda a plenitude, antes de pensar em mim.

Pus a outra perna de fora.

— Oh.

— O sexo não é egoísta, Bianca. Há pessoas que são egoístas. E parece que tu só estiveste com pessoas egoístas.

— Não foram assim tantos — disse eu. Só tinha estado com dois rapazes antes do Tate, e nenhuma experiência me encantara. O Tate encantara-me ao princípio, mas talvez eu fosse jovem e inexperiente. Além disso, após algum tempo, parecia que eu já não o excitava tanto, e deve ter sido por isso que ele procurou excitação noutro sítio.

— Não importa. Não sou ninguém para julgar os outros pelo seu comportamento sexual. Não, retiro o que disse. Julgo aqueles sacanas com quem estiveste e te fizeram pensar que o sexo era um ato egoísta.

— Talvez seja a minha velha culpa católica a falar — disse eu com um suspiro. — Quando se passa tantos anos a ser ensinada por freiras, cresces a associar o sexo fora do casamento, ou mesmo a ideia de retirar prazer dele, com o pecado e a vergonha. Levei algum tempo para desaprender essas coisas e estar à vontade para me divertir.

— Claramente, eu não frequentei escolas católicas.

— Bem, acho que é algo que enfatizam mais às raparigas. Eu pensava que podia engravidar se me deitasse na cama ao lado de um homem, mesmo que estivesse completamente vestida.

— Credo. Não vamos mandar o nosso filho para escolas católicas, pois não?

A pergunta apanhou-me de surpresa.

— Não sei. Ainda não pensei tão à frente.

— Sim, acho que não precisamos de nos preocupar com isso agora.

— Precisamos de nos preocupar com quando vou viver contigo. As pessoas vão achar estranho casarmos e eu ainda viver aqui sozinha.

— Certo.

— O JJ está preparadíssimo para se mudar para cá. Os meus pais adoram a ideia, porque estão fartos de que ele viva lá em casa. Até se ofereceram para pagar metade da renda. Se ele se deixasse das estúpidas viagens a Vegas e das apostas desportivas, podia pagar a sua própria casa.

O Enzo riu-se.

— Pois, alguns tipos são assim. OK, então porque é que não fazemos a tua mudança no sábado?

Um arrepio subiu-me pela espinha e voltei a puxar os cobertores por cima de mim.

— Nessa altura, seremos casados.

— Tens razão. Seremos.

Silêncio, durante o qual ambos imaginámos a situação. Partilharíamos uma cama? A ideia — escandalosa mas empolgante — acelerou a minha respiração. Como se me lesse a mente, o Enzo voltou a falar.

— Podes ter um quarto para ti aqui. Vou limpar o quarto de hóspedes.

Tentei não me sentir desiludida.

Claro que teríamos quartos separados.

— Isso não é um problema?

— Claro que não. Não tenho muitos hóspedes. Precisas de um escritório?

— Posso passar sem um escritório em casa — disse.

— Achas que alugue uma carrinha, ou podemos trazer tudo nos carros?

— Acho que não vamos precisar de uma carrinha. Serão sobretudo roupas e livros. Vou deixar a minha mobília e o equipamento de cozinha para o JJ.

— Ótimo. Então, sábado.

— Sábado. — Pensei por um momento. — Que vamos fazer em relação à… hum… noite de núpcias?

— Ah, pois. Isso. — O Enzo suspirou. — É melhor planeares ficar aqui essa noite. Não quero que as pessoas me vejam a deixar-te em tua casa.

— Certo. Está bem. Arranjo um saco de viagem.

— Parece-me bem.

Outro silêncio, mas não foi desconfortável. Percebi que ainda não queria desligar.

— Então, escreveste os meus votos?

— Trabalhei um bocadinho neles — disse ele. — E tu?

— Escrevi algumas coisas. — Depois ri-me. — Estou ansiosa por te ouvir dizer-mos.

Ele gemeu.

— Por favor, lembra-te que os meus amigos vão lá estar. Não ataques a minha virilidade.

— Jamais me passaria pela cabeça fazê-lo. — A referência aos amigos lembrou-me de algo que eu tinha feito esta noite, e senti-me compelida a confessar. — Mas tenho de te dizer uma coisa.

— O quê?

Respirei fundo.

— Quebrei uma das cláusulas.

— Deixa-me adivinhar. Contaste a outra pessoa.

— Desculpa — disse eu, sentando-me mais direita na cama. — Saiu-me.

Ele resmungou.

— A quem foi?

— À Blair.

— Oh. — Na verdade, ele não parecia muito aborrecido. — Ela vai contar ao Griffin?

— Ela disse que não contava nada. Disse que provavelmente ele preferia não saber.

— Pois. Compreendo isso.

— Mas peço desculpa. Se quiseres contar a outra pessoa para ficarmos quites, podes.

— Não, esquece. Quanto menos pessoas souberem que isto é a fingir, melhor.

Puxei um fio solto do meu edredão.

— Está bem.

— E o Cole disse-me que a Cheyenne sabe. Por isso, estamos quites, acho eu.

— A Cheyenne sabe? O que é que ela acha?

— Ela tem uma mente retorcida. Acha que é romântico, como quando duas pessoas se casam para que uma possa ficar no país.

— Acho que é semelhante — disse, a rir-me.

O Enzo bocejou e gemeu como se estivesse a espreguiçar-se, e eu imaginei-o — músculos a esticar o tecido da roupa. A não ser que ele já estivesse nu e na cama. A minha respiração ficou presa e cruzei as pernas, apertando as coxas. Os meus mamilos vibravam.

— Bem, acho que vou dormir — disse ele. — Boa noite, Lucy.

— Boa noite, Ricky. — Sorri.

Terminei a chamada, pus o despertador, coloquei o telefone no carregador e os meus óculos ao lado, na mesa de cabeceira. Desliguei a luz e fiquei deitada de costas no escuro, os cobertores puxados até às axilas, desejando que a vibração sob a minha pele desaparecesse.

Por muito que odiasse admiti-lo, a voz do Enzo tinha o poder de me excitar. A cara dele também. E o corpo. Aqueles músculos esguios e esculpidos. Alguma vez o veria nu? Tipo, eu entrava e apanhava-o a mudar de roupa? A preparar-se para se deitar? Espreitaria acidentalmente quando ele estava no duche? E se ele estivesse… a brincar consigo mesmo ali? Não era onde os homens se masturbavam mais? Numa tentativa de ser mais *sexy*, uma vez tentara surpreender o Tate no duche, mas ele apenas ficara irritado com a invasão da sua privacidade, e a atmosfera que eu desejava criar ficara totalmente arruinada. Eu

tinha pedido desculpa, pegara numa toalha e retirara-me.

Algo me dizia que, com o Enzo, as coisas correriam de forma diferente.

Repreendi-me imediatamente por sequer pensar nisso. Eu não tinha provas de que o Enzo me desejava daquela forma. E não era melhor que não desejasse?

Os parceiros de negócios não deviam envolver-se sexualmente, e nós não éramos mais do que isso.

Ainda assim, adormeci com as palavras *beneficiada em toda a plenitude* a disparar na minha mente como fogos de artifício.

*

Acordei cedo no dia do meu casamento.

Assim que me sentei, olhei para a porta do armário onde o meu vestido de noiva estava pendurado. No chão estavam a minhas sandálias de cetim num tom maravilhoso de malagueta, um pouco mais escuro do que o ruivo do meu cabelo. Tinha ido ao salão de beleza no dia anterior para um corte e um reforço da cor, manicure e pedicure, depilação das sobrancelhas e extensões de pestanas. A Blair e a minha irmã também me tinham convencido a fazer outras depilações estratégicas, não se desse o caso, e, embora o tivesse feito, garanti-lhes que mais ninguém apreciaria isso além de mim.

— Então fá-lo por ti — disse a Blair. — Nem tudo tem de ser por um homem. Mima-te!

— Concordo absolutamente — disse eu, embora depilar as virilhas a cera não fosse propriamente a minha ideia de mimo.

Mas tinha-o feito.

Ao lado das sandálias estava o saco que eu tinha começado a preparar na noite anterior para dormir em casa do Enzo. Nada demasiado excitante, apenas um pijama de flanela com que não me sentiria embaraçada a andar por ali, calças de ganga e uma camisola, meias e ténis. Depois de terminar de me arranjar guardaria lá também o meu estojo de maquilhagem e uma escova de cabelo.

Aos pés da cama estavam caixas cheias de roupa e outros artigos pessoais, prontos para a mudança para casa do Enzo. Tinha embalado os pertences do meu quarto, escritório e casa de banho durante os últimos dois dias. O JJ estava entusiasmadíssimo com a sua sorte, e os meus pais não paravam de me agradecer por lhes fazer uma renda acessível. Só esperava que o apartamento não estivesse em ruínas quando eu tivesse de voltar.

Peguei nos meus óculos, que estavam na mesa de cabeceira, pu-los e passei uma mão pelo cabelo. O meu telemóvel vibrou com uma mensagem, e olhei para

o ecrã.

Blair: FELIZ DIA DE CASAMENTO!!!!!!

Sorrindo, peguei no telemóvel e respondi.

Eu: Obrigada.

Blair: Como te sentes?

Eu: Bem, acho.

Blair: Achas? Vá lá, é o dia do teu casamento! Põe-te feliz!

Eu: Blair, é a fingir.

Blair: LALALALALALA não estou a ouvir! Continua a ser o dia do teu casamento e estou aí não tarda para te ajudar a ficar MARAVILHOSA.

Eu: És a maior. Obrigada.

Eu desistira de tentar convencê-la de que este alarido todo era desnecessário — ela recusava-se a ouvir e tratava isto como um casamento verdadeiro. A Ellie fazia o mesmo. Ia buscar as nossas flores e trazê-las juntamente com o almoço ao meio-dia.

Às quatro, o Griffin viria buscar-nos, a mim e à Blair. A Ellie ia com os meus pais, o meu irmão e avó Vinnie. Os pais do Enzo, assim como os irmãos e os sobrinhos também estariam ali. Nem ele nem eu queríamos uma multidão na cerimónia, mas tentem dizer isso a duas famílias italianas. Para não falar dos pais dos melhores amigos do Enzo, que o conheciam há tanto tempo que era como se fosse mais um filho. Aquela sala da Conservatória estaria à pinha.

Parecia tudo um pouco fora de controlo, mas eu decidira simplesmente alinhar. Fazia-me sentir bem, o facto de tantas pessoas quererem celebrar connosco — significava que éramos amados.

Embora não um pelo outro.

Abanando a cabeça, tirei as pernas da cama e pus os meus pés perfeitamente arranjados no chão. Examinando as unhas pintadas de vermelho-rubi, sorri. Era o dia do meu casamento e se fosse o único que algum dia ia ter, tencionava desfrutar dele.

Fui à cozinha, fiz um café e sentei-me num banco da ilha com os votos que tinha escrito para o Enzo. Sorrindo, bebi o café e reli-os, pegando numa caneta para emendar coisas aqui e ali. Quando terminei a segunda chávena de café, estava satisfeita.

Revendo-os uma última vez antes de os passar a computador, desatei a rir incontrolavelmente. O Enzo ia provavelmente asfixiar-me com uma almofada esta noite enquanto eu dormisse, mas pelo menos ouvi-lo-ia dizer estas coisas ridículas.

Valia a pena.

Sete

Enzo

Refiz o nó da gravata pela quinta vez e mirei-me no espelho de corpo inteiro na parede do meu quarto. Franzindo a testa, alisei a gravata carmim sobre o peito e peguei no casaco do fato, que repousava em cima da cama.

Vesti-o, abotoei o primeiro botão e ajustei os punhos. Sacudi uma partícula de pó da lapela. Endireitei o colarinho. Virando-me para cá e para lá, examinei o meu reflexo de todos os ângulos. Relanceei os sapatos para me certificar de que estavam lustrosos. Aproximei-me mais do espelho para inspecionar o rosto, se não tinha demasiados pelos no queixo, se as sobrancelhas não estavam despenteadas e os lábios não estavam secos. Passando uma mão sobre o cabelo, receei ter usado demasiado produto — normalmente não me preocupava com isso, mas hoje sentia-me um bocado fora da minha zona de conforto.

Satisfeito, dei um passo atrás.

Junto da cómoda, terminei a *toilette* com o meu relógio de cerimónia, um clássico lenço de bolso branco e um pouco de colónia. Depois virei-me e examinei o quarto, confirmando mais uma vez se estaria à altura do olho crítico de uma mulher. Porquê, não sei. A Bianca não ia vê-lo. Tinha passado horas no dia anterior a limpar o quarto de hóspedes para ela. Esvaziara as gavetas da cómoda e guardara as minhas coisas de verão em caixas no sótão. Tinha mudado os lençóis. A minha empregada tinha vindo na quarta-feira, por isso estava tudo limpo e aspirado, mas mesmo assim passei um pano na mobília. Depois saí para comprar rosas brancas e pu-las numa jarra de prata na mesa de cabeceira.

Era um exagero, mas depois daqueles votos que a faria ler, ela provavelmente fechar-se-ia ali e gritar-me-ia através da porta fechada como a minha mãe fazia com o meu pai há trinta e seis anos.

A ideia acabou por me fazer sorrir. Talvez não tivéssemos sexo na nossa noite de núpcias, mas provavelmente teríamos uma boa e ruidosa briga.

No que dizia respeito à Bianca, era a segunda melhor coisa.

Um segundo lugar distante, mas logo a seguir ao primeiro.

*

Às duas da tarde, o Cole, o Griffin e o Beckett vieram a minha casa para me chatearem e beberem uns *shots* de *whisky*. Não houvera despedida de solteiro por falta de tempo, logo, isto teria de bastar.

O Beckett foi o primeiro a chegar, com um fato azul-escuro e um saco de papel de onde tirou uma garrafa de *bourbon* da Destilaria Journeyman.

— Como te sentes? — perguntou ele.

— Bem. Sentir-me-ei melhor depois de alguns tragos disso.

Fui buscar quatro copos e pousei-os no tampo de pedra preta da ilha. Se a Bianca nunca tivesse estado em minha casa, eu poderia preocupar-me com a possibilidade de ela achar o meu gosto para decoração de interiores demasiado masculino — eu gostava de neutros escuros, metais, cabedal e linhas simples, ao contrário da preferência dela por cores quentes, armários brancos e texturas macias e femininas. Mas ela estivera aqui algumas vezes no último mês e acenara com aprovação às minhas escolhas, apesar de as achar um pouco «monocromáticas e um pouco frias». Provavelmente traria uma mala de viagem cheia de almofadas e mantas fofas e ia começar a cobrir todas as superfícies com elas.

O Cole foi o próximo a chegar, usando preto como eu, embora a sua gravata fosse azul.

— Merda — disse ele. — Devia usar uma vermelha?

Abanei a cabeça e dei-lhe um *whisky*.

— Não há *dress code*. Estás bem assim.

O Griffin chegou um minuto depois, usando um fato cinzento-escuro sem gravata.

— Estou bem assim? — perguntou. — Não tinha a certeza se precisava de ser muito formal e a Blair não estava em casa para lhe perguntar.

— Estás bem — assegurei-lhe. — Na verdade, não é uma ocasião formal.

— Mas é o teu casamento — disse o Beckett. — É uma coisa muito importante.

— Sem dúvida. — O Griffin bebeu o copo de *whisky* que ninguém reclamara. — Ainda estou a tentar perceber isso. Tens a certeza de que não a engravidaste?

Todos se riram, e os músculos do meu estômago contraíram-se. De repente, percebi o estado de espírito da Bianca quando revelara a verdade à Blair. Eu não tinha o hábito de esconder coisas dos meus amigos, e estes tipos tinham estado aqui para mim nos últimos vinte anos. Tínhamo-nos conhecido no ciclo e éramos

como irmãos desde então.

— Cum caraças, Moretti. Estava a brincar. — O Griffin sorriu-me. — Anima-te. A vida de casado não é assim tão má.

— Não é isso — disse eu, preocupado por a confissão estar na ponta da minha língua. Cerrei os lábios, um dique contra a confissão que me subia na garganta.

O Beckett ergueu o copo.

— Vamos brindar — disse. — Ao facto de o Moretti ter finalmente encontrado a sua cara-metade.

Emborcámos os *shots* e pousámos os copos.

— É a fingir — disparei.

Os meus amigos olharam-me.

— Hã? — Os olhos azuis do Griffin semicerraram-se.

— A fingir? — O Beckett baixou os olhos para a garrafa de *whisky*, suspeitando ter comprado uma bebida contrafeita.

Os olhos do Cole estavam firmes sobre mim, mas não disse nada.

— Este casamento. Esta relação. Eu e a Bianca. Isto tudo é só uma representação.

— O quê? Porquê? — perguntou o Griffin.

O Beckett foi o primeiro a compreender.

— O teu pai — disse ele. — A empresa.

Assenti com a cabeça.

— Merda — disse o Griffin. — A sério? Vais casar com ela para ficar com a empresa?

O meu peito inchou um pouco.

— Tem de ser. Para mim, vale a pena.

— *Ela* sabe que é a fingir?

Mais uma vez, assenti com a cabeça.

— A ideia foi dela.

— O quê? — O queixo quadrado do Beckett descaiu. — Porque é que ela havia de…

— Porque quer um bebé.

O Cole pegou na garrafa de *whisky* e serviu uma segunda rodada de *shots*.

— Que caraças — disse o Griffin, abanando a cabeça. — Então está grávida.

— Não, não está. Ainda não, pelo menos. Mas vamos tentar assim que nos casarmos.

Não me apetecia entrar em detalhes. Deixei as coisas assim.

O Beckett pegou no segundo *shot* e bebeu-o. Todos o imitámos. Quando os copos vazios estavam outra vez sobre a mesa, fez-se silêncio. Obviamente,

ninguém sabia o que dizer.

— Desculpem, malta. Queria dizer-vos a todos desde o princípio, que foi há cerca de um mês, mas eu e a Bianca prometemos um ao outro guardar segredo. Como podem imaginar, não é algo que queiramos que se saiba. Especialmente pelos nossos pais. Eu só podia contar a uma pessoa, e tirei o nome do Cole à sorte.

— Estou contente por teres dito a toda a gente — disse o Cole, parecendo aliviado. — E se é isto que queres, nós apoiamos-te.

— Claro que sim. — O Griffin recuperara alguma da sua habitual impassibilidade. — Desculpa ter ficado um pouco abalado.

— Está tudo bem — disse-lhe eu. — Eu sei que é uma loucura. Mas ambos concordámos, para conseguir aquilo que queremos. E eu sempre quis ser pai. Essa parte é bastante verdadeira.

— E o casamento vai ser verdadeiro? — perguntou o Beckett.

— Sim. É mais um acordo de negócios do que outra coisa, pois somos apenas amigos, mas vamos mesmo casar-nos.

Era a primeira vez que eu me referia à Bianca como minha amiga. Na verdade, sabia-me bem.

— Pronto, então. — O Beckett serviu mais uma rodada de *shots* e pegou no copo. — À amizade.

O Cole ergueu o seu *shot*.

— E à paternidade.

O Griffin ergueu o seu copo.

— E que se danem os Mavs.

— Que se danem os Mavs — entoámos todos em coro, e o meu coração sentiu-se livre. Respirei mais facilmente. Por cerca de uma hora.

*

Por volta das quatro dessa tarde, perfilei-me no passeio em frente da Conservatória à espera. Contudo, mal a velha *pick-up* vermelha do Griffin estacionou, com a Bianca no banco do passageiro, voltei a sentir o torno a apertar-me os pulmões. Era difícil ver pela janela, mas mesmo assim a minha pulsação acelerou.

Dirigi-me à carrinha e abri a porta, e, quando ela me sorriu, a pulsação entrou num verdadeiro galope.

Ela estava *deslumbrante*.

Num completo estupor, ofereci-lhe a mão para a ajudar a descer e ela pôs a

palma na minha antes de cuidadosamente tentar colocar o salto alto vermelho no degrau… mas a perna era curta.

Olhou para mim.

— Hum, lembras-te de quando disseste que me ajudarias a chegar a coisas que eu não conseguisse alcançar? E quando essa coisa for o chão?

Sorrindo, pus a mão em torno da sua cintura minúscula e tirei-a da carrinha, pondo-a gentilmente de pé.

— Que tal?

Ela riu-se e fez-me uma pequena vénia.

— Muito obrigada, gentil senhor.

Deixei os meus olhos varrerem-na da cabeça aos pés, parando brevemente nos lábios rubi. Por baixo do fato, fiquei em pele de galinha.

— Estás linda, Bianca. Falo a sério.

— Obrigada. Estás muito elegante.

— Obrigado. — Ofereci-lhe o cotovelo. — Vamos casar-nos?

Ela riu-se.

— Vamos.

Toda a gente que se reunira em frente da Conservatória — a maior parte da nossa família e amigos chegados, mas também alguns estranhos de passagem — aplaudiu e deu vivas enquanto subíamos os degraus. Abri a porta de vidro para a Bianca e segui-a para dentro. A sala de cerimónias ficava no piso de cima.

— Temos alguns minutos — disse ela. — Achas que devemos ensaiar os votos?

Tentei falar, mas as palavras não saíram. A cara dela estava a desfazer-me. Teria feito alguma coisa diferente com a maquilhagem dos olhos? É que os olhos dela pareciam tão doces, puros e azuis. Como é que eu nunca reparara nas sardas minúsculas no seu nariz? Ou na forma como uma sobrancelha arqueava um pouco mais do que a outra? E aqueles lábios — quase combinavam com a cor do cetim das suas sandálias. Pareciam macios e deliciosos, como uma cereja madura. A que saberiam? Tínhamo-nos beijado um par de vezes para os outros verem, mas nunca com a língua.

Agora eu queria pôr a minha língua dentro da boca dela. Estaria maluco?

— Enzo?

Oh, merda. Ela tinha feito uma pergunta acerca dos votos, não era?

— Hum. É melhor não ensaiarmos. Acho que vai ser mais divertido surpreendermos o outro.

— Está bem. — Ela relanceou o átrio. — Arranjamos um sítio para esperarmos? Para podermos fazer uma entrada mais grandiosa lá em cima?

— Está bem. — Recompondo-me, peguei-lhe na mão. — Anda.

As nossas opções eram limitadas, visto aquele ser um edifício público, não um espaço de casamentos, e a maior parte dos escritórios estarem ocupados. Mas ao fundo do corredor havia uma arrecadação sob o vão de escada e enfiámo-nos lá.

Quando voltámos a ficar face a face, tirei uma caixinha do bolso do casaco.

— Tenho uma coisa para ti.

O lábio inferior dela descaiu.

— Enzo! Não tenho nada para ti!

— Abre.

— Segura aqui, por favor. — Franzindo a testa, ela entregou-me o ramo de rosas brancas.

Peguei nas flores e entreguei-lhe a pequena caixa de pele, que era nova, ao contrário da joia que continha. Ela abriu a tampa e arquejou ao ver os pequenos brincos de diamantes brilhando no veludo branco. O seu rosto iluminou-se.

— Oh, Enzo, são lindos!

— Eram da minha mãe — disse eu. — Foram oferta do meu pai no dia do casamento. Antes disso eram da mãe dele, um presente do seu pai, o Enzo original.

— Oh, meu Deus. Vou chorar. — Ela abanou a cara com uma mão. — É demasiado.

— Queres pô-los? Não tens de o fazer — acrescentei rapidamente. — Calculei que já tivesses posto joias, mas…

— Claro que quero pô-los. — Rapidamente tirou as pequenas argolas de ouro que trazia. — Estes não são nada de especial. Importas-te de os guardar no teu bolso? A Blair tem a minha mala.

— Claro. — Tirei-lhe as pequenas argolas da mão, observando enquanto ela colocava um diamante e depois o outro. Naquele pequeno espaço confinado, o cheiro do seu perfume era ainda mais sedutor.

— Que achas? — perguntou ela, virando ligeiramente a cabeça para eu os admirar.

— Lindos. — Mas mal olhei para os diamantes.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Obrigada, Enzo. Adoro-os, a sério, e prometo devolver-tos quando… quando… — Mas não conseguiu acabar a frase e aquelas lágrimas estavam perigosamente perto de caírem.

Apertei-lhe o ombro.

— Não nos preocupemos com isso hoje, OK? Hoje são teus.

— Está bem. — Ela recompôs-se com algumas respirações profundas. — OK.

Entreguei-lhe o *bouquet* e procurei novamente no bolso do casaco, tirando um papel branco dobrado em quatro.

— Aqui estão os teus votos.

— Oh, deixa-me dar-te os teus. — Dobrou-se, descalçou um sapato e tirou o que parecia ser uma grande ficha de arquivo branca dobrada em quatro da sola do seu sapato de salto alto vermelho. Endireitou-se e disse: — Desculpa, não tinha outro sítio para os pôr. Passei tudo a computador e colei-os no cartão.

— Está bem. — Trocámos os votos escritos e eu enfiei a ficha de cartão no bolso das calças. — Tu dizes primeiro, não é?

— Sim. — Ela enrolou o papel dobrado em torno dos caules do *bouquet* e riu-se. — Porque é que estou tão nervosa?

— Eu também estou. Mas vai correr bem. — Os nossos olhos encontraram-se. — E ouve, quero mesmo agradecer-te por fazeres isto. É muito importante para mim. Sei que não queres mesmo ser minha mulher.

Ela parecia surpreendida.

— De nada. Obrigada por aceitares ser o pai do meu filho. Sei que não é o que terias escolhido.

— Isso já não importa — disse eu com firmeza. E depois, antes que eu pudesse contê-las, mais palavras começaram a sair-me da boca. — Vou cuidar de ti, Bianca. E do bebé. Quero que saibas isso.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas nessa altura a porta da arrecadação abriu-se e a irmã da Bianca, a Ellie, apareceu, com o Cole logo atrás dela.

— Mas que raio, meninos. Não sabíamos aonde é que tinham ido. O juiz Reinhart diz que é a vossa vez. O pai está ali à tua espera, B. Toda a gente já está sentada na sala.

— Está bem, desculpa. — A Bianca olhou para mim. — Preparado?

Assenti com a cabeça, engolindo em seco.

— Preparado. Vemo-nos lá.

A Ellie abriu a porta o suficiente para eu passar, e eu e o Cole apressámo-nos até ao fundo do corredor e subimos a escadaria de pedra.

— Ainda estás bem? — perguntou-me ele.

— Um bocadinho suado.

Ele riu-se.

— Acho que é normal. O que eu queria saber é se ainda tens a certeza de querer fazer isto.

Pensei na Bianca — nos seus olhos chorosos quando pusera os brincos, no seu sorriso malicioso quando pedira ajuda para sair da carrinha, no cheiro do seu perfume. E, pronto, nas suas sanduíches de almôndegas.

— Sim — respondi.

Mas os meus motivos estavam a ficar todos misturados na minha cabeça. Eu estava a fazer isto por mim, não estava? Pela empresa? Enquanto eu e o Cole caminhávamos para a sala de cerimónias, passando pelas filas de bancos de ambos os lados em direção ao juiz, forcei-me a concentrar-me na tarefa em mãos: garantir o meu futuro na Moretti & Filhos. Casar com a Bianca era apenas um meio para atingir um fim, nada mais.

Acenando para o juiz, um homem robusto de 60 e pouco anos, com uma melena de cabelo salpicado de branco e uma grande barriga debaixo da toga preta, tomei o meu lugar na parte da frente da sala e virei-me. O Cole estava atrás de mim. Dei uma vista de olhos rápida pela sala — os meus pais e o resto da família nas duas filas da frente. O Beckett, a Blair, o Griffin e a Cheyenne logo atrás deles. Do outro lado do corredor estava a família da Bianca, incluindo a avó Vinnie na fila da frente, a tirar-me as medidas como se soubesse que eu era uma fraude. Tive de desviar o olhar. As avós italianas eram conhecidas por ter poderes de *Malocchio*, ou mau-olhado.

Uma pessoa não se deve meter com o *Malocchio*.

Ao fundo da sala, a porta abriu-se e a Ellie entrou, detendo-se por um momento para envolver as suas flores com ambas as mãos antes de avançar pelo corredor, batendo com os saltos no chão de madeira.

E então, sem qualquer música nem alarido, a Bianca e o pai apareceram à porta e começaram a avançar na minha direção. Todos se levantaram e um murmúrio de admiração perpassou pela multidão. Não os censurei — a Bianca estava espantosamente bela.

Por um momento, senti um verdadeiro impulso de afeição por ela. Não amor, exatamente, mas calor e apreço. Sempre a sorrir, ofereceu a bochecha ao pai e observou o aperto de mão, o abraço firme e as várias palmadas nas costas que ele me deu antes de se sentar ao lado esposa, que já estava a enxugar as lágrimas.

— Olá — sussurrei quando nos olhámos.

— Olá — sussurrou ela também. O seu sorriso era confiante e luminoso.

Mas o *bouquet* tremia-lhe nas mãos.

O juiz iniciou a cerimónia, que, como prometera, foi muito rápida. Na verdade, mal registei o que ele disse. Enfiei uma aliança no dedo da Bianca. Ela enfiou uma no meu — um simples aro de ouro. Declarámos solenemente não conhecer qualquer impedimento legal ao nosso casamento, blá-blá-blá. Era tudo uma névoa para mim — não conseguia parar de pensar naquelas rosas trémulas. Davam-me vontade de a arrebatar para os meus braços e tirá-la dali, levá-la para qualquer sítio privado e escondê-la do mundo, só nós os dois. Sem pressões nem contrato nem tretas. Só ela e eu, juntos.

O meu peito estava apertado. Ou talvez fosse o colarinho. Fosse o que fosse, tinha dificuldade em respirar. Limpei o suor da testa e tentei focar-me.

— Agora, julgo saber que ambos escreveram votos de compromisso pessoais? — perguntou o juiz.

— Sim — confirmou a Bianca. Virou-se e entregou as flores à Ellie, depois desenrolou os votos que eu tinha escrito.

Por um momento, senti-me mal acerca do que tinha escrito para ela ler — era muito estúpido e ela ia odiar-me por isso. De facto, mal relanceara as primeiras linhas e já tinha as bochechas da cor das sandálias. Mas depois começou a ler e toda a tensão dentro de mim aliviou. Era tão divertido que eu decidi não ter remorsos nenhuns.

— Meu queridíssimo Enzo — leu ela, claramente esforçando-se por não ranger os dentes. — És a melhor coisa que já me aconteceu. Não sei porque fui tão má para ti quando éramos miúdos. Acho agora que tinha medo do que sentia por ti. Nunca tinha conhecido ninguém tão bonito e tão fantástico no basebol. — Ela fez uma pausa para respirar e passou o peso do corpo para o outro pé. — Estou ansiosa por passar o resto da vida a engomar as tuas camisas, a cozinhar os teus pratos favoritos e a ver-te vencer o campeonato de basebol sénior do condado ano após ano. É o meu sonho tornado realidade. P.S.: Nem sequer me importa que ressones, porque é um som tão viril. Amo tudo em ti e amarei sempre.

Ela levantou os olhos da página e juro por Deus que pensei que lhe iam sair plumas de fumo pelas orelhas.

— Foi lindo, querida — disse-lhe, incapaz de tirar o sorriso da cara.

— É a tua vez — disse ela, com um seu sorriso entrelaçado de veneno. Oh, merda. Tirei o pedaço de papel do bolso, desdobrei-o e comecei a ler.

— Minha doce, brilhante e linda Bianca, que posso eu dizer, senão que a minha vida antes de ti era um vazio frívolo e sem sentido. Nas palavras do imortal Edward Cullen, era uma «perpétua e imutável meia-noite». — Detive-me para lhe lançar um olhar que dizia: «Quem diabo foi Edward Cullen?» Pigarreei antes de continuar. — Trouxeste luz à escuridão imatura e egoísta que era a minha alma. Vejo agora que foste sempre o meu único e verdadeiro amor, e eu estava demasiado envolvido em mim mesmo para me comprometer com mais alguém. Mas já não é assim. Para resumir, cito novamente Edward Cullen: «Nenhum período de tempo contigo será suficientemente longo, mas comecemos com *para sempre*.»

Baixei a mão que segurava a folha e lancei-lhe um olhar ameaçador, as narinas a incharem de raiva. Ela sorriu triunfalmente.

— Foi maravilhoso, Enzo. Trouxe-me lágrimas aos olhos.

— Muito bem, então — disse o juiz Reinhart rispidamente. — Com a autoridade que me foi investida pelo Estado do Michigan, declaro-vos marido e mulher. Pode beijar a noiva.

A última coisa do mundo que eu queria fazer agora era beijar a bruxinha, mas que escolha tinha? Dobrando-me pela cintura, pousei os meus lábios castamente nos dela, e ela pôs-me uma mão no ombro.

Um suspiro ecoou na sala. Separámo-nos, fitando-nos violentamente quando o juiz começou a falar.

— Senhores e senhoras, apresento-vos o senhor e a senhora Enzo Moretti.

As nossas famílias e amigos puseram-se de pé, aplaudindo, assobiando e gritando. Ofereci o meu cotovelo à bruxa e ela deslizou a mão por dele enquanto percorríamos o corredor e saíamos da sala, seguidos pelos convidados.

No corredor, todos nos rodearam, reclamando abraços e apertos de mão, e não houve tempo para ralhar com a Bianca por causa daqueles votos estúpidos. A minha mãe e as minhas irmãs lacrimejavam. O meu pai estava a rebentar de orgulho. Os senhores DeRossi disseram-me o quanto estavam felizes — eu era a resposta às suas preces para a filha.

— Cuida bem dela, filho — disse o pai da Bianca, com umas palmadas no ombro.

— Assim farei, senhor. — Relanceei a minha nova mulher, que estava neste momento a ser abraçada por todas as minhas irmãs ao mesmo tempo, e senti-me atingido pela culpa. Iria este homem odiar-me daqui a alguns meses? Iria julgar-me o género de homem que quebra uma promessa destas?

Depois, as coisas pioraram.

— Por favor, chama-me pai — pediu ele, com nova dose de palmadas no ombro. — Agora somos família.

— Certo. — Engoli em seco. — Pai.

Tudo isto parecia um pouco fora de controlo.

Alguns minutos mais tarde, já estávamos todos no piso térreo e tirámos fotografias no átrio e nas escadas, e eu tentei sorrir. Numa das fotografias tive de lhe pegar ao colo e segurá-la como a um bebé e, entre dentes, sussurrei:

— Estou tentado a deixar-te cair.

Ela sussurrou imediatamente:

— E eu estou tentada a dar-te um pontapé nos tomates.

Finalmente, chegou a hora de partirmos para a festa no Bulldog. Mandei toda a gente à frente, peguei na mão da Bianca e puxei-a rua abaixo em direção ao meu carro. Aí chegados, abri-lhe a porta do passageiro, fechei-a com força e fui para o lado do condutor.

Assim que me sentei atrás do volante, virei-me para ela.

— Egoísta e imaturo? Que conversa era aquela?

Ela ergueu uma mão.

— Por favor. Não foi pior do que ter de dizer aqueles disparates todos acerca de eu ter sido má, ou como tu és lindo e fantástico no basebol. Ou que é a realização de um sonho engomar as tuas camisas e assistir aos teus jogos.

— Quem vem a ser Edward Cullen?

— É a personagem mais romântica alguma vez criada — disse ela com fúria.

Revirando os olhos, liguei o motor.

— Deixa-me adivinhar: um vampiro adolescente.

— A bem da verdade, tem mais de uma centena de anos — retorquiu ela. — Mas, sim, parece um adolescente. E a Cheyenne e a Blair acharam muito querido citares o meu livro favorito nos teus votos.

— *Tu* citaste o teu livro favorito — murmurei, arrancando com o carro.

— Podes acalmar-te? Correu tudo bem, Enzo. Conseguimos.

— Acho que sim.

— Estamos casados, não estamos? Bum, a fase um está concluída.

Conduzi em silêncio por cerca de um minuto, coçando com um dedo por baixo do lábio inferior.

— Que se passa? — perguntou ela.

Franzi a testa.

— Nada.

— Algo se passa. Estás a fazer aquela coisa com o dedo no queixo, e tens uma veia a palpitar na testa.

Relanceei-a e vi que tinha enrugado o rosto, tentando imitar-me, com o dedo por baixo dos lábios vermelhos cerrados.

Sorrindo um pouco, foquei-me novamente no para-brisas.

— Foi uma coisa que o teu pai disse.

— O quê? Que não podias devolver-me?

— Não. Chamou-me *filho* e disse-me para cuidar bem de ti.

— Oh — disse ela, séria.

— Eu disse-lhe que o faria. Depois pediu-me para lhe chamar pai.

Abanei a cabeça, com o estômago às voltas.

— Bem, isso foi simpático.

— Pois, mas isto é tudo treta, Bianca. Estou a pensar que, daqui a cerca de um ano, este homem vai desprezar-me. Vai pensar que não sou um homem de palavra. Isso incomoda-me.

A Bianca suspirou, exasperada.

— Que raio, Enzo. Tens de relaxar. Não estamos em 1955. Não preciso de um homem para cuidar de mim. O meu pai é só antiquado. E quando nos

separarmos, eu vou garantir que ele o compreende.

— Continua a não me parecer correto.

Ela começou a rir.

— Bem, agora é demasiado tarde. Estamos casados, Ricky. — Franzi outra vez a testa, apesar de saber que aquela veia estava a saltar. — Ei — disse ela, quando estacionei num parque não muito longe do *pub*. — Sabíamos no que estávamos a meter-nos quando fizemos este acordo. Eu sei que não é convencional, mas o que é o casamento, afinal? Talvez seja apenas uma ilusão perpetuada pelos filmes da Disney e as novelas românticas. Talvez seja só um pedaço de papel. Talvez não passe de uma ideia antiquada que tresanda a misoginia e sexismo: quero dizer, o pai da noiva *entrega-a*, como se fosse uma propriedade!

Desliguei o carro e olhei para ela.

— Isso parece um bocado duro.

— Não me interpretes mal, eu comprei essa fantasia toda a minha vida. Estava à espera de que o príncipe encantado se decidisse por mim. Mas ele não o fez, Enzo. Por isso, *eu* decidi-me por mim. — Agora ela estava mesmo irritada, com as bochechas coradas e desafio nos olhos. — Mas preciso da tua ajuda.

— Eu também preciso da tua ajuda. — Tentei combater a ansiedade passando uma mão pelo cabelo. — Desculpa, não sei qual é o meu problema.

Ela suspirou.

— Está tudo bem. Olha, tem sido uma semana de loucos. As coisas aconteceram rapidamente e temos a cabeça à roda. Tu provavelmente não dormiste muito… eu, pelo menos, não dormi. Por isso vamos entrar e beber uns copos, comer uns picles fritos e celebrar a nossa parceria com os amigos e a família.

— Uh, por falares nisso… — Estremeci. — Digamos que a verdade me escapou da boca junto dos meus amigos.

— Enzo! — Ela cerrou os lábios. — Quem?

— O Cole já sabia, por isso na verdade são apenas mais duas pessoas: o Griffin e o Beckett.

Ela acenou com a cabeça, aceitando.

— Eles sabem guardar segredos?

— Sim. E confiava-lhes a minha vida.

— Então vou fazer o mesmo. — Ela sorriu. — Vamos enfrentar a música e dançar.

Oito

Bianca

— Fizeram o quê? — Olhei para o envelope nas minhas mãos e depois para os meus pais, do outro lado da mesa.

— Oferecemos-vos uma noite na *suite* nupcial na Pousada de Bellamy Creek. — A minha mãe sorriu radiosamente. — É o vosso presente de casamento.

Eu e o Enzo trocámos um olhar de *Que raio fazemos agora?*, o primeiro da noite.

A festa estava no auge, com toda a gente a divertir-se, incluindo eu. A *jukebox* bombava, a comida era uma delícia e a multidão estava animada, e não havia nada de formal ou rígido naquela celebração. Mais de um convidado já me tinha dito que estava a ser o copo d'água mais divertido em que tinha estado.

Só tínhamos feito uma ou duas das tretas tradicionais — o corte do bolo, um brinde rápido do Griffin e o lançamento do ramo — por isso, na verdade, a festa parecia apenas uma noite de diversão com amigos. Eu e o Enzo até tínhamos dançado juntos (a nossa música era oficialmente *Witchcraft* de Frank Sinatra, escolhida pelo Enzo, claro) e esmagado bolo na cara um do outro. De vez em quando alguém começava a bater com o garfo no copo, e rapidamente a sala se enchia desse som. Eu e o Enzo juntávamos obedientemente os lábios de todas as vezes, mas os nossos beijos eram sempre de boca fechada e rápidos. Parecia que íamos acabar a noite sem qualquer problema.

E então os meus pais chamaram-nos à mesa deles e entregaram-nos aquele enorme contratempo em forma de brinde para a *suite* nupcial.

— Nós… nós não tínhamos propriamente planeado uma lua de mel — disse eu. — Estamos ambos tão ocupados com o trabalho.

— Eu sei, por isso é que isto é perfeito. É só uma noite. — A minha mãe suspirou. — Vão adorar. O pacote inclui champanhe e chocolates, pequeno-almoço na cama… eu sei que disseram que não precisavam de passar tempo fora, mas são recém-casados! Precisam pelo menos de uma noite especial.

— Bolas, obrigada! — Forcei um sorriso. Ao meu lado, o Enzo retorceu-se na cadeira. — Vamos… hum… desfrutar, mas realmente não era preciso.

— Bem, vocês insistiram em pagar o vosso próprio casamento — disse o meu pai. — Era o mínimo que podíamos fazer.

— Certo. — Enfiei o envelope na mala e bebi o resto do vinho no meu copo. — Volto já. Vou só buscar outro copo de *Prosecco*.

— Vou contigo — disse o Enzo, levantando-se. — Muito obrigado pela oferta, Sr. e Sra. DeRossi.

— Ah, ah — disse o meu pai em tom de aviso.

O Enzo endireitou a gravata e tentou não estremecer.

— Isto é, mãe e pai.

Os meus pais ficaram radiantes.

Enquanto caminhávamos para o bar, o Enzo pôs a mão no fundo das minhas costas. Eu já tinha reparado que era algo que ele fazia frequentemente, e tinha de admitir que até me agradava. Era um gesto íntimo, sem ser sugestivo. Lá no fundo, eu esperava que não fosse apenas parte da atuação.

Toda a gente nos sorria enquanto atravessámos a sala, e eu senti uma estranha vaga de orgulho por ser a sua mulher — ou, pelo menos, por as pessoas *pensarem* que era aquela que ele tinha escolhido. Ele era tão bonito e encantador e apreciado por todos. Podia ter qualquer mulher que quisesse e escolhera-me a mim.

Ele não te escolheu, ralhou uma voz na minha cabeça. *Isto é tudo uma grande encenação. E é melhor não ficares enredada nela.*

Chegámos ao bar e pedimos mais duas bebidas — outro *Prosecco* para mim e uma cerveja para o Enzo.

— Então, o que é que vamos fazer em relação a esta coisa da *suite* de lua de mel? — Virei-me para ele. — Por esta é que eu não esperava.

— Nem eu. — Ele encolheu os ombros. — Acho que podes passar lá a noite.

— Sozinha? — Ri-me, abanando a cabeça. — Sabes quanto tempo demoraria a correr por toda a vila a notícia de que eu estava sozinha na *suite* nupcial de Bellamy Creek na nossa noite de núpcias?

— É verdade. — O Enzo franziu a testa, e percebi a injustiça de ele ser tão bonito mesmo quando estava a ruminar em alguma coisa. Também ficava fantástico de fato e gravata. Várias vezes ao longo da noite imaginei como seria tirar-lho, peça a peça. Correr os dedos pelo espesso cabelo negro, despentear aquelas ondas perfeitas. Saltar e enrolar as pernas no seu tronco. Morder-lhe o lábio inferior.

As nossas bebidas chegaram e dei um muito necessário gole.

— Mas sinto-me mal. Não queria que ficasse desperdiçado.

O Enzo inclinou a garrafa de cerveja e deu vários goles longos.

— Que se lixe. Vamos usá-la.

— Usá-la? — Olhei-o, surpresa. — Queres dizer, ficarmos lá juntos esta noite?

— Sim. — Ele encolheu os ombros. — Já agora.

— Então e a situação da cama?

— O que é que tem?

— Acho que precisamos de algumas regras adicionais — disse eu enquanto o calor subia do corpete do meu vestido e me invadia as faces.

O Enzo parecia divertido.

— Está bem.

— Se houver um sofá, um de nós dorme lá.

— Porquê? Não confias em ti para partilhar uma cama contigo?

Fitei-o intensamente.

— Muito engraçadinho.

— Bianca, se quiseres que eu durma no sofá, eu durmo. Mas garanto-te, mesmo que partilhássemos a cama, a tua virtude estaria assegurada. Consigo controlar as mãos.

— Bem, eu também.

— Então podemos partilhar a cama por uma noite. — Levou novamente a garrafa de cerveja aos lábios.

— Muito bem. Partilhamos a cama. — Apontei-lhe um dedo. — Mas nada de brincadeiras. Ficas do teu lado e eu fico do meu.

— Vais desenhar uma linha no meio?

— Talvez. — Bebi. — E não dormimos nus.

— Agora estás só a ser má.

— Como assim?

— E se eu dormir sempre nu? Estás a fazer-me sentir envergonhado. E o corpo humano não é nada de que devamos envergonhar-nos, Bianca. O meu é bastante bonito. Acho que gostarias de o ver nu.

— Tenho a certeza de que tu gostas.

— Talvez até gostasse de ver o *teu* nu. — Encolheu os ombros. — É só uma ideia.

— Ah! Nem pensar.

Ele abanou a cabeça.

— Não fazia ideia de que eras tão reprimida.

— Não sou reprimida só por usar pijama na cama, Enzo. Estás só a tentar levar-me a deixar-te ver-me nua.

— Está a resultar?

— Não.

Ele bebeu mais um pouco.

— O mínimo que podes fazer é andar por ali em *topless* ou algo do género, considerando que acabei de começar um ano de seca por ti.

— Acho que vais sobreviver — disse-lhe, dando-lhe uma palmadinha no braço.

— Para ti é fácil falar. És uma mulher.

— Outra vez a mesma conversa? — Revirei os olhos. — Ao contrário do que os homens possam pensar, Enzo, as mulheres anseiam tanto por sexo como eles.

— Não imaginava que ansiasses por sexo comigo, Bianca. — O Enzo fez-me olhinhos e deslizou um braço pela minha cintura. — Mas não te preocupes, sei como podemos resolver este problema.

Ri-me, batendo com o punho no seu peito sólido.

— Nem penses nisso. E tira as garras de cima de mim.

Mas, em vez de me deixar ir, senti os seus lábios — e depois a *língua* — roçar-me a têmpora. Depois soltou-me.

— Cobertura do bolo. Não te preocupes, já limpei.

Toquei no ponto que ele lambera, com o coração a martelar no meu peito e o calor a acumular-se entre as minhas pernas. Dando um passo atrás, tentei adotar uma expressão natural enquanto ajeitava o cabelo.

— Sujaste-me quando me esmagaste aquele bolo na cara. Tenho em mais algum sítio?

Olhando-me em silêncio, ele bebeu mais um gole de cerveja.

— Não. Estás perfeita.

Bebi um pouco de vinho e tentei acalmar-me.

Porém, enquanto a festa decorria, não conseguia parar de pensar em sexo com ele, de o imaginar nu, de imaginar o seu corpo movendo-se sobre o meu. Como seria partilhar uma cama com ele? Seria ao menos capaz de dormir?

Isto é ridículo, estava sempre a dizer a mim mesma. *Não podes quebrar a condição de não terem sexo. Foste tu própria que a puseste no contrato. Certo, esta não será a noite de núpcias com que sonhaste, mas lembra-te do motivo pelo qual estás a fazer isto.*

O meu corpo, porém, estava com dificuldade em deixar a cabeça manter-se no comando.

*

— Está tudo bem? — perguntou o Enzo na viagem para a casa dele. Além de lá

deixarmos os presentes de casamento, ele precisava de ir buscar algumas coisas para passarmos a noite na pousada.

— Ótimo — disse eu, tendo o cuidado de não olhar para ele.

— De repente pareces muito calada.

— Só estou cansada.

— Eu também. — Ele bocejou. — Uma pessoa casar-se é muito cansativo.

— Ter um bebé será pior.

— É verdade. — Ele fez uma pausa. — Por falar nisso, quando é que fazemos a primeira tentativa?

— Tenho uma consulta na clínica de fertilidade na semana que vem. Como não ovulo normalmente, tenho de realizar alguns passos preliminares para saber exatamente quando é que vai acontecer e depois programar bem a inseminação. Há um medicamento que tenho de tomar.

— O que é que eu tenho de fazer?

— Não muito. Aparecer e ejacular.

— Prefiro «fornecer uma amostra», por favor — disse ele altivamente. — Não sejas vulgar.

Ri-me, apesar de tudo.

— Certifica-te só de que é uma amostra boa. Precisamos de nadadores olímpicos.

— Estás a insinuar que tenho nadadores de outro género?

— Por falar nisso… — Virei-me no banco do passageiro para o olhar. — Em que é que vais pensar?

— Quando?

— Quando estiveres… bem, a fornecer a amostra. Em que é que vais pensar?

Ele franziu a testa.

— Caramba, Bianca. Sei lá.

— Cenas pornográficas?

— Provavelmente. Devia pensar no Espírito Santo, ou algo assim? É que não me parece que resulte no meu melhor trabalho.

— Não tem de ser religioso — disse eu. — Só queria que não fosse muito… percebes… ordinário.

— E se a tua definição de ordinário for diferente da minha? Nunca curtimos, por isso não sei se és básica ou se tens algumas fantasias.

— Que género de fantasias? — perguntei, curiosa.

— De qualquer género. Algemas, vendas, *role play*.

— Nunca fiz nada disso — confessei. Mas agora estava a pensar nisso. Deixá-lo-ia vendar-me? Amarrar-me? Confiaria que ele não ia magoar-me ou humilhar-me? Não tinha a certeza.

— Gostaria de testar os teus limites, tudo em nome da pesquisa, claro.

— Sabes que mais? Esquece — disse eu, cruzando as pernas com um pouco mais de força. — Pensa no que quiseres. Na verdade, não é da minha conta.

Depois disso, fiquei calada. Que raio se passava comigo, afinal? Precisava de parar de permitir que as minhas hormonas transformassem isto em algo que não era.

Os meus limites já se sentiam testados.

*

Eram umas dez da noite quando o Enzo abriu a porta da *suite* nupcial da Pousada de Bellamy Creek. Abriu-a e olhou para mim.

— Queres que te pegue ao colo?

Revirei os olhos e arrastei a minha mala de viagem para dentro do quarto.

— Para ameaçares outra vez que me deixas cair? Deixa estar.

Ele deixou a porta fechar-se atrás de si, pousou o saco de pele no chão e bocejou.

Descalcei os sapatos de salto alto e tombei de costas na enorme cama decorada com pétalas de rosa falsas e duas almofadas gigantes que diziam ELE e ELA. Em cima da mesa, junto da janela, estava um balde de gelo com uma garrafa de champanhe, dois copos e uma caixa de chocolates. O Enzo foi até lá.

— Oh, olha. Deixaram-nos uma mensagem. «Parabéns, Sr. e Sra. Moretti. Por favor, informem-nos se houver algo que possamos fazer para tornar a vossa estadia mais agradável. Felicidades para o vosso futuro.»

Apoiei-me nos cotovelos.

— Toda a gente está tão feliz por nós. Isso está a fazer-me sentir mal.

— Eu sei. — Alargando o nó da gravata, ele veio até à cama e deitou-se de costas ao meu lado no mar de pétalas falsas, algumas das quais esvoaçaram em nosso redor como *confetti*. — Mas está feito.

Suspirei.

— Está feito.

Ele olhou para mim.

— Agora o que é que fazemos?

— Não sei.

— O bar lá em baixo já está fechado.

— De qualquer forma, estou demasiado cansada para sair.

— Eu também. — Ele bocejou outra vez. — Deitamo-nos e pronto?

Os meus dedos dos pés enrolaram.

— Acho que sim.

— Estou ansioso por me livrar deste fato. — Levantou-se e foi até à cómoda.

Vi-o arrancar a gravata, tirar o casaco e os botões de punho. O que estava muito bem — eu até estava a apreciar, na verdade — até que ele começou a desafivelar o cinto.

— Enzo! — repreendi. — Aqui não!

— Porquê?

— Porque *eu* estou aqui.

— Então vai para a casa de banho ou isso.

— Vai *tu* para a casa de banho!

Ele riu-se, tirando o cinto das presilhas e pousando-o em cima da cómoda.

— Este quarto também é meu. E não tenho nenhuns complexos em relação ao meu corpo. Se não o queres ver, fecha os olhos.

Mas não consegui. Estava hipnotizada pela visão das suas mãos no espelho, a desabotoarem a camisa branca e depois a despi-la. Deitou-a para o lado e tirou a *t-shirt* que usava por baixo, agarrando-a nas costas e puxando-a pela cabeça. Eu não sabia para onde olhar primeiro. Para os seus braços esculpidos? Para as suas costas fortes? Para os abdominais ondulados? O seu peito nu, dourado e forte e com alguns pelos? Por alguma razão, os pelos surpreenderam-me. Tinha imaginado que o Enzo era o género de homem que depilava o corpo todo. Mas agradava-me que ele não o tivesse feito. Prendi o lábio entre os dentes e olhei para o seu reflexo.

E ele apanhou-me a olhar. Os seus lábios encurvaram de um lado, embora não dissesse nada. Apenas susteve o meu olhar e as suas mãos descaíram para o botão e fecho das calças.

Saltei da cama, fugi para a casa de banho e bati com a porta.

— Boa. Comporta-te assim!

Na casa de banho encostei-me à porta e fechei os olhos com força, respirando asperamente. Senti-me quente e pegajosa por baixo do vestido, e o meu estômago estava sempre aos saltos. Já teria despido as calças? E a roupa interior? Vestiria alguma coisa? Que faria eu, se ele estivesse nu quando eu saísse da casa de banho? E será que ele esperava que despisse o vestido à frente dele?

Abri os olhos e estudei a casa de banho. Havia toalhas dobradas na forma de cisnes na bancada de mármore e dois roupões fofos pendurados em cabides de madeira nos ganchos atrás da porta. A banheira era enorme — sem dúvida grande o suficiente para dois. No espelho, vi que duas manchas rosadas tinham aparecido nas minhas bochechas. O pescoço também estava corado. Até as minhas pernas estavam ligeiramente cor-de-rosa.

Abanei a cara com as mãos, desejando que a minha pele arrefecesse e as minhas hormonas acalmassem.

Uma batida na porta sobressaltou-me.

— Sim? — respondi, com a voz a falhar.

— Podes sair. Estou decente.

— Define decente.

— Todas as assustadoras partes masculinas estão tapadas.

— Não tenho medo das tuas partes masculinas, Enzo.

— Oh, não? Então porque é que te escondeste na casa de banho quando comecei a desapertar as calças?

— Para te dar alguma privacidade! — Zangada, abri a porta e encontrei-o com calças de treino cinzentas, bastante descaídas na cintura, e atadas com um cordão branco. Fiquei brevemente distraída pelo topo das linhas em V que apareciam de cada lado do seu abdómen, mas recompus-me e olhei-o nos olhos. — Mas, se não queres privacidade, tudo bem. Eu saio.

Ele sorriu quando passei por ele, com o cuidado de não deixar os nossos corpos tocarem-se.

— Queres ajuda para tirar esse vestido?

— Não, obrigada — recusei. Tirei um cabide do armário e empurrei a minha mala para a casa de banho. — É só um minuto.

— À vontade. — Fechou-me a porta.

Novamente sozinha, percebi imediatamente que devia ter aceitado a ajuda dele. Não havia hipótese de eu chegar ao fecho nas costas do vestido. Tentei vários minutos antes de desistir. Suspirando, abri a porta e saí para o quarto, onde o descobri a verter o champanhe para os copos.

— Ei — disse-lhe. — Afinal preciso de ajuda.

Ele pousou a garrafa e foi ter comigo.

— Vira-te.

Virei-lhe as costas e, lentamente, ele puxou-me o fecho até à cintura. Esperando que fizesse uma brincadeira ou pusesse as mãos em cima de mim, fiquei surpreendida quando isso não aconteceu.

— Obrigada.

— De nada. — Ele voltou ao champanhe e eu voltei à casa de banho.

Estás a ver? Ele não está mesmo interessado. Nem sequer te tocou.

Tentei não me sentir desapontada com isso. Por trás da porta fechada, tirei o vestido e pendurei-o junto dos roupões. Depois de trocar as minhas cuecas de renda brancas por uns *boxers* de algodão cor-de-rosa, mais confortáveis, vesti o pijama de flanela azul-marinho, prendi o cabelo com um elástico e limpei a maquilhagem de noiva.

Depois de limpar bem a cara, pus os óculos e examinei o meu reflexo no espelho. Ainda estava a usar os brincos de diamantes que ele me tinha dado. Toquei em ambos, cheia de borboletas na barriga. Para mim era significativo que ele me tivesse oferecido um legado de família. Depois olhei para o meu anel, que ainda tinha inscrito *Amor Para Sempre, Ricky*. O Enzo tinha-me perguntado se eu queria que a gravação fosse removida, mas eu disse que não valia a pena. Condizia connosco.

E era bom para não esquecer.

Saí da casa de banho a arrastar a mala de viagem atrás de mim, e pendurei o vestido no roupeiro. Depois fui para a cama, onde o Enzo estava encostado à almofada ELE, com as pernas estendidas e os pés descalços cruzados no tornozelo. Tinha um copo de champanhe na mão e a caixa de bombons ao lado.

— Olá — disse eu, ocupando o espaço ELA e sentando-me com as pernas cruzadas.

— Olá — respondeu ele. Depois estendeu a mão para a mesa de cabeceira e pegou num segundo copo de champanhe, que me entregou. — Para a Sra. Moretti.

— Obrigado, Sr. Moretti. — Ri-me e brindámos. — À conclusão com sucesso da fase um.

— *Salut*.

Bebemos ambos, e houve silêncio no quarto. Examinei os bombons, tirei um e dei uma dentada.

— Isto provavelmente não é o que imaginavas para a tua noite de núpcias, pois não?

O Enzo escolheu um e também comeu.

— Honestamente, acho que nunca imaginei a minha noite de núpcias.

— A sério?

Ele encolheu os ombros.

— Presumo que tu imaginaste?

— O tempo todo. Desde pequena.

— E estás a insinuar que não era assim? — Ele abriu os braços.

Ri-me, abanando a cabeça e tirando outro chocolate.

— Não. Não era assim.

— Como é que era? Espera, deixa-me adivinhar. — Bebeu um pouco de champanhe e continuou. — Um vampiro alto e lindo, de cabelos negros, levava-te para o seu covil e penetrava-te com força e bem fundo, com as suas presas de aço.

Acertou em cheio — pelo menos no que dizia respeito aos meus sonhos de adolescente. Mas fingi que estava ofendida.

— *Não*, não foi assim que a imaginei, estúpido.

Ele sorriu.

— Então conta-me.

— Quando eu era pequena, ele era o Príncipe Eric de *A Pequena Sereia*. Depois de adulta, imaginava que casava com o meu ex-namorado — contei, omitindo cuidadosamente os anos dos vampiros.

— Oh, certo. Como é que era o nome dele? Totó?

— Tate.

— Ou isso. E o que é que o Totó faria para tornar a noite memorável para ti?

Suspirei, bebericando o champanhe.

— Sabes que mais? Nem consigo especificar nada em concreto. Mas ia ser a noite mais mágica da minha vida.

— Mágica? Porra. Estás condenada ao desapontamento, querida. As pilas mágicas não existem.

Revirei os olhos.

— Não era a pila que ia parecer mágica. Era a noite em si mesma. As coisas que ele diria. A atmosfera.

— Estás a insinuar — disse ele fingindo ofensa — que a *suite* nupcial da Pousada de Bellamy Creek tem falta de atmosfera? Temos champanhe. Temos chocolate. Tens cisnes na casa de banho e almofadas que dizem ELE e ELA. O que é que pode ser mais romântico do que isso?

Rindo, encolhi os ombros.

— Não sei.

— Vês, eu por acaso acho que é perfeito. Nunca imaginei nada, por isso não estou desapontado. — Pensou por um segundo. — Tirando a regra de não haver sexo. Sem dúvida que isso é um bocado dececionante.

— Bem, eu também imaginei sexo. E mesmo que o meu noivo não tivesse uma pila mágica, pelo menos saberia usá-la.

— Ai era? — O Enzo parecia divertido. — Conta-me tudo acerca disso.

— Não, ias rir-te.

— Juro que não me rio. — Foi buscar a garrafa de champanhe e serviu-me um pouco mais antes de voltar a encher o seu copo. — Quero ouvir as tuas fantasias mais íntimas.

Depois de beber mais um pouco, cedi.

— Ele lançar-me-ia um olhar a que eu não conseguiria resistir. Desejaria devassar-me completamente. Diria…

— Desculpa, tenho de te interromper por um momento. Nessa fantasia, estarias a usar este pijama? — Apontou para o meu pijama de flanela, de xadrez azul-marinho.

Olhei-o ameaçadoramente e empurrei os óculos no nariz.

— Sabes que mais? Esquece.

— Não, não. Desculpa, continua. Estou a ouvir. — Deu mais um gole e olhou-me com um brilhozinho nos olhos negros. — Diz-me o que é que ele diria.

Suspirei, sabendo que estava a pedir para ser ridicularizada, mas incapaz de manter a boca calada. Maldito champanhe e malditas falinhas mansas.

— Diria que eu era o seu primeiro e único amor. Diria que nunca nada se intrometeria entre nós. Diria que estava ansioso por passar o resto da sua vida comigo.

— Ele dizia «Tu completas-me?». Porque uma vez vi isso num filme e achei que era algo que agradaria a uma miúda.

Semicerrei os olhos para ele.

— Exatamente quando eu começo a pensar que não és um porco.

— Desculpa — disse ele, rindo-se. — É que os homens e as mulheres fantasiam de maneiras muito diferentes.

— Está bem, então conta-me as *tuas* fantasias — pedi. — O que é que a tua mulher diria na vossa noite de núpcias para te deixar todo excitado?

— É fácil — disse ele. — Palavras de uma sílaba, tipo «oh, sim, céus, aí, assim, tão grande, não pares, fode-me, mais força». Acho que algumas têm mais sílabas. Mas percebes a ideia.

Não só percebia a ideia, como ouvir o Enzo a dizer aquelas palavras bastou para me excitar. Sob o pijama de flanela, os meus mamilos ficaram tensos e o sangue afluiu ao meio das minhas pernas. Mas tive de fingir que não estava excitada.

— Oinc. Também é uma palavra de uma sílaba.

O sorriso dele foi lento e sedutor.

— Não gostas de falar na cama?

Encolhi os ombros, detestando que a minha cara estivesse tão quente. Sabia que devia estar vermelha como uma maçã caramelizada.

— Não muito.

— Sabes, eu acho que uma mulher *deve* falar na cama. Acho que deve dizer exatamente o que quer e como quer. De outra forma, como é que um homem sabe como dar-lhe prazer?

— Não sei.

— A maioria dos homens pensará que, se ela não diz nada, é porque está tudo bem. E aposto que não é esse o caso.

— Não é esse o caso — confirmei. — Achas que posso comer o último bombom?

— É todo teu. É por isso que tens de falar — prosseguiu ele. — Dizer ao tipo

o que sabe bem e o que não sabe. Ele não lê mentes.

— E se eu for tímida em relação a isso? — perguntei enquanto saboreava caramelo e chocolate.

— Tu? Tímida? Vá lá! — Lançou-me um olhar que dizia *Nem pensar*. — Talvez quando eras criança, mas já não.

— Mas ainda acho difícil verbalizar o que quero nessa situação em particular, OK? — Lambi os dedos.

— Então como é que fazes o homem saber de que é que gostas?

— Digamos que penso muito intensamente nisso e espero que ele capte a mensagem.

— Isso é ridículo. — O Enzo terminou o seu champanhe, saiu da cama e pousou o copo vazio na mesa. — Nenhuma quantidade de pensamento positivo te trará uma espécie de pila tipo varinha de condão dos contos de fadas que, simplesmente, saiba como te dar um orgasmo. Até eu gosto de um pouco de orientação. Queres mais champanhe?

Agitada, abanei a cabeça. O que eu queria era a sua varinha de condão de conto de fadas dentro de mim, dando-me um orgasmo sem eu ter de pedir. Como é que ele podia não me achar tão deslumbrante que não fosse capaz de resistir?

— Volto já. — Ele foi à casa de banho e, assim que ouvi a porta fechar-se afastei a parte de cima do pijama do corpo várias vezes, tentando arrefecê-lo. Depois bebi o resto do champanhe. Ia derreter se ficasse ao lado dele toda a noite.

Quando ele saiu da casa de banho, fui eu lavar os dentes. Quando saí, ele tinha apagado todas as luzes e eu fui aos apalpões em direção à cama. Afastei os cobertores e enfiei-me debaixo deles, virando-me de costas para o Enzo. Coloquei os óculos na mesa de cabeceira e enrolei-me numa bola.

O meu coração batia com força. A minha cabeça latejava por causa do champanhe. Quando inspirava, sentia o cheiro da colónia dele. Fechando os olhos com força, tentei forçar os meus sentidos a desligarem-se para que eu conseguisse dormir.

Mas não consegui. Estava demasiado ébria. Demasiado quente. Demasiado alterada.

Demasiado curiosa.

Estava sempre a pensar no que o Enzo tinha dito. *Acho que uma mulher deve falar na cama, acho que deve dizer exatamente o que quer e como o quer.*

Virei-me de costas e sussurrei para o escuro.

— Ei.

— O quê?

— Não consigo dormir.

— Nem eu. Estava a pensar em masturbar-me, mas pensei que podias ficar zangada.

Mordi o lábio.

— E se não ficasse?

— Hum? — Ele parecia mais alerta. — Estava a brincar.

— Mas e se eu não ficasse zangada? O que é que farias?

— Espera um segundo. — Ele sentou-se, acendeu a luz e olhou para mim. — Que raio estás tu a dizer?

Fiquei surpreendida por ele estar tão abalado.

— Não sei. Acho que estava só a tentar fazer o que disseste… falar na cama. Dizer o que quero. Não disseste que não contava se eu só quisesse assistir.

O Enzo fitou-me intensamente, com os maxilares cerrados.

— Não tem piada.

— Não é uma piada.

— É, sim, mas não tem graça. — De repente, ele saltou da cama, usando a almofada que dizia ELE para cobrir os genitais. — Estás só a gozar comigo, tentando pôr-me duro para me poderes chamar porco outra vez.

— Não estou! — Sentei-me na cama e vi que ele tinha as pernas nuas. — Tiraste as calças?

— Estava cheio de calor — ripostou ele. — Mas fiquei de cuecas e não me aproximei de ti. Mantive-me do meu lado.

— Não te estou a acusar de nada. — Olhei para a almofada. — Fiz-te mesmo ficar duro?

— Não.

Era mentira. Isto deu-me um impulso.

— Eu? Com o meu pijama de flanela?

— *Não* — insistiu ele.

— Não acredito em ti. — Sorri-lhe e pus-me de joelhos no colchão. — Dá-me essa almofada.

— Não te mexas, Bianca.

— Vá lá, dá-me só essa almofada. — Arrastei-me para o outro lado da cama e tentei roubar-lha.

Ele recuou.

— Para com isso.

— Qual é o problema, Enzo? Só quero a almofada.

— Bem, não podes tê-la.

— Porquê?

— Porque não queres o que está atrás dela.

Os meus olhos percorreram-lhe o peito, os braços, os abdominais. Lambi os

lábios.

— Talvez queira.

— Então prova-o.

— Como?

Ele ergueu o queixo, desafiando-me.

— Tira as calças.

Hesitei.

Por cerca de três segundos.

Nove

Enzo

E ela fê-lo.

Mesmo em frente dos meus olhos, a Bianca despiu rapidamente aquelas calças de flanela e atirou-as para o lado. E depois, como se as suas pernas nuas não fossem tentação suficiente, voltou a pôr-se de joelhos e abriu os dois primeiros botões do casaco do pijama.

— Merda! — O meu pénis ficou ainda mais duro. — Pensei que estavas a fazer *bluff*.

— Bem, não estou. — Ela desabotoou mais dois botões e deixou a flanela escorregar por um ombro. — Eu quero isto, Enzo. Por uma noite. E tu?

— E o contrato?

Ela encolheu os ombros.

— E se elaborássemos… uma cláusula verbal de exceção?

— Como uma exceção de noite de núpcias? Em que suspendemos as regras?

— Exatamente.

— E amanhã expira?

— Claro. Acho que uma noite será suficiente para satisfazer a nossa curiosidade.

— É isso que lhe chamamos? — Arqueei uma sobrancelha.

— E não é isso que é? — Ela tocou no peito. — *Eu* estou curiosa acerca do que escondes debaixo dessa almofada. E *tu* estás curioso em saber até onde irei para o conseguir.

Ela tinha razão. Parte de mim ainda achava que ela estava a fazer *bluff*. Mas, na ínfima hipótese de não estar…

— O casaco. Despe-o.

Ela desabotoou-o até abaixo, deslizou-o pelos ombros, puxou-o para um lado e tirou-o.

— Feito.

Os meus olhos ficaram inapelavelmente colados aos seios pequenos, mas

perfeitos, com adoráveis mamilos cor de alperce que eu quase sentia na minha língua. Tarde demais, percebi que estava a salivar como um puto.

— Agora tu — disse ela.

Atirei a estúpida almofada para o lado e fiquei ali, de pé, com o pénis intumescido dentro das cuecas. Mal o olhar dela incidiu sobre a minha visível protuberância, entreabriu os lábios. Não resisti a acariciar-me através do algodão, desde os testículos até à ponta. Ela arregalou ligeiramente os olhos, e o pescoço e os seios ficaram tão rosados como as cuecas que usava. Que vontade de lhas arrancar com os dentes.

— Devo continuar? — perguntei, enfiando o polegar no cós das cuecas.

Ela enfrentou os meus olhos e o meu desafio.

— Sim.

Deslizei as cuecas pelas pernas e ergui-me, nu como vim ao mundo. O meu pénis grosso e duro, com as veias salientes, curvava-se em direção ao teto. Envolvi a base com os dedos e, em movimentos lentos, passei a mão para cima e para baixo em toda a sua extensão.

— Então, agora que descobriste o que estava atrás da almofada, o que mais te deixa curiosa?

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, e depois fechou-a, como se tivesse perdido a coragem.

Abanei a cabeça.

— Uh, uh. Esta noite não, Sra. Moretti. Esta noite vai ter de dizer exatamente o que quer.

— E tu farás com que aconteça? — perguntou ela. — Farás tudo o que eu disser?

— Se for humanamente possível e te fizer sentir bem.

Ela engoliu em seco e mordeu a ponta do polegar, mas aqueles olhos azuis sobre o meu pénis indicaram-me que devia insistir.

— Diz — exigi. — Diz-me o que queres, ou isto acaba agora.

Ela tirou a mão da boca e as palavras saíram-lhe descontroladamente, como uma cascata.

— Quero saber como seria ter-te dentro de mim. Quero saber como é estar com alguém que me põe em primeiro lugar. Quero sentir-me linda, irresistível, como se fosse digna de alguém para sempre, como se ele morresse se não pudesse ter-me, como se perdesse a cabeça se não…

— Lucy. — Peguei-lhe por debaixo dos braços e deitei-a de costas. — Respira, está bem? Vamos começar pelo princípio.

Ela inspirou quando lhe despi as cuecas e as atirei ao chão. O meu coração batia descompassado quando me pus de gatas e rastejei pelo seu corpo até a

minha cara ficar a pairar sobre a dela. Os olhos azuis estavam mais escuros do que habitualmente, as faces ruborizadas.

— Agora deixa-me pensar — disse eu, alisando-lhe o cabelo para trás. — Qual era a minha deixa? Oh, já sei. — Beijei-a, abrindo-lhe gentilmente os lábios, desta vez com a língua. — És o meu primeiro e único amor.

Senti-lhe o sorriso, escutei a gargalhada incipiente e movi a boca pelo seu queixo, descendo até à garganta.

— Nunca nada se meterá entre nós. — Inalando o aroma quente e ligeiramente floral da sua pele, beijei-a ao longo da clavícula e de volta ao pescoço. — E estou ansioso por passar o resto da minha vida contigo, ou pelo menos o resto desta noite.

Ela riu-se mais alto, e enfiou os dedos no meu cabelo.

— Prestaste atenção.

— Claro que sim. — Provoquei-lhe o lóbulo da orelha com a língua, e foi assim que percebi que ela ainda usava os brincos que lhe tinha dado. Não só era *sexy* ela não estar a usar nada além de diamantes, como me agradava o facto de não os ter tirado. Significava algo para mim — algo que intensificou o aperto no meu coração.

Ignorei essa sensação e foquei-me na mulher por baixo de mim, posicionando as ancas por cima das dela e deixando a extensão dos nossos corpos colar-se, pele com pele, pela primeira vez. A Bianca gemeu baixinho, abrindo os joelhos e puxando-me a cabeça para juntar os meus lábios aos dela. Desta vez beijou-me de uma maneira diferente, sugando-me a língua, puxando com força o meu cabelo, ao mesmo tempo que cravava os calcanhares nas minhas pernas e movimentava sensualmente as ancas de encontro às minhas.

Eu não era, de forma alguma, inexperiente, mas algo no facto de estar com a Bianca pela primeira vez estava a deixar-me ansioso. Queria que isto fosse perfeito para ela. Queria que ela se lembrasse desta noite como a melhor da sua vida. Queria que os seus futuros namorados idiotas — e sê-lo-iam, ela tinha claramente um gosto terrível para homens — fossem assolados pelo meu espetro a proporcionar-lhe um êxtase com o qual até agora ela apenas tinha sonhado.

Com isso em mente, fui mais atencioso com ela do que tinha sido com qualquer outra pessoa. Fui devagar. Enterrei as minhas próprias urgências e mantive-me controlado. Tive consciência de cada respiração e suspiro, de cada arqueamento e arquejo. Descobri que ela gostava quando lhe lambia a garganta, adorava quando lhe mordia o mamilo e gemia sonoramente quando, pondo a mão entre as suas pernas, lhe acariciava o clítoris com círculos suaves e gentis.

— Oh, céus! — Ela segurou-me os ombros. — Isso é tão bom. Adoro as tuas mãos em mim dessa maneira.

Tirei a boca dos seus seios por uma fração de segundo.

— Espera até sentires a minha língua.

Ela inspirou enquanto eu beijava um caminho serpenteante que lhe descia pela caixa torácica, através da barriga, sobre uma anca, saboreando a pele acetinada nos meus lábios. Desci entre as suas pernas, abri-as gentilmente e passei a língua ao longo das pernas… na coxa, na cavidade atrás do joelho, na barriga da perna, no tornozelo. Sem pressas, descendo por uma perna e subindo pela outra, antes de me instalar entre as suas coxas e a deixar sentir a minha respiração na sua pele.

— Sim — ofegou ela.

— Sim, o quê?

— Quero que me faças isso. Pensei que tinhas parado para pedir permissão.

Sorri, roçando os lábios nela levemente.

— Pensaste? Isso é querido.

— Enzo. — A voz dela era débil. As suas mãos enrolaram em súplica. — Fá-lo.

— Faço o quê? — Provoquei-a com uma carícia minúscula e superficial, só com a ponta da língua.

— Põe a tua boca em mim.

— Diz por favor.

— *Por favor*. — Um sussurro. *Um gemido*.

A sua recompensa por me dizer o que queria foram vários longos e firmes toques no seu centro, gemendo de prazer pela sua textura de veludo, o cheiro doce, o sabor a mel. Fui, por minha vez, recompensado pelos seus suspiros de prazer, pelas suas mãos retesadas, pelo arquear das suas ancas ao encontro da minha língua. Ela era tão recetiva que quase pensei que me mentira ao dizer que era tímida na cama. Depois decidi que ela dissera a verdade e era eu que lhe provocava isto.

Esse pensamento teve o condão de pôr o meu pénis a vibrar.

Mas ela tinha de se vir primeiro.

Executei todos os truques que conhecia, deslumbrando-a com feitos acrobáticos da língua, desconcertando-a com movimentos ágeis e hábeis dos meus dedos até ela se arquear loucamente sob a minha boca, o seu clítoris pulsando de encontro à minha língua, o seu corpo contraindo-se em redor dos meus dedos dentro dela. Ela soltou-se com todas as minhas palavras de uma sílaba favoritas e mesmo alguns elogios polissilábicos — *não pares, sim, mesmo aí mesmo, oh, céus, és fantástico, estás a fazer-me vir, isto é uma loucura* — e depois ouvi as palavras que nunca esperara ouvir da boca da Bianca DeRossi.

— Enzo — disse ela roucamente. — Quero que me fodas. Agora.

Embora eu estivesse a morrer por a penetrar, demorei-me, torturando-a ao mover-me lentamente pelo seu corpo, beijando-a como se quisesse assegurar-me de que os meus lábios tinham tocado cada centímetro da sua pele. Finalmente, ela ficou tão impaciente que me agarrou pelos braços e tentou puxar-me para cima.

Ri-me.

— A Sra. Moretti é horrivelmente impaciente. Ainda estou a seguir o meu guião. Acho que este é o momento em que lhe digo…

Mas depois tive dificuldade em continuar a falar porque ela me agarrou — com ambas as mãos! — no pénis. Uma mão pôs-se a subir e descer enquanto a outra atormentava a ponta. Passara tanto tempo desde que alguém me tocara assim que fiquei momentaneamente paralisado pela sensação.

E então — *e então* — ela baixou-se e instalou-se entre as minhas pernas, de modo que eu fiquei ajoelhado sobre a sua cara. Enquanto eu observava, profundamente incrédulo, ela virou o pénis na direção da sua boca e passou a língua pela ponta. Tombei para a frente, apoiando as duas mãos na cabeceira da cama. Ainda bem que eu tinha acendido a luz.

— Não sabia que isto fazia parte do espetáculo — consegui dizer.

— Estou a improvisar. — A respiração dela era quente na minha pele, e todo o meu corpo estremeceu de prazer, antecipação, surpresa.

Mais do que atordoado, continuei a vê-la lamber em torno da coroa, sugar só a ponta e descer e subir com a língua por toda a extensão. Com a respiração cada vez mais pesada e rápida, tive de fazer um esforço hercúleo para manter o controlo, combatendo o impulso de enterrar o pénis entre aqueles lábios vermelho-rubi que me tinham obcecado todo o dia. Toda a semana. Todo o mês. Raios, desde que ela se mudara para cá e começara a dar-me cabo da cabeça.

Mas em breve ela própria o fez acontecer, levantando a cabeça para o meter na boca, usando as mãos no meu rabo para me aproximar mais, tomar-me mais profundamente. Soltei um gemido do mais fundo da minha garganta, agonizando de prazer, da visão sensual, de quão desesperadamente queria soltar-me e foder-lhe a boca com total abandono.

Incapaz de me conter, as minhas ancas começaram a balançar ligeiramente por cima dela, os músculos do meu estômago a fletir-se. Ela pousou as palmas das mãos nos meus quadris e deslizou-as sobre os abdominais, gemendo de prazer. Era demasiado — aquelas mãos com aquelas unhas vermelhas, os lábios enrolados no meu pénis, a língua deslizando pela minha extensão grossa e dura. Até o anel que eu lhe tinha posto no dedo me excitou.

Ela era minha.

Minha.

Minha.

O meu autocontrolo pulverizou-se. O meu desejo sobrepôs-se às minhas boas maneiras. As minhas ancas começaram a mover-se mais depressa, com mais ímpeto, o meu pénis chegando-lhe ao fundo da garganta. Os sons que a Bianca emitia tornaram-se mais desesperados e em pânico, mas não me afastou. Fechou os olhos por um momento e via-a debater-se para respirar, e isto não devia ter-me excitado como excitou. Senti-me ao mesmo tempo um deus e um monstro. Quando ela voltou a abri-los e me olhou, eu quase explodi.

Mas se esta era uma exceção ao nosso contrato, eu não deixaria que terminasse assim. Saí da sua boca, segurei-a e voltei a levantá-la.

— Não me deixaste acabar — disse ela, limpando a boca com as costas da mão.

— Porque não é assim que isto acaba. — Deslizei novamente os dedos para dentro dela, encontrando-a quente e molhada. — Devo usar um preservativo?

— Queres?

Hesitei. Provavelmente, nenhum homem *queria* mesmo, mas eu não gostava de ser descuidado em relação ao sexo. Usava sempre proteção. Mas esta noite parecia-me diferente.

— Não — respondi.

— Então não uses. — Aqueles lábios vermelhos e húmidos encurvaram. — Se ficar grávida, poupamos tempo e dinheiro.

— Estou sempre disposto a poupar tempo e dinheiro — disse-lhe, substituindo os dedos pelo pénis. — Mas, acima de tudo, quero saber como é estar dentro de ti.

Ela voltou a fechar os olhos enquanto eu me movia com investidas lentas, cada uma mais funda do que a anterior. Nem acreditava como era bom estar nu dentro dela e disse uma oração rápida para conseguir aguentar até ela ter pelo menos mais um orgasmo.

— Quero fazer-te vir outra vez — sussurrei, a minha voz rouca de desejo. — Fala comigo.

— És perfeito — disse ela, com a cara enterrada no meu pescoço. As suas mãos moviam-se para cima e para baixo nas minhas nádegas. A sua respiração era baixa e curta. — Não pares. Adoro a maneira como te moves. Adoro que estejas tão fundo. Não tenho palavras para descrever o que está a provocar-me.

Recompensado, mantive o ritmo constante e o meu corpo apertado no dela. Apesar da nossa diferença de altura, encaixávamos perfeitamente, e adorava a forma como ela se movia debaixo de mim, como se quisesse isto tanto quanto eu. Os seus dedos enterraram-se na minha pele. Os seus dentes no meu ombro. A sua respiração na minha pele. As ancas arquearam. A voz tornou-se mais sonora

e mais aguda. O meu nome nos seus lábios. A sua pele suada e pegajosa na minha. Fricção. Tensão. Necessidade. Calor.

E então ela estava a gritar, o seu corpo assolado por convulsões que me fizeram atravessar o limiar, soltando um rugido animalesco enquanto me esvaziava dentro dela, onda após onda de prazer vibrante e latejante. Foi tão intenso, que comecei a entrar em pânico.

Não consigo respirar, pensei. *Queimámos todo o oxigénio do quarto. Não consigo respirar*.

Levantando-me de cima dela, respirei fundo.

— Estás bem? — perguntou ela a resfolegar, colocando as mãos no meu peito. Assenti com a cabeça, mas, quando baixei os olhos para ela, o meu coração parecia prestes a explodir. Reconhecia aquele rosto, mas a expressão era nova — mais suave. Mais doce. Mais vulnerável. Como se o espetáculo tivesse acabado e agora fôssemos só nós por trás da cortina. Acabara a representação.

A sensação de compressão no meu peito aumentou, como se alguém tivesse fechado um punho sobre o meu coração e estivesse a espremê-lo como um limão.

A Bianca franziu a testa.

— O teu coração está a bater muito depressa. Se tiveres um ataque cardíaco e morreres, eu fico com a casa?

A pressão aliviou e consegui rir-me.

— Estás a tentar matar-me?

— Claro que não. Ainda nem chegámos à fase dois.

— Certo. — Arrastei-me de cima dela e deitei-me de costas.

— Já volto — disse ela, pondo os óculos e dirigindo-se para a casa de banho.

Fechei os olhos e concentrei-me em inspirar e expirar com regularidade. Mas era difícil, porque sempre que pensava no que acabara de acontecer, o coração tentava novamente saltar-me do peito. Que raio? Porque é que o sexo com a Bianca tinha de ser tão bom? A minha ideia era causar-lhe uma impressão tão forte, que nunca ninguém igualasse o meu desempenho e a mera recordação a torturasse, mas parecia que o feitiço se tinha virado contra o feiticeiro e eu é que tinha sido torturado. Que mulher voltaria alguma vez a surpreender-me desta forma? Quem é que podia fazer-me rir num minuto e resmungar com ela no seguinte? Seria por ter passado tantos anos danado com ela que o sexo era tão bom? Era verdade que isto não voltaria a acontecer? Mas eu tinha *ideias* — *tantas ideias* — acerca de coisas que lhe queria fazer.

Franzi a testa. Ter sexo com a Bianca devia servir para pôr fim a uma ânsia, não para criar outra maior.

A porta da casa de banho abriu-se e ela saiu. Depois de pousar novamente os

óculos na mesa de cabeceira, meteu-se na cama. Uma pétala de rosa falsa voou.

— Que cara rabugenta é essa? — perguntou ela, deitando-se de lado.

De costas, pus um braço atrás da cabeça e olhei-a.

— Estou zangado.

— Porquê?

— Por o sexo ter sido tão bom.

Os olhos dela iluminaram-se e deu-me uma palmada no peito.

— Oh, meu Deus, eu também. Estava agora na casa de banho a lavar-me e a pensar como estou danada contigo.

— Comigo?

— Sim. Como te atreves a ter a pila varinha de condão?!

Tive de me rir.

— Por muito que gostasse de concordar, não houve qualquer magia envolvida, Bianca. Tu disseste-me o que querias.

Ela revirou os olhos.

— Disse umas três coisas.

— Foram suficientes. — Hesitei. — Também acho que temos uma boa química. E havia muita… tensão acumulada.

Ela suspirou.

— Sim. Este foi o melhor sexo que já tive. Mas não devia dizer-te isto. Vais ficar presunçoso.

— Já estava presunçoso com a cena da varinha de condão.

Ela semicerrou os olhos para mim.

— Não te faço mais elogios esta noite.

— Ei, eu mereci-os. Não fiz um bom trabalho com as minhas deixas?

— Sim — admitiu ela. — Um trabalho de nota máxima.

— Por falar em trabalho de nota máxima… — Fiz uma pausa reverente.

— O quê?

— Aquele broche.

Ela sorriu.

— Gostaste?

— Hum, sim.

— Ótimo. — Ela deitou-se de costas e pôs as mãos atrás da cabeça, fechando os olhos.

— Agora quem é presunçoso? — brinquei, deitando-me de lado junto dela.

Ela fechou os olhos, mas o sorriso permaneceu. Não resisti a traçar os seus lábios com os dedos.

Ela desatou a rir.

— Que estás a fazer?

— Não sei. Só gosto dos teus lábios.

— Aposto que sim. Deixei-te pôr a pila neles.

— Ei, já gostava deles antes disso. — Dei-lhe uma cotovelada. — Só nunca o tinha dito.

Ela abriu os olhos e olhou para mim.

— Porquê?

— Não sei. As coisas entre nós não eram assim. Trocávamos insultos, não falinhas mansas.

— É verdade. — Ela suspirou e fechou outra vez os olhos.

Incapaz de resistir, movi a mão para a anca dela e puxei-a para mim.

— Então, essa história da cláusula de exceção. Quando, exatamente, é que expira?

— Não sei. À meia-noite?

Olhei para o relógio digital na mesa de cabeceira dela.

— Sabes que mais? Ainda são só 23h35.

Ela olhou-me com surpresa.

— Queres fazê-lo outra vez?

— Porque não?

— Não sei. Porque já satisfizemos a nossa curiosidade.

Abanei a cabeça.

— Desculpa, mas a minha curiosidade não está minimamente satisfeita.

— Não?

— Não. — Segurando-a pela cintura, puxei-a para cima de mim e ela ficou sentada nas minhas ancas. — Por exemplo, tenho muita curiosidade em saber como ficas como *cowgirl* ao contrário.

O sorriso que se arrastou nos lábios dela enviou um choque de luxúria diretamente para o meu pénis.

— Prepara-te para a cavalgada, Ricky. *Yeehaw*.

*

— Se pudesses ter um superpoder, qual seria? — A Bianca olhou-me com expectativa do outro lado da banheira. Depois do nosso vigoroso sexo *rodeo*, estávamos ambos bastante necessitados de uma lavagem, e ela convencera-me a tomar um banho de imersão. Estávamos sentados frente a frente, com espuma até ao peito.

— Fácil — disse eu. — Queria ler mentes.

— Oh, meu Deus, é a última coisa que eu queria.

— Porquê? Tornava-te tão poderosa. Podias superar qualquer adversário, vencer qualquer discussão, saber o percurso de cada bola que te fosse atirada antes de a receberes.

Ela abanou a cabeça.

— A vida não é um jogo de basebol, e alguns pensamentos devem ser privados.

— Está bem, então que superpoder é que tu querias?

— Viajar no tempo — disse ela. — Para poder voltar atrás e desfazer uma série de erros estúpidos.

Examinei o seu cabelo a escorrer, que ficava muito mais escuro quando estava molhado — quase púrpura. Conferia à sua pele um aspeto ainda mais radioso. Também gostava do seu rosto sem maquilhagem. E do facto de ela usar diamantes na banheira.

— Como levar um livro para aquele baile do secundário?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Ainda defendo essa decisão.

Rindo, estendi a mão para ela e puxei-a para mim.

— Vem cá, egoísta. Tenho de esticar as pernas e estás a ocupar o espaço todo desse lado da banheira. — Na verdade, era apenas um pretexto para sentir a pele dela na minha, mas ela não precisava de saber.

Ela flutuou para junto de mim e deitou-se com a barriga por cima da minha, colocando as mãos no meu peito. Sob as suas ancas, o meu pénis agitou-se. Percebi que ela o sentira pela maneira como olhou para mim. Esperando uma piada, fiquei surpreendido quando ela não fez nenhuma. De facto, a expressão nos seus olhos — eu podia não saber ler mentes, mas estava a ficar muito bom em ler a dela — era praticamente um convite.

— Então — disse eu, deslizando as mãos pelas suas costas e depois pelo rabo. — Sem dúvida que já passa da meia-noite.

— Pois passa.

Apertei-a mais de encontro a mim.

— Voto pelo prolongamento da cláusula até ao nascer do sol.

— E eu apoio esse voto.

— Nesse caso, creio que é unânime, Sra. Moretti.

Ela sorriu, os seus olhos abrindo muito, e sussurrou:

— Isso é tão estranho.

— Eu sei. Vais mesmo mudar o teu nome?

— Acho que sim. Pode levantar suspeitas, se não mudar.

— Acho que deves. — Achava mesmo, e não era só pelas aparências. Havia algo na ideia que me agradava sinceramente, embora tivesse sido mais divertido

se ela a odiasse. Mas ela estava a ser invulgarmente agradável neste momento. Isto confundia-me.

A Bianca levantou os joelhos, um de cada lado das minhas ancas, e traçou-me a clavícula com a ponta de um dedo, depois brincou com os pelos do meu peito.

— Sabes, de uma maneira geral, esta foi uma noite de núpcias bastante boa.

— Ah, foi? Disse todas as coisas certas? — perguntei, a sorrir.

— Acho que sim.

— Achas? Dá-me mais qualquer coisa. Trabalharei nisso.

Ela inclinou a cabeça para um lado e fez beicinho.

— Hum. Diz-me uma frase de *Romeu e Julieta*. Que não seja aquela acerca de morrer, por favor.

— Está bem. Deixa-me pensar. — Dei voltas ao cérebro, tentando encontrar uma frase que ela achasse mais romântica. Eu tinha boa memória, mas tinham passado quinze anos. — Já sei — disse-lhe.

— Sou toda ouvidos.

— «Ó, meu amor. Tenho verdadeiramente tentado. Tentado conter este sentimento há tanto tempo. E se, por fortuna, sentes o que eu sinto, então vem.»

— Enzo! — Ela lançou-me mais água para cima, com uma expressão indignada. — Isso não é Shakespeare, é Marvin Gaye!

— Mas fiz umas pequenas alterações — disse, à defesa. — Fi-lo soar chique e merdoso.

— És do pior. — Ela pôs as mãos no meu cabelo e encostou os lábios aos meus, a língua deslizando entre eles. — Mas fazes-me rir.

— Vou pôr-te a fazer mais do que rir — disse eu, pondo a mão entre ambos para a tocar outra vez.

Ela sorriu de encontro à minha boca.

— Vamos a isso.

*

O sol espreitou entre os cortinados na manhã seguinte, despertando-me. Por breves momentos, esqueci-me de onde estava, mas assim que inspirei, senti o perfume da Bianca. Olhei para o seu lado da cama, desapontado por o encontrar vazio, e tomei gradualmente consciência do chuveiro que se ouvia a correr na casa de banho. Vi as horas no relógio digital na mesa de cabeceira — passava um pouco das nove.

Distraidamente, passei a mão sobre os lençóis amarrotados em que

dormíramos. Tínhamos ambos adormecido bastante depressa depois da quarta ronda, provavelmente pelas três da manhã. Não me lembrava da última vez que tinha tido tanto sexo numa noite. Talvez nunca. Mas não conseguira deixar de a desejar.

O meu palpite de que a Bianca seria uma bomba na cama estava certo. Enérgica, brincalhona, atenta, generosa. Mesmo durante o sexo gostava de morder e provocar e arranhar, o que me servia perfeitamente, porque a luta excitava-me. E no final submetia-se a mim — porque não o faria, quando isso resultaria num orgasmo que, nas palavras dela, «faria tremer a terra»?

Quando o meu pénis começou a animar-se, franzi a testa e voltei a deitar-me de costas. Era inútil. O sol nascera, a cláusula expirara e o contrato voltara a estar em vigor. Que raio estava eu a fazer, afinal, acariciando os lençóis como um idiota apaixonado? Eu não a amava dessa maneira. Não amava ninguém dessa maneira, nem queria. O amor era confuso e imprevisível. Eu não ia construir uma casa numa fundação de areias movediças, pois não?

A Bianca saiu da casa de banho, uma toalha enrolada no corpo, outra ao estilo turbante no cabelo. Trazia os óculos ligeiramente embaciados.

— Estás acordado — disse ela.

— Estou acordado. — Como não tinha a certeza de qual era a nossa situação, tentei rapidamente ajustar o lençol para que o meu endurecimento matinal não fosse óbvio. Demasiado tarde.

— Estás *mesmo* acordado — disse ela, rindo ao ver a tenda que a minha ereção criara.

— Acordo sempre assim — disse eu na defensiva, porque não queria que ela soubesse que pensar nela me punha tão duro.

— Não te preocupes, não vou pedir para brincar novamente com a tua varinha de condão — disse ela, ajoelhando-se junto da sua mala de viagem.

Muito bem. Estávamos de volta ao ponto de partida. Por mim tudo bem, embora na verdade não me sentisse nada bem em relação a isso. Sentia-me zangado e ressentido.

Mas não o mostraria.

— Ótimo — disse eu, saindo cuidadosamente da cama e levando o lençol comigo. Enrolando-me nele como se fosse uma toga, fui para a casa de banho, tentando não reparar na forma como o rabo dela se empinava por baixo da toalha.

A Bianca levantou-se com roupas nas mãos e um sorriso nos lábios.

— Não precisas de te tapar, Enzo. Já vi o que está debaixo do lençol.

— Não estou a tapar-me. Estou a cobrir-me. Por respeito a ti — acrescentei.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Por respeito a mim?

— Sim, não quero que fiques excitada com uma coisa que não podes ter. Era como pôr a tua sobremesa favorita na ementa e dizer-te que não a podes pedir.

Ela riu-se com desdém.

— Acho que vou sobreviver. Comi sobremesa suficiente na noite passada para me durar por algum tempo.

— *De nada* — disse eu, fazendo uma pequena vénia antes de entrar na casa de banho.

Lá dentro, tive de parar e respirar fundo.

Atravessar a fase dois com a minha dignidade — e sanidade — intactas podia ser mais difícil do que eu pensara.

Dez

Bianca

Assim que a porta da casa de banho se fechou, sentei-me na cama e soltei a respiração.

Desde que acordara e o vira ali ao meu lado, estava a fingir.

A fingir que ele não fazia o meu coração bater mais depressa. A fingir que a noite passada não tinha sido a melhor da minha vida — a mais sensual, mais romântica, mais divertida. A fingir que podia voltar à forma como as coisas eram antes.

Porém, que escolha tinha? Era esse o acordo que tínhamos feito. E eu não queria ser uma daquelas mulheres que confundem sexo com amor — ele já me tinha avisado acerca disso. Não gostava quando uma mulher dizia uma coisa e fazia outra, ou quando mudava de ideias em relação ao que pretendia dele.

Mas isso não me tinha acontecido, pois não? Não *propriamente*. Não estava propriamente *apaixonada* por ele, pensei, admirando-o enquanto dormia — lindo e nu e despenteado. Tive a sensação de que, se me aproximasse mais dele, a sua pele estaria quente. Deixar-me-ia aninhar nele? Abriria os braços para os enrolar à minha volta? Iria abraçar-me ou empurrar-me?

Não podia arriscar a rejeição. Simplesmente, não podia.

Então, em vez de me aproximar, como queria, saí da cama e tomei um duche, esfregando a pele com força, como se pudesse lavar a memória dele de mim. Lavar os meus sentimentos. Livrar-me da ideia estúpida de que podíamos ser algo de real.

Quando saí da casa de banho, forcei-me a agir da forma que pensei que ele queria — como se a noite passada não tivesse significado mais do que um tempo bem passado. Sorri. Brinquei. Ri-me quando ele também brincou — e ri-me a sério ao vê-lo embrulhado naquele lençol a caminho da casa de banho, tentando esconder a ereção que se erguia do lençol como uma espada.

Ele não fazia ideia da minha vontade de lhe arrancar aquele lençol, atirar a minha toalha ao chão e voltar diretamente para a cama. Mas não. Ele não podia

saber como me sentia. Como começava a gostar dele mais profundamente do que devia. Como me arrependia de ter insistido na regra de não termos sexo. O quanto desejava que pelo menos *uma das coisas* que ele me dissera na noite passada fosse real.

O medo que tinha de que a noite passada não tivesse significado nada para ele.

Não, isso era estúpido. Eu não precisava de ter medo. *Sabia* que não significara nada. Estava só a comportar-me como uma louca — talvez fossem as hormonas no meu sistema. Os orgasmos libertavam algo que nos fazia sentir tontos e amorosos, não era? Depois de todos os orgasmos que o Enzo me proporcionara na noite passada, o meu sistema estava claramente em sobrecarga.

Só precisava de esperar que as hormonas se dissipassem, mais nada. Lembrar-me das minhas deixas e continuar a representar. Pondo a mão na barriga, respirei fundo e expirei. Eu conseguia fazer isto.

Depois, olhei para o meu anel.

De facto, nesta altura do campeonato, eu não tinha escolha.

*

Quando o Enzo saiu da casa de banho, a escorrer água e com uma toalha enrolada nas ancas, eu estava completamente vestida, sentada na cama a escovar o cabelo.

As minhas entranhas apertaram-se quando ele se aproximou de mim.

— Trataste do teu problema?

— Eu não tinha um problema, Bianca. Tinha uma ereção. Mas já passou.

— Sozinha? — brinquei. Entretanto, apertei as coxas, tentando aquietar as borboletas entre as pernas.

— Sim — ripostou ele. De costas para mim, atirou a toalha ao chão e tirou uns *boxers* do saco.

Vi-o enfiar um pé e depois o outro e puxá-los, enquanto o desejo se ia acumulando no meu centro. Céus, ele tinha um rabo fantástico. E aquelas marcas vermelhas nas costas? Seriam obra minha? Caraças, era sensual.

Tentei que a minha voz soasse normal.

— Tens fome? Pensei que podíamos tomar o pequeno almoço na sala lá em baixo antes de sairmos. Suponho que não aproveitaremos o pequeno-almoço na cama.

— A sala está bem para mim. — Ele enfiou umas calças de ganga e apertou-as. — A não ser que queiras ficar a admirar o meu rabo o resto do dia.

Foi então que percebi que, pelo espelho, ele me vira a olhar-lhe para o rabo. Corei.

— Não estava a olhar para o teu rabo!

Ele sorriu.

— Não?

— Não. — Nervosa, pus-me de pé. — Só… *reparei* nele, foi tudo. Estava mesmo ao nível dos meus olhos. Mas a partir de agora, se pudesses fazer o favor de não andar por aí nu, agradecia. Apesar do que aconteceu na noite passada, este continua a ser um acordo de negócios. Não quero que deixemos de ver as linhas nitidamente e fiquemos confusos.

— Há dez minutos disseste que não precisava de me esconder atrás de um lençol porque já me tinhas visto nu. — Ele pôs desodorizante, obviamente divertido.

Tinha passado muito tempo desde que eu observara um homem a vestir-se — esquecera-me de que podia ser tão íntimo como vê-lo despir-se. Não conseguia tirar os olhos dele.

— Só quero que fique claro que as regras estão novamente em vigor.

— Não te preocupes. Cada um de nós terá o seu quarto em minha casa, por isso o meu rabo nu não te confundirá. — Atirou o desodorizante para dentro do saco e enfiou uma *t-shirt* branca pela cabeça.

— Sempre vamos fazer a minha mudança hoje? — perguntei, assistindo com alguma tristeza, através do espelho, ao desaparecimento dos seus abdominais sob o algodão.

— Por mim, sim.

— Ótimo. Já tenho tudo embalado. Talvez tenhamos de fazer várias viagens, mas já está tudo em caixas. — Vi-o vestir uma camisola azul e percebi que ainda estava ali embasbacada, por isso virei-me e fui para a casa de banho. — Vou só secar o cabelo e depois podemos ir comer.

Na casa de banho, fechei a porta, liguei o secador no frio e apontei-o à cara.

*

— Então, quais são as hipóteses de termos mesmo feito aquilo na noite passada? — O Enzo pôs uma garfada de omelete na boca e olhou-me com curiosidade.

— Termos mesmo feito o quê? — perguntei, barrando uma torrada com manteiga.

— Poupado tempo e dinheiro. Concluído a fase dois.

Baixei a voz para um sussurro.

— Oh… referes-te às hipóteses de eu ter engravidado?

— Sim.

Dei uma dentada na torrada e encolhi os ombros.

— Não faço ideia. Como te disse ontem, a minha ovulação não é normal. Por isso nunca sei bem quais são os meus dias férteis. Mas, se tivesse de dar um palpite, diria que poucas ou nenhumas.

— Não percebo muito bem essa cena dos «dias férteis». Não podes simplesmente ficar grávida em qualquer altura? Tens de esperar por determinados dias?

— Bem, sei que é tecnicamente possível engravidar em qualquer altura, mas é improvável. Especialmente para mim.

A expressão dele era de dúvida, como se não acreditasse em mim.

— Mas fizemo-lo umas *quatro vezes* na noite passada. Sinto que acertei no alvo pelo menos uma vez.

Ri-me, estendendo a mão para o café.

— Isto não é como lançar dardos, Enzo. Não depende da tua habilidade, por mais impressionante que seja.

— Ficaste impressionada com a minha habilidade, não ficaste?

— Talvez — disse com relutância. — Sem dúvida, com o teu vigor. O teu entusiasmo. E, hum, o tamanho do teu equipamento. Nesse aspeto, sem dúvida que fui corrigida.

O sorriso dele era de total satisfação consigo mesmo.

— Obrigado. Trabalho melhor quando tenho um prazo apertado.

Inclinei a cabeça, semicerrando os olhos para ele.

— Queres dizer que foi trabalho?

— Pronto, o meu desempenho é melhor sob pressão. Melhor assim?

— Ligeiramente.

— Olha, eu estava a correr contra o relógio. Estava sempre a pensar que ias dizer que o tempo tinha acabado, que a cláusula era nula e sem efeito, o contrato estava de novo em vigor. Tive de tentar obter a minha dose de ti antes que fechasses a loja.

— E conseguiste?

— Obter a minha dose de ti? — Os seus olhos enfrentaram os meus, brilhando de malícia. — Sinceramente, não.

O meu estômago deu uma volta. Pousei a chávena, e esta tilintou no pires.

— Que estás a dizer?

— Não estou a dizer nada. Estava a responder à tua pergunta.

Ainda tínhamos os olhos trancados um no outro quando a nossa empregada de mesa, a Shelly, apareceu.

— E como estão os nossos recém-casados? — perguntou ela, voltando a encher as chávenas de café.

— Bem — respondeu o Enzo.

Eu ainda não conseguia falar.

— Então, vão partir de lua de mel? — A Shelly sorriu-nos nostalgicamente. — Para um sítio quente e ensolarado?

— Não, Shelly, não vamos. — O Enzo ligou o botão do charme, estendendo a mão por cima da mesa para segurar a minha. — Acredite ou não, ofereci-me para levar a minha noiva linda aonde quer que ela quisesse ir, qualquer sítio do mundo, e sabe o que ela disse?

— O quê? — A Shelly estava extasiada.

O Enzo olhou-me e fez um sorriso desarmante.

— Disse que não precisava de viagens sofisticadas para locais exóticos. O simples facto de casar comigo já eram umas férias.

— Oh. — A Shelly estalou a língua e pôs a mão sobre o coração, olhando-me como se fosse desatar a chorar. — Disse mesmo isso?

— Quase — respondi, simulando um sorriso enquanto pisava o pé do Enzo por baixo da mesa.

A Shelly suspirou.

— É tão romântico.

— Não é? — O Enzo beijou-me as costas da mão. — Que dizes, almondegazinha, acabamos e vamos embora?

Olhei-o com fúria.

— Claro.

— Querem pôr isto na conta do quarto? — perguntou a Shelly.

— Sim, por favor. — O Enzo lançou-lhe um último sorriso. — Obrigado.

Quando voltámos a ficar sozinhos, larguei a mão o Enzo.

— Que conversa foi aquela?

Ele encolheu os ombros.

— Estou só a manter a representação. Pensei que beijar a mão era permitido.

— Não é isso. O que disseste. Acerca de… não teres obtido a tua dose na noite passada.

— Oh, isso. — O Enzo deu um gole no seu café.

— Sim, *isso*. O que querias dizer com isso? — O meu coração estava disparado.

— Exatamente o que disse. Não obtive o suficiente. Se tu fosses outra pessoa, e a situação fosse outra, não estaríamos agora aqui a tomar o pequeno-almoço. Ainda estaríamos lá em cima a atirar pétalas de rosa para fora da cama. — Pousou a chávena. — Mas regras são regras, e compreendo que tenhamos de

as retomar.

— Compreendes?

— Claro. É como tu disseste, quando o meu rabo nu te confundiu, isto continua a ser um acordo de negócios. Não queremos deixar de ver claramente as linhas. — Inclinou a cabeça para um lado. — Certo?

— Certo. — Dei um gole no meu café. — Foi o que eu disse.

*

Depois do pequeno-almoço deixámos a pousada e dirigimo-nos ao meu apartamento. De caminho, o Enzo ligou ao Griffin para lhe pedir a carrinha emprestada. O amigo disse logo que sim e ofereceu-se para ajudar com a mudança. Combinámos que apareceria no meu apartamento por volta da uma hora, depois de terminar o conserto de alguns automóveis na oficina de Bellamy Creek, de que era proprietário e que geria como mecânico principal. A oficina funcionava num antigo quartel de bombeiros, e ele e a Blair viviam num apartamento por cima.

Entretanto, eu e o Enzo fomos levando cargas mais pequenas nas bagageiras dos nossos carros. Depois voltámos ao meu apartamento no SUV dele, deixando o *BMW* na garagem. Fizemos mais uma viagem à casa do Enzo antes de a Blair e o Griffin aparecerem. A Blair trouxe sanduíches da pastelaria e almoçámos rapidamente antes de carregar a traseira da carrinha com o resto das caixas.

Em casa do Enzo, toda a gente ajudou a levar as minhas coisas para dentro. Mais de metade das caixas foram para o andar de cima, para o quarto de hóspedes que o Enzo me dispensara, que era espaçoso e lindamente decorado. Tinha uma cama larga com cabeceira estofada de camurça cinzento-escura, uma cómoda pintada de preto com um espelho de moldura prateada em cima e uma mesa de cabeceira preta. As paredes estavam pintadas num tom suave de peltre e a roupa de cama branca parecia surpreendentemente macia. Até havia uma jarra com rosas na cómoda.

A visão daquelas rosas fez disparar a minha pulsação — era o género de gesto doce e atencioso que eu começava a ver que o Enzo gostava de fazer. Mas era só isso — uma atuação.

Desviei os olhos delas. Do outro lado do corredor, havia uma casa de banho só para mim, reluzente de limpeza e equipada com toalhas brancas e fofas. Ele até tinha comprado o meu champô favorito, que devia ter visto na casa de banho do meu apartamento.

Maldito fosse. Porque é que tinha de se revelar tão atencioso? Tão generoso?

Tão bom na cama?

Era mesmo *típico dele*, irritar-me desta forma.

Ou seja, qual era o seu verdadeiro eu: o sacana arrogante que me fizera dizer todas aquelas tretas durante os nossos votos, ou o tipo generoso que me oferecia flores?

A Blair foi comigo para cima, aparentemente para me ajudar a desempacotar as coisas, mas sobretudo com vista a uma atualização.

— Então? Como foi a noite de núpcias? — Deitou-se na cama e arqueou as sobrancelhas sugestivamente.

Os rapazes estavam lá em baixo, era impossível que nos ouvissem, mas mesmo assim fui fechar a porta do quarto.

— Foi boa.

— Elabora, por favor. Houve brincadeiras?

Abri uma caixa e comecei a pôr meias, *soutiens* e cuecas em gavetas.

— Pode ter havido uma brincadeira ou duas.

Atrás de mim, a Blair guinchou.

— Eu sabia!

Virei-me e vi-a deitada de costas, aos pontapés no ar.

— Como assim?

Ela voltou a sentar-se.

— Depois de vos ver juntos na festa. Apostei cinquenta dólares com o Griffin em como não conseguiriam ficar no mesmo quarto de hotel sem se envolverem.

— A sério? — Ri-me.

— Sim, só que era tão óbvio que o Griff não aceitou a aposta.

— Como é que era óbvio?

— Era óbvio e pronto. Há algo entre vocês que, simplesmente, fervilha.

Encostei-me à cómoda e abanei a cabeça.

— Nem sei bem como é que aconteceu. Num minuto estávamos a discutir, como é habitual, e no seguinte eu estava a tirar as cuecas.

Ela riu-se.

— Parece-me bem. E foi bom?

— Foi fantástico — admiti. — O homem sabe o que faz. E não é nada egoísta, como pensei que seria. É paciente, generoso e muito, muito habilidoso.

— Ena! Então foi uma espécie de sexo de ódio?

Pensei um pouco.

— Não. Rimo-nos muito. Foi muito divertido. Depois, a seguir à primeira vez, ambos confessámos que estávamos furiosos por ter sido tão bom.

— E porque é que isso vos enfureceu?

— Porque não tínhamos permissão para o fazer novamente. Mas fizemos. — Senti as bochechas aquecerem. — Mais três vezes.

Ela ficou de queixo caído.

— Nem eu e o Griffin conseguimos fazê-lo mais do que uma vez na nossa noite de núpcias.

— É diferente. Vocês já o tinham feito antes e sabiam que tinham a vida toda para o fazerem outra vez. Eu e o Enzo só tínhamos uma noite.

Ela parecia confusa.

— Não percebo. Vocês são casados. Porque é que só têm uma noite?

— Porque o sexo não faz parte do nosso acordo. — Recomecei a encher as gavetas de roupa. — Concordámos nisso. Demo-nos uma espécie de indulto para a noite de núpcias. Agora as normas voltam a estar em vigor.

Ela tentou digerir a informação.

— Estás a dizer que o mandavas embora se ele batesse à porta do teu quarto esta noite?

— Ele não vai bater à minha porta. — Embora só de pensar nisso todo o meu corpo aquecesse.

— Mas se batesse — insistiu ela. — O que é que fazias?

— Hum. Ele está vestido?

— Digamos que está sem camisa.

— Raios. O cabelo dele está a fazer aquela coisa à frente?

— Sem dúvida. E cheira bem. Tipo, mesmo muito bem.

— Argh, isso é tão irritante. — Suspirei. — Idealmente, gosto de pensar que seria bastante forte para ser a primeira mulher da sua vida a resistir-lhe. — Virei-me e olhei para ela. — Realisticamente, contudo, é provável que pensasse durante dois segundos e lhe saltasse para cima.

Ela riu-se alegremente.

— Eu sabia.

*

A Blair e o Griffin ficaram para jantar e eu cozinhei pela primeira vez na cozinha do Enzo — sopa de casamento italiana e *bruschetta* de pão torrado e tomate. O Enzo ofereceu-se para ir à mercearia buscar os ingredientes, por isso, depois de verificar a despensa e o frigorífico, mandei-o embora com uma lista. O Griffin foi com ele e a Blair ajudou-me a desempacotar o resto das minhas coisas e a reorganizar a cozinha do Enzo. Provavelmente não lhe seria fácil encontrar uma faca ou um escorredor durante algum tempo, mas o meu sistema fazia muito

mais sentido para um cozinheiro. Ele, na verdade, tinha uma cozinha bastante bonita, com eletrodomésticos topo de gama e caros utensílios de cobre. Adorei cozinhar ali.

Depois de o Griffin e a Blair irem para casa, lavei os pratos e arrumei a cozinha. Quando o lava-loiça estava vazio e as bancadas brilhavam, apeteceu-me uma chávena de chá. Os meus nervos estavam ligeiramente em franja, e achei que mais álcool não era boa ideia. Quanto mais se aproximava a hora de deitar, mais ansiosa ficava. A Blair teria razão? Ele iria bater à minha porta?

Tirei uma chávena branca e lisa do armário e tirei da despensa uma caixa de chá de ervas que trouxera de minha casa.

— Queres chá? — perguntei ao Enzo, que estava sentado num banco da ilha a olhar para o telemóvel.

Ele levantou os olhos.

— Não, obrigado. — Depois voltou a sua atenção para o ecrã e franziu a testa.

— Que se passa? — Usei o dispensador de água para encher a chávena.

— A minha mãe quer que vamos lá comer no domingo depois da missa.

— Está bem. — Fiz uma pausa. — Isso é um problema?

Ele olhou-me nos olhos.

— O padre Mike também vai. Acho que ela nos vai pressionar outra vez para termos o casamento abençoado.

— Oh. — Introduzi a saqueta do chá na água quente. — Ainda me sinto estranha em relação a isso, visto não ser um casamento verdadeiro.

— Eu também. — Pousou o telemóvel e esfregou a cara com ambas as mãos. Tinha a barba mais escura e espessa do que era habitual, uma vez que não se barbeara. — Vou pensar numa maneira de a fazer desistir. Queres ver um filme, ou algo assim?

— Quero. — Levei o meu chá para o mais pequeno dos dois sofás e sentei-me numa ponta, com as pernas estendidas sobre as almofadas. Depois de ir buscar uma cerveja ao frigorífico, o Enzo juntou-se a mim, instalando-se do outro lado do mesmo sofá. Embora houvesse outro, maior, ao lado deste, com uma vista igualmente boa para o grande ecrã de televisão. Nenhum de nós pegou no comando para a ligar. O Enzo ia bebericando a cerveja com um ar distraído. — Está tudo bem? — perguntei, enrolando ambas as mãos em torno da minha chávena quente.

— Sim. Estava só a pensar.

— No padre?

— Nos meus pais, na verdade.

— Que se passa com eles?

Ele coçou aquele ponto sob o lábio que coçava sempre quando estava preocupado com alguma coisa.

— A relação deles é uma das principais razões para eu nunca ter ansiado pelo casamento.

Bebi um gole de chá.

— Conta-me.

— Basicamente, isto foi o que eu cresci a pensar acerca de ser casado: é barulhento, frustrante e por vezes destrutivo. Há muitos gritos, e as coisas que gritas mais alto são aquelas que sabes que vão aborrecer mais a outra pessoa. Nunca deixas escapar nada que possa ser usado para iniciar uma briga. E se não fizeres valer a tua ideia através do volume, atiras com uma porta, partes alguns pratos ou ameaças que te vais embora.

— Caramba! — Eu estava de olhos arregalados. — Não fazia ideia de que os teus pais brigavam tanto.

— Não o fazem em público. E talvez não seja tão mau como antes, mas na minha infância era tão mau que eu não concebia a ideia de alguém escolher casar a menos que fosse obrigado. É como se estivesses a dar instruções exatas a outra pessoa sobre como transformar a tua vida num inferno, um mapa detalhado de onde estão todos os teus botões e como os premir.

— Bem, eles devem ter tido *alguns* momentos bons. Ainda estão juntos.

— Sim. São bons em duas coisas. Brigas e sexo.

Não resisti a dar-lhe um pequeno empurrão com os meus pés nus.

— Parecem outro casal que eu conheço.

Ele riu-se, levantando outra vez a cerveja.

— Por favor. Nós *não* somos os meus pais.

— Não, não somos. Nem somos os meus. — Fiquei calada por um segundo, tomando outro gole de chá. — A minha mãe é completamente subserviente em relação ao meu pai. Nunca se lhe impôs um único dia na sua vida, mesmo quando sei que discorda. Isso sempre me enlouqueceu. E acho… — Hesitei antes de admitir isto. — Acho que foi por isso que fiquei tão zangada com a minha última relação. Acabei por alinhar com aquilo que ele queria durante demasiado tempo, só para ficar com ele. Não que o meu pai alguma vez tivesse traído a minha mãe, que eu saiba, mas eu nunca quis ser assim. Tímida e deferente.

Ele olhou-me de esguelha.

— Princesa, tu não herdaste um único gene subserviente ou deferente. — Empurrei-o outra vez com um pé, e ele segurou-o. Depois olhou para mim. — Porque é que os teus pés estão tão frios?

— Desculpa. — Levantei os joelhos. — É que as minhas meias molharam-se

e esqueci-me de calçar outras.

Ele levantou-se e tirou uma manta das costas do sofá mais comprido, trouxe-a e tapou-me as pernas com ela. Não foi só isso: quando voltou a sentar-se, colocou os meus pés no seu colo e massajou-os com uma mão enquanto continuava a falar.

— Acho que o que eu queria dizer é que estou contente por estarmos a fazer as coisas à nossa maneira. Sempre tive medo de me tornar como eles. Não me parecia uma boa maneira de viver.

— Eu também — disse eu, as minhas entranhas a aquecerem ao mesmo ritmo que os pés. — O nosso casamento pode ser uma farsa, mas pelo menos não é disfuncional.

— Certo. — A mão dele parou sobre os meus pés e ele olhou-os. Depois, lentamente, subiu pelo tornozelo.

Sustive a respiração. Mas no momento seguinte ele pigarreou e procurou o comando.

— O que é que vamos ver?

Decidimo-nos por alguns episódios de *Schitt's Creek*, que nos fizeram rir a ambos e aliviaram a tensão na sala. Mas esta voltou a subir quando desligámos a televisão para irmos para a cama, e o Enzo me seguiu pelas escadas mal iluminadas.

Sustive a respiração, esperando sentir os seus braços à minha volta. Sentir o seu corpo quente e sólido atrás de mim, apertando-me. Ouvir a sua voz a sussurrar o meu nome, a dizer-me que não queria dormir sozinho.

Quando isso não aconteceu até chegar ao piso de cima, virei à esquerda, dirigindo-me para o meu quarto.

— Boa noite — disse ele baixinho.

— Boa noite — disse eu sem me virar para o olhar. No quarto, encostei-me à porta fechada e escutei. Quando ouvi a porta do seu quarto fechar-se, soltei a respiração.

Parecia que ele não ia testar-me nessa noite.

Eu devia ficar contente com isso.

Onze

Enzo

Preparei-me para me deitar e empurrei raivosamente os cobertores. Depois de deslizar entre os lençóis, puxei-os até à cintura e, carrancudo, fitei o teto na escuridão.

Eu desejava-a. Desejava-a muito e ela estava mesmo ali, do outro lado da parede. Isto era ridículo.

Em que é que ela estaria a pensar? Como reagiria se eu lhe batesse à porta? Mas que razão tinha eu para fazer isso? As regras estavam novamente em vigor, e já não era a nossa noite de núpcias. Não havia qualquer pretexto que eu pudesse invocar com segurança. Se fosse ao quarto dela, ela pensaria que eu era um porco que só queria sexo, ou que tinha sentimentos por ela.

Não tinha a certeza do que era pior.

Se ao menos me lembrasse de uma *razão* válida para violar os termos do contrato. Virando-me de barriga para baixo, esmurrei a almofada algumas vezes antes de enterrar a cara na espuma. No momento em que fechei os olhos, ela estava ali — a desabotoar o casaco do pijama, desafiando-me a tocá-la. A deslizar para baixo, entre as minhas coxas, tomando-me o pénis na boca. Pondo as mãos no meu rabo, empurrando-me mais para baixo, o meu pénis despido enterrado dentro dela. Gemi para a almofada, lembrando-me de como era bom.

E então, de repente, ocorreu-me — a razão por que devíamos fazê-lo outra vez. Era de génio!

Num segundo estava fora da cama e a percorrer o corredor escuro para bater à porta dela.

— Sim? — disse ela.

— Posso entrar?

— Sim.

Assim que abri a porta, ela acendeu a luz da mesa de cabeceira. Depois sentou-se na cama.

— Estava aqui a pensar.

— Em quê? — perguntou ela, com os olhos no meu peito nu.

— Em poupar tempo e dinheiro.

Ela pestanejou, confusa.

— Hum?

Fui sentar-me na cama ao lado dela.

— Poupar tempo e dinheiro em inseminações, como disseste. Em vez de pagar por apenas uma tentativa por mês, podemos continuar a tentar em casa de borla, todas as vezes que quisermos. — Pus a mão na perna dela, por cima dos cobertores. — E como até já começámos…

— Mas… — O olhar dela descaiu para a minha mão. — E as regras?

— Tenho tudo pensado. E se, por acordo mútuo, suspendermos essa regra em particular no interesse de… hum… aumentar as nossas hipóteses de êxito na fase dois? — Sem parar de disparatar, deslizei a mão pela coxa dela acima. — Sinto que a fase dois merece um compromisso forte e proativo, e uma abordagem inovadora a fim de… maximizar as oportunidades de conceção.

Ela riu-se.

— É para isso que estás aqui neste momento? Para maximizar as oportunidades de conceção?

— Claro. Que outras razões haveria?

— Não sei. — Ela cruzou os braços diante do peito. — Diz-me tu.

Fitámo-nos. Era claramente um impasse, e eu não queria ceder. Mas também não queria ir-me embora.

— Está bem, talvez eu possa pensar noutra razão — admiti. O seu sorriso satisfeito deu-me confiança para a beijar, mas quando me inclinei para o fazer, ela pôs-me dois dedos nos lábios.

— Primeiro tens de me dizer o que é.

Cheguei-me para trás, chateado.

— Escuta, estou a oferecer-te o meu material genético de qualidade superior, afinal foi por isso que casaste comigo, *de borla*, sempre que o quiseres. Qual é o problema?

Ela abanou a cabeça.

— Não é assim que isto vai funcionar.

Exalei ruidosamente.

— Muito bem. Passei um bom momento contigo ontem à noite.

— E?

— E quero fazê-lo outra vez.

— Porquê?

— Porque me deu prazer.

— Maaas — ela encolheu os ombros — podes ter prazer sozinho no teu

quarto. Não precisas de mim para isso.

— Está bem. — Fiz uma expressão carrancuda. — Gosto de *te* dar prazer.

Aquele sorriso reapareceu.

— Porquê? Gostas de mim?

— Raios, Bianca — silvei. — És mesmo chata. Desejo-te, está bem? É isso que queres ouvir? Bati à tua porta porque estava deitado na cama sozinho e não conseguia parar de pensar em ti. Agora podes dizer que me vá lixar, se quiseres, mas para de fazer jogos! Desejas-me ou não?

Em vez de responder, ela segurou-me a cabeça e esmagou os seus lábios nos meus.

— Sim, desejo-te — sussurrou. — Mas gosto de fazer jogos.

Meti-me debaixo dos cobertores, estendendo-me por cima dela e reclamando-lhe a boca.

— Tu pões-me maluco — disse-lhe, premindo o pénis entre as suas pernas e prendendo-lhe os pulsos firmemente contra o colchão. — Juro por Deus, fazes-me sentir que estou a perder a cabeça.

Rindo-se, ela enterrou a cara no meu pescoço e inalou.

— Céus, ela tinha razão. Cheiras bem.

— Hã?

— Esquece. Decidi que me agrada a tua proposta de emendas ao nosso anterior acordo — disse ela, enrolando as pernas à minha volta. — Além dos teus ativos consideráveis e da tua predisposição para seres flexível. Devemos simplesmente chamar aos orgasmos uma experiência de valor acrescentado?

Sorri-lhe.

— Assim é que é falar.

*

Passei a noite inteira na cama dela e, desta vez, quando acordámos de manhã, ela ainda estava nos meus braços. A chuva batia levemente no telhado. Inalei, absorvendo o cheiro do seu cabelo, e repousei os lábios brevemente no cimo da sua cabeça.

Gostava dela assim. Quente. Doce. Macia. Calada.

O pensamento fez-me rir e ela mexeu-se. Mas ficou onde estava, a bochecha no meu peito, um braço e uma perna por cima de mim. No passado, eu teria achado que estar assim agarrado a alguém era sufocante. E teria saído da cama antes do nascer do sol. Esta manhã, com a Bianca, já estava a pensar em estar dentro dela outra vez.

Seria mesmo bruxedo?

— Achas que nos esperam na igreja? — perguntou ela, com voz ensonada.

— Provavelmente. E depois em casa dos meus pais, para almoçar.

Ela suspirou.

— Pois é.

Acariciei-lhe as costas, roçando um dedo por cada vértebra.

— Julgo que nos podíamos escapar. Acho que ninguém nos pode negar um pequeno fim de semana de lua de mel.

— Mas o padre vai lá estar.

— Mais uma razão para não irmos. A minha mãe provavelmente vai fazê-lo abençoar-nos diante do frango com parmesão.

— Tens razão. Vamos baldar-nos.

— E o que é que fazemos em vez disso? Como é o teu domingo perfeito?

— Hum. — A mão dela desceu pela minha barriga. — Este é um bom começo.

— Concordo.

— E a seguir, comida. *Waffles*, por exemplo. Depois, provavelmente, enrolava-me no sofá com um livro, uma manta e café. — Ergueu o olhar para mim. — Sou aborrecida?

— Sim.

Ela sorriu.

— O que é que *tu* farias num domingo de chuva?

— Sinceramente, o mais provável era ficar debaixo dos cobertores e tirar-te as cuecas.

— Ainda não estás farto de me tirar as cuecas?

— Essa pergunta é a sério?

— Sim.

Virei-a de costas e pus as ancas em cima das dela, a minha ereção presa entre nós.

— Parece-te que sim?

Ela espetou-me um dedo no peito.

— Ontem na pousada disseste que estavas sempre duro de manhã. Disseste *especificamente* que não tinha nada que ver comigo.

— Era mentira. Tinha tudo que ver contigo. — Beijei-lhe o queixo, o pescoço, a clavícula, depois voltei a levantar a cabeça. — Disseste alguma mentira na pousada?

— Hum. — Ela pensou por um momento. — Sim. Menti quando disse que não estava a admirar o teu rabo. Estava decididamente a galar-te.

— Eu decididamente reparei.

— Não consegui resistir. — Segurou-me as nádegas com ambas as mãos. — Tens um rabo fantástico.

— O sentimento é mútuo — disse. — De facto, uma vez sonhei que corria atrás de ti pela casa e que tu só usavas um avental.

Ela riu-se.

— Apanhaste-me?

— *Hum-hum*.

— Que aconteceu depois?

— Não sei. Acordei e tive de me masturbar.

Ela sorriu.

— Da próxima vez damos-lhe um final mais feliz.

*

Acabámos por descer e eu fiz-lhe *waffles*. Ela observou-me sentada no seu banco na ilha, usando uma velha camisola minha dos Detroit Tigers, que lhe ficava enorme, sobre um par de calções tão minúsculos que nem se viam. O cabelo estava uma confusão, ela prendera-o num rabo de cavalo no cimo da cabeça, mas metade tinha escapado e emoldurava-lhe a cara.

— Que raio? — queixei-me, abrindo gaveta após gaveta. — Não consigo encontrar nada. Onde está a espátula de borracha?

Ela riu-se e apontou.

— Tenta essa gaveta à tua esquerda. Tive de reorganizar algumas coisas ontem.

Lancei-lhe um olhar.

— *Tiveste?*

— Quis. O teu sistema não fazia sentido.

— Fazia sentido para *mim* — resmunguei, mas encontrei a espátula na gaveta que ela indicou.

Ela saltou da ilha e abraçou-me por trás. Soube-me ridiculamente bem.

— Desculpa. Queres que te desenhe um mapa com a localização de tudo?

— Não é preciso. Eu oriento-me.

Vi-a voltar a encher a sua chávena de café, admirando as suas pernas nuas.

— Sabes uma coisa, acho que nunca tinha feito o pequeno-almoço para ninguém na minha cozinha.

— Não? — Ela encostou-se à bancada, com as mãos em torno da chávena.

— Assim, não. Nunca fui muito de passar a noite toda com alguém, sobretudo em minha casa.

— Estou *chocada*.

— Se não fores simpática, não te conto a coisa gira que ia contar.

Ela riu-se.

— Que coisa gira?

— Que estou genuinamente a gostar de te ter aqui. — Olhei-a. — Prepara-te… acho que gosto de ti.

— *Blhec* — Fez uma careta, fingindo repulsa.

— Eu sei, está bem?

— Acho que isso pode não ser mau. — Ela levou a chávena aos lábios, que formavam um sorriso incipiente. — Visto que somos casados, e isso.

Relanceei a aliança de casamento no meu dedo. Ainda era um choque vê-la ali — mas não detestava. De facto, até me parecia fixe.

— Ei, achas que devemos ajustar o nosso contrato para refletir a eliminação da cláusula sobre não ter sexo? — perguntou a Bianca.

— Hum, é pouco provável que me esqueça de que o sexo está no menu. E tu?

— Não — respondeu, com uma gargalhada. — E tens razão: quanto mais vezes tentarmos, maior a probabilidade.

— Tenho sempre razão, querida, por isso habitua-te. — Fiz uma pausa para desfrutar do seu revirar de olhos. — E, para que saibas, eu estava mesmo *concentrado* na tarefa esta manhã.

— Agradeço a tua dedicação profissional, mas tens mesmo de lhe chamar *tarefa*? — Ela franziu o nariz.

— Desculpa. Vou chamar-lhe tiro ao alvo, é mais como um passatempo, certo? Ou um desporto? Uma agradável atividade de lazer? — Ela deitou-me a língua de fora e tive de me rir. — Sabes, se alguém me tivesse dito há um ano que estaria casado com a Bianca DeRossi e a tentar ter um bebé, ter-lhe-ia perguntado o que é que andava a fumar. Mas aqui estamos nós.

— Aqui estamos nós.

— E sabes que mais? — Verifiquei se a chapa das *waffles* estava quente. — Agora que somos amigos, vou contar-te um segredo.

— Oooh! — Os olhos dela iluminaram-se. — Sim, conta-me um segredo.

— Pensei que ia odiar estar casado, mas até gosto. Dá-me vontade de fazer… — Bati com um punho no ar. — Coisas drásticas e masculinas.

Ela desatou a rir.

— Coisas drásticas e masculinas? De que género?

— Bem, agora que te riste de mim, não te vou contar — disse eu altivamente, deitando um pouco de massa na chapa.

— Não, vá lá. Conta-me. Quero mesmo ouvir.

Fechei a tampa e encarei-a.

— Está bem. Então, desde que dissemos «Aceito» que, por vezes, quando olho para ti, tenho este instinto de homem das cavernas de te atirar por cima do meu ombro e rosnar a qualquer idiota que tente aproximar-se de ti. Sei que soa possessivo e sexista e horrível, porque não és minha propriedade, mas és minha mulher. — Encolhi os ombros. — E podes chamar-me porco, mas não consigo evitar que ser um marido desperte esse meu lado.

Ela sorriu maliciosamente.

— Se te disser que isso até me agrada, vais bater no peito e imitar um macaco?

— É possível. — Fingi coçar a axila como um símio. Ela abanou a cabeça como se eu fosse um caso perdido.

— Então, acertar no alvo… Esta é uma das tuas coisas drásticas e masculinas?

— Sim. — Não consegui resistir a segurá-la pela cintura, encostando as ancas às dela. — O que significa que agora o meu ego está envolvido, e quando isso acontece… cuidado!

— Então esta é uma das ocasiões em que espero fazer o teu ego crescer ainda mais. — Depois olhou para o teto. — Que Deus me ajude.

*

Na terça-feira depois do trabalho, encontrei-me com o Beckett no *pub* para um copo. Mandámos uma mensagem ao Cole e ao Griffin para virem ter connosco, mas estavam ocupados — o Cole tinha de levar a Mariah a qualquer sítio. E o Griffin estava a fazer o jantar para a Blair.

— Essa é nova — disse o Beckett enquanto esperávamos que o empregado nos atendesse. — Nem sabia que o Griff cozinhava.

— A Blair deve ter-lhe ensinado algumas coisas. — Abanei a cabeça. — Mas concordo, está mais domesticado do que nunca.

— E tu? — perguntou ele quando dois copos altos de *Bulldog Pale Ale* foram colocados à nossa frente. — Como vai a vida de casado?

— Bem, na verdade.

— Sim? — O Beckett arqueou uma sobrancelha.

— Sim. — Encolhi os ombros e bebi um pouco de cerveja. — Afinal, não detesto tanto como pensei que ia detestar.

Ele riu-se.

— Talvez por só se terem passado quatro dias?

— Talvez. — Ergui o copo. — Mas provavelmente é por ela ter desistido da regra de não termos sexo.

— Espera aí! Havia uma regra de não ter sexo? Como raio iam ter um bebé sem ter sexo?

— Não me perguntes. — Tomei um gole. — Ela queria complicar tudo e fazer inseminação numa clínica de fertilidade, mas convenci-a de que seria muito mais conveniente, mais barato *e* mais provável de resultar se experimentássemos o método tradicional.

O Beckett riu-se e abanou a cabeça.

— É de génio.

— Não é?

— Vão-se separar depois de o bebé nascer?

— Sim.

— Isso pode ser duro. Não achas?

— Acho que conseguiremos ficar amigos — disse eu, esticando o tronco. Tinha uma impressão no flanco, como se tivesse distendido um músculo no ginásio esta manhã. — Estamos a dar-nos mesmo bem agora.

— Referia-me à criança.

— Oh. — Lembrei-me de que a mãe do Beckett tinha abandonado a família quando ele era ainda pequeno, tanto que tinham sido o pai e as irmãs mais velhas que o tinham criado. Nunca mencionava a mãe quando éramos miúdos e como, por fora, parecia extremamente bem-sucedido: notas máximas, atleta universitário, bolsa para uma universidade de topo, MBA em Yale, carreira de renome em Wall Street que abandonara de boa vontade para voltar e gerir o rancho de gado da família, era fácil esquecermos que ele tinha passado por aquela dificuldade. — Vou criar o bebé com ela — assegurei-lhe. — Ele ou ela terá, sem dúvida, dois pais presentes.

— Isso é bom. — Bebeu mais um gole de cerveja.

— Como está o teu pai? — perguntei. O Sr. Weaver mostrava sinais de demência há alguns anos, e sempre que o Beckett falava dele, as histórias pioravam.

— Nem me perguntes — murmurou.

— Lamento, amigo. É assim tão mau?

— É muito mau. — O Beckett bebeu de novo. — Durante o inverno eu estava mais presente, para ficar de olho nele, mas os dias vão ficar maiores e eu estarei fora de casa do nascer ao pôr do sol. Ele precisa de supervisão constante, quer lhe agrade, quer não. E não agradará.

— Pensei que tinhas contratado alguém.

— Já contratei três pessoas — disse o Beckett, apertando a cana do nariz

com o polegar e o indicador. — Ele manda toda a gente embora assim que saio de casa. E mesmo quando digo aos cuidadores que ele não tem autoridade para o fazer, ele porta-se tão mal que eles se despedem. Já não tem filtro nenhum. Disse a uma que ela tinha uma linda cara para trabalhar na rádio.

Ri-me.

— Desculpa, sei que não tem graça.

— Agora também pensa que é jogador da liga principal de basebol. Está sempre a dizer que tem de ir para os jogos.

— Bem, isso parece inofensivo.

— Não para mim. Estou a tentar mantê-lo preso à realidade. E a única coisa que ele faz é contrariar-me, mentir-me ou acusar-me de lhe roubar as coisas.

— Que coisas?

— Oh, tudo o que possas imaginar. O equipamento de basebol, o dinheiro, o carro.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar?

— Não. Cá me arranjarei. Tenho muita coisa com que lidar neste momento. — Ficou em silêncio por um momento. — Lembras-te da Maddie Blake?

Sorri-lhe.

— A que te escapou?

Ele franziu a testa.

— Vai-te lixar, éramos só amigos.

— Ela passava a vida em tua casa.

— Porque vivia do outro lado da rua e tínhamos aulas juntos. Fazíamos os TPC em minha casa, estúpido.

— Está bem, mas tu querias comê-la.

— Sim, bem, ela tinha um namorado canalha.

Surgiu-me uma memória do nosso último ano no secundário.

— Não lhe deste uma tareia depois do baile de finalistas?

A cor no rosto do Beckett escureceu.

— Dei.

— Caramba, nunca te vi tão zangado. Pensei que ias arrancar os dentes àquele tipo.

— Devia tê-lo feito. — Abanou a cabeça. — Ele era tão cabrão para ela. Mas ele estava tão bêbedo, que não seria justo. Ela suplicou-me para não lhe partir a cara.

— Nem me lembro de como é que isso começou.

O Beckett encolheu os ombros.

— Ela pediu-me para a levar a casa porque ele estava a beber demais. Estava a acompanhá-la para o exterior quando ele veio atrás de mim.

— Pois foi, já me lembro. — Eu não tinha visto o início da briga, mas toda a gente na festa deixara a fogueira no pátio e se precipitara para a rampa de acesso quando o Beckett estava por cima do tipo que acabara de esmurrar e atirar ao chão. Lembrava-me da Maddie a chorar e a implorar ao Beckett que parasse, lembrava-me do nariz ensanguentado do tipo e dos punhos cerrados do Beckett quando se pôs a gritar ao tipo que *se levantasse e repetisse a merda que tinha dito.*

O Cole, sempre pacificador, pôs-se entre o Beckett e o tipo a sangrar, mas eu e o Griffin tivemos de tirar dali o nosso amigo para garantirmos que ele não matava ninguém com as próprias mãos. Tinha sido tão chocante — apesar do seu tamanho e força, o Beckett era normalmente quieto, pacato e equilibrado.

— Foi a única vez que te vi entrar numa luta.

— Não foi uma grande luta. — De peito inchado, o Beckett deu um gole na cerveja.

— É verdade. Quer dizer que te mantiveste em contacto com a Maddie?

— Por algum tempo, quando fomos para a universidade. Depois a mãe dela morreu e, do nada, ela abandonou os estudos e casou-se. Não soube dela durante uns anos. — Fez uma pausa e voltou a beber. — Mas quando eu vivia em Manhattan, ela passou alguns dias comigo.

— A sério? — Fitei-o, surpreendido. — Aconteceu alguma coisa entre vocês?

Ele abanou a cabeça.

— Ela ainda era casada. E, na verdade, estava grávida. Acabou por voltar para ele, embora eu tivesse tentado dissuadi-la.

— Porquê?

O queixo dele tremeu.

— Porque ele não a merecia.

— Era violento?

— Não fisicamente. Era só um sacana. Acabaram por se divorciar há um ano.

— Então agora ela é mãe solteira?

— Sim. Tem um menino de 6 anos, o Elliott.

— Pois. — Tentei visualizar a Maddie Blake. — Ela vive por aqui? Acho que não a vejo desde o secundário.

O Beckett abanou a cabeça.

— Vive no Ohio, mas vem para cá dentro de algumas semanas, para vender a casa onde vivia. Herdou-a da mãe e tem estado arrendada. Na verdade, ia pedir-te um favor.

— Claro. O que é?

— Podes dar uma olhadela à casa e dar-lhe um orçamento para algumas melhorias? O gestor da propriedade não fez manutenção nenhuma e a casa está vazia há algum tempo. — Ele estremeceu. — Tenho-a visto por fora, e está em muito mau estado.

Bebi um pouco de cerveja.

— Posso fazer isso. Sem problema.

— Não sei quanto dinheiro é que ela tem — disse o Beckett, coçando a nuca.

— Vou dar uma olhadela e ver com o que é que lidamos. Não te preocupes, faço-lhe um bom preço.

— Foi o que eu lhe disse. — O Beckett parecia aliviado e voltou a pegar na cerveja. — Obrigado, amigo.

— Ela vai ficar lá até ser vendida?

— Na verdade, vai ficar comigo. — Olhei-o com surpresa. — Ia ficar lá — acrescentou ele rapidamente, num tom ligeiramente defensivo —, mas a casa está um destroço. Acho que ela não tem noção do péssimo estado de conservação em que está. Nós temos muito espaço e ela diz que o filho está muito entusiasmado por visitar uma quinta.

— Ora aí vamos, podes finalmente comê-la — brinquei.

Ele revirou os olhos.

— Vai-te lixar, sacana. Só estou a fazer uma coisa simpática por uma velha amiga.

Decidi dar-lhe uma trégua porque ele estava obviamente sob uma grande pressão neste momento — mas lembrava-me da forma como ele olhava para a Maddie Blake no secundário, embora nunca tivesse admitido o que sentia por ela.

— Chega dentro de algumas semanas, foi o que disseste?

— Sim, logo que comecem as férias de verão do Elliott. Aviso-te quando tiver notícias dela.

Bebi um pouco de cerveja.

— Estás com muita coisa na tua vida.

— Nem me digas nada. Uma destas manhãs vou acordar de cabelos brancos, como o meu pai.

— O meu conselho é que arranjes um casamento a fingir e tenhas muito sexo. É excelente para aliviar o *stress*.

Ele riu-se.

— Uma mulher é a última coisa de que preciso, seja um casamento a fingir ou não. Já tenho pessoas suficientes para cuidar neste momento, para não falar numa manada de gado, algumas cabras, galinhas, cavalos, um cão…

— Está bem, está bem. — Levantei uma mão, rendendo-me. — Ganhaste.

Nada de mulher. E se eu pagar a próxima rodada?

O Beckett assentiu e terminou a sua cerveja.

— Aceito.

*

Nessa noite, quando eu e a Bianca estávamos enrolados na cama depois de uma ronda de treino de pontaria — fiz questão de lhe chamar assim — pensei novamente no Beckett.

— Olha, se eu perder a cabeça e começar a deambular pela vila a dizer baboseiras, não deixes o nosso filho sentir-se responsável por isso. Põe-me num lar, ou algo assim. Assegura-te só de que servem comida da boa.

A Bianca levantou a cabeça do meu peito.

— O quê?

— O pai do Beckett tem demência, e ele tem de lidar com isso. — Falei-lhe do comportamento errático do Sr. Weaver e de como o Beckett se esforçava por o manter em segurança, enquanto geria o rancho sozinho.

— Coitado do Beckett — disse a Bianca, voltando a encostar a cabeça. Entrelaçou as pernas nuas nas minhas, e pôs-se a brincar com os pelos no meu peito.

— Pois, sinto-me mal por ele.

— Quando é que a mãe dele morreu?

— Não morreu, pelo menos, que eu saiba. Foi-se embora quando o Beck era muito pequeno. Ele nunca falava disso.

— Coitado. Tem irmãos?

— Tem duas irmãs mais velhas, a Mallory e a Amy. Mas moram longe, não podem ajudá-lo numa base diária.

— O Beckett alguma vez namorou?

— Acho que teve uma namorada por algum tempo em Nova Iorque, mas desde que se mudou para cá não teve nada sério. Está sempre tão ocupado com o rancho, e agora com o pai. — Brinquei com o cabelo dela, deixando que as macias madeixas ruivas deslizassem por entre os meus dedos. — Na escola secundária, andou embeiçado pela Maddie Blake. Mas não o admitia.

— A sério?

— Ela vivia em frente do rancho e tinham aulas juntos, por isso ela passava muito tempo em casa dele, embora ele jure que só faziam os TPC.

A Bianca riu-se.

— Algo que tu não imaginas possível, caso estivesses sozinho com uma

rapariga, no secundário.

— Precisamente. — Puxei-lhe um caracol. — Mas, na verdade, acredito nele. Ela tinha namorado, e o Beckett não era o género de gajo de se meter com a namorada de outra pessoa.

— Como é que ele era nessa altura?

— Mais ou menos como é agora. Um viciado em trabalho. Inteligentíssimo. Um excelente atleta. Sempre ocupado. Quando não estava na escola ou no treino, estava a trabalhar. Levantava-se às cinco da manhã para ordenhar vacas antes de ir para a escola.

— Nunca teve uma namorada?

— Não propriamente. Acho que esteve sempre preso à tal Maddie.

— E nunca lhe disse?

— Não. Não era o seu género.

— Como é que ela era?

— Fixe. Bonita, mas não de uma maneira vistosa. Mais para o calado. — Tentei lembrar-me. — Toda a gente gostava dela, mas ela só namorava com falhados. Nunca compreendi isso.

A Bianca suspirou.

— Nunca sabemos o que vai na cabeça de uma pessoa.

— Pois, acho que não. Seja como for, o Beckett disse que ela acabou por se *casar* com um falhado e teve um filho dele. Mas agora está divorciada e vem para cá daqui a umas semanas, para vender a casa onde cresceu. — Contei-lhe que o Beckett me tinha pedido para orçamentar algumas obras e eu concordara em lhe fazer um bom preço.

— Oh, claro que sim. — Beijou-me o peito. — És um bom amigo.

— O Beckett é um bom tipo.

A Bianca ficou em silêncio por um momento.

— É difícil acreditar que uma mãe possa simplesmente abandonar um filho, como a mãe dele fez, mas… pelos vistos, acontece.

— Pois.

— Por muito intensos que os nossos pais sejam, temos sorte por ter crescido como crescemos.

Eu ia concordar quando me apercebi de que o nosso filho não cresceria da mesma maneira.

Aquela pontada no meu flanco voltou, e franzi a testa.

— Deixa-me levantar um segundo — disse-lhe. — Preciso de me esticar.

Ela sentou-se na cama e eu inclinei-me, esticando um braço por cima da cabeça, esperando que a dor aliviasse.

— Estás bem? — perguntou ela.

— Estou. Devo ter-me magoado no ginásio esta manhã. — A dor aliviou ligeiramente e desliguei a luz. Quando voltei a deitar-me, ela chegou-se a mim e eu abracei-a, ouvindo a sua respiração abrandar.

— Achas que vamos dar cabo da vida do nosso filho? — perguntei.

— O quê? Não. — Ela sentou-se na cama. — Porque dizes isso?

— Porque não vamos criá-lo juntos.

— Vamos, sim.

— Percebes o que quero dizer: na mesma casa.

— Oh. — Ficou em silêncio por alguns segundos. — Não, não acho que vamos dar cabo da vida do nosso filho. Muitas crianças crescem em duas casas diferentes. O importante é que eles saibam que são amados.

As palavras dela faziam sentido, mas algo não estava a encaixar bem comigo esta noite.

— Estás… estás a mudar de ideias acerca de ter um bebé? — perguntou ela nervosamente.

— Não. Ainda estou de acordo com o plano. Desculpa, acho que estou só preocupado com o Beckett, e isso está a interferir comigo.

— Está bem. Compreendo. — Ela deitou-se do seu lado da cama e puxou os cobertores até aos ombros, virando-se para o outro lado.

— Ei. Que fazes aí?

— Não sei. Estou a dar-te algum espaço.

— Bem, não o quero. Vem para aqui. — Ela virou-se para mim e eu tomei-a nos braços. — Só queria que soubesses, e isto é cem por cento sincero, que ainda não estou farto de ti.

O riso dela fez a dor no meu flanco desaparecer.

— Eu também ainda não estou farta de ti.

— OK, ótimo. — Beijei-a mais uma vez e adormeci.

Doze

Bianca

A Cheyenne foi a anfitriã do clube de leitura na quinta-feira à noite e, depois de todos os outros terem saído, eu, ela e a Blair ficámos a conversar na sua sala de estar.

— Estou ansiosa por saber novidades — disse a Cheyenne, servindo-se de mais vinho e instalando-se na *chaise-longue* do sofá creme que ela e o Cole tinham escolhido com a minha ajuda. — Como vão as coisas?

— Bem — disse eu.

— Reparei que não estás a beber vinho — disse a Blair, que se sentara no canto oposto ao meu, com um sorriso desconfiado.

Tomei um pouco de chá.

— Pois não.

— Isso quer dizer que já estás grávida?

Os olhos da Cheyenne arregalaram-se.

— Não — disse eu. — Só a tentar.

A Blair sentou-se direita como um fuso.

— Calma aí. Disseste-me que a primeira inseminação seria só no fim de abril. Estamos a meio de março.

— Acerca disso. — Dei mais um gole no chá. — Bem… decidimos tentar o método tradicional.

Ambas as minhas amigas me fitaram.

— A sério? — perguntou a Cheyenne.

— Sim.

— Eu sabia! — A Blair bateu com a mão no sofá. — Quando saímos de vossa casa, no sábado, eu disse ao Griffin que vocês não seriam capazes de cumprir essa regra ridícula.

— Tinhas razão — confessei. — Não fomos capazes.

— Estou tão confusa — disse a Cheyenne, pondo a palma da mão na testa. — Agora vocês são mesmo um casal? Ou continua tudo a ser a fingir?

— Acho que somos qualquer coisa no meio — disse eu. — Nem um casal, nem inteiramente falso. Mais como amigos com benefícios.

Ela continuou a tentar compreender.

— Mas ainda planeiam separar-se?

— Sim. Depois de o bebé nascer, se eu engravidar. Mais cedo, se isso não acontecer.

— Cedo… quando?

— Combinámos dar um prazo de três meses. — O meu estômago teve uma reação estranha quando o disse em voz alta. Três meses já não pareciam tanto tempo como quando assináramos o contrato.

— Ena. — A Cheyenne pestanejou. — E serás capaz de simplesmente virar costas?

— Claro — disse eu com uma confiança que não sentia completamente. — Essa parte do plano não mudou. Desde o início que concordámos numa data de expiração. Ajustámos as coisas para, entretanto, nos divertirmos um pouco mais.

— Mas e se, nessa altura, gostarem mesmo um do outro? — pressionou a Cheyenne. — Não achas que poderia funcionar?

— Nem pensar — insisti, antes que aquela voz na minha cabeça a dizer *bem, talvez* se tornasse audível. — A razão por que escolhi o Enzo é que sabia não haver a menor possibilidade de me apaixonar por ele. De facto, ele obrigou-me a pôr isso no contrato.

— Obrigou? — A Cheyenne revirou os olhos. — Que cabrão.

— Eu sei. — Ri-me, abanando a cabeça. — Na altura, pareceu-me ridículo que ele sequer pensasse nisso. Mas ele afirmou que já esteve numa situação em que a rapariga diz que é só por diversão e depois se apaixona por ele.

— Mas tu não és essa rapariga — disse a Blair. — Não é essa situação.

— Não, não é. E nunca será. — Endireitei-me um pouco no assento. — Reparem, eu aprecio a honestidade dele. Passei anos numa relação, a deixar-me enredar em promessas vãs. Pelo menos o Enzo está a ser frontal acerca disso. Nunca vai amar-me. Estou à vontade com isso.

A Blair arquejou e olhou para a Cheyenne.

— Ela é tão parecida contigo.

— Hum? — Olhei de uma para a outra.

— Eu também disse isso acerca do Cole. — A Cheyenne sorriu com cumplicidade. — Que ele nunca iria amar-me.

— Oh. — Inclinei a cabeça de um lado para o outro. — Bem, essa foi uma situação diferente. Vocês tinham uma história diferente. Circunstâncias diferentes.

— Tal como eu e o Griffin — disse a Blair. — Não há um caminho único

que conduza ao amor, Bianca. Só estamos a dizer que achamos que não te deves fechar completamente à ideia de encontrar algo real com o Enzo. Pode acontecer, apesar de ninguém o esperar.

— Nenhum de nós o *quer* — insisti, ficando um pouco agitada. Eu não era elas e elas não eram eu. Porque é que tinha de explicar isto outra vez? — Estamos nisto com um objetivo completamente diferente. E como sou uma mulher madura, que se conhece a si mesma e aprendeu com os seus erros, estou a ser cem por cento cuidadosa desta vez, para não ser arrastada para a fantasia. Sim, somos casados. Mas, para nós, é apenas um papel. Sim, o sexo é fantástico. Mas é apenas sexo. Sim, o Enzo é giro e divertido e talvez ligeiramente menos irritante hoje em dia. Mas estou numa missão, e sei o que esta é… e o que não é.

A Blair suspirou dramaticamente e olhou para a Cheyenne.

— Não podemos ter coisas boas, Chey.

A Cheyenne abanou a cabeça.

— Não, é certo que não podemos.

— Vocês são ridículas — disse eu rindo-me e levantando-me. — E vou-me embora antes que se entusiasmem mais. Eu e o Enzo não somos uma história de amor. *Ponto final*.

*

Na sexta-feira à tarde, mandei uma mensagem ao Enzo quando ainda estávamos ambos no trabalho.

Eu: Jantar de aniversário esta noite? Eu cozinho.

Enzo: Parece-me bem. Sanduíches de almôndegas?

Ri-me da fila de *emojis* de beijinhos que se seguiam.

Eu: Outra vez?

Enzo: Sou um homem simples.

Eu: Em casa às seis?

Enzo: Estou numa obra esta tarde, mas devo conseguir chegar.

Eu: Até lá.

Saí do trabalho um pouco mais cedo, passei na mercearia a caminho de casa e tinha tudo preparado às 17h30. Depois fui ao andar de cima, despi-me completamente e pus um avental. Tinha-o comprado no início da semana — era num estilo *vintage*, vermelho, com folhos e pequenas cerejas na saia. Depois de o atar atrás, calcei os meus saltos mais altos, acrescentei perfume e batom vermelho e voltei a descer.

Na cozinha, pus a tocar Frank Sinatra, servi dois copos de vinho e liguei o forno.

Por volta das 18h20 ouvi a chave dele na fechadura. A porta abriu-se e eu

virei-me rapidamente para o forno, concedendo-lhe uma vista do meu traseiro nu por baixo do laço atrevido do avental.

A porta fechou-se e ouvi passos, que pararam subitamente.

— Cum caraças. — Espreitei-o por cima do ombro: ele estava a fitar-me, e tinha uma mão sobre o peito. Na outra, tinha um ramo de rosas brancas. — Estou morto? — perguntou ele, de olhos arregalados. — Isto é o céu? Porque é assim que eu imagino que o céu seja, soe e cheire.

Repreendi-o.

— Isto são horas?

— Desculpa. Estamos atrasados com este projeto e tive de me certificar de que os tipos dos mosaicos não iam fazer asneira e largar o trabalho antes de estar acabado. Depois ainda passei pela florista. — Pousou as rosas na bancada.

Fiz um beicinho teatral, apesar de o meu coração esvoaçar por ele me trazer flores outra vez.

— Pões os tipos dos mosaicos à minha frente?

— *Ninguém* poria os tipos dos mosaicos à tua frente. — Ele aproximou-se, com os olhos negros, famintos.

Dei a volta à ilha, pondo-a entre nós.

— Disseste que estarias em casa às seis. São seis e vinte.

Ele seguiu-me.

— Eu compenso-te.

— Não sei se ainda quero. — Continuei a recuar, contornando a ilha, e o Enzo a perseguir-me lenta, mas resolutamente.

— Não? — Ele despiu a camisa de trabalho preta da Moretti & Filhos e a *t-shirt*. — E agora?

As minhas entranhas apertaram-se ao ver o seu peito e abdominais nus. Mas desdenhei.

— *Meh*.

— *Meh*? — As sobrancelhas dele arquearam-se enquanto ele atirava as peças de roupa para o chão da cozinha. — Ontem à noite disseste que o meu corpo parecia ter sido esculpido por Michelangelo. E esta noite é *meh*?

Rindo-me, movi-me um pouco mais depressa, para o impedir de me apanhar.

— Na noite passada não te atrasaste para o nosso jantar.

— Já pedi desculpa. E trouxe-te flores. Não podes perdoar-me?

— Não. Porque depois vais pensar que não há problema em estares sempre atrasado. Para te ensinar uma lição, acho que devia…

Ele atirou-se na minha direção, eu guinchei, esquivei-me, dei a volta à ilha e corri para a sala de estar.

O Enzo perseguiu-me, saltando sobre o sofá para chegar primeiro às escadas,

que bloqueou.

— Não é justo — disse eu, ofegante. — Estou de saltos. Tu estás de botas, podes correr mais depressa.

— O que é que vais fazer em relação a isso? — perguntou ele, inclinando a cabeça.

— Esconder-me noutro sítio. — Fugindo dele, corri para a casa de banho, tentando não torcer um tornozelo nos *Jimmy Choo*.

Quando ele chegou ao pé de mim, consegui rodopiar e correr novamente para as escadas. Mas ainda não tinha subido dois degraus quando ele me agarrou pela cintura, indiferente aos meus gritinhos. Enquanto eu me retorcia nos seus braços, ele disse, baixinho, ao meu ouvido:

— Fazemos assim, como eu sou um tipo fixe, vou dar-te uma vantagem. Deixo-te chegar ao cimo das escadas antes de ir atrás de ti. É justo, não é?

— Não — disse eu, esforçando-me por me libertar do seu aperto de ferro.

— Partida, largada, fugida. — Ele aliviou o seu aperto forte e eu escapei, correndo pelas escadas tão depressa quanto os meus saltos me permitiam. Ainda não tinha chegado ao cimo quando escutei o impacto das suas pesadas botas de trabalho nos degraus. Ele já vinha a subir, dois degraus de cada vez.

— Fizeste batota! — gritei, correndo para o quarto dele, que tínhamos partilhado desde a minha segunda noite nesta casa. — Disseste que me davas avanço até ao cimo das escadas! — Movia-me o mais depressa que podia, mas não consegui fechar a porta a tempo, o Enzo usou o braço para a segurar facilmente e escancarou-a.

— Não fiz batota. Menti. Há uma diferença.

A respirar com dificuldade, recuei para a cama, com os braços esticados à minha frente.

— Disseste-me que nunca mentias.

— Isso foi antes de tu vestires um avental. Antes de fugires de mim. — Aproximava-se lentamente agora, os seus olhos negros em brasa, o seu tom ameaçador. — Achas uma coisa bonita de fazer ao teu marido? Torturá-lo? Enlouquecê-lo? Transformá-lo num monstro?

A parte de trás das minhas pernas embateu na cama enquanto ele me segurava os braços.

— Que vais fazer-me?

— Vou castigar-te.

O meu coração estava disparado.

— Como?

Sem responder, ele fez-me girar, pôs a mão nas minhas costas e dobrou-me para a frente pela cintura. A coisa seguinte que ouvi foi o seu cinto a ser

desafivelado. A coisa seguinte que senti foi os meus pulsos a serem atados atrás das minhas costas. A coisa seguinte que percebi foi ele a inclinar-se sobre mim, os punhos ao lado dos meus ombros, a sua voz a provocar-me ao ouvido:

— Força, Lucy. Debate-te.

Lutei contra a tira de cabedal, mas estava demasiado apertada — e ele ainda estava por cima de mim, por isso não consegui endireitar-me. Ofeguei e retorci-me, mas desisti em menos de dez segundos.

— Rendes-te? — perguntou ele, fazendo-me cócegas na pele com a sua respiração, roçando os lábios pelo meu pescoço. Senti o seu peito quente e rijo nas minhas costas, e o meu corpo a arder por ele.

— Nunca — disse sem fôlego.

— Então julgo que não me deixas outra escolha. — Endireitou-se e deu-me uma sonora palmada no rabo. — E agora?

Eu gemi — porque, sim, tinha doído — mas depois ri-me.

— Não! É demasiado tarde para mudar de ideias em relação a casar contigo?

— No nosso aniversário? Megera sem coração. — Bateu do outro lado do meu rabo, depois cobriu ambas as nádegas com as palmas, premindo levemente.

— Não me candidatei a ser abusada!

— Isto não é abuso, querida. — Ajoelhou-se atrás de mim e beijou-me a carne ardente. — É vingança.

— Pelo quê? — perguntei sem fôlego.

— Por me fazeres desejar-te desta maneira. — Uma das suas mãos deslizou entre as minhas coxas, os dedos sondando dentro de mim. — Por me provocares. Por me tentares.

A minha pulsação estava a disparar rapidamente, sentia as entranhas a derreter ao seu toque.

— Tu merecias.

— Talvez merecesse. — Deslizou os dedos mais profundamente, depois retirou-os, esfregando-os sobre o meu clítoris em círculos lentos e rítmicos. — Mas continuas a ser uma menina maléfica.

— Tu gostas — sussurrei enquanto ele me afastava os calcanhares e enterrava a cara entre as minhas pernas, lambendo-me.

Fiquei de boca aberta e olhos fechados. Isto era real? O arrogante, quero-posso-e-mando, egocêntrico Enzo Moretti estava ajoelhado entre as minhas coxas, adorando o meu corpo com a sua boca arrogante e a sua língua insolente e aquelas mãos maravilhosamente robustas?

Não tardou que as minhas pernas estivessem quase entorpecidas de prazer. As minhas entranhas tinham dado um nó tão apertado que gritei com a necessidade do alívio. O meu clítoris inchado vibrava enquanto ele lambia,

sugava e tentava. Mas sempre que eu chegava perto do orgasmo, ele recuava — e eu sabia que estava a fazê-lo de propósito, porque ouvia o riso surdo na sua garganta e sentia a sua respiração na minha pele quente e húmida. Ele já conhecia o meu corpo tão bem!

— Enzo — supliquei, quase em lágrimas. — Por favor.

— Por favor o quê?

— Deixa-me vir.

— Pede desculpa.

Eu estava farta de jogos.

— Desculpa. Rendo-me.

Ele riu-se.

— Tão fácil, porra!

Fez o que eu pedia, empurrando os dedos mais fundo, trabalhando mais depressa com a língua, e num minuto o meu corpo vibrava com os espasmos e as minhas entranhas contraíam-se com alívio.

O meu corpo ainda latejava de bênção quando o Enzo cravou os dentes no meu rabo e gemeu. Gritei de dor, embora secretamente não me fartasse da forma como ele parecia descontrolado esta noite.

Ele pôs-se de pé e ouvi o fecho das suas calças a ser aberto. Um segundo depois, senti o seu pénis deslizar para baixo e para cima na racha do meu rabo.

— Sim — suspirei, arqueando as costas num convite.

— Já te disse — começou ele com voz rouca — o quanto gosto desta indumentária? Devias usá-la todos os dias.

Ri-me, ainda tentando equilibrar a respiração.

— Alguma vez sairíamos de casa?

— Não — respondeu ele, penetrando-me com movimentos lentos e profundos.

— Perderias a tua empresa.

— Que se lixe a minha empresa. — Apertou-me as ancas, puxando-me para trás enquanto investia para a frente, fazendo-me gritar a cada investida funda e agressiva. — Só te quero a ti. Que raio, a única coisa que quero és tu!

Parecia zangado ante a ideia.

Depois não pude falar mais, porque ele estava a mover-se dentro de mim com demasiada força e rapidez, envolvendo-me naquela espiral alta e apertada, levando-me ao limiar onde a dor e o prazer são quase indistinguíveis, e eu só queria mais. Com as mãos ainda presas atrás das costas, estava completamente à mercê dele, mas ele não tinha misericórdia esta noite. O sexo foi bruto, como se ele estivesse mesmo furioso comigo pela forma como se sentia, pela forma como me desejava.

A sua respiração era entrecortada e pesada, o seu ritmo brutal, o seu pénis penetrava-me bem fundo. Quando eu achava que não aguentava mais, ele apoiou-se num antebraço e enfiou a outra mão debaixo do meu avental, entre as minhas pernas. Trabalhando com os dedos sobre o meu clítoris, enterrou-se mais fundo dentro de mim e senti a quietude a adensar-se, seguida pela explosão quando ele começou a latejar dentro de mim uma e outra vez. O seu orgasmo empurrou-me para lá do limiar, e o meu próprio clímax deixou-me prostrada, contraindo-me em torno dele.

Sentia o seu coração a bater nas minhas costas quando ele tombou por cima de mim, um braço ainda enrolado nas minhas ancas, o outro apoiado sobre o meu ombro.

— Foda-se — disse ele numa voz baixa e rouca. — Estás bem?

— Estou ótima — disse eu, ainda respirando pesadamente por ter o peito comprimido no colchão.

Ele baixou aos lábios para a minha têmpora e depois repousou aí a testa.

— Posso apresentar uma requisição para mais noites em que chego a casa para comer sanduíches de almôndegas e tu só usas um avental?

— Vais chegar a horas? — brinquei.

— Nunca. Porque adoro quando ficas zangada comigo. Começo a compreender porque é que os meus pais estão sempre a brigar. Acho que eram preliminares. Agora percebo porque tiveram seis filhos.

Rindo, retorci-me debaixo dele.

— Contento-me com um. Posso levantar-me agora? Acho que os meus braços estão dormentes.

— Sim. Mas antes de nos mexermos, só queria dizer que desta vez acertei mesmo. Porque passei para outro nível de profundidade. Profundidade intergaláctica. *Deep Space Nine*. — Endireitou-se, libertou os meus pulsos e massajou-os gentilmente. — Ena, o teu rabo tem duas grandes marcas de mãos.

Soerguendo-me, tentei espreitar por cima do ombro.

— A sério?

— Sim. Parece um projeto que fiz para o infantário. — Puxou as calças para cima e abotoou-as, com um sorriso no rosto. — Mas isto foi muito mais divertido.

Fitei-o intensamente.

— Da próxima vez, vou ser bruta contigo. Vou gravar o meu nome nas tuas costas com as unhas.

— Para com isso, estás a excitar-me. — Estendeu a mão para me ajudar.

— Não, espera — disse eu, virando-me de costas. — Deixa-me descansar aqui um minuto. Talvez ajude.

Ele assentiu com a cabeça e segurou-me pelos tornozelos, puxando-me as pernas para cima da cama.

— Pronto. Queres que te vire para a cabeceira?

— Não. Mas acabei de me lembrar de que o forno está ligado. Não tem nada lá dentro, mas talvez seja melhor desligá-lo.

— Nem penses, estou cheio de fome. Vou lá abaixo fazer as sanduíches. Que mais posso fazer?

— Nada. Desço daqui a um minuto ou dois.

— Não vais vestir-te, pois não? — perguntou ele acusadoramente. — Vou ficar outra vez furioso contigo.

— Talvez só umas cuecas. — Ri-me. — Podes despi-las mais tarde.

— Acho que terá de servir.

— Ei — chamei quando ele estava quase na porta. — Foi um final melhor do que quando acordaste do teu sonho?

Ele pareceu confuso por um momento, depois riu-se.

— Querida — disse, abanando a cabeça. — Nem tem comparação. — Enquanto descia o corredor em direção às escadas, ainda o ouvia falar: — Nem. Tem. Comparação.

*

Quando desci as escadas com uma das *t-shirts* do Enzo e umas calças de pijama, ele tinha acendido velas, as sanduíches de almôndegas estavam no forno, e a ilha estava posta para dois. Ri-me quando o vi — por cima do peito nu e das calças de ganga tinha um avental preto onde se lia ESTE É UM AVENTAL VIRIL PARA UM HOMEM VIRIL A FAZER COISAS VIRIS COM COMIDA VIRIL.

— Giro — disse, dando-lhe uma palmadinha no estômago a caminho do frigorífico para ir buscar a salada.

— Obrigado. Foi a prenda da minha irmã Cat no Natal passado. — Segurou-me o braço. — Senta-te. Eu trato disto.

— Vou só…

— Vais só sentar-te e relaxar. Servi-te mais um pouco de vinho e… — por um segundo, parecia alarmado. — Espera, podes beber vinho?

— Alguns goles não faz mal — disse eu.

— Ótimo. Então senta-te aí enquanto ponho o jantar na mesa. Já fizeste o suficiente.

— Pelo menos deixa-me pôr as rosas numa jarra.

— Posso permitir isso — disse ele, como se estivesse a fazer-me um grande

favor.

Enquanto eu cortava os caules e enchia a jarra de água, ele andou pela cozinha, cantando ao som de *Witchcraft*, amaldiçoando-me ocasionalmente quando não conseguia encontrar alguma coisa. Quando o jantar estava pronto, tirou o avental e sentámo-nos ao lado um do outro na ilha.

— Há uma casa à venda que estou a pensar comprar para remodelar — disse ele, pegando na sua sanduíche. — O agente ligou-me hoje. Fizeram uma enorme redução de preço.

— Oh, sim?

— Sim. Fica no bairro histórico. Center Avenue.

— Adoro Center Avenue!

— Queres ir vê-la amanhã? Será um projeto bastante grande. É velha como o raio, tem danos causados pela água e deve ter sido decorada no ano em que a *Guerra das Estrelas* estreou nos cinemas, mas vai ser um projeto fixe. — Encolheu os ombros. — Se estiveres interessada.

— Tipo… fazê-lo juntos?

— Era o que eu estava a pensar. Tenho algum dinheiro extra agora, porque o meu pai me deu um bónus de «esposa», por isso, obrigado. Além disso, tu és muito boa no que fazes. Acho que seríamos uma boa equipa.

— Também acho. — Dei um gole no vinho, corando de prazer pelo elogio. — Claro. Vamos dar uma olhadela.

*

Na manhã seguinte o Enzo ligou ao agente imobiliário, que concordou em encontrar-se connosco na casa ao meio-dia. O Enzo tinha razão, era enorme e antiga, com cento e vinte anos, e a minha irmã Ellie ter-se-ia recusado a entrar, com medo de que estivesse assombrada. Mas eu adorava os seus encantos vitorianos — o telhado muito inclinado, a fachada assimétrica, o alpendre a toda a volta, o torreão pitoresco. Alguém a pintara de branco há muito tempo, mas a tinta estava a lascar e agora parecia mais cinzenta do que outra coisa.

Embora cheirasse a mofo e as superfícies estivessem empoeiradas, eu e o Enzo conseguimos ver para lá do seu estado decrépito, causado pela passagem dos anos e pela negligência. O horrível papel de parede dos anos 1980 podia ser arrancado, os soalhos tortos podiam ser recuperados, o gesso a desmoronar podia ser reparado, janelas partidas seriam substituídas e a cozinha e as casas de banho podiam ser modernizadas, mantendo o caráter. Ficámos ambos extasiados por a linda madeira escura não ter sido coberta com uma tinta de óleo branco brilhante

ao longo dos anos.

Mas implicava umas obras consideráveis, que demorariam muito tempo. No fundo da minha mente, não conseguia deixar de pensar que este projeto duraria provavelmente mais do que o nosso casamento.

Quando terminámos a visita, agradecemos ao agente por se ter encontrado connosco e fomos almoçar. Mal chegámos ao restaurante, tirei da mala o meu bloco de notas e uma caneta e comecei a explorar ideias para o exterior, o interior e o jardim. O Enzo conhecia alguém que podia consultar acerca de cores de tinta originalmente vitorianas, e eu tinha amigos em Chicago proprietários de uma empresa que reproduzia padrões de papel de parede históricos. Escrevi quatro páginas de notas antes de a tinta da minha caneta acabar.

— Ei, sabes o que é que isto, de certa forma, me faz lembrar? — perguntei-lhe, guardando o bloco na mala. — A noite em que jantaste pela primeira vez na minha casa. Quando nos sentámos na ilha a redigir o contrato.

— Oh, sim, tens razão. Faz lembrar isso. — Ele fez uma pausa e sorriu. — Mas isto agrada-me mais.

— A mim também — disse eu, desejando que o meu coração não batesse tão depressa enquanto ele me olhava do outro lado da mesa. — Bem, será um imenso projeto de renovação.

— O maior em que já me meti, sem dúvida.

— Vai demorar um bocado, não achas? Talvez entre quatro e seis meses?

— Julgo que será isso.

Encontrei os seus olhos.

— Isso… é potencialmente mais longo do que a fase dois, dependendo da nossa sorte.

Ele abanou a cabeça.

— Não tens fé nas minhas capacidades.

— Enzo, falo a sério.

— Eu também. Olha, acontece que tenho um bom pressentimento acerca da fase dois, mas mesmo que esteja errado e o teu ser lamentavelmente pessimista tenha razão, não vejo motivos para não podermos trabalhar juntos na casa.

— As pessoas podem achar estranho.

— As pessoas que se lixem. Não me interessa o que pensam. — Estendeu a mão por cima da mesa e pegou na minha. — Quero fazer isto contigo. Tu não queres?

— Sim — respondi, sem pensar duas vezes. — A casa tem muito potencial, será um excelente investimento para ti e uma fantástica ferramenta de *marketing* para mim. Vou adorar documentar toda a renovação nas redes sociais e fazer uma grande *open house* quando estiver pronta.

— OK. Então vamos fazê-lo.

Sorri, entrelaçando os nossos dedos.

— Vamos fazê-lo.

*

Nessa tarde, ele levou o meu carro para mudar o óleo na oficina do Griffin enquanto eu fazia alguns trabalhos em casa e tratava da roupa de ambos. Até passei a ferro algumas camisas do Enzo, e ri-me ao recordar os meus votos de casamento.

Nessa noite encontrámo-nos com amigos para comer *pizza* e ouvi-o falar ao Cole de uma série de ideias minhas para a casa. «Ela é mesmo talentosa», disse ele. «E isto pode ser muito importante para ela.»

Quando voltámos para casa, mal conseguimos chegar à cama antes de nos atirarmos novamente um ao outro. Tirei-lhe a roupa como se estivesse a arder. Puxei-lhe o cabelo com os punhos fechados. Agarrei e puxei e supliquei e enterrei os calcanhares nas barrigas das pernas dele, desfazendo-me debaixo dele enquanto estrelas explodiam atrás dos meus olhos.

Mais tarde, quando lavava os dentes e a cara na casa de banho, comecei a achar que tinha aterrado numa espécie de universo alternativo.

— Ei, diz alguma coisa que me irrite — pedi-lhe quando me enfiei debaixo dos cobertores. — Demo-nos tão bem todo o dia que sinto que estou a perder a noção da realidade. Ou talvez tu tenhas sido raptado por extraterrestres e eu vá dar à luz algo parecido com o Bebé Yoda.

Ele riu-se.

— Não digas isso. E se ele te puder ouvir?

— Quem? O Bebé Yoda?

— Não, o nosso bebé.

— Nós não temos um bebé.

— Não sabes isso. — Virando-se de lado, apontou para a minha barriga. — Pode estar aí neste momento, a ouvir-nos. E se for uma menina? Já estás a complexá-la com a sua aparência. — Deu-me umas palmadinhas na barriga. — Não lhe dês ouvidos, querida. És linda.

Ri-me, afastando-lhe a mão com uma palmada.

— Mesmo que esteja aqui dentro, ainda não tem ouvidos. Agora para de agoirar. Eu só queria que tu dissesses alguma coisa irritante.

— Está bem. — Ele apoiou a cabeça na mão e olhou-me. — Acho que é estranho tu cortares a *pizza* com uma faca e a comeres com um garfo. És tão

pedante que não podes pegar nela como uma pessoa normal? Que tal?

— É bom.

— E porque é que tens tanta merda no carro? E na mala? És o quê, uma sem-abrigo?

Suspirei.

— Isso serve.

— De certeza? Tenho mais.

— De certeza. Apaga a luz.

Ele apagou, depois puxou-me para ele outra vez.

— Boa noite, Lucy.

— Boa noite, Ricky.

*

Uma semana depois, apareceu-me o período.

Fiquei desapontada, mas não podia dizer que não esperava. Sabia quais eram as probabilidades. Tinham-mas explicado muitas vezes. Nem podia ter a certeza de ter ovulado durante o meu último ciclo. Mesmo assim, dei por mim com os olhos enevoados de lágrimas e a garganta a apertar quando procurei a caixa de tampões debaixo do lavatório. O Enzo tinha saído cedo para o ginásio, e daí seguira para o escritório da Moretti & Filhos, por isso não lhe contei imediatamente. Não era o género de coisa que eu quisesse dizer numa conversa telefónica ou numa mensagem.

Estava na cama, terminando uns bons vinte minutos de choro copioso, quando o ouvi chegar por volta das quatro da tarde. Depois de lavar a cara desci com passos lentos e pesados.

Ele estava na cozinha a olhar para o telemóvel, mas levantou os olhos quando entrei. Percebeu imediatamente que algo estava errado.

— Que foi? — perguntou, com os olhos cheios de preocupação.

— Não resultou — disse eu, com a garganta apertada. — Não estou grávida.

Ele pousou imediatamente o telemóvel e abraçou-me.

— Lamento. Estás bem?

— Estou bem. — O seu peito sólido e quente era um conforto. — Para este mês, seria necessária muita pontaria, de qualquer forma.

— Vou refrear-me de fazer comentários acerca da minha excelente pontaria.

Ri-me, apesar da vontade desesperada de chorar.

— Então e a seguir? Quando é que podemos tentar outra vez?

— Bem, vou iniciar o *Clomid* na segunda-feira. Acho que podemos voltar a

tentar cerca de dez dias depois.

— Está bem. Entretanto, vamos focar-nos em conseguir aquela casa, está bem? Que tal fazermos uma oferta baixa, para ver o que acontece?

Assenti.

— Ei. — Soltando-me, inclinou-me o queixo para cima, forçando-me a olhá-lo nos olhos. — Dentro de dez dias podemos voltar a tentar. E daqui a um mês estaremos a celebrar. Eu sei.

— Espero que tenhas razão.

— Tenho sempre razão, lembras-te?

Consegui um sorriso trémulo.

— Como poderia esquecer?

— Às vezes não és muito esperta. Chega aqui. — Segurando-me pelo pescoço, puxou-me para o seu peito e massajou-me a nuca com os nós dos dedos antes de voltar a abraçar-me. — Vamos jantar fora esta noite. Até te deixo escolher o restaurante.

— Está bem. — Engolindo mais lágrimas, deixei-o abraçar-me e massajar-me as costas. Inspirei o seu cheiro. Ouvi-o dizer-me que ia ficar tudo bem.

E senti o chão ceder debaixo de mim.

Treze

Enzo

Não imaginava que me sentiria tão mal por a Bianca não ter engravidado. Parecia que a tinha desiludido.

Ela animou-se quando saímos para jantar, e manteve o sorriso no rosto quando nos encontrámos com o Griffin e a Blair para tomar uma bebida, mas eu percebia que não era completamente ela própria. Por um lado, quase não embirrou comigo, mesmo tendo a oportunidade. E quando a piquei, ela não ripostou, nem sequer me fez cara de zangada.

Quando chegámos a casa eu já estava verdadeiramente preocupado, mas não queria abordar novamente o assunto, para o caso de ela estar apenas a tentar esquecer e seguir em frente.

— Queres ver televisão, ou fazer alguma coisa? — perguntei-lhe.

— Não, estou cansada — disse ela. — Acho que vou para a cama.

— OK. Vou subir também. — Segui-a pelas escadas, mas, quando chegou ao cimo, parou e eu colidi com ela. — Então, estás perdida ou quê? — Segurei-a pelos ombros e conduzi-a ao quarto. — O caminho é este, Colombo.

— Bem, não tinha a certeza de onde devia dormir.

— O quê? Porquê? — soltei-a e comecei a desabotoar a camisa.

Ela ficou embaraçada.

— Bem, porque não podemos… não precisamos… não vai haver sexo por algum tempo. Por isso pensei que podia dormir no outro quarto, aquele que era para mim. Ainda tenho lá a maior parte da roupa e das minhas coisas.

Os nossos olhares cruzaram-se e eu tirei a camisa.

— Queres dormir no outro quarto?

Ela abriu a boca. Fechou-a outra vez. Desviou o olhar. Nervosa.

Ri-me, segurando a ponta da *t-shirt* e despindo-a pela cabeça.

— É uma pergunta fácil, Bianca.

— Não, não é — disse ela, com os olhos no meu peito.

— Onde é que está a dificuldade? Queres dormir comigo aqui ou sozinha no

outro quarto?

Ela corou e cruzou os braços diante do peito.

— Não é justo fazeres-me essa pergunta quando estás sem camisa.

Sorri.

— Não?

— Não. Tolda-me o raciocínio.

— E quando faço isto? — Fleti o bíceps e arranjei uma expressão com um beicinho *sexy* e amuado. — Ou isto? — Virei-me de lado e fiz uma pose diferente, lançando-lhe o escaldante olhar Moretti por cima do ombro. — Consegues pensar agora?

Abanando a cabeça, ela desatou a rir.

— És ridículo.

— Eu sei. Mas não consegues resistir-me.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Oh, acho que consigo. Na verdade, boa noite.

Ela encaminhou-se para a porta, mas eu corri à frente dela, peguei-lhe e atirei-a por cima do ombro antes de a depositar na cama.

— Tu é que estás a ser ridícula. — Apoiei-me nos braços por cima dela. — Fica aqui.

— *Queres* que fique aqui? — perguntou ela, astutamente.

— Não sei. Se calhar, é melhor despires a blusa e perguntares-me outra vez.

Ela riu-se.

— Ouve, estou só a tentar ficar o mais perto possível do acordo original. Acho que já misturámos muito as coisas.

Ia contra-argumentar, mas percebi que ela tinha razão. Não estávamos a fazer nada como tínhamos planeado. A regra de não ter sexo, os quartos separados, o fingir que gostávamos um do outro — fora tudo pela janela.

Mas eu gostava das coisas como estavam e não queria que mudassem. E se não conseguisse engravidá-la, ela ir-se-ia embora daqui a dois meses.

Não queria pensar nisso.

— Continuo a achar que deves ficar aqui — disse-lhe. — Parece-me estúpido andares de um quarto para o outro. Além disso, gosto de dormir ao teu lado.

— Gostas? — Ela parecia surpreendida.

— Sim. A Bianca Adormecida é a minha favorita. Cheira tão bem como a Bianca Acordada, mas nunca revira os olhos e não embirra comigo.

— O Enzo Adormecido também é agradável. Todos os músculos e nenhum mau feitio. No entanto, ressona, por isso fica uma coisa pela outra.

Sorri-lhe.

— Então ficas?

Ela suspirou, como se fosse um grande sacrifício. Depois, sorriu.

— Sim. Fico.

— Ótimo. — Levantei-me e fui para junto da cómoda, onde desafivelei o cinto e o tirei das presilhas.

— Enzo.

Levantei a cabeça, encontrando os olhos dela pelo espelho.

Ela saiu da cama e veio por trás de mim, enrolando os braços na minha cintura e repousando a testa nas minhas costas.

— Obrigada — disse.

Pus as minhas mãos sobre as dela.

O torno apertou-se mais em redor do meu coração.

*

Disse a mim próprio que ia dar à Bianca o tempo de que ela precisava para recuperar sem a chatear todos os dias sobre quando podíamos voltar a ter sexo. Não queria pressioná-la, e não queria que ela pensasse que eu era algum animal — apesar de me sentir um quando estava perto dela.

E foi provavelmente por isso que aguentei apenas cinco dias depois de ela ter começado o *Clomid* antes de lhe perguntar se já tinham passado dez dias.

— Não — disse ela, troçando de mim. Estava na cama, apoiada nas almofadas, de óculos, com o nariz enfiado num livro, tal como eu previra. — Só passaram cinco.

— Mas é sexta-feira.

— E daí?

— Daí que normalmente as pessoas façam coisas divertidas à sexta-feira à noite.

— Fizemos uma coisa divertida. Fizemos *ravioli* caseiro.

— Sim, e embora isso tenha sido mais divertido do que eu esperava, não se compara com o género de diversão em que estou a pensar agora.

Ela lançou-me aquele olhar que dizia, *esta noite não, querido* — ou talvez, *esta noite não, idiota* — e fui forçado a aceitar o meu destino de uma sexta-feira à noite sem sexo.

No domingo à noite, arrisquei pôr uma mão na perna dela.

— E agora? Já passaram dez dias?

— Não, apenas sete.

Massajei-lhe a coxa nua, e o meu pénis ia ficando mais duro a cada segundo.

Ela ficava tão gira com o seu pequeno *top* cor-de-rosa e óculos.

— Tens a certeza? Porque acho mesmo que já passaram pelo menos dez dias. Talvez vinte.

— Sim, tenho a certeza. — Tirou a minha mão de cima da perna dela. — Mas fico contente por estares tão ansioso por voltar ao trabalho. A tua dedicação é inspiradora.

Emiti um sonoro ruído de censura e tombei de costas.

— Francamente, as condições de trabalho deste sítio são terríveis. Estou a sofrer de *stress* mental e emocional relacionado com o trabalho.

Ela riu-se, pousou o livro e os óculos na mesa de cabeceira e virou-se de lado.

— Que tal uma compensação profissional?

Olhei para ela.

— O que é que tens em mente?

A mão dela moveu-se debaixo dos lençóis e acariciou-me o pénis, que saltou ao seu toque.

— Acho que conseguiremos pensar em alguma coisa.

— A sério?

Em vez de responder, ela atirou os cobertores para trás, baixou-me os *boxers* e ajoelhou-se entre as minhas pernas.

— Pareço séria?

— Pareces sensual à brava — disse-lhe, com os músculos da barriga a apertarem de antecipação. — E isto parece a manhã de Natal.

Ela concedeu-me um ligeiro sorriso tímido antes de baixar a cabeça e passar a língua na extensão dura, fazendo-me gemer de prazer e ansiedade.

Depois observei, com puro êxtase e deliciada surpresa, enquanto ela me fazia o melhor broche de toda a minha vida. Nem sequer sei o que é que o tornou tão bom — o choque de ter sido ideia dela? A maneira como usou as mãos? A forma brincalhona como lambia e acariciava e sugava, como se estivesse mesmo a desfrutar tanto quanto eu? Os suspiros suaves e gemidos felizes com que me presenteou, como se o meu pénis fosse a melhor coisa que ela já tinha provado e nunca lhe parecesse suficiente? A forma como o tomou até ao fundo da garganta, tão fundo que ficou sem ar? A forma como me deixou segurar-lhe o cabelo nos punhos fechados e controlar o ritmo enquanto eu penetrava a sua boca perfeita com tanta força e rapidez que me vim antes de querer, completamente descontrolado, de cabeça perdida, fora da minha pele, com o desejo e a necessidade e o apreço por ela?

Eu nunca antes tinha sentido não merecer um orgasmo, mas ver os lábios dela em redor de mim enquanto o orgasmo me percorria, depois vê-la engolir e

sentar-se, passando as costas da mão sobre a boca sorridente, foi quase o bastante para me fazer chorar e suplicar perdão.

— Oh, meu Deus — disse eu, quase incapaz de respirar. — Isto foi incrível. Casa comigo.

Ela riu-se.

— Já somos casados.

— Oh, pois é. — Sentia que estava a ter uma estranha e eufórica experiência fora do corpo. Estava apenas a olhar para ela: o cabelo despenteado, o sorrisinho orgulhoso, os lábios inchados, os olhos azuis, as bochechas coradas — mas tinha a sensação de que estava numa correria desenfreada, como se estivesse a roubar a segunda base, ou talvez a rodear a terceira e a preparar-me para deslizar para rebater o lance. O coração galopava-me loucamente no peito, e algo como adrenalina corria-me nas veias. Havia coisas que eu queria dizer, mas eram tão estrangeiras para mim como outra língua, nem sequer sabia por onde começar.

Ela sentou-se sobre os calcanhares e inclinou a cabeça para um lado.

— Então, que tal foi? Chega para te aguentares até quarta-feira à noite?

Assenti com a cabeça, porque achei que seria incapaz de dizer algo que não fosse estranho e ridículo.

Algo como *Acho que estou apaixonado por ti*.

Mas isso não era verdade. Não podia ser verdade. Eu não era o género de homem que se apaixonava — era mais forte do que isso. Mais esperto do que isso. Era por causa do broche, só podia ser. Devia ter libertado aquelas estranhas hormonas biológicas que faziam os homens primitivos quererem, tipo, construir uma cabana e caçar um mamute.

Rapidamente enterrei o pensamento e foquei-me em algo mais familiar. Mais confortável.

— Diz-me o que posso fazer por ti — sugeri, quando ela voltou a deitar-se ao meu lado, virada de costas para mim. Enrolei-me nela, com um braço à volta da sua cintura. Ela apertou-o com mais força.

— Nada.

— Tens a certeza? — Beijei-lhe o ombro. — Na verdade, sou muito bom com…

— Não duvido — declarou, rindo-se e estendendo a mão para apagar a luz do candeeiro. — Sei que és muito bom com *tudo*, mas eu posso esperar. Tecnicamente, acabámos de quebrar outra vez as regras.

— Como assim? Eliminámos a regra de não ter sexo — recordei-lhe quando ela ajeitou a cabeça na almofada.

— Eliminámo-la para fins de conceção — disse ela. — O que acabámos de fazer foi divertido, mas não me vai pôr grávida.

— É verdade. — Fiz uma pausa, olhando-a no escuro. — Então estás a dizer que foi divertido para ti?

Ela riu-se.

— Sim, foi divertido para mim. Mas não deixes que isso te suba à cabeça. Basicamente, só o fiz para parares de me chatear, pelo menos até quarta-feira. Agora dorme.

Enrolei-me outra vez atrás dela, sentindo-me ligeiramente desequilibrado por alguma coisa que acontecera, mas não conseguia perceber bem o quê.

De uma coisa, porém, tinha a certeza. Não podia esperar até quarta-feira à noite. Só de pensar nisso, sorri.

Tinha uma surpresa para ela.

*

Na terça-feira depois do trabalho fui a casa do Cole ajudá-lo a trazer um frigorífico velho da cave. Quando ele me convidou para ficar mais um bocado e tomar uma cerveja, aceitei logo.

— Deixa-me só mandar uma mensagem à Bianca a avisar que vou chegar mais tarde — disse eu, tirando o telemóvel do bolso.

Enquanto o Cole tirava duas garrafas do frigorífico e as abria, mandei uma mensagem à Bianca a desculpar-me por chegar a casa mais tarde do que dissera e a oferecer-me para levar comida. Ela respondeu que tinha trabalhado até mais tarde hoje, por isso era perfeito.

— Então, como vão as coisas entre vocês? — O Cole deu-me uma cerveja e encostou-se à bancada.

— Bem. — Dei um gole e refleti sobre o que podia revelar ao Cole e o que devia continuar a ser segredo. Não queria trair a confiança da Bianca, mas o Cole era um dos meus melhores amigos há vinte anos e também era pai. Achei que ela não se importaria se lhe contasse o que estava a acontecer. — Ela não engravidou no mês passado e está chateada com isso, mas de resto está tudo bem. Por acaso até nos damos bastante bem. Muito melhor do que eu pensei.

— Isso é fixe — disse ele. — Lamento pela outra coisa.

— Não faz mal. — Encolhi os ombros. — Ela sabia que era improvável que acontecesse tão depressa. Eu não percebo nada desse assunto. Aparentemente tens de saber qual é exatamente o momento correto, e mesmo assim as probabilidades não são muitas.

— Eu também não sei muito acerca disso — admitiu o Cole. — A Trisha engravidou logo.

— Pois, algumas pessoas têm essa sorte. — Entristecia-me que a Bianca não fosse uma delas. — A menos que eu esteja a fazer as coisas mal.

O Cole riu-se e ergueu a cerveja.

— Não é isso. Lembro-me de que a mulher do meu irmão também demorou um bocado. Quase um ano.

— Um ano? Merda. — Abanei a cabeça. — Ela só me deu três meses, e já se passou um.

— Não se podem dar mais tempo?

Franzi a testa e bebi um grande gole da minha cerveja.

— Não me parece que essa seja uma opção.

— Porquê?

— Concordámos desde o início que isto seria temporário. Dissemos três meses, a menos que ela engravidasse.

— Também disseram que não teriam sexo — notou o Cole. — Se essa parte do plano pode mudar, porque não o prazo?

— Não sei — disse eu. — Só me parece que é uma má ideia.

— Porquê?

— Não sei. E se continuar a não resultar e, mês após mês, estivermos presos um ao outro, sem fim à vista, e ela começar a odiar-me por a desiludir e eu começar a arrepender-me de me ter posto nesta posição, em que estou a deixar ficar mal uma mulher que, para começar, nem queria. E passarmos o tempo a brigar e a dar cabo dos nervos um ao outro, e depois ela se for embora porque estragámos tudo, e ficarmos a odiar-nos para sempre… — Pousei a cerveja e esfreguei a cara com as mãos. — Merda. Só… merda. Não.

— Quando pões as coisas assim — reconheceu o Cole —, é difícil argumentar. — Fez uma pausa. — Mas e se as coisas correrem de outra maneira?

— Queres dizer, se ela ficar grávida?

— Sim, digamos que fica. Ainda a deixavas?

De repente, tinha um torno a apertar-me o peito.

— Teria de deixar, se ela quisesse ir. Foi o que combinámos. Porque havia de querer estar com alguém que não quer estar comigo?

— Mas… e se…

— Basta. — Peguei na cerveja e levantei a palma da outra mão. — Estás a tornar isto complicado quando não é. Não faz sentido fazer perguntas e pensar em *e se?*. Se ela não engravidar, apertamos as mãos e divorciamo-nos dentro de dois meses. Caso engravide, apertamos a mão e divorciamo-nos dentro de um ano. Foi esse o acordo. É a única maneira de não acabarmos a odiar-nos.

A porta das traseiras da cozinha abriu-se e a Mariah entrou, seguida pela Cheyenne, carregada de sacos de mercearia.

— Olá, pai — disse a Mariah, descalçando os sapatos antes de correr para o abraçar. — Adivinha! Vamos fazer panquecas para o jantar!

O Cole riu-se, abraçando-a.

— A minha comida favorita!

— Olá, tio Enzo. — A Mariah sorriu-me.

— Olá, piolho. — Devolvi-lhe o sorriso, notando que ela parecia ainda mais crescida do que da última vez que a vira. Os miúdos mudavam tão depressa. — Estás a ficar tão alta. Em breve não vou poder chamar-te piolho.

Ela abriu ainda mais o sorriso.

— Que bom!

— Olá, Enzo — disse a Cheyenne, colocando os sacos na bancada antes de dar um beijo rápido ao Cole. — Queres ficar para jantar?

— Por muito que adore panquecas, não posso, mas obrigado pelo convite. Vou comprar o jantar para levar para casa.

— Que marido atencioso — disse ela, piscando-me o olho. — Quem diria?

Terminei a cerveja.

— Bem, vou-me embora, antes que me ofendas ainda mais. Adeus, pessoal.

No caminho para casa, pensei novamente em como a Mariah estava a crescer depressa — parecia que ainda ontem eu tinha ido à maternidade para a ver pela primeira vez, tanto para felicitar como para consolar o Cole, que perdera a mulher e acolhera uma criança no espaço de vinte e quatro horas.

Durante nove anos, criara a Mariah sozinho, e fizera um excelente trabalho. Ela era saudável e feliz, extrovertida e faladora, espertíssima e suave como algodão-doce. Eu seria um pai tão bom como o Cole? Como seria ver uma criança crescer diante de mim? Ouvi-la rir pela primeira vez, vê-la dar os primeiros passos, sentir uma mão minúscula na minha, ouvir uma vozinha chamar-me pai?

De repente, senti-me sufocar.

Sempre me imaginara a fazer brincadeiras másculas com os meus filhos, mas agora estava também a imaginar coisas mais doces e suaves — dar um biberão a um bebé, pôr um penso numa ferida, ler uma história de embalar.

E percebi o quanto queria isso tudo.

*

Nessa noite, cedi e chateei a Bianca outra vez, massajando-lhe a anca.

— Vá lá, falta tão pouco tempo. Não podemos tentar?

— Não — insistiu ela. — Não está na altura. Mais uma noite.

— Sou só eu — perguntei, irritado — ou estes últimos dois dias parecem ter muito mais de vinte e quatro horas?

— Não têm.

— Se calhar devíamos, pelo menos, *ensaiar* hoje à noite. — Rolei para mais perto dela. Beijei-lhe o ombro. — Sabes, para garantir que nos lembramos de como se faz.

Ela abanou a cabeça.

— Não. Temos de cronometrar isto com exatidão. De acordo com o meu *kit* de fertilidade e as instruções do médico, amanhã é melhor, por isso esperamos até amanhã.

— Mas podemos fazê-lo amanhã outra vez. — Deslizei a mão sob a camisola do pijama dela.

— Nem pensar. — Ela fez-me tirar a mão. — Só podemos fazê-lo dia sim, dia não. Demasiado sexo pode diminuir o número de nadadores medalhas de ouro.

Lancei-lhe um olhar ameaçador e ela devolveu-mo, os seus olhos como aço atrás das lentes dos óculos.

— Está bem — anui. — Eu espero.

— Obrigada.

— Mas não será fácil. Estás a fazer aquela cara de bibliotecária zangada. Isso excita-me.

Isto provocou-lhe uma gargalhada. Empurrou os óculos pelo nariz e anuiu com satisfação.

— Ótimo.

*

Os meus planos secretos de sedução para quarta-feira à noite descarrilaram quando o meu pai caiu do escadote numa obra nessa tarde e foi levado para as urgências. Assim que recebi a chamada, corri para o hospital e liguei à Bianca do caminho.

— Vou já para lá — disse ela.

— Não tens de vir — disse-lhe. — Dizem que só perdeu os sentidos por um momento e apenas precisa de uma radiografia. Tenho a certeza de que ele está bem, e tu estás a meio do teu dia de trabalho. Não tens reuniões esta tarde?

— Vou cancelar — disse ela. — Estarei no hospital o mais depressa que puder.

Ela desligou sem me dar hipótese de argumentar.

Menos de uma hora depois, eu estava na sala de espera a ouvir a minha mãe afligir-se e a repetir as mesmas perguntas: «Porque é que não veio aqui ninguém falar connosco? Quanto tempo pode demorar um raio-X? Aquelas pessoas chegaram depois de nós, porque é que já foram atendidas e nós não?», quando a Bianca entrou apressadamente na sala.

— Porque já nos disseram que hoje estão com falta de pessoal e os resultados demoram mais a chegar. Disseram que demoraria algumas horas e pediram desculpa pelo atraso. Estas pessoas trouxeram alguém com um ataque de asma que não precisa de radiografia. — Dirigi um sorriso à minha mulher, que vinha apressadamente na minha direção.

— Alguma notícia?

Levantei-me e ela abraçou-me com força. Inalei o cheiro do seu perfume e confortei-me na suavidade do seu corpo encostado ao meu.

— Ainda não.

Ela abraçou a minha mãe.

— Como está?

— Estou zangada — disse a minha mãe com petulância.

— Com os médicos?

— Sim, e com o Carlo! Não tinha nada de subir a um escadote nesta idade! — Sentou-se com um suspiro.

A Bianca sorriu pacientemente.

— E se eu fosse buscar café para todos?

— Obrigada, querida. Parece-me perfeito. Não quisemos sair daqui, para o caso de um desses médicos decidir que somos dignos do seu tempo e vir cá fora falar connosco.

— Eu vou. — Tocou-me no braço. — Volto já.

— Obrigado. — Sentei-me ao lado da minha mãe e vi a Bianca sair da sala e virar à esquerda.

— É um tesouro, não é? — perguntou a minha mãe.

— É — concordei.

Ainda estava a pensar nela e a tentar alhear-me da minha mãe, que voltara a, alternadamente, rezar pela recuperação rápida do meu pai e amaldiçoá-lo por se comportar como um idiota, quando a Bianca voltou com um tabuleiro de cafés do Starbucks.

Sentou-se ao meu lado e esperámos mais uma hora e meia, em que a minha mãe mal parou para respirar.

— Ele está a tentar matar-me, essa é que é essa — insistiu.

— Subindo a um escadote? — perguntei, a rir-me, apesar de sentir que a minha paciência estava por um fio.

— Por fazer uma coisa que lhe disse um milhão de vezes que não devia fazer! Ele sabe perfeitamente que já não tem equilíbrio, e que vai cair e causar-me um ataque cardíaco quando souber! — Repreendeu-me. — Não te rias de mim. Sabes que é verdade. Ele faz coisas destas de propósito para me pôr maluca!

Inclinei-me para a Bianca e sussurrei:

— Eis a razão.

Com um sorriso compreensivo, ela deu-me uma palmadinha na perna e pegou-me na mão.

— Eu compreendo.

Finalmente, o médico veio dizer que o meu pai estava bem e não tinha nada partido, porém, como perdera os sentidos e a tensão estava alta, queriam mantê-lo sob observação durante a noite. Acabámos por esperar mais duas horas para ele ser internado. Disse à Bianca uma centena de vezes que não precisava de ficar, mas ela recusou sair dali. Jantámos a comida horrível do hospital e nem sequer falámos com o meu pai, porque ele estava a dormir quando chegámos ao quarto.

Quando saímos do hospital era tarde, estava escuro e chovia. A minha cabeça latejava e percebi que a da Bianca também. O meu carro estava mais perto, por isso levei a Bianca até ao carro dela, esperei que ela arrancasse e segui-a para casa.

Quando chegámos, pousei as chaves na bancada e abracei-a pela cintura por trás.

— Ei. Obrigado por estares lá hoje, foi muito importante para mim. Lamento que tenha sido um dia tão longo.

— Não peças desculpa. Eu queria estar lá. — Ela virou-se nos meus braços e pôs-me as mãos no peito. — E se… Se não te apetecer tentar esta noite, compreendo.

— Chiu. — Beijei-lhe os lábios. — Vai para cima e relaxa. Toma um banho de espuma, ou algo assim. Eu já subo.

— Está bem — disse ela. — Mas é sincero. Nada de pressões.

— Eu ouvi. — Fitei-a intensamente. — Agora vai para cima e faz o que eu digo, mulher.

Ela revirou os olhos e dirigiu-se para as escadas.

Esperei até ela estar fora de vista, depois voltei para a garagem para ir buscar o embrulho que escondera na bagageira do carro. De volta a casa, ouvi o som da água a correr na banheira lá em cima antes de abrir o frigorífico para tirar uma cerveja.

Depois despejei o conteúdo do embrulho na bancada e fartei-me de rir. Este

dia podia ter sido tenso, mas esta noite seria épica.

Catorze

Bianca

No andar de cima, enchi a banheira e afundei-me na água aromatizada com sais de banho de alfazema. Fechei os olhos e respirei fundo várias vezes, tentando não encarar a trovoada que rebentava lá fora como um mau agoiro, repetindo todas as minhas afirmações positivas, determinada a ficar nas boas graças do universo. O igual atrai o igual, não é? Por isso, se queria essa boa energia, teria de a demonstrar.

Mas não era tudo conversa fiada — a ciência também estava do meu lado. A biologia era importante. E a intervenção médica. Segui todas as instruções, usei o *kit* de fertilidade e, de acordo com todas as informações, o momento era propício.

Mesmo assim, estava nervosa. Nervosa… e excitada.

Aliás, mais do que excitada.

Tinha passado *dez dias* sem sentir as mãos do Enzo sobre mim, o corpo dele sobre o meu, sem sentir aquela profunda pontada de dor antes de esta se transformar em prazer. Sabia que ele também estava ansioso — caramba, chateara-me para ter sexo quase todas as noites —, mas eu mantivera-me firme na minha resolução de não ceder. Enquanto conseguisse resistir-lhe, ou pelo menos resistir a ter sexo com ele, sabia que ainda estava em terreno seguro. Não importava que os meus sentimentos por ele estivessem cada vez mais fortes e profundos, desde que eu ainda estivesse ao comando. O facto de conseguir recusar sexo que não fosse para fins de procriação era uma garantia de que os muros à volta do meu coração ainda estavam de pé.

Na verdade, eu quase desejara que ele se comportasse com alguma distância enquanto não fazíamos sexo, ou pelo menos desse aos meus sentimentos uma hipótese de esmorecerem. Contudo, enganara-me ao pensar que ele não estaria interessado em passar tempo comigo sem o engodo de um orgasmo ao fim da noite. Ele tinha vindo jantar a casa todas as noites, com mercearias, comida pronta ou pronto para cozinhar. Se víamos televisão, deixava-me escolher o

programa, e não se queixava — muito — se eu escolhesse algo feminino e romântico. Até tive direito a uma massagem nos pés enquanto víamos um filme.

Foi comigo visitar a avó Vinnie ao lar, onde a ouvimos contar as suas histórias acerca dos meus bisavós, os contrabandistas, e sobre crescer do lado leste de Detroit. Vimos álbuns de fotografias e maravilhámo-nos com a semelhança entre mim e a minha bisavó. A avó Vinnie até nos contou que Enzo DiFiore, o nome do bisavô do Enzo, lhe soava familiar. Sorrimos ante a hipótese de eles se terem conhecido.

Também foi ao meu apartamento reparar o coletor do lixo depois de o meu irmão JJ ter arranjado maneira de o estragar. Resgatou-me quando tive um furo na autoestrada, apressando-se a mudar o pneu em vez de me mandar chamar um reboque. E à noite insistia que eu dormisse na cama dele.

Como diabo podia eu manter os meus sentimentos neutros?

Mas não podia preocupar-me com isso agora. Disse a mim mesma que aqueles sentimentos quentes e confusos seriam úteis quando nos separássemos, porque isso significava que seríamos capazes de nos tratar um ao outro com gentileza e respeito. Não discutiríamos por coisas estúpidas. Nunca diríamos coisas cruéis acerca um do outro em frente de outras pessoas, especialmente do nosso filho. E não obrigaríamos os nossos amigos a escolherem um de nós. Tudo correria bem.

E, esta noite, eu seria dele.

Saí da banheira, sequei-me e passei loção com aroma de alfazema na pele. Soltei o cabelo, lavei os dentes e até pus os brincos de diamantes — esperava que fossem os meus amuletos da sorte. Deixando o quarto iluminado apenas pelo candeeiro da mesa de cabeceira, livrei-me dos óculos e meti-me, nua, entre os lençóis, esperando que o Enzo subisse.

Passaram cinco minutos.

Dez.

Quinze.

Lá fora, a tempestade intensificou-se, com a chuva a bater com força nos vidros da janela e o vento a assobiar furiosamente. Ouviam-se trovões à distância. A eletricidade ameaçava falhar.

Estava prestes a vestir um robe para descobrir a razão da demora do Enzo quando a eletricidade falhou completamente. Esperei por um momento e, quando percebi que tão depressa não voltaria a ter luz, sentei-me na cama e chamei:

— Enzo? — Não tive resposta. Mas ouvi alguém subir as escadas. — Enzo? — chamei, a minha voz um pouco trémula desta vez.

Então ele apareceu à porta do quarto com uma vela nas mãos — usando apenas uma capa preta até ao chão com o colarinho virado para cima.

— O Enzo não está aqui — disse ele com um sotaque dramático, algo entre Drácula e Ricky Ricardo. As presas que usava tornavam difícil decidir.

Desatei a rir.

— E quem és tu?

— Sou o Edward Mullins, como é óbvio. — Pousou a vela na cómoda.

— Queres dizer Edward Cullen?

— Sim, desculpa. Venho de um sono profundo tão prolongado que me esqueci do meu apelido. Mas quando cheirei o teu sangue, fiquei cheio de sede.

— Ah, consegues cheirar o meu sangue?

— Claro que sim.

— Tens uma bela indumentária, Edward.

— Gostas? — Cobriu com a capa a parte inferior do rosto. — Não sabia se as capas ainda estavam na moda. — Então, com um floreado, abriu-a. — Ou referias-te a isto?

Deixei os meus olhos varrerem o seu corpo nu.

— Gosto de tudo.

— Ótimo. — Com um gesto decidido, removeu os cobertores que me tapavam, expondo a minha pele nua. Então gemeu. — Há séculos que não via uma beleza assim. Tenho de te possuir ou morrer.

Guinchei quando ele subiu para a cama, rugindo como um animal, e tentou morder-me o pescoço com as presas de plástico.

— Ai! Podes tirar essas coisas, por favor?

— Se insistes. — Atirou os adereços para o chão e mordeu-me a garganta com os seus dentes. — Ah, sim, muito melhor.

Divertida, passei as mãos pelos seus ombros.

— Queres tirar também a capa?

— Depende. — A sua boca viajou pelo meu peito e massajou-me o mamilo com a língua, endurecendo-o antes de o tomar entre os dentes. — Continuarás a querer-me quando eu parecer um comum mortal?

Arqueei-me debaixo da sua língua, abrindo as pernas quando a sua mão se moveu entre as minhas coxas.

— Enzo, tu nunca pareceste um comum mortal.

— Nesse caso. — De joelhos, tirou a capa e a seguir deitou-se em cima de mim, a sua pele nua quente de encontro à minha. — Sim, isto é muito melhor. Caramba, tive saudades tuas.

As nossas bocas uniram-se, as línguas sondando, as mãos apalpando, a respiração de ambos cada vez mais rápida e pesada. Eu tivera algum receio de que o sexo desta noite me parecesse mecânico ou obrigatório ou embaraçoso, e parti do princípio de que iríamos diretamente ao assunto da tentativa de

conceção — mas estava enganada. Quando muito, o Enzo foi ainda mais paciente, mais brincalhão, mais apaixonado do que nunca. Dei por mim a esquecer-me de que este era apenas um meio para chegar a um fim e a desfrutar de cada carícia da sua língua e dos seus dedos e da doce e lenta ondulação do seu corpo sobre o meu. Queria ficar neste sítio para sempre, um sítio onde não estava preocupada com o fracasso ou o sucesso, com o tempo que se esgotava e os motivos pelos quais não devia amá-lo.

Não havia nada de falso nisto — só queria estar com ele.

— Enzo — sussurrei enquanto ele se movia dentro de mim. — Diz-me algo real.

— O quê? — Ele abrandou o ritmo, mas não parou.

— Diz-me algo real — supliquei.

Ao princípio ele não disse nada, apenas me olhou, e eu entrei em pânico. Mas depois…

— Nunca deixo de pensar em ti — disse ele em voz baixa e séria.

— Continua — murmurei, e os muros que protegiam o meu coração começaram a desmoronar.

— Nunca ninguém me fez sentir como tu fazes. Por vezes, nem consigo respirar.

— Sim — disse eu, empurrando-o mais para dentro, acompanhando o seu ritmo. Sabia exatamente o que ele queria dizer. — Sim, sim, sim.

— Quero dar-te tudo. — Parou de se mover por um momento, os lábios pairando sobre os meus. — Tudo.

Ele não disse mais nada enquanto o desejo crescia entre nós, a compulsão de nos movermos cada vez com mais força, mais depressa e mais fundo — os nossos corações disparados, a nossa pele quente, a nossa respiração entrecortada e acelerada. Vim-me primeiro e ele seguiu-me um minuto depois, o que me permitiu sentir cada vibração do seu alívio dentro de mim. E não pensei em mais nada a não ser que adorava a sensação de partilhar algo tão profundamente íntimo com ele, de me partilhar com ele, de partilhar esta cama e esta noite e esta experiência. Era o sentimento mais poderoso e intenso que já tinha tido.

Não admira, pensei, enquanto nos colávamos um ao outro no pós-coito quente e sem fôlego. *Não admira que seja assim que a vida comece.*

*

Só que não resultou.

E enquanto soluçava na casa de banho num sábado de manhã duas semanas e

meia mais tarde, triste, destroçada e envergonhada, percebi que tinha permitido que as minhas esperanças subissem demasiado alto.

Sempre soubera que, mesmo com o *Clomid*, não havia garantias. Mas o sexo tinha sido tão mágico. A minha conexão com o Enzo tinha sido tão intensa. A química entre nós tinha sido tão feroz.

Por isso pensei que era possível.

E desejei.

Rezei.

Ouvi o Enzo dizer-me que estava muito confiante. E — o mais humilhante de tudo — *sentia-me* realmente grávida.

Sem brincadeiras, convencera-me mesmo de que sentia sinais indicadores pela primeira vez… seios doridos, aumento do apetite, enjoos, barriga inchada. Todos os sintomas de TPM, claro. Caramba, como podia ter sido tão estúpida?

Cedi à necessidade de chorar, apesar de me sentir culpada por estar tão triste, porque algumas mulheres tentam por anos engravidar sem qualquer sorte. Depois deixei de me sentir culpada e chorei por elas também.

O Enzo estava no ginásio, mas íamos buscar as chaves da casa nova ao meio-dia, e sabia que ele estava quase a chegar. Não queria que me visse assim, por isso recompus-me, tomei um duche, vesti-me e cobri a cara de maquilhagem antes de descer.

Quando entrei na cozinha, o Enzo estava encostado à ilha com um copo de café descartável. Havia outro em cima da bancada.

— Bom dia, Lucy.

— Bom dia. — Não cruzei o olhar com o dele enquanto me dirigia ao lava-loiça e começava a encher um copo de água para regar a planta na janela da cozinha. — Como foi o exercício?

— Ótimo. Parei para comprar café a caminho de casa. Trouxe-te um chá, e não te preocupes, é de ervas. Não tem cafeina.

— Não importa — disse eu, contendo as lágrimas.

— Hum?

— Não importa — disse eu, num tom mais alto e cortante. Atirei a água para a terra.

— Ei. — Ele tirou-me o copo vazio das mãos e pousou-o antes de me forçar a olhar para ele. — Que se passa?

Abanei a cabeça e as lágrimas começaram a jorrar.

Ele compreendeu sem que eu dissesse uma palavra, o que, de certa forma, me fez chorar mais copiosamente. Puxou-me para o seu peito, enrolou os braços à minha volta e abraçou-me enquanto eu chorava para a sua *t-shirt* cinzenta suada. As suas mãos moveram-se para cima e para baixo nas minhas costas.

— Chiu — disse ele, beijando-me a cabeça. — Está tudo bem.

— Não está — balbuciei, enchendo-o de ranho e lágrimas e rímel. — Falhei. Mesmo com o medicamento, falhei.

— Isso é ridículo. Quando muito, fui eu que falhei.

— Sou *eu*, Enzo. Tu fizeste o teste e estava tudo bem. O problema sou eu.

— Ei. — Ele segurou-me novamente os braços e afastou-me para poder ver-me. — Foi uma possibilidade perdida, nada mais. Temos outras, não temos?

Limpei o nariz com as costas da mão.

— Mais uma.

— Pronto, então não desistas. Sabes como se costuma dizer, à terceira é de vez. — Encurvou os lábios para um lado. — Certo?

Mordi o lábio, desejando que ele não estivesse a ser tão humano e compreensivo em relação a isto. Desejando não ter aquela terrível sensação nas minhas entranhas de que, tivesse quantas oportunidades tivesse, não ia resultar. Desejando não sentir por ele aquilo que sentia, e que estava a complicar tudo.

— Certo? — insistiu ele.

— Certo. — Afastei-me dele e tirei alguns lenços da caixa em cima da bancada. Assoei o nariz e enxuguei a cara enquanto ele bebia o café e me olhava como se tivesse pena de mim e não soubesse o que dizer.

Era horrível. Eu não queria ser objeto da sua piedade.

Ele clareou a garganta.

— Esqueci-me de te dizer que a festa dos 4 anos do meu sobrinho James é amanhã à tarde em casa do Pietro.

— Parece divertido — disse eu, desprovida de qualquer entusiasmo. Os eventos da família Moretti eram frequentes, ruidosos e intermináveis. E nunca falhava: pelo menos três familiares mais velhos aproximavam-se de mim, punham a mão na minha barriga e perguntavam se eu já estava grávida. Quando eu dizia que não, perguntavam porquê e avisavam-me para não adiar muito. Insinuavam que era por não termos casado pela igreja. E tinham todos uma história acerca de uma prima ou amiga ou sobrinha que achara que tinha todo o tempo do mundo e pusera a carreira em primeiro lugar, para se arrepender mais tarde quando tivera dificuldade em engravidar.

Mas o Enzo não precisava de saber disso.

— Podemos escolher um presente para o James hoje, quando formos à cidade — disse eu, olhando-o novamente.

— Boa ideia. Estava a pensar comprar-lhe uma luva de basebol e talvez um suporte de treino individual. Ele começa a treinar nos infantis no mês que vem e o Pietro é péssimo em basebol, por isso acho que é melhor ensiná-lo.

Consegui um sorriso.

— Claro.

— Vais ficar bem? — Ele aproximou-se mais de mim e coçou uma orelha.

— Sim. — Apontei o peito dele. — Desculpa, sujei-te a *t-shirt* toda.

— Que se lixe a *t-shirt*. Estou todo sujo, de qualquer forma. Que tal eu tomar um banho mesmo rápido e irmos tomar o pequeno-almoço fora?

— Talvez à padaria — sugeri, pensando que bem me saberia um dos bolos da Blair esta manhã.

— Boa.

*

Enquanto estávamos na padaria, o Enzo recebeu uma chamada telefónica que foi atender na rua, e a Blair aproveitou para se sentar à minha mesa, ocupando a cadeira dele.

— Que se passa? — perguntou, com uma expressão preocupada. — E não digas que não é nada, porque eu percebo que é alguma coisa.

— Veio-me o período hoje — disse eu baixinho, pegando na chávena de café.

— Oh. — Ela assentiu compassivamente. — Lamento.

— Está tudo bem. — Forcei um sorriso. — Podemos tentar outra vez no próximo mês. Começo outra dose de *Clomid* na segunda-feira.

— Diz-me se precisares de alguma coisa. Um ouvido para desabafares, um ombro para chorares.

— Obrigada. — Respirei fundo e olhei para o Enzo lá fora, no passeio. Era tão absurdamente bonito. — Fartei-me de chorar em cima do Enzo esta manhã.

— A sério? — Ela olhou-o por cima do ombro. — Como vão as coisas convosco?

— Bem. Está tudo bem. — Baixei os olhos para o *scone* que não comera e encolhi os ombros. — Vamos buscar as chaves da casa nova.

O rosto dela iluminou-se.

— Isso é tão excitante! Quando começarão as obras?

— Imediatamente, espero. — Parti um pedaço de *scone*, mas não o comi. — Dá-me jeito a distração. Acho que dá a ambos.

— O Enzo ficou triste por…

— Sim — disse eu. — Mas foi muito querido.

— Claro que foi. Ele não é um sacana. E gosta realmente de ti, Bianca. Penses o que pensares.

Os nós no meu estômago apertaram-se mais.

— Na verdade, estamos a dar-nos melhor do que eu esperava.

— A sério?

— Sim. De facto… — Tentei rir-me, mas soou um pouco desesperado. — Estou um bocado preocupada com isso.

— Porquê?

— Bem, porque quanto mais tempo vivermos juntos, melhor o conheço, mais sexo temos… e mais próxima me sinto dele. Ele não é o tipo que eu pensei que era.

— Não?

Abanei a cabeça.

— Não. De facto, tem-se mostrado incrivelmente generoso e compreensivo durante toda esta cena da fertilidade. Mas não me interpretes mal, ainda consegue ser um parvalhão altivo, e adora irritar-me, mas na verdade é um bom marido.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Há alguma hipótese de ficarem juntos?

— Não — respondi rapidamente. — Nem se fala nisso.

— Talvez devessem falar. Afinal, as coisas mudaram desde que redigiram aquele contrato ridículo. Talvez possam dar-se mais tempo.

— Mais tempo só ia piorar as coisas — disse eu tristemente. — Se não resultar no próximo mês, tenho de me ir embora.

— Sem sequer lhe dizeres o que sentes? — Ela fitou-me, boquiaberta. — Porquê?

— Porque da última vez que me abri com alguém assim, acabei com o coração partido num milhão de pedaços. Este acordo com o Enzo tinha o propósito de evitar isso. Devia ser seguro. — O meu tom era cortante.

— E como sabes que não é? Acho que devias ser honesta com ele. Os homens não leem mentes, sabes?

Aquela escolha de palavras abalou-me — recordou-me de que tinha prometido ao Enzo que não o obrigaria a adivinhar o que estava a pensar ou a sentir. Ela teria razão? Deveria confessar-lhe a verdade?

Pensei na noite em que ele chegou ao quarto vestido de vampiro, e como assim que tirou o disfarce lhe supliquei para ouvir algo real. Não passara um dia depois disso sem que eu ouvisse a sua voz na minha cabeça.

Nunca deixo de pensar em ti.

Nunca ninguém me fez sentir como tu fazes.

Por vezes não consigo respirar.

Quero dar-te tudo.

Mas que significava aquilo? Que ele tinha sentimentos por mim? Que me

queria para algo mais do que uma esposa temporária que lhe forneceria descendência? E se eu nem isso pudesse fazer? E depois?

O Enzo voltou para dentro e dirigiu-se a mim, e tive consciência de que todas as mulheres naquele sítio o admiravam. Ele também tinha, e embora mantivesse os olhos fixos em mim, a minha intuição dizia-me que ele nunca trocaria aquele género de atenção — muito menos a sua liberdade sexual — só para ficar comigo, especialmente querendo ter filhos. Porque o faria?

Se eu não pudesse sequer dar-lhe um bebé, para que lhe serviria?

*

— Então, como vai a vida de recém-casados? — A Lynne, mulher do Pietro, sentou-se na cadeira do pátio ao meu lado. O sol brilhava e a temperatura estava invulgarmente quente para uma primavera no Michigan, por isso, depois de jantarmos cedo, tínhamos ido para o exterior, para apanhar ar.

— Boa. Ótima. — Tentei não relancear a sua barriga de grávida com inveja ou, pior, azedume.

— O teu vestido de casamento era tão giro. Claro, em ti tudo é giro. És tão miudinha. — Passou as mãos pela barriga e riu-se. — Eu estou uma baleia.

— Nada disso. Estás fantástica. Quando é que nasce?

— Em maio, dia 24. Ainda me faltam quatro semanas, consegues acreditar? — Depois suspirou. — Mas não me devia queixar.

Pois não, pensei com irritação. Mas o que disse foi:

— Está tudo bem.

— Na verdade, adoro estar grávida — prosseguiu ela. — Não sou uma daquelas mulheres tão preocupadas com a figura que pensam que a gravidez a vai arruinar. — Levei o copo de vinho aos lábios. Quer ela estivesse a insinuar que eu era uma dessas mulheres, quer não, o comentário não me caiu bem. — Acho que é a maior dádiva, sabes? Um verdadeiro milagre. Boa, querido! — Sorriu e acenou para o James, que estava no relvado a jogar com o seu novo taco, bola e suporte de treino. O Enzo era o treinador, o Pietro era o lançador, e a irmã do James, a Lilly, com 2 anos, patinhava por ali com uma rede para borboletas. — O Enzo foi sempre tão querido com os miúdos — prosseguiu ela. — Daria um ótimo pai.

— Sem dúvida. — Observei o Enzo a pegar no taco do James e a demonstrar-lhe uma vez mais a forma de bater na bola. Quando esta passou a grande velocidade pelo Pietro fora das linhas improvisadas, o Enzo pegou na Lilly, pô-la aos ombros e correu em volta das bases. Quando chegou à última

base, o James disse que também queria, e o Enzo pousou a menina e pôs o sobrinho às cavalitas, voltando a percorrer as bases. Acenou-nos ao passar por nós e eu sorri e acenei-lhe também.

— Vês o que quero dizer? — perguntou a Lynne, como se eu discordasse dela. — Vocês deviam mesmo ter filhos.

— Já nos disseram — murmurei, com um pouco mais de sarcasmo do que pretendia.

— Deixa-me adivinhar: a Mama Moretti já está em cima de ti por causa disso. Não se tinham passado nem dez minutos do meu casamento com o Pietro quando ela me perguntou quando planeava engravidar. — Ela riu-se e deu-me uma palmadinha no ombro. — Felizmente, aconteceu na noite de núpcias, acreditas nisto? Nem sequer estávamos a tentar!

— Ena! Isso é que é sorte. Tens uma família linda.

— Obrigada. Tu também terás, um dia. Mas não esperes demasiado. A melhor amiga da minha irmã, a Anna, é médica nas urgências e estava sempre demasiado ocupada para namorar, de forma que deu por si ainda solteira quase com 40 anos. Tentou usar um dador de esperma, mas era demasiado tarde. Nessa altura, os seus óvulos já não tinham qualidade. — Abanou a cabeça tristemente. — Nunca te dizem isso, pois não? Que os teus óvulos têm uma data-limite de consumo.

Bebi o resto do vinho.

— Preciso urgentemente de ir à casa de banho. Volto já.

Mas não voltei a ir lá fora.

*

— Ei, miúda. — Na viagem de carro para casa, o Enzo pegou-me na mão. — Que se passa?

— Estou bem — respondi.

— Só que eu conheço-te, e não estás bem. Estás a usar a tua Cara Muito Séria, a que fazes quando o molho não saiu bem e não percebes o que lhe falta, e esperas que não tenha algo a mais, porque aí já não há nada a fazer.

Forcei um sorriso.

— Ah.

— Vá lá. Fala comigo. — Apertou-me a mão. — Assinaste um contrato que dizia que não me obrigarias a ler-te a mente, lembras-te?

— Lembro-me do contrato. — *Especialmente da condição de não me apaixonar por ti. E estou cheia de medo de que isso esteja a acontecer.*

— Ainda estás chateada por causa desta manhã?

— Sim. — Não era mentira. Só não era a verdade completa.

Ele ficou em silêncio por um momento e quando voltou a falar pensei que ia dizer algo banal ou condescendente — de facto, quase desejei que sim, para ter uma razão para ficar zangada com ele —, algo como *há males que vêm por bem* ou *não devias levar isto tão a peito* ou *não estava destinado a acontecer agora*.

Mas ele não o disse. Pegou-me na mão, encostou os lábios aos meus dedos e manteve-os aí. Depois colocou as nossas mãos no colo.

A minha garganta fechou-se e os meus olhos marejaram. *Para com isso*, queria dizer-lhe. *Para de agir como se me amasses, porque estou confusa e assustada*.

— A Lynne disse algo que me fez sentir mal — confessei.

— O que é que ela disse?

— Nada de horrível, mas foi o dia errado para me dizer o quanto adora estar grávida, o milagre que é, que grande pai tu serias, que a amiga da irmã esperou demasiado tempo para ter um bebé e depois não conseguiu engravidar porque os seus óvulos envelheceram.

— Porque é que ela te disse essas merdas? — Ele parecia zangado.

— É só conversa de mulheres. Não foi para eu me sentir mal — assegurei-lhe. De alguma forma, a zanga dele em meu nome removeu alguma da dor que restava das suas palavras. — Metade das mulheres da tua família, e da minha, adoram perguntar-me quando é que vamos ter filhos. Por vezes é difícil manter o sorriso no rosto e esquivar-me à pergunta.

— Deviam era meter-se na porcaria da vida delas — criticou o Enzo. — E é isso que vou dizer-lhes da próxima vez que as vir.

Não consegui deixar de sorrir.

— Não, não o faças. Está tudo bem.

— Não está. Quem se meter contigo mete-se comigo.

Sob as luzes fracas do painel, via-o carrancudo, como se estivesse preparado para dar cabo do rufia do recreio por mim.

E esse foi o momento em que soube: estava louca, profunda e desesperadamente apaixonada por ele.

Mas não podia dizer-lhe. Ele não podia saber.

Engoli em seco e foquei-me novamente no para-brisas, vendo as luzes da rua passarem enevoadas pelos meus olhos rasos de lágrimas. Fechando-os, combati o soluço que tentava subir no meu peito. Isto não era justo. *Não era nada justo, merda!*

Eu não devia sentir-me assim.

Eu não devia sentir nada.

Chegados a casa, fui mesmo buscar o contrato original que tínhamos assinado e tranquei-me na casa de banho, onde o li e reli, tentando voltar àquele lugar — àquela sensação de que estava segura e em terra firme.

Mas não serviu de nada. A maré arrastara-me para o mar alto, e agora eu estava a afogar-me.

Em retrospetiva, ouvi o meu riso enquanto escrevia: «*Cláusula especial para a Bianca: N*ão se apaixonar pelo *Enzo Moretti, e se ela se esquecer por um momento de como ele é altivo, arrogante, egoísta, presunçoso e pavão, deve voltar a esta lista!!!!!*», vi a indignação e a injúria no rosto do Enzo quando me exigiu que eliminasse a última parte e lembrei-me de ter acrescentado os pontos de exclamação. Tinha-lhe garantido que sabia exatamente quem ele era e que nunca esperaria que fosse outra pessoa.

O que não compreendia na altura era que podia amá-lo exatamente como era, com defeitos e tudo. Que as mesmíssimas coisas que me desagradavam nele um dia me fariam sorrir. E que tudo o que viria a aprender acerca dele, a forma como ele conseguia ser apaixonado, divertido e doce — e que pai incrível seria — reduziriam os meus muros a pó.

As lágrimas tombaram para a folha, manchando o papel com a tinta que escorreu. O Enzo bateu à porta da casa de banho.

— Bianca? Estás bem?

Levantei-me, dobrando rapidamente o papel manchado de lágrimas.

— Estou bem — disse, tentando soar o mais normal possível. — Já saio.

Depois enfiei a folha dobrada numa gaveta, mesmo ao lado de uma caixa por encetar de comprimidos *Clomid* que devia começar a tomar no dia seguinte. Peguei na caixa e olhei-a, com a raiva, o ressentimento, o medo e a tristeza a aumentarem dentro de mim.

As lágrimas voltaram a correr. Não podia fazer isto outra vez. Simplesmente, não era capaz.

Enfiando a caixa de comprimidos no fundo da gaveta, fechei-a, atirei um pouco de água fria para a cara e abri a porta.

Sabia o que tinha de fazer para me salvar.

Quinze

Enzo

Na semana seguinte, senti que andava a pisar ovos junto da Bianca, constantemente aterrorizado de dizer a coisa errada, por isso basicamente não dizia nada. Não fazia ideia se ela queria estar sozinha ou se me queria por perto, por isso tentei atingir um equilíbrio, trabalhando até tarde algumas noites e vindo a casa jantar com ela nas outras. Tentei fazer-lhe coisas que sabia que ela gostava — oferecer-lhe flores, fazer *waffles*, deixá-la escolher o filme.

Nada a fazia sorrir como dantes.

Parecia absorta nos seus próprios pensamentos. A casa estava estranhamente silenciosa, sem as embirrações habituais. Eu tinha vontade de lhe tocar, mas como não percebia se ela queria ou não ser tocada, não corri o risco. E fiz questão de não lhe falar de sexo.

Doía-me ver a luz fugir de dentro dela, mas não tinha ideia do que fazer para ela se sentir melhor. E estava zangado. Tão zangado, porra. Porque é que esta coisa da gravidez não estava a resultar? Sabia que estava a desiludi-la. Ela garantia que não, mas era difícil não o sentir. A única razão para ela ter entrado neste casamento era o bebé, e eu nunca duvidara que poderia proporcionar-lho. Aqui estava eu, pronto para herdar a empresa — após o acidente, a minha mãe convencera por fim o meu pai a reformar-se de vez — o que significava que eu obtivera tudo o que pretendia com o nosso acordo. E ela não obtivera nada.

Na sexta-feira à noite encontrei-me com os rapazes no *pub*. Quando recebi a mensagem do Griffin hesitei, porque não queria deixar a Bianca sozinha. Mas quando lhe falei do assunto durante o nosso telefonema, ela incentivou-me a ir.

— Tens a certeza? — perguntei.

— Sim, estou muito cansada, por isso acho que vou jantar uns restos e deitar-me cedo.

— Está bem. Avisa-me se mudares de ideias e quiseres companhia. Posso fazer o jantar.

Mas ela não voltou a ligar.

Eu, o Cole, o Griffin e o Beckett pusemos a conversa em dia com umas cervejas e asas de frango e hambúrgueres, como fazíamos sempre, mas pelo simples facto de estarmos no Bulldog estava sempre a pensar na Bianca. Estava sempre a olhar por cima do ombro, para a sala onde tínhamos feito a festa de casamento. Tinha sido mesmo há menos de dois meses? Parecia que estávamos juntos há muito mais tempo. Já quase não me lembrava de como era viver na minha casa sem ela.

Ouvi o meu nome e voltei a olhar para os meus amigos.

— Desculpem, o quê?

— Que se passa contigo esta noite? — perguntou o Griffin. — Pareces um bocado ausente.

— Estava só… estava só a pensar em todas as merdas que tenho para fazer este fim de semana. — Peguei na cerveja e dei um longo gole, sem saborear. — Se alguém estiver com vontade de arrancar alcatifa, tirar papel de parede e armários, apareça na casa nova amanhã.

— Eu posso ajudar — disse o Cole. — Estou de folga amanhã.

— Também posso — disse o Beckett. — A minha irmã está cá, devo poder ausentar-me por algum tempo. Ela pode tomar conta do meu pai.

— Também vou — disse o Griffin. — Provavelmente por volta da uma, depois de fechar a oficina.

— Obrigado, amigos.

Eu e o Griffin ficámos até mais tarde e, quando íamos para os nossos carros, ele perguntou-me se a Bianca estava bem.

— A Blair passou a semana toda a dizer que estava preocupada com ela.

Franzi a testa.

— Pois, ela… hum, não engravidou este mês. Outra vez.

— Oh.

— Foi muito duro para ela.

— Não podem continuar a tentar?

— É esse o plano. — Tentei manter o tom ligeiro. — Mas tenho a sensação de que ela já não tem muita esperança. E eu sinto-me mesmo mal, sabes? Quero conseguir dar-lhe o que ela deseja. Detesto quando há um problema que não posso resolver.

— É como eu. Mas acho que não podemos comparar isso com um pneu furado ou a remodelação de uma cozinha.

— Não, não podemos — resmunguei. — É uma merda vê-la assim. É estranho eu gostar mais quando ela está a discutir comigo ou a dizer-me como sou um cabrão egoísta? Ela nem parece a mesma pessoa.

— Talvez só precise de algum tempo para lidar com a deceção.

— A verdade é que não temos tempo. Só te digo que esta cena da fertilidade é uma grande treta. Tens de ser muito rigoroso com o *timing*, e mesmo assim pode não funcionar. E se eu não conseguir cumprir a promessa que fiz?

— Nesse caso, suponho que se vão divorciar e seguir caminhos separados. — Relanceou-me. — Não era esse o plano?

— Era, mas… sinto que estou a abandoná-la. É lixado.

— Queres continuar casado mesmo que ela não engravide neste mês?

O meu coração começou a bater com força.

— Não sei. Se me tivesses perguntado há uma semana, talvez tivesse dito algo diferente. Estávamos a divertir-nos tanto, ela estava feliz. Eu estava feliz. Havia uma parte de mim que achava que devíamos ficar juntos, mas esta semana é o oposto total. Sinto-me zangado e inútil e infeliz à brava. Não tão infeliz como ela, mas, caraças… — Abanei a cabeça. — Estou a lembrar-me de todas as minhas razões para não me casar. Ela não fala comigo. Não faço ideia se me quer por perto ou não. Estou demasiado ansioso sequer para lhe tocar. Não brigamos, mas até das malditas discussões sinto falta.

— Lamento, meu. Gostava de ter algum conselho. Eu consegui resolver as coisas, mas… — O Griffin coçou a nuca. — A Blair deve ter feito a maior parte do trabalho.

— Mas como é que sabiam? — perguntei. — A sério, como é que sabiam que podiam levar essa coisa do casamento, só tu e ela, para o resto das vossas vidas? Como é que sabias que farias isso bem?

— Não sabia — admitiu ele, encolhendo os ombros. — Mas as opções eram tentar ou perdê-la, e sabia que não a podia perder.

Assenti com a cabeça, embora me sentisse ainda mais confuso e desanimado.

— Achei que me agradaria a certeza de que as coisas acabariam a certa altura. Agora parece que o relógio avança cada vez mais depressa.

— Então, o que é que se vai passar agora?

— Acho que podemos tentar de novo a meio da próxima semana. Ela toma aquele comprimido durante cinco dias, que é o que está a fazer agora, depois esperamos mais cinco dias, depois temos sexo dia sim dia não por uma semana, mais ou menos. Só te digo, tentar engravidar esta mulher é como um maldito problema de matemática.

O Griffin riu-se.

— Também me parece.

Despedi-me dele e sentei-me ao volante. Enquanto conduzia para casa, dei voltas ao cérebro, tentando pensar em algo, qualquer coisa que trouxesse de volta a energia da antiga Bianca. Lembrei-me da nossa noite de núpcias, de como tínhamos ficado sentados a falar e a beber champanhe e a comer

chocolates, como eu ficara surpreendido quando ela me sussurrara no escuro. Queria voltar a sentir isso.

Num impulso, dei meia volta e dirigi-me à loja, que ainda estava aberta. O champanhe não seria de grande qualidade e os bombons seriam de fábrica, mas talvez a fizessem sorrir. Talvez ficasse inebriada e se abrisse um pouco. Talvez me convidasse a tocá-la, beijá-la, abraçá-la. Eu não precisava de sexo — embora não o recusasse —, só queria senti-la próxima outra vez. Queria prometer-lhe que tudo ficaria bem e fazê-la acreditar em mim.

E queria cumprir essa promessa.

*

Encontrei-a na cama quando cheguei a casa, embora não estivesse a dormir. Estava sentada na cama a ler, de óculos postos, sem maquilhagem, o cabelo apanhado descuidadamente no cimo da cabeça. Tinha o casaco de pijama xadrez azul-marinho desabotoado, e usava um pequeno *top* branco por baixo. O quarto cheirava a loção corporal de alfazema — um aroma em que eu agora estava viciado.

— Ei — disse eu, entrando no quarto a transportar um tabuleiro com a garrafa de espumante de morango, dois copos e uma caixa de chocolates em forma de coração. — Trouxe-te uma coisa.

Ela encurvou ligeiramente os lábios e pôs o livro de lado.

— O que é?

— Um piquenique — disse eu — para celebrar o nosso aniversário das sete semanas. Aposto que nem percebeste que era hoje.

— Pois não — confessou ela, enquanto eu pousava o tabuleiro no colchão.

— Bem, a tua sorte é que eu sou um romântico. E nada combina melhor com um Feliz Falso Aniversário das Sete Semanas como um delicioso *jampagne* e bombons que devem ter sobrado do Dia de São Valentim.

Isto fê-la rir.

— Quem pode dizer que não a isso?

Peguei na garrafa e forcei a rolha, que saltou, bateu no teto e depois aterrou diretamente num dos copos.

A Bianca olhou-a com surpresa.

— Impressionante.

— O que é que eu te disse acerca da minha pontaria, querida? — Tirei a rolha do copo e servi-lhe um pouco de espumante cor-de-rosa. — Acho que isto significa que a nossa sorte está prestes a mudar. — Ela aceitou o copo sem

comentários. Servi-me também, sentei-me na cama e ergui o meu copo. — A sete semanas de casamento abençoado. Que as próximas sete sejam tão frutuosas como um copo de borbulhante champanhe de morango. — Bati com o copo no dela.

— Tchim-tchim— disse ela, bebendo um gole. Franziu a cara por um segundo. Provei o vinho e fiz o mesmo. Sabia à geleia que punham nos dónutes, mas líquida e efervescente.

— *Mmm.*

Ela assentiu com a cabeça.

— *Mmm.*

Abri a caixa de bombons.

— Serve-te. Porque nada combina melhor com açúcar do que mais açúcar.

— Obrigada. — Ela escolheu um e deu uma dentada.

— Então?

— Delicioso.

Sorri.

— Passei este tempo todo a gastar dinheiro em coisas boas quando tu ficas satisfeita com champanhe e doces da loja de conveniência.

Ela sorriu, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos.

— Como foi a tua noite com os rapazes?

— Boa. — Deitei-me de lado, apoiando a cara na mão. — Eles vão dar-nos uma ajuda com a casa amanhã.

— Oh, fixe.

— Acho que, com a mão de obra extra, conseguiremos tirar tudo da cozinha.

Ela concordou.

— Parece-me bem. Espero ter o papel de parede do vestíbulo retirado nos próximos dias. Estou com medo de ver quantas camadas são.

Estendi a mão e massajei-lhe a perna através dos cobertores.

— Não faças nada muito cansativo.

— Porquê?

— Porque precisas de cuidar de ti.

— Para quê?

Franzi a testa.

— Como assim, para quê? Por causa do bebé.

Ela riu-se, mas foi um som vazio.

— Não há bebé, Enzo, lembras-te?

— Bem, ainda não. Mas vai haver. — Bebi um pouco do meu vinho horrível. — Como é o calendário do tiro ao alvo para a próxima semana?

Ela desviou o olhar.

— Não sei bem.

— Não sabes bem? — Fiquei totalmente perplexo. — Como é que isso é possível? No mês passado, estavas toda «Temos de dar uma queca na quarta-feira à noite, precisamente às 22h22, Horário Padrão Oriental, quando a Lua estiver cheia».

Ela bebeu um pouco.

— Desculpa.

Arrependi-me imediatamente de tentar ser engraçado.

— Não, eu é que peço desculpa. Não devia fazer piadas. Estava só a pensar qual seria o melhor dia.

— Quarta-feira, acho. Se ainda quiseres tentar.

— Hum? — Levantei a cabeça. — Porque não haveria de querer tentar?

— Não sei. Pensei que começasses a ficar farto disto tudo.

— Isto tudo… o quê?

— Isto tudo… eu. — Ela encolheu os ombros e, quando levantou os olhos, estavam marejados de lágrimas. — Sei que não era isto que esperavas.

— Que raio de conversa é essa? É exatamente o que esperava, Bianca. Pediste-me três meses e eu aceitei, não foi? Juntamente com mais uma série de coisas ridículas. — Pousei o copo na mesa de cabeceira. — Onde está aquele contrato? Vamos relê-lo.

— Porquê?

— Para nos divertirmos. Vá, vai fazer-te rir. Lembras-te de como nos divertimos a redigi-lo? — Eu esperava que, ao ver o contrato, ela fosse transportada àquele momento em que estava cheia de esperança e luz e ânimo vigoroso. Mesmo que isso só a recordasse do pouco que ela gostava de mim na altura, pelo menos sentiria algo além de tristeza.

Ela olhou para a bebida no copo.

— As coisas eram diferentes nessa altura.

— Eu sei, mas mesmo assim será divertido. Nem me lembro de algumas das coisas que escrevemos. — Saí da cama. — Sei que o tens algures.

— Está na casa de banho — disse ela. — Primeira gaveta da direita. A que me atribuíste.

Dirigi-me à casa de banho de sobrolho franzido.

— Guardas o nosso contrato de casamento na casa de banho? Isso é muito significativo.

Acendi a luz, abri a primeira gaveta do lado direito e remexi algumas coisas — toalhetes desmaquilhantes, bolas de algodão, cotonetes, pasta de dentes, fio dentário, creme hidratante, uma caixa de comprimidos — até encontrar uma folha de papel dobrada. Abri-a e tentei ler o que escrevêramos, mas foi difícil

porque se tinha molhado. Franzindo a testa, olhei novamente para a gaveta. Tinha havido alguma fuga num cano?

Apalpei e verifiquei o fundo da gaveta, mas não havia qualquer humidade. As bolas de algodão e os cotonetes estavam secos, e a caixa branca de *Clomid* não mostrava sinais de se ter molhado.

Também não mostrava sinais de ter sido aberta.

Que raio?

Peguei nela e abanei-a — estava mesmo cheia. Fitei a caixa na minha mão, pensando se ela teria outra embalagem. Caso contrário, porque não os teria tomado? Se bem me lembrava, devia ter começado na segunda-feira, o que significava que teria tomado o último hoje. Abanei novamente a caixa, mas continuava a não estar vazia.

Olhei outra vez para o contrato, a tinta azul diluída e manchada como o tom de aguarela dos olhos dela.

Com a folha numa mão e a caixa de comprimidos na outra, voltei ao quarto.

— Que é isto? — perguntei, mostrando o *Clomid*. — Não tens estado a tomá-los? — A cor espalhou-se nas suas faces. Ela inspirou fundo. — Sê honesta comigo, Bianca. Não tomaste os comprimidos porque mudaste de ideias?

Ela engoliu em seco e abriu a boca, fitando a caixa de comprimidos.

— Eu… — Depois encontrou de novo o meu olhar. — Sim. Mudei de ideias.

Baixei o braço.

— Porquê?

— Porque não ia resultar, e acho preferível pararmos de fingir.

— E não te passou pela cabeça dizeres-me? — A minha pulsação martelava-me na cabeça.

Ela pousou o copo na mesa de cabeceira.

— Ia dizer-te. Só precisava de algum tempo para processar tudo.

— Bianca, isto é… — Tentei pensar no que isto era. Chegaram-me muitas palavras à mente: Doloroso? Chocante? Errado?, mas nenhuma delas exprimia exatamente o que eu queria dizer. Ela tinha todo o direito de não tomar o medicamento, todo o direito de tirar tempo para pensar, todo o direito de decidir se queria ou não ter um filho comigo.

Então porque é que isto me parecia um murro no estômago?

Ela ajoelhou-se na cama, sentou-se sobre os calcanhares e olhou para mim. Os seus olhos azuis brilhavam.

— Por favor, não fiques zangado comigo, Enzo. Por favor. — Começou a chorar. — Tentei muito convencer-me a mim mesma, mas simplesmente não consegui. Não quero a deceção outra vez. Não quero sentir que estou a desiludir-te.

— Não estás.

— Estou, sim — insistiu ela, limpando as lágrimas. — Sei que queres ter filhos, e podes tê-los. Não precisas de mim.

— Mas…

— Escuta, Enzo. — Saiu da cama, interpondo ainda mais distância entre nós. — Tu tentaste, e estou-te grata. Eu não podia ter pedido mais. E se precisares que eu fique mais tempo para garantir que a Moretti & Filhos passa para ti, eu fico.

— E caso contrário? — perguntei, perplexo, ao vê-la tirar um par de calças de ganga de uma gaveta da cómoda que eu lhe dera e começar a vesti-las. Que raio estava a acontecer?

— Caso contrário, acho que o melhor é eu voltar para o meu apartamento.

— Por quanto tempo?

— Para sempre, Enzo. — Sem parar de chorar, despiu o casaco do pijama de xadrez e vestiu uma camisola cinzenta sobre o *top* branco. — É melhor assim, não percebes?

— Como?

— Porque podemos continuar amigos. Ainda posso ajudar-te com a casa. Podemos falar. Só não estaremos… juntos.

Eu estava a morrer de vontade de a tomar nos braços, de a deixar babar a minha camisa, de a mandar calar-se e voltar para a cama.

Mas fiquei no mesmo sítio. Como podia argumentar com o que ela estava a dizer? Eu *tinha* o que queria. Ela cumprira a sua parte do acordo. E se tinha mudado de ideias em relação a ter um bebé comigo, não havia nada que eu pudesse fazer.

De facto, devia estar feliz, não devia? A última semana fora tão dura — eu não queria viver assim.

Então porque é que me magoava tanto vê-la emalar as coisas para partir?

Fiquei ali com a caixa de comprimidos numa mão e o contrato na outra enquanto ela ia à casa de banho. Ainda estava no mesmo sítio quando ela saiu com uma pequena bolsa de cosméticos.

— Ligo-te amanhã, está bem? — disse ela, passando por mim sem me olhar.

— Está bem. — A minha voz era rígida. Sentia-me entorpecido.

Ela foi à mesa de cabeceira buscar o livro, depois dirigiu-se para a porta.

— Bianca, espera.

Ela virou-se lentamente, parecendo relutante em encarar-me.

— Que é? — sussurrou.

— É isto que queres? — perguntei. — Tens a certeza?

— Tenho a certeza. — A expressão dela era uma mistura de medo e tristeza,

e eu não tive coragem de piorar as coisas.

— Podes… podes avisar-me quando chegares?

— Sim. — Os lábios dela estavam cheios de lágrimas. — Lamento muito, Enzo. Mas é melhor assim. Por favor, acredita em mim.

E foi-se embora.

*

Meia hora mais tarde, eu ainda estava sentado na beira da cama, a beber aquela zurrapa e a tentar convencer-me de que ela tinha razão e era melhor assim, quando o meu telemóvel vibrou. Olhei para o ecrã. Normalmente ver o nome que eu adotara para a identificar nos meus contactos fazia-me sorrir, mas esta noite não.

Patroa: Estou em casa.

Não, não estás, apeteceu-me responder. Mas de que serviria?

Eu: Obrigado.

Foi só isto.

Não foram trocadas mais palavras entre nós, apesar de sermos casados e ainda há uma hora estarmos a beber champanhe de morango e a celebrar o nosso aniversário.

Exalando, levei o tabuleiro para a cozinha, deitei a garrafa fora, pus os copos no lava-loiça e a caixa de bombons em forma de coração no lixo.

De volta ao quarto, despi-me e fui para a casa de banho, onde descobri os brincos de diamante que lhe tinha dado no dia do nosso casamento. Ela devolvera-os à caixa, que deixara aberta sobre a bancada.

Ao lado da aliança.

Ao vê-los, parecia que o meu peito se afundava. A minha garganta fechou-se.

Alguns minutos depois, apaguei a luz e meti-me na cama. Fiquei ali, no escuro, na casa estranhamente silenciosa e solitária como um raio. Ainda sentia o cheiro dela. Sem pensar, peguei na almofada dela e tapei a cara, inalando profundamente.

Que raio é que tinha corrido mal? E porque é que eu estava tão chateado com isso? Eu nem sequer queria casar com ela — nem com ninguém. A única coisa que queria era gerir a Moretti & Filhos, e ia fazê-lo. Os documentos estavam assinados. O meu pai ia reformar-se. E mesmo que ele ficasse chateado por a Bianca se ir embora e mudasse de ideias, que se lixasse. A Bianca tinha razão. Eu podia muito bem deixar o Pietro gerir a Moretti & Filhos e começar a minha própria empresa. Não precisava de provar nada a ninguém.

E ainda podia vira a ter filhos. Caramba, os homens podiam ter filhos depois dos 70, não podiam? Talvez não fosse justo, mas era assim.

Zangado e triste, virei-me de lado e abracei a almofada dela, tal como costumava abraçá-la à noite. O meu coração estava num estado que parecia que alguém o pisava.

Mas estava feito.

Eu dera o meu melhor, como ela tinha dito. Tentara e falhara, e ela já não queria nada comigo.

Era melhor deixá-la ir.

Dezasseis

Bianca

Bati à porta do meu antigo apartamento mesmo antes das dez da noite, mas não obtive resposta. Percebi que o JJ devia ter saído — afinal, era sexta-feira à noite — e usei a chave que ainda tinha no porta-chaves para entrar.

Fechei a porta atrás de mim, respirei fundo, e dei-me por satisfeita ao descobrir que o meu apartamento não cheirava a balneário. Por acaso, até cheirava como a casa dos meus pais — a óleo de mobília com aroma a limão e amaciador de roupa.

Espreitei para o meu antigo quarto, que de facto cheirava mais a balneário, torci o nariz às roupas espalhadas por todo o lado e à cama por fazer, e recuei.

No meu antigo escritório, abri o sofá-cama e fiz a cama, depois lavei os dentes, satisfeita por ver que a casa de banho do corredor estava limpa e tinha toalhas lavadas empilhadas no armário.

De volta ao meu escritório, tirei um minuto para ver as fotografias na minha estante, recordando-me de que ainda tinha família e amigos. Ainda tinha lugares e memórias que amava. De certa forma, também tinha o Enzo — pelo menos, esperava ter. Não suportava a ideia de não voltar a vê-lo, embora pudesse ter de o evitar por algum tempo, pelo menos até o meu coração não se sentir tão exposto e vulnerável. Precisava de algum tempo para reerguer aqueles muros.

Procurei no pequeno saco de viagem que arrumara rapidamente no quarto de hóspedes do Enzo e tirei um pijama. Vesti-o e meti-me na cama, depois peguei no telemóvel. Primeiro mandei uma mensagem ao meu irmão para o avisar de que estava a dormir no escritório, e lhe explicaria no dia seguinte.

Depois respirei fundo e avisei o Enzo de que tinha chegado. A sua resposta foi rápida e curta, e não o censurei. Sabia que o tinha apanhado desprevenido. Devia ter-lhe dito, logo no princípio da semana, que decidira não tomar o *Clomid*. Não tinha desculpa — simplesmente adiara a conversa porque sabia que seria difícil. Sabia que tinha de lhe admitir a verdade — que não tinha forças para continuar a andar nesta montanha-russa de emoções. Que receava que os

meus sentimentos por ele estivessem a crescer sem controlo. E sabia que, depois, teria de partir.

O que não sabia era que ele me deixaria ir tão facilmente. Sem luta. Sem súplicas para eu ficar. Sem procurar convencer-me a tentar mais uma vez. Parecia sobretudo irritado por eu lhe esconder a verdade acerca dos comprimidos.

Parecia-me a evidência perfeita de que ele estava farto de mim. E porque não estaria?

Ele já obtivera a sua empresa. Eu não conseguia engravidar. Não restava nada, nenhuma razão para continuarmos a representar.

Ele não me amava. Nunca amaria.

Pousei o telemóvel e chorei até adormecer.

*

No sábado de manhã, acordei com a face numa almofada húmida. Vi as horas — passava pouco das sete.

Levantei-me, espreguicei-me e passei uma mão pelo cabelo. Doía-me a cabeça, sentia os olhos inchados e o meu nariz estava ferido de me assoar tantas vezes. Havia uma pilha de lenços ensopados no chão ao lado da cama.

Depois de os pôr no lixo, vesti as calças de ganga e uma camisola, fui à casa de banho e depois à cozinha para fazer café. Foi mais uma agradável surpresa ver a despensa e o frigorífico bem abastecidos, até havia fruta fresca e sumo de laranja. Talvez eu tivesse avaliado mal o meu irmão no capítulo da maturidade.

Quando o café estava pronto, servi-me de uma chávena e fui para a sala, onde encontrei o JJ a dormir no sofá, com um saco de batatas fritas vazio em cima da barriga, e migalhas a escorregar para o chão.

Intrigada, pousei a chávena de café na mesinha e fui ao armário do corredor buscar o aspirador de mão. Quando o liguei para limpar a sujidade, o JJ deu um salto.

— Bianca, mas que raio?

— Espalhaste batatas fritas pelo chão — ralhei, falando por cima do barulho.

— E tens de limpar agora? Estamos a meio da noite.

— Não estamos. Já passa das sete. — Desliguei o aspirador. — E porque é que estás a dormir aqui?

— Não sei. Cheguei a casa e deu-me fome. Queria um petisco. — Sentou-se e passou a mão pelo cabelo, totalmente acamado de um lado e espetado do outro. — Devo ter adormecido.

Guardei o aspirador e pus o saco de batatas fritas no lixo antes de voltar à sala e abrir as persianas. O JJ resmungou por causa da luz.

— Afinal, o que é que estás a fazer aqui? Pensei que te tinhas casado.

— Casei. Estamos… a ter alguns problemas. — Peguei no meu café e sentei-me na poltrona de costas largas em frente do sofá, dobrando as pernas debaixo do corpo.

— Que problemas?

— Nada da tua conta.

— Ele é chato, ou isso? A rapariga com quem ando é chata como o raio.

— Não, ele não é chato.

— Não vais mudar-te para aqui, pois não? — Ele parecia assustado. — Não tenho mais para onde ir.

— Relaxa. Podes ficar, para já.

Ele mostrou-se aliviado.

— Obrigado.

Olhei em volta.

— A verdade é que parece que tens mantido a casa arrumada e limpa.

— Oh, isso — disse ele bocejando. — Pois, a mãe vem cá uma vez por semana limpar.

Fiquei boquiaberta.

— Estás a brincar comigo?

— Não. Ela também trata da roupa e compra comida.

Revirei os olhos.

— Isso é ridículo. És um adulto, JJ.

— Eu não lhe *pedi* que o fizesse, Bianca. Ela insiste. Acho que tem medo de que me ponhas fora e eu tenha de ir outra vez viver para casa deles.

— Bem, tens de começar a procurar um sítio — disse-lhe. — Está na altura de parares de te comportar como uma criança e organizares a tua vida.

— Está bem, está bem — disse ele, parecendo ofendido. — Caramba, é demasiado cedo para este género de violência.

— Então vai para a cama.

— Estou a ir. — Pôs-se de pé e encaminhou-se para o meu antigo quarto. — Gostava mais de ti quando eras casada.

Mostrei-lhe o dedo do meio e bebi mais um gole do café.

Homens.

*

Passei o dia escondida no meu antigo apartamento, apesar de estar em ânsias para saber como iam as coisas na casa de Center Avenue. Parte de mim queria ir até lá, pôr-me a trabalhar, distrair-me com o trabalho manual e o desafio de um novo projeto criativo, mas sabia que ia desatar a chorar no momento em que visse o Enzo. E uma crise de choro não era a atitude ideal em frente do Griffin e do Cole. Nem em frente do Enzo, já agora. Já bastava ele ter-me visto desmoronar na noite anterior.

Então enfiei-me no escritório, arrumei a secretária, limpei o pó a todos os livros e fotografias e bugigangas nas prateleiras, e depois enrolei-me com um livro. Mas sempre que pensava no Enzo os meus olhos enchiam-se de lágrimas. Gastei uma caixa inteira de lenços e tinha de estar sempre a reler as mesmas páginas porque não conseguia envolver-me na história. Um milhar de vezes verifiquei o telemóvel, esperando que ele tivesse ligado ou mandado uma mensagem, mas de todas as vezes fiquei desapontada. Depois fiquei zangada comigo mesma por desejar que ele me contactasse — isto não ia ajudar. Era melhor uma separação total.

Mas *doía*, porra.

Pelas sete da tarde, tinha desistido de ler e estava enrolada debaixo de uma manta no sofá a ver um filme do canal *Lifetime*.

O meu irmão veio à sala e pôs-se em frente do ecrã.

— Oi. Queres pedir uma *pizza* para o jantar?

— Sim. Não vais sair?

— Talvez saia mais tarde. — Ele examinou-me atentamente, decerto notando os meus olhos vermelhos e a cara inchada. — Que se passa contigo?

— Coisas.

— De que género?

— Não quero falar disso.

— Está bem. — Deu meia volta e foi-se embora, deixando-me a olhar para as suas costas.

Francamente. Só um irmão abandonaria assim uma conversa destas.

Levantei-me do sofá e segui-o para a cozinha, onde tirei uma garrafa de vinho do suporte.

— Queres um copo?

— Não. — Ele tirou uma cerveja do frigorífico e abriu-a.

— Então, fala-me da tua nova namorada — disse eu, servindo uma quantidade generosa de *pinot noir* num copo. — Conheço-a?

— Não é minha namorada. Só saímos juntos há umas semanas.

— Como é que se chama?

— Reina.

Olhei-o, incrédula.

— Reina?

— Sim. — Recostou-se e pegou no telemóvel. — O que queres na *pizza*?

— Qualquer coisa serve. — Voltei a rolhar a garrafa de vinho. — A Reina é muito jovem e gira?

— Sim, mas é muito narcisista. Isso chateia-me um bocado.

Tomei um pouco de vinho.

— Bem, dá-lhe uma oportunidade. Talvez seja insegura. Algumas pessoas dão-nos uma má impressão ao princípio por serem tímidas ou nervosas.

Ele abanou a cabeça e arrotou.

— Acho que não é esse o problema dela.

Enquanto o JJ encomendava a *pizza*, comecei a esvaziar a máquina de lavar. Gostava de saber se o Enzo ainda estaria a trabalhar na casa, com os seus amigos, e o que iam fazer para o jantar. Será que iam buscar comida pronta para continuarem a trabalhar? Ou davam o dia por findo e iam para o *pub*? Convidariam a Blair e a Chey para irem ter com eles? As minhas amigas perguntar-se-iam onde é que eu estava?

— Então, vais contar-me o que aconteceu com o Enzo ou não? — perguntou o meu irmão, sentando-se na ilha e vendo-me arrumar os pratos. Ao princípio não disse nada, só coloquei uma pilha de pratos no armário. Dois copos de sumo. Uma tigela de sopa. — Tiveram uma briga?

— Não propriamente.

— Então porque é que estás aqui?

— Estou aqui porque eu e o Enzo percebemos que talvez nos tenhamos precipitado para o casamento — respondi cautelosamente.

O JJ voltou a arrotar.

— Eu podia ter-te dito isso.

— Estamos a dar algum tempo e espaço para perceber qual é a melhor forma de proceder.

— Vão-se divorciar?

Engoli em seco.

— Não sei.

— Ama-lo?

Sim, queria responder, finalmente admiti-lo em voz alta. *Não queria, mas amo-o. E é por isso que estou aqui*. Mas a minha resposta foi:

— É uma pergunta complicada.

— É?

— Sim — disse eu, irritada, arrancando o cesto dos talheres e pousando-o na bancada. — E mesmo que eu respondesse *sim, amo-o*, isso não significa que

devamos ficar casados. Há outros fatores.

— Por exemplo?

Irritada, atirei garfos e colheres e facas de manteiga para o tabuleiro da gaveta.

— Se ele sente ou não o mesmo.

— Achas que ele não te ama?

— Sei que não me ama. — Tive de parar para respirar. Apoiar-me na beira da bancada.

— Então porque é que casou contigo?

— Ouve, foi por isso que eu disse que era complicado. — Contive o soluço que tentava subir-me do peito para a garganta. — Não consigo explicar porque é que não podemos continuar casados, mas sei que não podemos. Tentámos e falhámos. Acabou.

— Não parece que tenham tentado muito.

Olhei-o furiosamente por cima do ombro, depois peguei no copo de vinho e saí da cozinha.

— Ei, para onde vais?

— Para o meu escritório!

— Porquê? Estamos a conversar.

— Estou farta de conversar! — Fechei a porta do escritório atrás de mim e bebi um longo trago de vinho. Verifiquei o telemóvel e percebi que tinha perdido três chamadas da Blair. Também me tinha mandado uma mensagem.

Blair: O QUE É QUE SE PASSA??? Liga-me.

Sentei-me e liguei-lhe.

— Olá! — Ela suspirou assim que atendeu. — Espera aí.

Ouvi a sua respiração abafada e o que parecia uma porta a fechar.

— Onde é que estás? — perguntou ela freneticamente, mas quase um murmúrio.

— Estou em casa — respondi. — Isto é, no meu antigo apartamento. Porque é que estás a sussurrar?

— Porque o Griffin e o Enzo estão aqui e não quero que me ouçam. — Ao ouvir o nome dele, a minha pulsação acelerou. — Porque é que estás no teu antigo apartamento? — perguntou ela.

— Porque eu e o Enzo estamos a avançar com o plano a um ritmo acelerado. A fase dois falhou. Estamos agora na fase três, a separação.

— Vão separar-se?

— Na verdade, nunca estivemos propriamente juntos.

— Sabes o que quero dizer. Vais sair de casa? Vão divorciar-se? Já não estão a tentar ter um bebé?

— Tudo isso — disse eu, ressentida, tomando mais um trago de vinho.

— Percebi que tinha acontecido alguma coisa. Passei pela casa de Center Avenue esta tarde com sanduíches e ofereci-me para ficar a ajudar. O Enzo estava com um comportamento muito estranho e tu não estavas em lado nenhum, e ele só dizia que não sabia bem onde estavas nem se ias aparecer.

— Comportamento estranho, como? — perguntei.

— Não parecia nada ele. Calado e amuado. Uma expressão muito carrancuda. A bradar instruções a toda a gente e a passar-se se alguém fizesse uma pergunta, especialmente acerca de ti. — Pus a mão na testa e fechei os olhos com força. — Então, vais mesmo deixá-lo?

— Tem de ser, Blair.

— Por causa do que me disseste? — perguntou ela gentilmente.

— Sim — respondi em surdina, com as lágrimas a cair. — Não podia ficar mais um mês. Não podia continuar a dormir com ele. Não podia suportar mais uma deceção de quebrar o coração. Não podia correr o risco de me apaixonar mais profundamente por ele. Era tudo demasiado, sentia-me a submergir, com dificuldade em respirar.

— Lamento, Bianca. Gostava que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer.

Tirei um lenço da caixa em cima da minha secretária.

— Vou ficar bem. Vou só manter-me longe dele por mais algum tempo. Tentar que os meus sentimentos arrefeçam.

— E as tuas coisas todas em casa dele?

— Terei de as ir buscar um dia. — Parei para me assoar. — O que é que ele está a fazer em vossa casa?

— O Griffin convidou-o para jantar cá. Disse que tinha pena dele.

— Quanto tempo vai ficar aí?

— Não sei. Acabámos de encomendar a comida. Porquê, queres vir cá?

— Não! Estou a pensar se terei tempo de ir buscar mais algumas coisas lá a casa. Está lá a minha roupa toda.

— Tens de ir lá às escondidas? Não podes só falar com ele?

— Não sei se estou preparada para isso agora — disse eu honestamente, e a minha voz falhou. — A noite passada foi tão difícil. Quase não me aguentei. Não quero que ele saiba como me sinto, isso só tornaria as coisas piores.

— Porquê?

— Porque teria pena de mim. Iria olhar para mim como olhou depois de me ter vindo o período. Com piedade.

— Bem, ele tem pena. Eu também.

— Não é assim que eu quero que ele me veja, está bem? — Estava a tentar

reprimir o choro porque não queria que o meu irmão me ouvisse, mas acabei por não me conter, enquanto andava de um lado para o outro. — Quero o meu orgulho de volta. Quero a minha força de volta. Quero que ele olhe para mim e veja a rapariga que pensava que eu era. A que tinha coragem e determinação, que lidava com tudo o que a vida lhe atirasse. A que tinha pelo na venta.

— Pelo na venta?

— Sim. Uma vez ele disse que gostava disso em mim: que eu tivesse pelo na venta.

Ela suspirou.

— Ele gosta de muitas coisas em ti. Está só a ser um idiota.

— Não está, não. Está só a ser exatamente quem é. — Obriguei-me a parar e respirei fundo. — Exatamente quem eu sabia que ele era. E a culpa é minha, por me ter apaixonado por ele quando ele me disse que não o fizesse.

— Detesto isso — disse a Blair. — Diz-me o que fazer para ajudar.

— Consegues descobrir quanto tempo é que ele vai ficar em tua casa?

— E devo fazer isso sem explicar porque é que estou a perguntar?

— Se puderes. — Mordi a ponta do polegar.

Outro suspiro.

— Vou tentar. Mando-te uma mensagem.

— Obrigada.

Dezassete

Enzo

Estava sentado no sofá no apartamento do Griffin e da Blair, a beber uma cerveja, amuado, quando a Blair saiu do quarto, com o telemóvel na mão e um sorriso de plástico na cara.

Sentou-se na beira da cadeira em frente do sofá, com os pés lado a lado e as costas completamente direitas. Parecia que estava num concurso de misses esperando que lhe pedissem a sua opinião sobre a paz mundial.

— Que se passa? — Perguntou o Griffin desconfiado, do outro lado do sofá.

— Não se passa nada — respondeu ela, com uma falsa vivacidade na voz.

— Conheço essa cara. Passa-se alguma coisa. Quem é que telefonou, Blair?

— Telefonou? Quando? — perguntou ela, como se não tivesse saltado da cadeira, corrido para o quarto e atirado com a porta no momento em que o telemóvel tocara, cinco minutos antes.

Eu e o Griffin entreolhámo-nos.

— Agora mesmo — disse ele.

— Oh. Ah, foi a Cheyenne.

— A Cheyenne e o Cole foram ao cinema com a Mariah — recordou o Griffin.

— Oh, pois é. Hum, foi a tua mãe.

— A minha mãe está fora.

— Oh. — A Blair parecia frenética. — Enganaram-se.

— Enganaram-se no número? — O Griffin fitou-a. — E levaste o telemóvel para o quarto e falaste com esse estranho por cinco minutos?

— Blair — disse eu. — Foi a Bianca?

Ela desistiu de representar.

— Sim, mas não era para tu saberes.

— Porquê? — perguntou o Griffin, enquanto eu virava a cerveja e bebia vários goles.

— Bem, ela queria que eu descobrisse quanto tempo é que ele vai ficar aqui,

porque quer ir buscar roupa lá a casa e não quer encontrar-se com ele. — Olhou-me nos olhos. — Lamento, Enzo.

— Calma aí! A Bianca mudou-se? — O Griffin olhou para mim.

— Sim. — Acabei a minha cerveja e levantei-me. — Vocês têm whisky?

A Blair seguiu-me para a cozinha e pelo caminho tirou uma garrafa castanha de um carrinho-bar.

— Queres gelo? — perguntou, enquanto tirava um copo e servia.

— Não.

— Disse à Bianca que a avisava — disse a Blair, dando-me a bebida. — Achas que demoras umas duas horas?

Só respondi depois de alguns goles, estremecendo quando senti o ardor da bebida a atravessar-me a garganta.

— Porque é que ela não me telefona?

— Não sei.

— O que é que ela disse?

Ela abanou a cabeça, com uma expressão triste.

— Não posso trair a confiança dela.

Tomei mais um gole. Eu é que devia ter a confiança da Bianca. Sou o marido dela, caramba.

— Não a compreendo. Na noite passada, quando saiu de casa, disse querer que ficássemos amigos.

— Acho mesmo que quer. — A Blair escolheu as palavras cuidadosamente. — Só precisa de algum tempo para chegar aí. Ela… ela está triste, Enzo.

— Porquê?

A Blair encolheu os ombros.

— Por tudo.

— Foi tudo ideia dela, ela contou-te? — perguntei, zangado.

— Sim.

O Griffin veio ao frigorífico tirar outra cerveja. Depois de tirar a cápsula e a deitar fora, encostou-se à bancada e cruzou os braços.

— Que aconteceu?

— Raios me partam se sei. — Voltei a beber. — Num minuto as coisas estavam bem, no seguinte ela estava a fazer a mala.

— Tenho a certeza de que foi uma decisão muito difícil — disse a Blair.

Encolhi os ombros.

— Vocês tiveram uma discussão? — perguntou o Griffin.

Ri-me, mas foi um som frio e zangado.

— Não. Há algum tempo que não brigamos.

— Tentar engravidar pode ser stressante — disse a Blair.

— Eu sei — ripostei. Depois fechei os olhos. — Desculpa. Estou só… mal-humorado. E cansado. Não dormi muito na noite passada.

— Eu compreendo — disse a Blair gentilmente.

O Griffin tirou uma garrafa do frigorífico.

— Queres um copo? — perguntou-lhe.

— Sim. Obrigada, querido.

Vi o Griffin servir um copo de vinho à mulher e senti uma ridiculamente aguda pontada de inveja.

Esta noite, depois do jantar, iriam para a cama juntos. Dormiriam juntos. Amanhã ele poderia fazer uma dúzia de pequenas coisas por ela — servir-lhe um café, dar-lhe um beijo de despedida, pôr ar nos pneus do carro dela, comprar-lhe flores, dizer-lhe que era linda, elogiar o seu vestido ou a cor dos seus olhos ou o aroma do seu perfume. E talvez ela pusesse os braços em torno dele e enterrasse a cara no seu pescoço, como a Bianca por vezes fazia, inalando profundamente, como se quisesse respirar-me para dentro da sua alma.

— Enzo?

Ergui os olhos e percebi que estavam ambos a fitar-me.

— O quê?

— Posso dizer-lhe que ela pode ir lá a casa?

Franzi a testa.

— Tudo bem.

— Duas horas é seguro?

Assentindo com a cabeça, inclinei novamente o meu copo. Odiava que ela não se sentisse segura junto de mim. Que raio de conversa era aquela? O que é que ela pensava que eu ia fazer? Prendê-la? Arranjar uma briga? Suplicar-lhe que ficasse? *Que se lixasse*. Estava *contente* por ela se ir embora. Não precisava deste insulto. Ela queria mudar-se imediatamente? Ótimo. Quanto mais depressa, melhor. Esperava que ela levasse cada peça de roupa, cada artigo que usara, cada vestígio de si para longe da minha casa, esta noite. Não queria nada que me lembrasse dela ou desta estúpida ideia que tínhamos tido, nunca mais.

Enquanto a Blair se metia no quarto para voltar a ligar à Bianca, terminei o whisky e fui buscar a garrafa para me servir de mais.

Que se lixasse tudo.

*

Na manhã seguinte, bastante cedo, ouvi um barulho. Levantei a cabeça, que me doía horrivelmente, e abri os olhos. Por um segundo, fiquei confuso — depois

lembrei-me. Tinha bebido demasiado para conduzir e dormira no sofá do Griffin.

Sentei-me, franzi a testa à luz que entrava pelas persianas e ao gosto a lixa na minha boca. Fechando os olhos, esperei por um momento que me passasse o enjoo. Através do nevoeiro latejante, ouvi uma voz doce:

— Bom dia.

Abri os olhos e vi a Blair pousar uma chávena de café simples na mesinha à minha frente. A seguir sentou-se na cadeira diante do sofá, enfiando as pernas debaixo do corpo, segurando a sua própria chávena com ambas as mãos. Estava de fato de treino e tinha o cabelo comprido penteado numa trança solta sobre o ombro.

— Bom dia — respondi com voz rouca.

Ela sorriu compreensivamente e apontou o café.

— É para ti.

— Obrigado. — Peguei na chávena pela asa. — Bem preciso.

— O Griffin foi à pastelaria buscar dónutes. Eu tenho uma rara manhã de domingo de folga.

Dei um gole no café, queimando a língua.

— Calma — disse ela. — Está quente.

Pousei a chávena e recostei-me, fechando os olhos para bloquear a luz.

— Acho que alguém me envenenou.

Ela riu-se.

— Chama-se *Jack Daniels*.

— Velhaco!

— Vais sobreviver.

Após um momento, levantei a cabeça e olhei para ela. Começava a lembrar-me de pormenores da noite anterior. Se bem me lembrava, a Blair levara a carrinha do Griffin e fora ter com a Bianca a minha casa.

— Ajudaste-a?

A Blair assentiu com a cabeça.

— O irmão dela também estava lá. Tirámos tudo. Ela deixou-te a chave na bancada da cozinha.

— Ótimo — disse eu, embora nada daquilo me parecesse ótimo. Ela era a minha mulher. Devia viver comigo, porra!

— Como é que te sentes?

— Ressacado.

— Referia-me ao facto de a Bianca se ir embora.

Houve um momento de silêncio, depois decidi mentir.

— Bem.

— A sério?

— Sim. — Sentei-me mais direito e voltei a pegar na chávena. — Sinto-me bem acerca disso. Aliás, foi sempre esse o plano.

— Eu sei, mas… acho que ela não está bem em relação a isso.

— Como assim? Ela é que se foi embora.

— Isso não significa que realmente o quisesse fazer.

Abanei a cabeça, completamente perdido e exausto.

— Estou esgotado, Blair. Não sei ler mentes. A menos que ela me diga o que está a sentir ou a pensar, só posso basear-me no que me diz e no que faz. E o que a Bianca disse na sexta-feira à noite foi que queria sair. E o que fez foi sair.

A Blair assentiu com a cabeça, baixando os olhos para o café.

— Ela contou-me que encontraste a caixa de *Clomid*.

— Sim. — Senti-me justificado e sentei-me mais direito. — Esse é um exemplo perfeito. Ela decidiu não os tomar e decidiu que não tentaríamos uma terceira vez, sabia que se ia embora mais cedo e não me disse nada. Fui completamente apanhado de surpresa.

— Ela sente-se mal acerca disso.

— Mas foi-se embora, Blair. O que é que eu devia fazer, suplicar-lhe que ficasse? Porquê?

— Não sei — disse ela, encolhendo ligeiramente os ombros. — Talvez por terem sentimentos um pelo outro?

— Não temos *sentimentos* um pelo outro — desdenhei. — Tínhamos um *contrato*. Tínhamos regras. Tínhamos uma data de início e uma data de fim. Era tudo falso. Que me importa que ela se queira ir embora mais cedo?

— Era tudo falso no princípio — disse ela suavemente. — Mas isso não mudou?

Cocei o queixo.

— Parte de mim pensou que *podia* mudar. Mas isso foi antes de ela se ir embora.

— O teu ego está magoado, eu percebo. Mas se há alguma coisa para resgatar — prosseguiu a Blair, movendo-se para a beira do assento e pondo-me uma mão no joelho —, não achas que valia a pena uma conversa?

A porta do apartamento bateu com força e eu senti que o meu cérebro tinha sido esmagado. Levantei-me.

— Tenho de ir.

— Não, fica — implorou a Blair. — Devias comer alguma coisa.

— Não tenho fome — disse, passando pelo Griffin a caminho da porta.

— Vais-te embora? — perguntou ele surpreendido.

— Sim. Ligo-te mais tarde. Obrigado por me deixarem dormir aqui.

Inspirei o ar fresco da rua e dirigi-me ao meu carro, que deixara estacionado

mais abaixo. Estava ansioso por chegar a casa, lavar os dentes, tomar um duche e aterrar. Queria dormir por um ano, e depois acordar e não sentir este latejar na minha cabeça, este vazio no estômago, esta dor no peito.

Porém, em vez de conduzir para casa, dei por mim a dirigir-me ao porto. Zangado com o que estava a fazer, cerrei os dentes enquanto circundava o parque de estacionamento na urbanização da Bianca. Vi o carro dela e, ao passar por ele, lembrei-me de quando a provocara por este estar cheio de tralhas. Abrandei em frente à casa dela, porém, as persianas estavam fechadas e não consegui ver o seu interior.

Segurando o volante com força, estacionei num lugar para visitantes e pus o carro em ponto morto. Depois fiquei ali sentado, a contemplar, carrancudo, a água cinzenta. Devia entrar para falar com ela? Exigir saber se a Blair tinha razão? Se havia sentimentos verdadeiros entre nós? Se havia algo que valesse a pena recuperar dos destroços do naufrágio?

Quando dei por mim, estava quase a desligar a ignição.

Não. Que se lixasse.

Eu avisara-a desde o início: não ia fazer este género de jogos. A Bianca nunca filtrara os seus pensamentos quando estava perto de mim — sempre dissera exatamente o que lhe apetecia dizer. E o que me dissera na outra noite não podia ser mais claro.

Estava acabado.

*

Fui para casa, entrei e subi as escadas a custo, consciente de que o pior da minha ira se dissipava, para dar lugar a uma dor surda que, disse a mim mesmo, era da ressaca e não das saudades que sentia da Bianca. Mas não resisti a ir ao quarto de hóspedes e abrir todas as gavetas da cómoda — vazias. Assim como o armário.

No quarto que partilhámos, na mesa de cabeceira dela não estava a habitual pilha de livros. A gaveta que lhe tinha atribuído na minha cómoda estava limpa. Na casa de banho, os brincos e a aliança estavam exatamente onde ela os deixara na sexta-feira à noite. Mas não havia frascos de perfume na bancada, nem champô e amaciador com fórmula especial para cabelos ruivos no chuveiro, nem artigos femininos ou cosméticos à vista. Tal como eu desejara na noite anterior, ela removera praticamente todas as provas físicas da sua presença.

Contudo, de alguma forma, toda a casa cheirava a ela.

Despi-me e arrastei-me para o chuveiro, tentando lavar a mágoa, a solidão, a

raiva, a memória da pele dela na minha.

Depois de me secar, pendurei a toalha na porta, onde, num gancho, ainda estava a toalha dela. Peguei-lhe imediatamente e encostei-a à cara, sentindo o aroma do seu champô. Depois fiquei repugnado comigo próprio por fazer isto e atirei a maldita coisa para o cesto.

No quarto, vesti uns *boxers* e umas calças de treino, fechei as persianas e atirei-me para a cama, pondo a almofada em cima da cabeça. Só então me lembrei de que tinha pensado tomar ibuprofeno, mas estava demasiado cansado para voltar a levantar-me.

Sentindo que a vida me dera uma grande sova, adormeci.

*

Acordei por volta da uma da tarde e comi um pouco da massa feita pela Bianca diretamente do recipiente de plástico que encontrei no frigorífico, sem me dar ao trabalho de a aquecer. Ali de pé, em tronco nu e descalço, apercebi-me da chave que a Bianca tinha deixado em cima da ilha, com uma renovada dor no peito. Enfiei a chave na gaveta da tralha e acabei de comer. Depois voltei para a cama e puxei os cobertores por cima da cabeça.

Fui arrancado de um sonho — o que até me foi conveniente, porque era o sonho em que os meus dentes estavam a cair — pelo som de pancadas na minha porta da rua. A luz no meu quarto era cinzenta e com sombras e, quando consultei o telemóvel, percebi que já eram seis da tarde. Sentei-me, esfreguei a cara com as mãos. A minha barba estava comprida e áspera, e o meu cabelo devia estar todo desgrenhado. As batidas na porta persistiram, por isso vesti uma camisola, pus um boné dos Bulldogs e desci para atender.

Quando vi quem era, arrependi-me de ter descido.

— Enzo Moretti, que se passa contigo? — Mal pôs um pé dentro de casa, a minha mãe deu-me uma palmada na nuca. Era muito mais baixa do que eu, por isso praticamente teve de saltar para o fazer.

— Ai, *Ma*! Dói-me a cabeça — disse-lhe, endireitando o boné.

— Aposto que dói. — Marchou para a cozinha, pousou a mala na bancada e encarou-me. Cruzou os braços diante do peito. Semicerrou os olhos. — Não estiveste na igreja hoje.

— Deixei-me dormir.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Onde? Aqui não foi, porque sei o que se passou aqui ontem à noite.

Ignorando-a, abri o armário onde guardava um frasco de ibuprofeno. Deitei

quatro para a mão.

— Responde-me! — insistiu a minha mãe.

Abri a torneira e enchi um copo de água.

— Desculpa. Qual era a pergunta?

— Onde é que estiveste ontem à noite? — perguntou ela em voz muito alta.

Estremecendo por causa do volume, pus os comprimidos na boca e engoli-os com água.

— Estive em casa do Griffin.

— *A sério?* — Como se não acreditasse em mim.

— A sério.

— Não foi em casa de outra mulher?

Fiz-lhe uma careta por cima do ombro.

— O quê? Não!

— Porque não consigo imaginar porque é que a tua mulher novinha em folha foi vista a mudar-se da tua casa, a menos que a tenhas traído de alguma forma.

— Bem, não traí. — Nem sequer lhe ia perguntar como é que sabia da mudança da Bianca: numa cidadezinha como Bellamy Creek, já devia ter recebido cinco telefonemas, porque alguém por acaso estava a passear o cão ontem à noite e a tinha visto a pôr uma mala no carro.

— Então, onde é que ela está? — perguntou a minha mãe.

— Provavelmente em casa dela. — Encostei-me à bancada e bebi mais água.

— Porquê?

Encolhi os ombros.

— Ela disse que tinha cometido um erro. Que nos tínhamos precipitado para o casamento. Quer que sejamos só amigos.

A minha mãe abriu a boca e fechou-a outra vez.

— Disparates! — Depois apontou-me um dedo gordo ao peito. — Fizeste alguma coisa que a zangou.

— Não, *Ma*, não fiz. Até lhe podes perguntar.

— Acredita que tenciono fazê-lo — disse ela, zangada. — Mas, entretanto, vais imediatamente aonde quer que ela esteja e pedes-lhe desculpa.

— Pelo quê? Não fiz nada.

— Então pedes desculpa por isso!

Revirei os olhos.

— Isto é ridículo. *Ela foi-se embora*, mãe. Porque é que não tens pena de *mim*?

— Porque não tenho! — Os olhos dela ardiam de fúria. — Conheço-te demasiado bem.

— Que significa isso?

— Significa que tu não levas nada a sério. Pensas que a vida são umas férias intermináveis. Uma piada. Bem, eu não me estou a rir!

— Mas de que raio estás a falar? — Agora era eu que começava a ficar zangado.

— Nunca levaste este casamento a sério. Nem sequer deixaste que o padre o abençoasse.

— Porque, para nós, isso é só um pedaço de papel.

Ela levantou os braços.

— Vês o que quero dizer? O casamento não é só um pedaço de papel, é um compromisso para toda a vida. No melhor e no pior, na riqueza e na pobreza, até que a morte vos separe. E, com o teu currículo, a Bianca deve ter suspeitado que não estavas de coração. Deves tê-la feito sentir-se insegura. Se não foi outra mulher, terá sido o teu trabalho. És mesmo como o teu pai! Pões o trabalho primeiro! Não a fizeste sentir que era uma prioridade!

— Sabes lá de que é que estás a falar — disse eu, através de dentes cerrados.

— Então explica-me. Porque é que uma mulher que se casou há menos de dois meses iria deixar o homem pelo qual está loucamente apaixonada?

— Ela não está apaixonada por mim, mãe! — gritei.

— Claro que está. — A minha mãe revirou os olhos. — Qualquer idiota pode ver isso.

— Não está — disse eu, baixando a voz. — É só uma boa atriz.

A minha mãe pousou as mãos nas ancas.

— Não percebo.

— Nunca estivemos apaixonados. Só nos casámos para o pai me deixar a Moretti & Filhos quando se reformasse.

O rosto dela ficou sem cor.

— Não.

— É a verdade. A Bianca concordou casar comigo por causa dessa estúpida tradição de família.

— Mas… porque é que ela faria isso?

— Isso é entre nós — disse eu, desejando proteger a Bianca. — Mas ela não tem culpa. Foi tudo ideia minha. Vou abrir o jogo com o pai.

— Ai podes ter a certeza que vais. Não sou eu que lhe vou contar. Vai morrer se descobrir que criou um homem desonesto.

O golpe foi diretamente ao meu estômago, tal como ela tencionava. Pressionei os lábios numa linha sombria.

— Olha, não estou orgulhoso de mim. Vou contar-lhe. Por favor, não digas nada a mais ninguém. Seria humilhante, tanto para a Bianca, como para mim. Isto já é duro que baste.

— Não compreendo. — A minha mãe apoiou a testa na ponta dos dedos. — Vocês estão apaixonados. Eu sei que estão. Todos o vimos.

— Vocês viram aquilo que queriam ver. O que nós queríamos que vissem.

A minha mãe ergueu os olhos para mim.

— Então porque é que ela estava a chorar tanto?

— O quê?

— Na noite passada, quando estava a fazer a mudança, porque é que esteve sempre a chorar?

Senti que me tinham tirado o ar de dentro do corpo.

— Como sabes que esteve?

— Porque as pessoas viram-na. A Edna Dodson vive mesmo do outro lado da rua e por acaso estava à janela.

Revirei os olhos.

— Claro.

— Depois veio cá fora regar as flores e…

— Às nove da noite, teve de regar as flores?

— Sim — ripostou a minha mãe. — E ainda bem que o fez, porque me telefonou logo a seguir, muito consternada. Eu disse-lhe que ela devia estar enganada, mas já percebi que eu é que estava.

Esfregando a cara com ambas as mãos, suspirei.

— O que é que queres de mim, mãe? Contei-te a verdade.

Ela aproximou-se de mim.

— Quero que resolvas isto — disse, espetando-me o dedo no peito duas vezes para enfatizar.

— Já te disse. Vou ser honesto com o pai. Se ele quiser deixar a empresa ao Pietro, tudo bem.

Ela abanou a mão.

— Não me refiro ao teu pai, refiro-me à Bianca.

— Não há nada para resolver com a Bianca. Acabou.

— Disparate! — disse ela, batendo-me no ombro.

— Ai — disse eu, massajando o ombro. — Caramba, esqueci-me de como és violenta quando estás zangada.

— E eu esqueci-me de como te pareces com o teu pai quando estás a ser teimoso e complicado. Olha-me nos olhos e diz-me que não amas aquela rapariga, e que Deus te fulmine se me mentires!

Olhei-a nos olhos, completamente preparado para dizer as palavras. E não consegui. Simplesmente, não consegui.

— Olha, mãe, o que eu sinto não importa — respondi. — Ela foi-se embora.

— Tu sabes o que ela precisa de ouvir para voltar.

— Não, não sei! — gritei, enfurecendo novamente.

— Bem, então descobre antes que a percas para alguém que saiba! — Com isso deu meia-volta, pegou na mala e saiu de rompante, batendo com a porta atrás de si.

*

Quase esperava que o meu pai irrompesse pelo escritório da Moretti & Filhos na segunda-feira de manhã e exigisse que eu lhe devolvesse a empresa, mas ele não o fez. Também não telefonou. Tive de pressupor que a minha mãe mantivera a sua palavra de deixar que fosse eu a confessar os meus erros, e fiquei grato por isso. Planeava abrir o jogo com ele, completamente preparado para lidar com quaisquer consequências, mas achei que precisava de algum tempo para pensar.

Nessa semana, trabalhei longas horas nos projetos da Moretti & Filhos, conseguindo um par de projetos grandes e a conclusão — dentro dos prazos — de várias remodelações. Pelo menos o meu pai não poderia queixar-se do meu desempenho ou ética de trabalho.

Todas as noites ia para a casa de Center Avenue, em cuja remodelação continuei a trabalhar. Por vezes oferecia dinheiro a um par de tipos que trabalhavam para a Moretti & Filhos por algumas horas extra de trabalho e, no final da semana, a cozinha estava completamente desmontada, as antigas casas de banho demolidas, a alcatifa arrancada, o papel de parede removido e toneladas de tralhas velhas tinham sido retiradas da cave.

A minha esperança era que, mantendo-me ocupado, a minha cabeça não pensasse na Bianca, mas pensava nela constantemente. Sempre que alguém me mandava uma mensagem, ficava desapontado por não ser ela. Uma vez era capaz de jurar sentir o seu perfume numa loja, e andei pelos corredores, de um lado para o outro, farejando como um idiota, até me convencer de que ela realmente não estava ali. Sempre que entrava numa sala da casa de Center Avenue, lembrava-me das suas ideias de *design* e sentia-me uma merda. A casa devia ser um trabalho dos dois.

E todas as noites, quando entrava na minha casa vazia, esta parecia-me mais solitária do que na noite anterior. Era demasiado silenciosa. As refeições que eu cozinhava não tinham sabor. O café de manhã não era tão bom. Quando o cheiro dela na almofada se dissipou, fiquei tão zangado que a atirei pelo ar.

Nada estava bem sem ela ali.

Espalhou-se a notícia de que ela se mudara, e eu sentia os olhares curiosos das pessoas, que se questionavam sobre o que teria corrido mal tão rapidamente.

Mas sempre que alguém me perguntava por ela, eu simplesmente dizia que estávamos a dar algum tempo e espaço. Quando os meus amigos me perguntavam, eu dizia que estava bem, mas não estava — e mentir-lhes só me fazia sentir pior. Ainda ouvia a minha mãe a chamar-me um homem desonesto, e detestava isso. Quando estava na cama, à noite, sem conseguir adormecer, só conseguia pensar no corpo dela, nos seus lábios, na forma como ela suspirava quando eu me enterrava dentro dela.

Sentia a falta dela. Sentia a falta dela como nunca sentira a de ninguém. Apenas passara uma semana sem a ver, ouvir, tocar, mas sentia-me enlouquecer. E sempre que pensava nela a chorar enquanto se mudava, apetecia-me dar um murro na parede.

Se ela não queria ir-se embora, porque é que tinha ido?

No sábado tive a ajuda de alguns operários da Moretti com a canalização e a eletricidade da casa, e o JJ DeRossi era um deles. Quando o apanhei sozinho na cozinha, a instalar as luzes encastradas no velho teto de gesso, perguntei-lhe, como quem não quer a coisa, como estava a Bianca.

Pelo menos, tentei soar desinteressado. Por dentro, desesperava por qualquer informação acerca dela.

— Está bem — disse o JJ. — Ei, podes passar-me essa ferramenta de corte?

Bem? Era só isto que eu ia obter? Tentei novamente, depois de lhe entregar a ferramenta.

— Ela… hum… por acaso falou de mim?

— Não. Nem por isso. — Começou a cortar um círculo no gesso e eu esperei até ele acabar e o barulho parar.

— O que é que ela tem feito?

— Trabalha muito, e sai à noite.

— Sai? — surpreendido, ajeitei o boné e cruzei os braços diante do peito. — Hum. Não pensei que ela saísse muito à noite, especialmente durante a semana. Normalmente gosta de ler ou ver televisão.

— Pois, mas tem saído quase todas as noites.

— Com quem?

— Amigos, acho eu. Não tive realmente hipótese de lhe perguntar, porque ela chega a casa muito tarde.

Franzi a testa.

— Tarde, como?

— Sei lá. Duas ou três.

Descruzei os braços.

— Da manhã?

— Sim. Tipo, depois de os bares fecharem.

Furioso comigo mesmo por ter perguntado, e com a Bianca por, aparentemente, lidar com o nosso rompimento muito melhor do que eu — e com todos os gajos que a podiam ver por aí e assumir que podiam curtir com a minha mulher —, saí da cozinha e andei pela casa à procura de uma tarefa em que pudesse usar um martelo pneumático.

Durante o resto do dia, não consegui parar de pensar no que o JJ tinha dito. Ela estava mesmo tão feliz como ele dera a entender? Estava mesmo a sair até às duas da manhã, fechando os bares? Não parecia *nada* a Bianca que eu conhecia. Nem parecia a Bianca que a Blair tinha descrito, a que «não estava bem».

Fiquei até tarde na casa, a trabalhar sozinho, mais agitado a cada hora que passava. Quando cheguei a casa e tomei um duche, estava praticamente insano.

Tinha de a ver.

Depois de pendurar a toalha, virei-me para o espelho e examinei o meu reflexo. Outrora, o escaldante olhar Moretti era uma força que impunha respeito. Ainda era assim? Afinal, estava a ficar velho. Um par de cabelos brancos espreitava no meu cabelo escuro. Rugas tinham começado a gravar-se debilmente na minha testa, e o facto de andar tão carrancudo ultimamente não estava a ajudar. Tentei relaxar os músculos da cara, satisfeito por as rugas quase desaparecerem.

Virando-me de lado, verifiquei que não estava a desenvolver uma grande barriga, depois enfrentei novamente o espelho e tentei a minha expressão de marca, a que usava há quase vinte anos para entrar ou sair de qualquer situação. Baixei um bocadinho as pestanas — não muito, porque os olhos eram o fator mais importante no olhar escaldante — e pus na boca aquele sorriso meio torto a que as mulheres pareciam incapazes de resistir. Inclinei a cabeça. Despenteei o cabelo. Ergui uma sobrancelha apenas o suficiente para sugerir um convite.

Oh, sim. Ainda o tinha.

Agora só precisava de uma desculpa para a ver, de forma a usá-lo.

Não podia simplesmente aparecer à porta dela como um pobre cachorrinho abandonado — precisava de um motivo para lá ir. De um pretexto. Não queria que ela adivinhasse que tinha saudades dela, nem o quanto me importava e me magoara o facto de ela me ter deixado, o quanto me sentia perdido sem ela.

Enquanto pensava, pus-me à procura de uma pinça. Abri a gaveta de cima da direita, que era onde ela guardara a caixa fechada de *Clomid*, juntamente com os brincos de diamantes e a aliança que lhe pusera no dedo, de volta à sua caixa almofadada em veludo.

Ignorando a aliança, peguei nos comprimidos e nos brincos.

Tinha tido uma ideia.

Dezoito

Bianca

Durante a semana seguinte, forcei-me a levantar a cabeça e a continuar. Afinal, tinha prazos para cumprir. Clientes que precisavam de mim. Uma empresa para manter em funcionamento. Eu já tinha sobrevivido a um coração partido, não tinha? Também sobreviveria desta vez.

Esforcei-me muito.

Meditei todas as manhãs. Cancelei a consulta na clínica de fertilidade e marquei uma consulta com a psicóloga. Arranjei as unhas com a Ellie. Pintei o cabelo de um tom ligeiramente mais escuro de ruivo. Na quinta-feira, tirei um dia de folga e passei a tarde toda a fazer *zeppole*, que dividi em porções e ofereci a familiares e amigos.

Mas ainda sentia a falta do Enzo. Ainda chorava a perda do que tínhamos tido. E continuei a chorar até adormecer todas as noites, aterrorizada pela ideia de que não voltaria a partilhar aquele género de magia com mais ninguém.

Na sexta-feira depois do trabalho, encontrei-me com a Blair e a Cheyenne num bar de vinho e queijos chamado The Avignon.

— Então, como é que estás? — perguntou a Cheyenne, os olhos arregalados de preocupação do outro lado da nossa mesa alta.

— Estou bem — respondi, respirando fundo. — Está a correr tudo bem.

A Blair sorriu hesitantemente.

— Foste pintar o cabelo? Está fantástico.

— Na verdade, pintei-o eu — disse-lhe, rindo um pouco. — Queria uma mudança, e estava demasiado impaciente para esperar por vaga na cabeleireira. Espero que ela não me mate.

— De certeza que compreenderá — disse a Cheyenne. — Já todas passámos por isso.

Encomendámos copos de vinho, queijo e carnes frias, e conversámos acerca das nossas semanas de trabalho, dos planos para o fim de semana e do tempo, que estava mais quente. Maio no Michigan era sempre imprevisível — podia

haver neve ou dias ensolarados com 26 graus. Felizmente, esta primavera tinha sido temperada e o tempo estava a aquecer agradavelmente. As pessoas começavam a pôr os barcos na água e Bellamy Creek voltava a encher-se de turistas. Mas não podíamos continuar a evitar o fantasma que estava connosco à mesa.

A Blair cedeu primeiro.

— Então, não tiveste notícias do Enzo?

Abanei a cabeça.

— Nada.

— Eu também não o vi — disse ela. — Até o Griffin disse que ele está estranhamente desaparecido em combate.

— Comigo foi igual — disse a Cheyenne, pegando no seu copo de *pinot noir*. — Antes de sair, perguntei ao Cole se tinha tido notícias dele, e respondeu-me que não. É óbvio que nem sequer responde a mensagens.

Encolhi os ombros, tentando ignorar a preocupação que aquela conversa já estava a provocar-me — esperava que ele estivesse bem.

— Deve estar ocupado no trabalho, agora que é ele o responsável, ou a dedicar muito tempo à casa de Center Avenue. Comigo é que não esteve.

— Não compreendo! — disse a Blair, zangada. — Estava tão infeliz um dia depois de te ires embora, que julguei que por esta altura já te teria suplicado que voltasses.

— Acho que ele só ficou zangado com a forma como o fiz — expliquei —, sem o consultar. Ou por eu ter sido desonesta em relação ao *Clomid*.

— Acho que em parte foi isso — disse a Blair. — Admitiu que tinha sido apanhado de surpresa, e o seu ego, sem dúvida, levou um golpe. Mas ele também estava a sofrer, Bianca. Ele não queria que te fosses embora.

— Então porque não tentou impedir-me?

A Cheyenne e a Blair entreolharam-se.

— Que foi? — perguntei.

— É que… estes homens nem sempre sabem exatamente como exprimir os seus sentimentos — disse a Cheyenne. — Ou são demasiado teimosos ou não conseguem mesmo pensar nas palavras certas ou pura e simplesmente têm medo de se mostrar vulneráveis.

— A única coisa de que o Enzo tem medo é que alguém se apaixone por ele — disse eu. — Mas depois, claro, ele vai e *faz* tudo o que lhe é possível para que se apaixonem por ele.

— Antes de ti, não — disse a Cheyenne firmemente, abanando a cabeça. — Conheço o Enzo Moretti *desde sempre*, e nunca o vi agir assim em relação a ninguém.

Olhei para o quarto dedo da minha mão esquerda, onde ele enfiara aquele anel ridículo que fora sempre uma anedota.

— Mas não era autêntico — recordei, tanto a elas como a mim mesma. — Não era autêntico.

*

Pelas oito da noite de sábado, estava no meu sítio habitual no sofá, de calças de treino e uma velha camisola de capuz, com o cabelo húmido solto. Tinha acabado de me enrolar numa manta e estava a estender a mão para o comando quando o meu irmão entrou na sala vestido para sair.

— Vou andando — disse ele, batendo nos bolsos como se procurasse a carteira ou o telemóvel. — Viste as minhas chaves?

— Estão na bancada da cozinha.

— Obrigado. — Começou a andar para a cozinha mas voltou para trás. — Ei, esquecia-me de te dizer. Hoje fiz-te um favor.

— Que favor?

— O Enzo perguntou por ti, e eu…

Sentei-me imediatamente.

— O quê? Onde? No trabalho?

— Sim. Ele está a pagar por baixo da mesa a algum pessoal para fazermos uns biscates naquela nova casa que comprou para remodelar. Adiante, ele perguntou por ti e eu disse que estavas ótima.

— Oh. — Voltei a deitar-me. Aquilo não significava nada. Era só ele a ser educado.

— Depois ele perguntou se alguma vez falavas nele e eu disse que não.

— Ótimo.

— Pois, ele pareceu ficar um bocado chateado, por isso continuei.

Arregalei os olhos para o meu irmão por cima da ponta do cobertor.

— Como assim?

— Disse-lhe que parecias mesmo bem e que saías todas as noites até às duas ou três da manhã. — O JJ parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Endireitei-me novamente.

— *O quê?*

— Bem, o que é que querias que lhe dissesse, que assim que chegas do trabalho vestes o pijama, jantas uma embalagem de gelado e choras pelos cantos?

— Não, mas…

— Ou que passas tanto tempo no sofá que as almofadas já têm a marca do teu rabo?

Fitei-o furiosamente.

— É o *meu* sofá!

— Ou que me disseste que o amas e que saíste de casa porque ele não te ama?

— Não!

— Certo, então. Não precisas de agradecer.

Deitei-lhe mais um olhar carrancudo antes de decidir que não tinha energia para discutir. Que importava, afinal? Porque é que o Enzo não havia de pensar que eu era mais feliz sem ele, que ia a bares à noite e conversava e dançava com outros homens? Ele não se importava.

Depois de o JJ sair, liguei a televisão. Estava a tentar decidir que comédia romântica xaroposa me animaria mais quando bateram à porta. Pensando que o meu irmão se esquecera de pegar nas chaves, saí do sofá e abri-a.

Mas não era o JJ. Era o Enzo.

O meu coração começou a bater incontrolavelmente. Ele estava com um ar tão elegante. Cabelo penteado, barba aparada, com uma camisola de caxemira cinzenta que me dava vontade de encostar o meu corpo ao dele e repousar a face no seu peito.

— Olá — disse eu, tentando mostrar-me impávida. Toquei timidamente no cabelo molhado, enfiando-o atrás de uma orelha.

— Olá — disse ele. — Posso entrar?

— Acho que sim. — Recuei, dando-lhe espaço suficiente para entrar sem chegar perto de mim. Fechei a porta e, contornando-o cuidadosamente, dirigi-me para a cozinha. — Queres tomar alguma coisa?

— Não, obrigado — disse ele, seguindo-me. — Vim só trazer-te umas coisas que deixaste lá em casa. — Pousou um saco de papel castanho na bancada da ilha.

— Acho que não deixei lá nada.

— Não é muita coisa.

Curiosa, espreitei para dentro do saco. Primeiro tirei uma *t-shirt* que dizia *Ciao*.

— Isto não é meu.

— Não é?

— Não. — Vi a etiqueta. — Enzo, isto é um XL de homem.

— Oh. — Ele pigarreou, metendo as mãos nos bolsos das calças de ganga desbotadas. — Devo-me ter enganado.

Pousei a *t-shirt* e tirei os cortadores de massa e de *ravioli*.

— Isto também não é meu.

— Eu sei, mas parecias gostar mesmo dele quando fazias massa caseira — disse ele com entusiasmo. — Achei que devias ficar com o conjunto.

Era verdade que me agradava, era um conjunto de utensílios profissionais, lindamente fabricado em latão, com pegas de madeira. Contudo, o que me agradava mais quando fazia aquelas refeições com o Enzo era o quanto nos divertíamos a cozinhar juntos. Agradeci.

Coloquei os utensílios ao lado da *t-shirt* e voltei a procurar dentro do saco, retirando a caixa por encetar de *Clomid*.

— Não tinha a certeza se querias isso ou não — disse o Enzo. — Ia deitá-los fora, mas pensei que podias querer tomá-los, no futuro.

Engoli em seco e pousei os comprimidos.

— Obrigada.

— Só há aí mais uma coisa.

Pus novamente a mão dentro do saco e, quando os meus dedos se fecharam em torno da caixinha de veludo, percebi o que era. Apesar de não tencionar aceitar o presente, tirei a caixa do saco.

— Não são meus, Enzo.

— São, sim. Eu dei-tos.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas e tentei freneticamente contê-las.

— Não posso ficar com eles.

— Porquê?

— Porque pertencem à tua família.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Mas quero que sejam teus.

Finalmente, levantei os olhos para ele.

— Que se passa? O que é que estás a fazer?

— Estou… a devolver-te o que é teu.

Baixei os olhos para o sortido aleatório de coisas diante de mim.

— A única coisa que quero que me devolvas é algo que nem sabes que tiraste.

— Hã?

— Esquece. — Abanando a cabeça, atirei o *Clomid* para o lixo, pus a *t-shirt*, os cortadores de massa e os brincos novamente dentro do saco e empurrei-o pela ilha na direção dele. — Toma. Não quero estas coisas.

Por um segundo, ele pareceu-me zangado, como se eu o tivesse ofendido, mas depois concentrou-se na minha aparência.

— Não vais sair esta noite?

Lembrei-me do que o meu irmão lhe tinha dito.

— Mais tarde — menti.

— Com quem? — Ele tentou não parecer ciumento, mas eu conhecia-o demasiado bem. Conhecia aquele semicerrar zangado dos olhos, e os maxilares contraídos.

— Ninguém que tu conheças.

— Aonde?

— Um par de sítios na vila.

— O teu irmão disse-me que tens saído muito.

Encolhi os ombros, não confirmando nem negando.

— Há alguma hipótese de ficares antes em casa, comigo? — A boca dele abriu-se num sorriso convidativo e familiar. — Tenho saudades daqueles *Manhattans* que fazes.

— Não me parece.

— Porquê? — Ele deu a volta à ilha e eu encostei-me à bancada.

— Porque tenho planos.

Ele aproximou-se mais. Encurralou-me de encontro à bancada, com uma mão de cada lado das minhas ancas.

— Cancela-os.

— Não — disse eu desafiadora, cruzando os braços diante do peito.

— Vá lá. — Ele inclinou a cabeça, com os olhos semicerrados e uma sobrancelha arqueada. — Sabes que tens saudades minhas.

Fitei-o, incrédula. Ele estava a tentar seduzir-me?

— A sério, Enzo?

— O quê? — Ele aproximou-se ainda mais, a sua boca sensual revirando para cima de um dos lados.

— Isso não vai resultar.

— O que é que não vai resultar?

— O olhar escaldante. — Mas virei a cara para não ter de o ver.

— Funciona sempre. — Roçou os lábios no meu queixo, mal me tocando a pele, e inspirou profundamente. — Caramba, cheiras bem.

— Enzo — gemi, enquanto ele descia com a boca pela minha garganta. Ele também cheirava bem, e o meu corpo estava a reagir à sua proximidade de formas que me davam vontade de começar a tirar-lhe a roupa. Mas tinha de ser forte. — Tens de parar com isto. Só estás aqui por causa do que o meu irmão te disse. Não te agrada a ideia de eu sair.

— Isso é verdade — disse ele, numa voz baixa e doce, a sua respiração fazendo-me cócegas ao fundo do pescoço. — Não me agrada.

Franzi a cara — basicamente, ele acabara de confirmar aquilo de que eu desconfiava. Só estava aqui porque não queria que mais ninguém brincasse com

os seus brinquedos.

— Mas também sinto a tua falta, Bianca — prosseguiu ele, em surdina. — Sinto a falta do teu cheiro, do teu sabor e do teu corpo. Volta.

— Para a tua cama?

— Claro. Podemos começar por aí.

— E onde é que acabamos?

— Na mesa da cozinha? No chuveiro? No banco de trás do meu carro? Diz-me tu.

Reunindo todas as minhas forças, abanei a cabeça e afastei-o.

— Não. Não era disso que estava a falar.

Ele suspirou e recuou.

— Então diz-me do que estavas a falar, porque sempre que tento adivinhar, engano-me.

— Esquece. Tens de te ir embora.

Rezei para que ele me obedecesse, porque sabia que estava prestes a desmoronar.

Ou isso ou a dar-lhe uma queca no chão da cozinha.

— O que é que nos aconteceu, Bianca? — Abanou a cabeça, como se estivesse mesmo perplexo. — Pensei que estávamos bem.

— Estávamos, mas… fiquei confusa, está bem?

— Confusa acerca de quê?

— Quando redigimos o contrato, eu sabia exatamente no que me estava a meter e porquê. Tu querias uma mulher, eu queria um bebé, mas as duas linhas não deviam cruzar-se. Íamos ambos obter o que queríamos sem fazer uma trapalhada na vida da outra pessoa. Mas as coisas não se desenrolaram como previsto.

— Estás a dizer que eu fiz uma trapalhada com a tua vida?

— Estou a dizer que aconteceu. — Tentando controlar-me, inspirei e expirei. — Eu assumo a culpa. A culpa é minha. Mas saltarmos para a cama esta noite só pioraria as coisas.

— Como?

Descontrolei-me e desatei a chorar.

— Porque não sou como tu, Enzo! Não consigo separar o sexo dos sentimentos tão facilmente como tu. Sim, sinto a tua falta. Sim, fico acordada à noite, desejando que estivesses ao meu lado. Sim, tenho noção de que provavelmente não voltarei a ter orgasmos tão bons como os que tive contigo. Mas esses orgasmos não são razão suficiente para atirar o meu coração para uma tábua de corte e entregar-te uma faca!

— Nunca te pedi que fizesses isso! — disse ele, zangado.

— Claro que não. De facto, até me disseste diretamente para não me apaixonar por ti. Era tudo uma questão de corpos, não de corações. Não me esqueci.

— E é por isto! — gritou ele, gesticulando entre nós. — É o que acontece quando as pessoas deixam os seus sentimentos lixá-las!

— Quais sentimentos? — gritei. — Tu não tens sentimentos por mim. Vieste aqui à procura de sexo!

— Vim aqui à *tua* procura — disse ele, apontando para mim com um dedo. — Mas, acredita, estou arrependido.

— Não posso fazer isto, Enzo. — Falei baixinho, com as lágrimas a rolarem-me nas faces.

— Que raio, esquece que eu disse isto. — Esfregou a cara com ambas as mãos. — Não era o que queria dizer.

— Vamos só pôr um fim a isto, aqui e agora, está bem? — supliquei. — Antes que ambos digamos coisas só para magoar o outro, coisas que de facto não sentimos? Sabíamos desde o princípio que nunca ficaríamos juntos. Era só um pedaço de papel, lembras-te? Só um contrato comercial.

Ele baixou a cabeça.

— Sim.

— Eu… peço desculpa por te ter mentido em relação à toma dos comprimidos.

— Isso não me interessa.

— E peço desculpa por te ter deixado tão subitamente. Não o fiz para te magoar, fi-lo para me salvar.

— De quê? — perguntou ele, voltando a erguer a cabeça. — Não compreendo porque é que, de repente, tens medo de mim.

Respirei fundo, olhei-o nos olhos e disse a verdade. Tinha a impressão de que era a última arma que restava no meu arsenal, a única coisa que o faria fugir.

— De me apaixonar ainda mais por ti do que já estou. De ficar tão agarrada a ti que nunca consiga ir-me embora. Do desgosto terrível de ter de suportar que *tu me* deixes. — Ele parecia confuso e consternado, quase como se lhe tivesse dado um murro. — Porque tu deixar-me-ias, Enzo. Mais cedo ou mais tarde, ter-me-ias deixado. — Fechei o punho e encostei-o à barriga. — Não posso dar-te o que tu queres.

Os seus olhos fecharam-se brevemente, os ombros descaíram.

Passei ao lado dele e fui abrir a porta.

— E antes que eu perca todo o respeito por mim própria e faça algo estúpido, como dormir contigo apesar de tudo, porque até desse maldito olhar escaldante sinto falta, preciso que te vás embora.

Por um momento ele não se mexeu, apenas ficou ali na cozinha de costas para mim, quieto e calado. Por um momento, perguntei-me se ainda haveria esperança para nós.

Di-lo, supliquei em silêncio. *Diz-me que também me amas. Diz-me que sou suficiente.*

Mas ele deu meia-volta e saiu porta fora sem se deter — sem uma palavra, sem um aceno, sem sequer um olhar.

Encostei a testa à porta fechada, chorando baixinho e perguntando-me porque é que o amor tinha de doer tanto.

Dezanove

Enzo

Não dormi absolutamente nada no sábado à noite.

Deitei-me de costas, com as mãos atrás da cabeça, a olhar fixamente para a escuridão e a perguntar-me se acabara de cometer o maior erro da minha vida por deixar a Bianca sozinha, ou se ela tinha razão e nunca estivéramos destinados a ficar juntos.

Nunca me sentira mais confuso. Ela tinha dito que me *amava*.

Mas tinha-me posto na rua no fôlego seguinte!

Uma no cravo, outra na ferradura! Ficara tão perplexo que nem conseguira pensar bem.

E se ela falasse a sério? Se fosse verdade que me amava? E eu, amava-a? Isso explicava a dor incessante no meu peito desde que ela se fora embora? Ou a forma como por vezes, junto dela, não conseguia estabilizar a respiração? A forma como detestava a ideia de aqueles olhos azuis olharem para outra pessoa como olhavam para mim? A forma como o meu coração se sentia, como se estivesse embrulhado no punho dela, como se ela o possuísse? Nunca sentira nada assim antes de ela irromper na minha vida e se instalar na minha mesa e se oferecer para casar comigo.

Olhei, carrancudo, para o teto. Isto era tudo culpa dela! Tinha sido tudo ideia dela! Ela dissera que podíamos fingir estar apaixonados, e depois não só se tinha mesmo apaixonado por mim — quando jurara que não o faria — como me fizera apaixonar-me também por ela.

Bruxaria.

Tal como eu tinha dito, desde o início.

Mas agora que estava sob o seu feitiço, que raio ia fazer em relação a isso?

*

No domingo de manhã, saí da cama cedo e fui à missa. A minha família ocupava um dos bancos da frente, mas eu sentei-me sozinho na parte de trás. Não me apetecia muito encarar o meu pai ou ser submetido ao desdém da minha mãe ou responder às perguntas de toda a gente.

Muito honestamente, estava à espera de uma espécie de mensagem vinda do além que me dissesse o que fazer a seguir. Deixá-la ir? Tentar novamente? Ser um cavalheiro e respeitar os desejos dela? Dar uma de homem das cavernas e exigir outra oportunidade? Jogar pelo seguro e controlar os prejuízos? Correr o risco de ela me rejeitar *outra vez*?

Ouvi cuidadosamente cada oração, cada leitura, cada hino, cada palavra da homilia do padre Mike, esperando descobrir qualquer significado escondido que tornasse a resposta clara.

Mas isso não aconteceu.

Talvez por estar distraído por aquela família de seis pessoas que chegou atrasada — o pai com um bebé choroso ao colo, a mãe com uma criança encavalitada na anca, um saco enorme num ombro, cada um deles dando a mão a mais uma criança. Os pais pareciam assoberbados e exaustos — a camisa do homem estava amarrotada, o cabelo da mulher parecia ter estado preso numa espécie de rabo de cavalo durante dias — enquanto levavam a sua prole para um banco do outro lado do corredor algumas filas mais à frente. Faziam turnos segurando e confortando o bebé que chorava, e a certa altura o pai deu-lhe um biberão. Julgo que era uma menina, porque tinha um gigantesco laço cor-de-rosa na sua cabeça careca. A mãe distribuiu petiscos — bolachas *Goldfish* a julgar pelo que caía para o chão e por vezes era atirado a um irmão. Ambos os pais também vasculhavam inúmeras vezes no saco, à caça de um objeto que pudesse calar e acalmar os seus filhos enquanto o padre Mike pregava monotonamente… livros, brinquedos, copos com chupeta e chuchas.

Senti um impulso de simpatia pelos pobres pais, tentando manter quatro miúdos calados e sossegados durante uma hora inteira, mas também pelos miúdos — lembrava-me muito bem de estar na posição deles, irrequieto num banco com os meus irmãos, tentando evitar o olhar *se não estão quietos vão ver* do meu pai ou os beliscões da minha mãe.

Mas também tinha inveja. Da linguagem não-verbal partilhada entre o marido e a mulher. Da sua proximidade. Da sua conexão. Claramente, conheciam-se um ao outro tão bem que eram capazes de comunicar apenas com um olhar, um sorriso, um aceno ou um riso pesaroso que dizia *Que vida é esta? De quem foi a ideia de ter estes filhos todos? Lembras-te de quando éramos só nós os dois?*

Mas também eram felizes, percebia-se. Observei o marido a pôr a mão no

fundo das costas da mulher e massajar gentilmente enquanto ela balançava a criança nos braços. Vi a mulher afastar o cabelo do marido da testa enquanto ele alimentava o bebé. Estavam numa coisa juntos, algo que tinham construído, algo que continuariam a construir. Surpreendeu-me que, apesar de sempre ter desejado ser pai, eu nunca tivesse de facto imaginado como seria *partilhar* essa experiência com outra pessoa. Vendo aquele casal na igreja, vi-nos, a mim e à Bianca, como poderíamos ser. Olhei para a minha aliança de casamento, que ainda usava, e depois novamente para a família.

Não era uma vida perfeita, não era glamorosa nem fácil — haveria sumo entornado e migalhas de bolachas e lutas para separar e choros intermináveis e noites sem dormir e dias de exaustão. Mas seria a *nossa* vida e, de alguma forma, eu sabia que haveria risos e alegria e orgulho e felicidade mais do que suficientes para compensar os tempos difíceis. No final de cada dia, reservaríamos um pouco de espaço e de tempo só para nós os dois, durante o qual nos abraçaríamos e agiríamos novamente como só nós os dois — pelo menos até as nossas turbulentas pestinhas chegarem à idade em que exigissem dormir na nossa cama.

A certa altura, o filho mais velho do casal — um menino de cerca de 4 anos, com cabelos escuros, grandes olhos castanhos e uma gravata presa à frente — afastou-se dos pais e começou a percorrer o corredor. Viu-me a observá-lo e hesitou, depois deslizou para o meu banco e ficou de pé ao meu lado.

Sorrindo, afastei-me para lhe arranjar mais espaço. O pai notou de imediato a sua ausência e olhou freneticamente em volta. Quando avistou o menino ao meu lado, fez um gesto para ele voltar, e a sua expressão mostrou que falava a sério. Mas o miúdo recusou, abanando a cabeça e cruzando os braços diante do peito. Lembrou-me completamente de algo que eu teria feito na idade dele. Sorri ao homem, fiz-lhe um gesto de *está tudo bem* e ele telegrafou-me o seu agradecimento.

O miúdo ficou solenemente ao meu lado por alguns minutos, e quando o padre Mike pediu aos membros da congregação que partilhassem a paz uns com os outros, ele virou-se para mim e ofereceu-me a mão. Apertei-a e, logo a seguir, ele foi ter com a sua família. Observei-o a afastar-se e só então reparei, pela primeira vez, que a Bianca estava do outro lado da igreja, cá atrás, e na mesma fila que eu.

Os nossos olhos encontraram-se por dez segundos, e eu fiquei sem ar. Ela voltou a olhar na direção do altar, limpando os olhos. O meu peito estava como se um camião tivesse estacionado em cima dele.

Pouco depois, formámos uma fila para comungar, e quando voltei ao meu banco vinha decidido a sentar-me ao lado dela. Pegar-lhe na mão. Sussurrar-lhe ao ouvido e pedir outra oportunidade.

Mas quando a procurei, ela já tinha saído.

Abatido, saí da igreja e fui a casa mudar de roupa para passar o resto do dia na remodelação da casa de Center Avenue.

Pensando nela todos os segundos. Sentindo terrivelmente a sua falta. Desejando que ela estivesse aqui para embirrar comigo, dizer-me que não era assim que se removia o papel de parede ou que eu tinha comprado a cor de tinta errada ou o candeeiro ou mosaicos de casa de banho errados. Eu confiava no meu gosto, mas o dela era melhor, e detestava que já não estivéssemos a fazer isto juntos. Detestava a ideia de passar outra noite sem ela. Detestava a ideia da minha *vida* sem ela. Queria aquilo que tinha visto na igreja hoje — uma família caótica e linda com ela ao meu lado.

Às cinco da tarde achei que já bastava de trabalho e fui visitar a Blair e o Griffin. Sentia que precisava de conselhos.

A Blair abriu-me a porta, claramente surpreendida e pouco satisfeita por me ver. Calculei que tinha ouvido a história da minha visita de ontem à noite à Bianca.

— Olá — disse eu. — O Griffin está?

— Não. Foi à loja. — Examinou-me o rosto e pareceu amolecer um pouco. — Mas deve estar quase a chegar.

— Posso entrar? Precisava mesmo de falar convosco.

Ela hesitou, mas depois cedeu.

— Está bem.

Entrei e comecei a subir as escadas.

— Presumo que já falaste com a Bianca.

— Sim — confirmou ela, seguindo atrás de mim.

No cimo das escadas, virei-me para ela.

— Achas que sou um idiota?

Ela chegou ao patamar e olhou-me nos olhos.

— Sim.

Franzindo a testa, passei uma mão pelo queixo.

— Preciso de conselhos, Blair. Estou infeliz à brava.

— Percebe-se. Parece que não comes nem dormes há dias.

— Não tenho a certeza de o ter feito.

Ela pôs as mãos nas ancas.

— Fica para jantar. Queres uma cerveja?

— Sim, por favor. Obrigado.

Ela tirou uma cerveja do frigorífico e abriu-a. No instante em que ma entregava, ouvimos a porta bater lá em baixo e o Griffin surgiu no cimo das escadas, com um saco de mercearias, uns segundos depois.

— Olá — saudou ele. — Que se passa?

A Blair tirou o saco das mãos do marido.

— Ele veio pedir conselhos, mas também tenho de lhe dar comida. Está com um aspeto horrível.

O Griffin olhou para mim.

— Que se passa?

— Fiz asneira com a Bianca.

— Outra vez? — Foi também ao frigorífico buscar uma cerveja para si. — Pensei que ela tinha acabado a relação no fim de semana passado.

— Acabou. Mas fui a casa dela ontem à noite para lhe dar algumas coisas que ela tinha deixado na minha casa, e talvez tentar persuadi-la, mas não correu bem.

— Isso foi porque tentaste fazer mais do que falar — interveio a Blair, que estava a picar alhos de costas para nós.

O Griffin olhou para mim.

— É verdade?

— Hum… sim. A minha abordagem *pode* ter sido um problema.

A Blair mandou-me um olhar por cima do ombro.

— Achas?

— Bem, não consegui evitar — disse eu à defesa. — Tenho saudades da Bianca e estava nervoso porque o irmão dela me disse uma treta qualquer acerca de ela sair todas as noites, e comecei a imaginá-la a falar com outros tipos e a ficar ciumento. — Interrompi-me e abanei a cabeça, batendo no peito. — Eu! Com ciúmes de outros gajos!

O Griffin riu-se.

— *Aonde* é que o mundo vai parar?

— Vai-te lixar. Não estou acostumado a isso, OK? Não gosto desta sensação.

— Qual é a sensação? — perguntou ele, encostando-se à bancada.

— Nem sei o que lhe chamar, mas é horrível. Parece a pior gripe que já tive. Dói-me o peito, o meu estômago está sempre às voltas e sinto a cabeça enevoada e lixada.

O Griffin assentiu com a cabeça.

— Estás apaixonado por ela.

— Sem dúvida — acrescentou a Blair, deitando um pouco de azeite numa frigideira.

Baixei a cabeça e fechei os olhos.

— Vi-a na igreja hoje de manhã, e até me faltou o ar. O que é que eu vou fazer?

— Recuperá-la — disse o Griffin.

— Ela não me quer, Griff. Pôs-me na rua ontem à noite.

— Porque fizeste tudo *mal* — disse a Blair, adicionando o alho ao azeite na frigideira. Segundos depois estava a crepitar e a perfumar a cozinha. — Apareceste lá como um pavão e esperavas que ela caísse na cama contigo. Não lhe disseste como te sentias.

— Disse, sim — discordei.

O Griffin olhou-me, desconfiado.

— Pronto, disse mais ou menos — admiti, coçando a nuca.

Junto do fogão a Blair abanava a cabeça.

— O que é que disseste? — perguntou o Griffin.

— Disse que sentia a falta dela, disse montes de coisas simpáticas acerca de sentir a falta dela, mas depois ela começou com aquelas perguntas todas, e eu entrei em pânico.

O Griffin bebeu um pouco de cerveja.

— Que género de perguntas?

— Tipo, acerca do futuro — disse eu, outra vez enervado. — Perguntou onde é que nós íamos acabar, e eu não sabia. Senti que ela esperava que eu previsse exatamente o que é que ia acontecer. É impossível, não é? Como é que podes prometer a alguém alguma coisa para sempre: *até que a maldita morte vos separe*, e não sentir que é só uma aposta? Para mim, é como construir uma casa sem um plano. Hum, vamos só começar a empilhar tijolos, e logo se vê o que acontece. — Abanei a cabeça. — É uma loucura. E, contudo, não consigo ver o *para sempre* sem ela. Nem quero.

— Não estás *errado*, Enzo — disse a Blair, despejando uma lata de cubos de tomate na frigideira. — *É* uma espécie de loucura. E *é* uma aposta. Tens de estar disposto a correr o risco.

Suspirei.

— Mesmo que esteja, como é que a convenço a dar-me outra oportunidade? Ela está sempre a afastar-me. Mesmo depois de dizer que me amava, afastou-me.

— OK, mas pensa nisso — sugeriu a Blair, mexendo o molho. — Digamos que ela está a ser honesta em relação aos seus sentimentos, porque acho que está. Ela ama-te. Contrariada, mas ama. Nesse caso, porque achas que te afastou?

— Não faço a menor ideia. — Cruzei os braços.

— Aposto que fazes.

Olhei-a intensamente.

— Pareces a minha mãe. Se eu tivesse todas as respostas, não estaria tão infeliz a tentar ler a mente dela, ou a tua!

A Blair baixou o lume e virou-se para mim.

— Olha, eu estou a tentar lidar com isto sem trair a minha amiga. Lamento

que aches isto frustrante, mas sinceramente, se juntares as peças vais ver porque é que a Bianca acredita que romper contigo lhe poupará muitos desgostos mais tarde.

Tentei relembrar as palavras exatas que ela usara na noite anterior.

— Ela disse uma coisa.

— O quê? — perguntou o Griffin.

— Disse que tinha de me deixar antes que eu a deixasse.

O Griffin inclinou a cabeça.

— Porque é que ela acha que a vais deixar?

— Tenho a sensação de que foi por causa da história do bebé — expliquei, com uma renovada dor no peito. — Ela acha que não consegue engravidar e talvez receie que eu a deixe por causa disso.

— Bingo. — A Blair apontou para mim. — E por mais que eu queira que vocês fiquem juntos, acho que tens de fazer a ti próprio essa pergunta. Se quiseres ter filhos biológicos e a Bianca não puder engravidar, isso é um problema.

Afastei-me deles e fui até às janelas da sala, que davam para Main Street. Não estava tão movimentada como estaria dentro de um mês, quando começassem as férias escolares e o turismo atingisse o auge, mas havia uma quantidade razoável de transeuntes, a subir e a descer o quarteirão, pais a empurrar carrinhos de bebé ou com crianças pela mão, miúdos a correr por ali com cones de gelado.

A Blair aproximou-se e também olhou lá para fora.

— Quero filhos — admiti, ao ver um pai pôr uma pequenina às cavalitas. — Mas quero-os com ela, dê por onde der. Nada parece certo sem ela.

— Acho que ela precisa de ouvir isso — disse a Blair gentilmente.

— E se ela me rejeitar outra vez?

Ela riu-se.

— Se agires corretamente, desta vez, ela não te rejeita. — Quando franzi o sobrolho, ela acrescentou: — Vê o lado positivo, já és casado com ela. — E deu-me uma cotovelada.

— Não, não sou — desdenhei. — Aquele casamento foi uma treta. Foi tudo uma treta.

— Eu estava lá.

— Então sabes. — Bebi mais um pouco. — Não foi o que ela merecia. Nada foi.

— Então faz tudo de novo e desta vez dá-lhe o que ela merece — incentivou a Blair. — Muda todas as coisas em que fizeste asneira. Diz todas as coisas que devias ter dito. Torna as coisas reais desta vez.

Baixei os olhos para ela.

— Na verdade, é uma excelente ideia.

Ela sorriu e fez uma vénia.

— Obrigada. — Depois, de repente, a sua expressão tornou-se ameaçadora, ou tão ameaçadora quanto a face de uma debutante do Tennessee consegue ser. — Mas se voltares a magoá-la, Enzo Moretti, *vou ter de te matar*.

— Não vou magoá-la — prometi, com a mente já a trabalhar. — Vou recuperá-la. Mas posso precisar de ajuda. Tua e da Cheyenne.

— Estaremos lá para o que precisares. — Novamente doce como uma tarte de maçã, enfiou o braço no meu e encostou a cabeça ao meu ombro. — Mas sobretudo para te dizer que tínhamos razão.

*

Na manhã seguinte, fui a casa dos meus pais. Precisava de falar com o meu pai.

A minha mãe abriu a porta. Com uma das sobrancelhas arqueada, cruzou os braços diante do peito.

— Então? Fizeste o que eu mandei?

— Ainda não. — Ela emitiu um som de censura. — Preciso de falar com o pai, está bem? Não posso fazer nada enquanto não limpar a minha consciência por lhe ter mentido.

Ela emitiu mais um som de censura, mas deixou-me entrar.

— Está no escritório. Não sei porque é que chama a isto reforma, quando se levanta cedo, leva o café para o escritório e fica horas sentado à secretária.

Eu tinha uma ideia bastante concreta do motivo para ele preferir passar as manhãs sozinho no escritório, mas não a ia partilhar com a minha mãe.

— Obrigado.

Bati duas vezes à porta do escritório antes de a abrir.

— Sou eu. Posso entrar?

Sentado à secretária, diante do portátil, ele pegou numa caneca que dizia O MEU AVÔ PODE DAR UMA SOVA AO TEU.

— Claro.

Fechei a porta atrás de mim e sentei-me numa das duas cadeiras de cabedal à frente dele.

— Como te sentes?

— Bem. — Bebeu uns goles de café enquanto me estudava por cima da chávena.

Nervoso, passei a mão pelo cabelo.

— Então, preciso de te dizer uma coisa.

— Está bem.

— Fiz asneira.

Mais um gole lento. Um ligeiro semicerrar dos olhos.

— Fiz algo de que não me orgulho e preciso de abrir o jogo contigo antes de resolver as coisas com a Bianca, isto também a envolve.

— Sou todo ouvidos.

— Só me casei com ela para que não entregasses a empresa ao Pietro. — Fechei os olhos. — Sei que foi errado, e peço desculpa.

Ele não disse nada.

Abri outra vez os olhos e encarei-o.

— Foi desonesto e manhoso, e não é esse o género de homem que sou. Não é o género de homem que criaste.

— Não, não é.

— Se quiseres entregar a Moretti & Filhos ao Pietro, eu compreendo. E ajudá-lo-ei a geri-la.

Ele deu mais um gole no café e pousou a chávena.

— Nunca tive qualquer intenção de dar a empresa ao Pietro.

— Hem?

— O teu irmão é bom numa série de coisas. Ser diretor-geral não seria uma delas.

— Então… eu não precisava de me casar e começar uma família para provar que podia gerir a empresa?

— Não. Precisavas de casar e começar uma família porque é isso que queres da vida. E nunca o farias se não sentisses alguma pressão para o fazer. — Encolheu os ombros. — É sempre assim com os Morettis. Gostamos demasiado da nossa independência. Somos egoístas e teimosos. Precisamos de um empurrão na direção certa.

Abanei a cabeça.

— Então fiz isto tudo para nada?

O meu pai franziu a testa.

— Estás a ouvir o que digo? Fizeste-o porque, lá no fundo, querias fazê-lo. Estás farto de estar sozinho. Estavas pronto para ter uma família. Mas, como todos os Morettis, precisavas de um empurrão, por isso eu dei-to, tal como o meu pai mo deu a mim.

Olhei fixamente para a aliança no meu dedo. Teria ele razão? Tinha de admitir que, se não me tivesse sentido pressionado a fingir a relação com a Bianca, nunca teria percebido o quanto queria estar com ela. Ou o que era amar alguém. Ou pôr alguém em primeiro lugar.

— Talvez tenhas razão — disse lentamente.

— Claro que tenho razão. — Tamborilou com um dedo na testa. — Pensas que não percebi o que estavas a fazer? Fui eu que te eduquei. Ensinei-te tudo o que sabes. E não nasci ontem.

— Sabias que eu não estava apaixonado pela Bianca quando me casei com ela? — Ele revirou os olhos. — Porque é que não disseste nada?

— Porque tinha um pressentimento.

— Que pressentimento? — Um arrepio subiu-me pela espinha.

— Que ela era a mulher para ti. Vi-o naquela noite à mesa quando anunciaste o noivado. Eu não sabia bem que espécie de jogo é que vocês os dois estavam a fazer, mas vi claramente como ia acabar, desde que ninguém interferisse.

Olhei-o com incredulidade.

— Ela é a mulher certa. Percebo-o agora.

— Mais vale tarde do que nunca, acho eu. Agora vai assegurar-te de que ela sabe disso.

Pondo-me de pé, assenti com a cabeça. Estava quase a chegar à porta quando ele voltou a falar.

— Tens de dizer as palavras, filho. E tens de as dizer com sinceridade. A Bianca é o género de rapariga que perceberá imediatamente se mentires. É por isso que é perfeita para ti.

As palavras dele fizeram-me sorrir.

— Eu sei.

— Ótimo. Agora põe-te a mexer, e não voltes enquanto não tiveres resolvido as coisas com a tua mulher. A propósito, vai-te habituando a fazer isso. É a vida de casado.

Ri-me.

— Obrigado, pai. Por tudo.

*

Mesmo em frente da casa dos meus pais, liguei para o DiFiore’s e deixei uma mensagem, pedindo uma reserva para sexta-feira à noite. Dali segui para o lar de idosos, pois precisava de falar com a avó Vinnie. Seguiu-se a joalharia, onde falei com o Paulie. Mais para o fim da tarde fui à reitoria conversar com o padre Mike. Quando a gerente do DiFiore’s me ligou a confirmar a reserva, pedi para me guardarem uma mesa em especial. Depois mandei uma mensagem à Blair e à Cheyenne, implorando-lhes que trouxessem a Bianca ao restaurante para o jantar de sexta-feira às sete.

Era uma tortura estar longe da Bianca mais quatro dias, especialmente sabendo que ela estava tão infeliz quanto eu, mas forcei-me a ser paciente para a sua surpresa ser maior.

Na sexta-feira acordei ao romper da aurora e saltei da cama. Cada hora parecia passar mais lentamente do que a última, mas finalmente chegou a hora de me preparar.

Demorei o dobro do tempo habitual. Vesti o meu melhor fato. Assegurei-me de que o meu cabelo tinha aquele *jeito* especial. Engraxei os sapatos, pus a colónia favorita dela e refiz o nó da gravata cinco vezes. Tudo tinha de estar perfeito.

Porque chega um dia na vida de um homem em que ele entra numa sala cheio de esperança no coração e um anel no bolso, preparadíssimo para pôr um joelho no chão. Para jurar a sua devoção eterna. Para tomar na sua a mão da alma gémea e a pedir em casamento, prometendo amá-la, honrá-la e estimá-la para todo o sempre, até que a morte os separe, ámen.

Este era o dia.

Nunca tinha amado ninguém como amava a Bianca, e ia dizer-lho. Ia pôr-lhe um anel no dedo, que mandara fazer para ela. E ia pedir-lhe que fosse minha mulher — a sério e para sempre.

Sem fingimento, sem prazo de validade, sem condições.

Tinha um pressentimento de que ela diria que sim, mas, pelo sim, pelo não, ensaiei o olhar escaldante ao espelho antes de sair.

Oh, sim. Ainda o tinha.

Vinte

Bianca

Na sexta-feira à noite, a Blair foi buscar-me às 18h45 para uma noite só de raparigas. Íamos celebrar o 31.º aniversário da Cheyenne e o facto de ela e o Cole terem marcado a data do casamento, que seria realizado em finais de junho no pátio das traseiras da sua casa nova.

Havia quem achasse uma loucura marcar uma data de casamento apenas a seis semanas de distância, mas ela argumentou que já esperara o suficiente para se tornar Sra. Cole Mitchell, e não a censurei minimamente. Para muitas noivas talvez tudo girasse à volta do vestido, dos convites e da lista de trezentos convidados, mas a Cheyenne achava — e eu concordava — que, apesar de agradável, tudo isso não passava de aparências. O que importava, o que era real, era aquilo que sentiam um pelo outro. A vida que tinham planeado. A família que estavam a tornar-se.

Eu estava encantada pelos dois. Por isso, apesar de o meu coração ainda estar partido em mil pedacinhos, enfiei um vestido novo, coloquei as lentes de contacto, calcei uns saltos altos e pintei os lábios de um alegre tom vermelho-papoila.

Aquilo pelo qual *não* estava encantada era o facto de a Cheyenne ter escolhido o DiFiore's para a celebração desta noite. Tinha lá ido várias vezes com o Enzo depois do nosso jantar de noivado, e sentia-o um pouco como *o nosso sítio*. Estava a esforçar-me tanto para avançar, em vez de olhar para trás, e receava que ir lá me fizesse lembrar dolorosamente o que tinha perdido, o erro terrível que tinha cometido. Mas esta noite não era minha, por isso eu iria, sorriria e celebraria a Cheyenne, como uma boa amiga.

Amanhã podia chorar, talvez usar aqueles brincos de diamantes que ele tinha deixado em minha casa, com a enorme *t-shirt* cinzenta que dizia CIAO, enrolar-me numa bola e lamuriar o facto de ainda não ter tido coragem para iniciar os procedimentos do divórcio, embora soubesse que era uma coisa que precisava de fazer. Ele não ia voltar.

— Estás um espetáculo — disse a Blair alegremente depois de eu entrar no caro dela.

Relanceei o meu minivestido florido, com mangas soltas e um decote cavado.

— Sim, senti que precisava de sair do meu uniforme preto.

A Blair suspirou.

— Foi um inverno longo, não foi? Mas este verão será fantástico. Temos muito por que ansiar.

Assenti com a cabeça, mas não disse nada.

A Blair parou diante do restaurante e olhou em volta.

— Raios, não há lugar para estacionar.

— Está um ali — disse eu, apontando para o cimo da rua.

— Mas é muito longe e estás de saltos altos. É melhor saíres e ocupares já a mesa.

— Blair, não sejas tola. Não são assim tão altos. — Olhei para as sandálias-plataforma de tom cru que tinha calçado. — Vou contigo.

— Não! — disse ela com veemência. Parecia alarmada. — Quero dizer, não. — Adotou um tom mais suave. — Já estamos um bocadinho atrasadas e aposto que a Cheyenne já está ali à nossa espera.

— Está bem. Vemo-nos lá dentro — concordei, com um encolher de ombros.

Ela parecia aliviada.

— Sim, ótimo.

Pondo a mala ao ombro, fechei a porta do passageiro do pequeno *MGB* verde da Blair e dirigi-me ao restaurante. Lá dentro estava escuro e quente, e cheirava maravilhosamente — a pão de alho acabado de sair do forno e a ervas frescas, como rosmaninho e orégãos. Respirei fundo e aproximei-me da chefe de sala, combatendo as lágrimas que me assaltaram quando recordei a mão do Enzo no fundo das minhas costas na noite do nosso jantar de noivado. Depois lembrei-me de ele me chamar sua almondegazinha e isso quase me fez rir.

A chefe de sala, uma mulher jovem, de cabelos negros, chamada Victoria, reconheceu-me.

— Olá, Sra. Moretti. A sua mesa está preparada.

Funguei e tentei recompor-me.

— Hum, obrigada. Já chegou alguém?

— Sim — respondeu ela, com um grande sorriso. — Por aqui.

Segui-a através do restaurante, fazendo o possível para não olhar para a sala das traseiras, onde os DeRossis e os Morettis se tinham reunido apenas há alguns meses para celebrar a união das nossas famílias. Esperava que a Cheyenne estivesse à nossa espera numa das mesas perto das janelas da frente ou talvez

num dos bancos altos do bar, mas, para meu desânimo, a Victoria estava a conduzir-me a uma das mesas de bancos corridos ao longo da parede do fundo — onde eu me sentara diante do Enzo e me oferecera para casar com ele. De facto, parecia levar-me exatamente à mesma mesa onde eu, estúpida e cega, pusera isto tudo em movimento.

Quando lá chegámos, parei e arquejei. Estava ali alguém sentado, mas não era a Cheyenne.

O Enzo levantou-se do banco, tão bonito no seu fato e gravata que o meu coração parou. A sua boca sensual encurvou-se num sorriso.

— Olá.

— Que se passa aqui? — Olhei para a mesa, que estava posta para dois. A luz das velas tremulava e brilhava. Uma garrafa de *Barolo* estava aberta, dois copos servidos.

Em vez de responder à minha pergunta, ele olhou para a chefe de sala.

— Obrigado, Victoria.

— Ora essa, Sr. Moretti. — Lançou-lhe um sorriso nostálgico.

Depois de ela se ir embora, o Enzo indicou-me o outro lado da mesa.

— Não te queres sentar?

Olhei para o banco e vi-me tão alegremente a deslizar para ali — sem ser convidada — em fevereiro passado.

— Não sei. O que é que se passa? Onde está a Cheyenne?

O Enzo parecia um pouco culpado.

— Elas não estão aqui.

— Não estão?

— Não, eu só precisava da ajuda delas para te trazerem. Achei que não virias se fosse eu a convidar, e queria surpreender-te.

— Bem, resultou. Estou surpreendida. — Abanei a cabeça, mal conseguindo manter o equilíbrio. — Mas também estou chateada. Sinto-me enganada.

O Enzo pôs-me uma mão no ombro.

— Não sintas, não é nada disso, juro. Por favor, senta-te. Dá-me cinco minutos e, depois, se te quiseres ir embora, não te impeço. — Apontou mais uma vez para o banco.

Olhei por cima do ombro e novamente para a mesa. Não tinha de ficar. Podia ir-me embora agora, antes de me ir abaixo outra vez. Antes de lhe dar outra oportunidade de me magoar.

— Não te devo nada — disse eu, desejando desesperadamente que os meus pés obedecessem à minha cabeça e não ao meu coração.

— Pois não, não deves. — Ele deu um passo em frente e segurou-me a cara nas mãos. — Mas eu devo-te alguma coisa. Por favor, concede-me outra

oportunidade de ta dar.

Quando ele olhava para mim assim — sem sorriso desafiador, sem fingimento, sem olhar escaldante — eu não conseguia dizer que não. Talvez este viesse a ser o segundo maior erro da minha vida, mas sentei-me.

— Obrigado — disse ele, parecendo aliviado quando se sentou à minha frente. Apontou para o copo de vinho mais próximo de mim. — É para ti.

— Estou bem — disse eu, apesar de estar a morrer por um gole. — O que é que tu achas que me deves?

Ele bebeu um longo trago do seu copo de vinho. Depois de pousar o copo, pôs um joelho no chão, à minha frente. Enfiou a mão no bolso interior do casaco e tirou de lá uma caixinha. Antes de eu poder sequer suster a respiração, abriu-a e, aninhado na almofadinha de veludo preto, estava um deslumbrante diamante com corte esmeralda em *art deco*, num aro de platina. Fiquei boquiaberta. Arrepios percorreram-me as costas e os braços.

— Que é isso?

— É uma aproximação muito semelhante, isto é, o melhor que consegui numa semana, do anel que o teu bisavô, o contrabandista de bebidas, deu à tua bisavó… com um diamante ligeiramente maior, claro. — Lançou-me um sorrisinho malicioso.

— Oh, meu Deus, Enzo. — Cobri as faces com as minhas mãos trémulas.

— O que eu te devo é a verdade, Bianca — disse ele, com os olhos negros sérios. — Em toda a minha vida, nunca me importei com quem me casaria. Queria filhos com o objetivo de manter a tradição e ter a experiência da paternidade, mas só quando me apaixonei por ti compreendi o que isso realmente significa. Não quero ter filhos só para poder ser pai, quero ter filhos *contigo*. Quero construir uma família *contigo*. E quando formos novamente só nós os dois naquela grande casa antiga de Center Avenue, quero sentar-me no alpendre, numa cadeira de baloiço, e implicar *contigo*. — Sorriu enquanto tirava o anel da caixa e me mostrava a inscrição. *Per cent'anni… Enzo*. — Engoli em seco, mas o nó na minha garganta só cresceu. — Amo-te — disse ele, pegando-me na mão esquerda e introduzindo o anel no meu dedo. — Mais do que alguma vez amei alguma coisa ou alguém. Lamento ter-te feito esperar para o ouvires. Quero passar o resto da minha vida contigo.

— Mas, Enzo. — Forcei-me a dizer as palavras. — Eu posso não conseguir ter…

Ele silenciou-me com dois dedos sobre os meus lábios.

— Seremos uma família, ainda assim.

Sorri através das lágrimas e ele baixou a mão.

— Falas a sério?

— Sim. — Tomou ambas as minhas mãos nas dele. — És a mulher mais bonita, mais carinhosa e mais exasperante que já conheci. Podes enfurecer-me como ninguém, mas fazes-me feliz como nunca ninguém fez. E o amor que sinto por ti é a coisa mais verdadeira e real que já conheci.

Deixei escapar um soluço, e uma lágrima deslizou-me pela face.

— Também te amo.

— Quero uma história de amor como a dos teus bisavôs, uma que dure mais do que o nosso tempo na terra, de que os nossos bisnetos ainda falem daqui a cem anos.

Assenti com a cabeça enquanto mais lágrimas escorriam.

— Também quero isso.

— Casas comigo?

Rindo-me, limpei as faces.

— Já sou casada contigo.

— Mas mereces um pedido de casamento melhor. Então, o que é que respondes? Ainda queres ser minha mulher?

— Sim — disse eu, sorrindo, tomando o seu rosto nas mãos e beijando-lhe os lábios. — Sim.

Ele beijou-me brevemente antes de se pôr de pé e se virar para a sala de jantar apinhada.

— Ela disse que sim!

Toda a gente irrompeu em gritos e aplausos, e senti as minhas bochechas aquecerem enquanto ele deslizava para o banco à minha frente.

— Ufa — disse ele, alargando o nó da gravata. — Estou a suar.

— Porquê? Pensaste que eu ia dizer não? — Mirei o magnífico anel no meu dedo, com o coração a bater de alegria.

— Sinceramente? — Ele hesitou. — Não. Achei que dirias que sim. Mas eu merecia, se dissesses que não.

Revirei os olhos e peguei no copo de vinho.

— Oh, ótimo. Continuas a ser tu.

— Continuo a ser eu. — O sorriso dele fez-me prender a respiração, e esperava que o fizesse para sempre.

De repente, a Blair e a Cheyenne apareceram ao lado da nossa mesa, de mãos dadas e quase incapazes de conter o entusiasmo.

— Ouvimos aplausos! Aconteceu?

— Aconteceu — confirmei, estendendo a mão para exibir o anel.

Elas guincharam e seguraram-me a mão para o examinar mais de perto.

— Oh, meu Deus, é lindo! — A Blair olhou para o Enzo. — É a réplica?

— Aproximada — disse o Enzo. — O meu primo Paulie fez o melhor que

podia em tão pouco tempo. — Os seus olhos encontraram os meus. — Eu não queria esperar.

— Adoro tudo nele — disse a Cheyenne, com lágrimas nos olhos, levando uma mão ao coração. Inclinou-se para me abraçar, depois deu um beijo na bochecha do Enzo. A Blair fez o mesmo, parando para sussurrar algo no ouvido dele antes de se endireitar.

— Deixamos-vos jantar sozinhos, mas estaremos todos no bar, caso queiram ir ter connosco mais tarde — disse ela.

— Quem é que estará lá? — perguntei.

— Só o Griffin, o Cole e o Beckett. — A Blair beliscou o ombro do Enzo. — Não tínhamos permissão para dizer a mais ninguém.

Ri-me.

— Está bem, vamos para lá depois de comer.

— Perfeito. — Deu o braço à Cheyenne e as duas olharam uma para a outra e depois para mim, como duas gatas presunçosas e satisfeitas. — Além disso… — e dizemo-lo com a maior gentileza…

— Nós tínhamos avisado — disse a Cheyenne, antes de ambas desatarem a rir e se dirigirem para o bar.

Abanei a cabeça.

— Estas duas são ridículas. Estiveram sempre convencidas de que isto ia acontecer.

— São boas amigas — disse o Enzo, pegando-me na mão. — E adoram-te. Nem queiras saber as ameaças que me fizeram se eu estragasse tudo.

— Posso imaginar — disse eu. — O que é que a Blair te disse agora?

— Que estava contente por não ter de me matar.

Desatei a rir.

— Temos sorte por termos amigos tão bons.

— Temos sorte, ponto final. — Ele prendeu os dedos nos meus. — E nunca darei isto por garantido.

Encontrei os olhos dele e sorri. O meu coração estava novamente inteiro.

*

Enquanto comíamos, tagarelámos alegremente acerca da casa de Center Avenue e do que precisava de ser feito antes de nos mudarmos para lá. Ele falou-me dos trabalhos que tinham sido realizados nas últimas duas semanas, e fiquei tão ansiosa que o obriguei a prometer que me levava lá de carro esta noite depois do jantar.

— Mas vai estar escuro — disse ele.

— Não importa — insisti. — Quero ver a casa esta noite.

Finda a refeição, fomos à área do bar, onde os nossos amigos nos aguardavam. A Blair e a Cheyenne abraçaram-nos outra vez, e o Beckett, o Cole e o Griffin beijaram-me a bochecha e disseram que sabiam perfeitamente desde o princípio que eu era a mulher para o Enzo. Pedimos uma rodada de bebidas e fizemos um brinde.

— Aos velhos amigos — disse o Griffin.

— E aos novos! — exclamou a Blair.

— Às segundas oportunidades — lembrou o Cole, pegando na mão da Cheyenne.

— E às segundas bases — acrescentou o Beckett com uma gargalhada enquanto o Enzo fazia uma pequena vénia.

— *Per cent'anni* — disse eu, com a voz embargada, olhando para cada um dos nossos amigos. Peguei na mão do Enzo e esperei de todo o coração por mais cem anos disto.

O Enzo ergueu o copo ainda mais alto.

— Aos melhores amigos que um homem pode pedir… e que se danem os Mavs.

Todos os rapazes fizeram barulhos de homens das cavernas e beberam, enquanto eu, a Blair e a Cheyenne trocávamos olhares cúmplices.

— Basebol dos velhotes — suspirou a Cheyenne. — É melhor que te habitues.

*

Deixámos os nossos amigos no bar depois de uma única bebida.

— Vamos, temos de ir a um sítio — disse o Enzo, puxando-me pelo braço.

— Temos? — perguntei enquanto ele me abria a porta. — Onde?

— Já vais ver.

Incapaz de imaginar onde é que ele me levava, não tive de esperar muito tempo até chegarmos ao destino: menos de dez minutos depois de sairmos do restaurante, ele parou em frente da Igreja Católica de St. Paul.

Olhei-o.

— O que se passa?

Em vez de me responder, ele desligou o carro, deu-lhe a volta e ajudou-me a sair. Depois deu-me a mão e conduziu-me pelos degraus da igreja.

— Enzo, o que é isto? — sussurrei enquanto ele abria a pesada porta de

madeira e entrávamos no vestíbulo. Estava escuro e silencioso, e cheirava a incenso.

— Vamos. — Sem largar a minha mão, levou-me através da nave, em direção ao altar. Só se escutava o eco dos nossos passos no templo vazio.

Subiram-me arrepios pela espinha. O espaço estava fracamente iluminado, e não via ali mais ninguém até chegarmos ao cruzamento do transepto com a nave central e ele me impelir gentilmente para a esquerda, para o transepto norte. Ali, diante dos belos vitrais iluminados pelo luar e pelas trémulas velas votivas numa mesa, encontrava-se o padre Mike.

— Bem-vindos — saudou, com um sorriso.

— Obrigado por isto, Padre — disse o Enzo.

— Ora essa. Estão preparados?

— Dê-me um segundo. — O Enzo virou-se para mim, pegando-me em ambas as mãos. — Sei que, tecnicamente, já somos casados. Mas fizemo-lo por um pedaço de papel. Para um público. E, sem dúvida, pelas razões erradas. Queria fazer algo com mais significado. — Ergueu o olhar para os vitrais. — Os meus bisavós doaram estas janelas quando a igreja estava a ser construída, há cem anos. Olhei para eles um milhar de vezes, mas nunca os vi verdadeiramente. Contudo, agora, sempre que os vejo, eles recordam-me da importância da família, de criar raízes e de ter fé em algo maior do que nós próprios. E isso é por tua causa. — Eu queria dizer alguma coisa, mas a minha garganta estava demasiado apertada. — Pedi ao padre para abençoar o nosso casamento esta noite — continuou ele. — Não o fiz antes porque nenhum dos dois o desejava. E com razão, porque teria parecido errado e teria sido por pressão dos nossos pais. Isto é só entre nós.

— E Deus — lembrou o padre Mike.

— Oh, certo — disse o Enzo. — Ele também.

Sorri através das lágrimas.

— Adoro isto. E adoro-te a ti.

— Também te adoro. — Inclinando-se, encostou os lábios à minha testa e repousou-os aí por um momento. Depois endireitou-se e virou-se para o padre Mike. — OK, estamos preparados.

*

Depois de sairmos da igreja, como prometido, o Enzo levou-me à casa de Center Avenue. De mãos dadas, usando as lanternas dos telemóveis, visto muitas das lâmpadas terem sido desligadas, andámos pela casa. Fiquei impressionada com

os progressos que tinham sido feitos nas últimas duas semanas, mas triste por ter perdido a sua execução.

— Não te preocupes — disse o Enzo, apertando-me a mão. — Ainda há muito trabalho a fazer para tornar este sítio habitável.

No centro daquilo que seria — esperava — um quarto de criança, virei-me e encarei-o.

— Vamos mesmo viver aqui?

— Claro que vamos. — Abraçou-me.

— E ter uma família?

— Claro que sim. Se a biologia não estiver do nosso lado, adotamos. Não me interessa como vamos obter a nossa família, apenas quero ter uma, contigo.

Deslizando os braços pela cintura dele, pousei a cabeça no seu peito e fechei os olhos.

— Vamos ser felizes aqui, Sra. Moretti — disse ele, embalando-me para um lado e para o outro. — Vamos encher esta casa de miúdos barulhentos e tão reguilas que darão connosco em doidos, mas vamos ser felizes. Consigo senti-lo.

Apertei-o com força, respirando profundamente.

— Também consigo senti-lo.

*

Entrar na casa dele outra vez — com a sua mão no fundo das minhas costas — foi como regressar ao lar. Cair na sua cama, sentir a sua pele na minha, vê-lo mover-se por cima de mim foi como um sonho. Recebê-lo bem fundo dentro de mim, ouvir a sua respiração acelerada e o seu gemido surdo e rouco pôs o meu corpo em brasa de uma maneira que só ele conseguia. E quando nos viemos juntos, os nossos corpos numa harmonia perfeita e abençoada, foi como uma recompensa por tudo o que eu tinha passado.

— Caramba, senti a tua falta — sussurrou ele no escuro, cobrindo de beijos a minha cara, o meu pescoço, o meu peito. — Nunca mais me deixes.

— Não vou deixar. — Rindo, massajei-lhe as costas e enrolei as pernas à volta dele. — Agora estás preso a mim. É Deus quem o diz. E o Estado do Michigan.

— Ótimo.

— Além disso, a minha aliança diz cem anos. Por isso acho que devo pelo menos honrar essa promessa.

Ele levantou a cabeça e olhou-me.

— É melhor que o faças. Não quero estar sem ti. Sem ti, já nem me sinto eu

próprio.

Sorri.

— Nem consegues fazer o olhar escaldante?

— Nem isso, porra.

Rindo, prendi-lhe a cara e beijei-lhe os lábios.

— Esse é um sinal claro de que devemos ficar juntos.

— Tens toda a razão. Afinal, preciso de transmitir isso às futuras gerações de Morettis. E mesmo que não o transmita pelo ADN, pode ser ensinado.

— Não tenho dúvidas de que os nossos rapazes herdarão o olhar escaldante.

— E as nossas raparigas herdarão o pelo na venta. Foi o que me fez apaixonar por ti.

Alguns minutos mais tarde, estávamos aninhados como era o nosso costume, a minha cabeça no seu peito, os seus braços a cingirem-me com força.

— Estavas mesmo a falar a sério? — perguntei baixinho, roçando as pontas dos dedos no seu peito. — Acerca da adoção?

— Claro que sim.

Tentei aninhar-me ainda mais nele.

— Ainda não decidi se vou tentar outra vez o *Clomid*. Estou a fazer uma pausa.

— Ótimo. Mereces algum tempo para respirar. E o que quer que decidas, seja *Clomid*, inseminação artificial, adoção, rapto, estou contigo. Somos uma família, aconteça o que acontecer, lembras-te?

— Lembro.

Ele beijou-me o cimo da cabeça.

— Boa noite, Lucy.

Sorri.

— Boa noite, Ricky.

Seis Meses Depois

Enzo

— Desculpe, pode repetir? — Fitei a técnica de ecografias, receando ter ouvido mal.

Ela sorriu, sem desviar os olhos do ecrã.

— Há aqui dois batimentos cardíacos.

— Oh, meu Deus — sussurrou a Bianca, apertando-me a mão.

— Como assim, dois batimentos cardíacos? Porque é que o bebé tem dois batimentos cardíacos?

A técnica riu-se gentilmente, olhando-me.

— São dois bebés.

— Mas nós só encomendámos um — disse eu, com a voz a falhar.

— Acontece — disse a técnica. — Está a ver? — Apontou para o ecrã, onde vi o que me pareceram dois balões pretos aninhados num mar de cinzento. Dentro de cada balão estava um pingo em forma de feijão, tremendo no centro.

— Aquelas coisas trémulas — perguntei, com a garganta a arranhar — são corações?

— São sim, papá.

Perplexo, olhei para a Bianca. Por trás das lentes dos óculos, os seus olhos azuis estavam arregalados, sem pestanejar.

— Dois — gemi.

— Dois — disse ela, parecendo tão chocada como eu.

Por um momento, senti-me ligeiramente enjoado. *Dois?*

Mas depois uma onda de orgulho varreu-me — DOIS!

Endireitei-me, inchando o peito.

— Cum caraças — disse. — Isto é que é um desempenho acima do esperado.

A Bianca riu-se.

— Tenho quase a certeza de que foi o *Clomid*.

— Mesmo com o *Clomid*, as hipóteses de gémeos não são tão altas quando concebidos naturalmente — disse a técnica. — Acho que anda entre os cinco e

os dez por cento.

— Estás a ver? — Inclinei-me e beijei-lhe a testa. Ela tinha passado por tanto nos últimos seis meses. De facto, tínhamos concordado que este ciclo seria o último em que tentaríamos conceber sem intervenção adicional. — És uma estrela!

Ela sorriu-me, e o meu coração bateu ainda com mais força. *Amo-te*, disse-me, apenas mexendo os lábios. Depois perguntou à técnica:

— Parece estar tudo bem?

— Parece tudo ótimo.

A Bianca fechou os olhos, inspirou e expirou profundamente. Vi-lhe lágrimas a rolar de ambos os olhos.

— Obrigada — sussurrou.

Os meus olhos também estavam marejados.

*

Nessa noite, deitado ao lado da Bianca na nossa enorme cama no quarto novo da casa de Center Avenue, virei-me de lado e pus a mão na sua barriga suave e macia.

— Ainda não consigo acreditar. Como raio vão dois humanos crescer aí dentro? Não parece haver espaço suficiente.

Ela riu-se.

— Hum, vou ficar mesmo grande.

— Grande, como? — Apoiei a cabeça na mão.

— Gigante. Tipo, mais larga do que alta.

Arquejei, simulando horror.

— Não.

— Sim. Ainda vais amar-me?

— Ainda mais. — Pousei a cabeça na barriga dela.

Ela sorriu-me, brincando com o meu cabelo.

— Que estás a fazer?

— Estou a ouvi-los. Nunca é demasiado cedo para escutar o que os miúdos dizem às escondidas.

Ela riu-se.

— Ouves alguma coisa boa?

— Chiu. — Fingi que me concentrava.

— Rapazes ou raparigas? — perguntou ela.

— Um de cada.

— A sério?

— Sim.

— E como é que se chamam?

— Ricky e Lucy, claro.

— Claro. — Ela sorriu. — O que é que eles estão a tramar?

— Estão a discutir. O Ricky ocupa demasiado espaço. A Lucy desenhou uma linha e disse-lhe que não deve ultrapassá-la, mas o Ricky gosta de a provocar.

— Parece-me bem.

— Estás feliz? — perguntei-lhe, com o coração quase a explodir.

Ela fez que sim, com os olhos brilhantes.

— E tu?

— Mais do que alguma vez julguei possível. E sei que vai ser sempre a melhorar.

— Também estou assustada.

Sentei-me imediatamente.

— Porquê?

Ela encolheu os ombros.

— Tudo isto… Tu, a casa, os bebés. É tudo o que sempre quis. Tenho medo de o perder.

— Ei. Chega aqui. — Voltei a deitar-me e abracei-a. — Nada nos pode tirar o que temos.

— Mas, e se…

— Falas demasiado. Já te tinha dito?

— Provavelmente.

— E estás sempre a deixar pilhas de livros pela casa, a mudar as coisas de sítio na cozinha e depois eu não consigo encontrar nada, és uma grande sabichona e pões o termostato tão alto que isto parece uma sauna.

Ela riu-se.

— Desculpa.

— Não peças. — Beijei-lhe a cabeça. — Porque também és a minha pessoa favorita no mundo. Trouxeste luz à escuridão imatura e egoísta que era a minha alma.

— É verdade, foi o que fiz — disse ela, a rir-se novamente.

— Além disso, és a melhor mulher do mundo. E vais ser uma mãe fabulosa.

— Achas?

— Tenho a certeza. — Fiz uma pausa. — E eu tenho sempre razão. Além de ser tão bonito e fantástico no basebol, essa é a tua coisa favorita em mim.

— Na verdade, não é.

— O quê? — Fingi indignação. — Vá lá. O que é que podes adorar mais do

que essas coisas?

— Hummm. Adoro que sejas tão generoso. Tão trabalhador. O facto de tratares com gentileza toda a gente que encontras. Adoro a forma como consegues fazer-me rir tão facilmente. Adoro que tenhas agora os mesmos três melhores amigos que tinhas aos 12 anos, isso prova que és leal e de confiança. Adoro o teu cheiro. Adoro que sejas tão protetor. Adoro entrar numa sala contigo e ver toda a gente a olhar por seres tão bonito, e sentir a tua mão nas minhas costas, dizendo-me que és meu.

— Sempre — disse eu, massajando-lhe as costas.

— E — acrescentou ela relutantemente, como se lhe doesse dizê-lo — acho que acabei por gostar do olhar escaldante.

Ri-me.

— Era só uma questão de tempo, querida.

Ela inclinou a cabeça e olhou-me com aqueles olhos azuis que derretiam todas as minhas defesas.

— Por uma vez, nem sequer quero discutir contigo.

— Ótimo. — Beijei-a suavemente e abracei-a com mais força, maravilhando-me por haver três batimentos cardíacos nos meus braços. O meu próprio coração batia com força no peito. Com amor, com gratidão, com sentimentos protetores… com a certeza de saber que tínhamos dado um louco salto no escuro e aterráramos exatamente onde devíamos estar.

A sério, e para sempre.

Receitas

Pappardelle com Salsicha, Kale e Molho de Tomate Picante

Ingredientes
2 colheres de sopa de azeite virgem extra
5 dentes de alho picados
1 cebola pequena picada
450 g de salsicha italiana picante picada
1 couve *kale* migada
1 lata de tomates inteiros sem pele
$^1/_4$ de colher de chá de pimenta em grão
2 colheres de sopa de manjericão fresco picado
$^1/_2$ chávena de parmesão
$^1/_4$ de chávena de natas gordas
Sal e pimenta
450 g de massa *Pappardelle*

Aquecer o azeite numa frigideira grande e funda. Adicionar a cebola, o alho e a salsicha italiana. Cozinhar 5 a 8 minutos em lume médio-alto até a salsicha estar cozinhada e a cebola estar mole e a começar a dourar.
Adicionar a couve *kale* migada e cozinhar por 3 a 4 minutos. Adicionar a lata de tomate e esmagar o tomate com uma colher de madeira. Adicionar manjericão, pimento-vermelho e sal a gosto. Ferver mais três minutos.
Adicionar $^1/_4$ de chávena de parmesão e as natas, mexer para combinar. Cozinhar em lume baixo enquanto massa coze.
Ferver seis quartos de água com sal. Adicionar a *pappardelle* e cozinhar por 5 a 7 minutos ou até estar *al dente*. Escorrer e adicionar ao molho, juntamente com o parmesão restante. Mexer para envolver tudo e servir imediatamente.

Sanduíches de Almôndegas

Almôndegas:
450 g de carne de vaca picada
3 dentes de alho picados
1 ovo
1/8 de chávena de miolo de pão
1/4 de chávena de parmesão ralado
1/8 de chávena de salsa fresca picada
1 colher de chá de sal
1 colher de chá de pimenta-preta acabada de moer

Molho:
450 g de tomate de lata inteiro
2 colheres de sopa de azeite virgem extra
3 dentes de alho picados
1/2 colher de chá de sal *kosher*
4 folhas grandes de manjericão, cortadas ao meio
6 fatias de Provolone
3 pães para sanduíches
1/4 de chávena de salsa fresca picada
Parmesão para polvilhar

Pré-aquecer o forno a 200 ºC.
Numa frigideira grande e funda, saltear o alho em azeite em lume médio-alto, até alourar. Adicionar a lata de tomates e parti-los com uma colher de pau. Adicionar folhas de manjericão. Temperar com sal e pimenta. Deixar ferver por 8 a 10 minutos em lume médio-baixo. Manter em lume baixo enquanto se preparam as almôndegas.
Entretanto, misturar todos os ingredientes para as almôndegas numa tigela grande e formar seis bolas aproximadamente do tamanho de uma lima. Colocar as almôndegas num tabuleiro forrado com folha de alumínio. Salpicar com azeite e cozinhar no forno a 200 ºC por 15 minutos.
Retirar as almôndegas do forno e colocá-las na frigideira com o molho de tomate. Deixar ferver em lume médio-baixo por mais 10 minutos.
Preparar as sanduíches: Cortar os pães no sentido do comprimento, mas não até

ao fim. Abrir o pão e colocar uma fatia de provolone de cada lado. Colocá-los a gratinar por 5 minutos ou até o queijo começar a derreter ou a fervilhar. Colocar 3 almôndegas no pão, com uma colher de molho. Salpicar com parmesão e salsa picada.

Pizzelles

Ingredientes

3 $^{1}/_{2}$ chávenas de farinha sem fermento
1 $^{1}/_{2}$ chávena de açúcar
1 chávena de manteiga derretida
2 colheres de sopa de raspa de laranja
2 colheres de chá de extrato de baunilha
1 colher de chá de anis
1 colher de sopa de sumo de laranja
4 colheres de chá de fermento em pó
1 colher de chá de cardamomo moído
$^{1}/_{4}$ de colher de chá de sal
6 ovos grandes
Açúcar em pó para polvilhar

Pré-aquecer a tostadeira para *pizzelle*.
Colocar todos os ingredientes numa tigela grande. Misturar a baixa velocidade até estar bem combinado, raspando os lados da tigela com uma espátula de borracha.
Seguir as instruções do fabricante da tostadeira de *pizzelle*. Quando as chapas estiverem prontas, usar uma colher para deitar uma pequena quantidade de massa no centro de cada forma. Fechar a tostadeira e cozinhar até ficar um dourado-claro, entre um minuto e um minuto e meio (verificar as instruções do aparelho). Transferir cuidadosamente as bolachas para a prateleira de arrefecimento — endurecerão enquanto arrefecem.
Polvilhar com açúcar em pó antes de servir.

Sopa de Casamento Italiana

Almôndegas:
450 g de carne de vaca picada
3 dentes de alho picados
1 ovo
1/8 de chávena de miolo de pão
1/4 de chávena de parmesão
1/8 de chávena de salsa fresca, finamente picada
1 colher de chá de sal
Azeite

Sopa:
4 chávenas de caldo de galinha
1 endívia cortada
450 g de peito de frango cru, com osso

Aquecer o forno a 180 ºC.
Misturar os ingredientes para as almôndegas numa tigela e envolver até ficar tudo bem misturado. Formar almôndegas do tamanho de berlindes. Obterá cerca de 60 almôndegas, mas pode congelar metade para uso futuro, dependendo da preferência.
Colocar as almôndegas num tabuleiro forrado com silicone ou folha de alumínio. Salpicar com azeite. Levar ao forno por 6 minutos.
. Entretanto, colocar o frango numa panela grande e cobrir com água. Cozer por 20 minutos. Retirar o frango e deixar arrefecer. Uma vez frio, separar a carne dos ossos e desfiar. Descartar a água e os ossos.
Aquecer o caldo numa panela grande a temperatura média-alta. Adicionar a endívia e cozinhas por cerca de 10 minutos. Acrescentar o frango desfiado e as almôndegas. Deixar ferver a temperatura média-baixa por 5 a 8 minutos, para o sabor das almôndegas impregnar o caldo. Temperar com sal e pimenta a gosto.
Servir a sopa com parmesão ralado por cima.

Bruschetta de Pão Torrado e Tomate

Ingredientes
450 g de tomates cortados
$^{1}/_{2}$ cebola roxa cortada
2 dentes de alho picados
2 colheres de sopa de manjericão fresco cortado
$^{1}/_{8}$ de chávena de parmesão ralado
$^{1}/_{4}$ de chávena de azeite virgem extra
$^{1}/_{4}$ colher de chá de sal
$^{1}/_{2}$ colher de chá de pimenta-preta
12 fatias de pão fermentado
$^{1}/_{4}$ de chávena de azeite virgem extra para pincelar

Juntar os tomates, a cebola, o manjericão, o alho, o parmesão, o sal e a pimenta numa tigela. Bater até ficar tudo bem misturado. Adicionar $^{1}/_{4}$ de chávena de azeite e combinar.
Pincelar os topos das fatias de pão com azeite. Levar a gratinar por cerca de 3 minutos ou até dourar. Servir com a *bruschetta*.

Zeppole

Massa:
115 g de manteiga sem sal
1 chávena de leite gordo
1 colher de sopa de açúcar
1 colher de chá de raspa de laranja
1 pitada de sal
1 chávena de farinha
4 ovos à temperatura ambiente

Num tacho médio, levar a ferver a manteiga, o açúcar, o leite, a raspa de laranja e o sal. Adicionar imediatamente a farinha e mexer vigorosamente com uma colher de pau até a massa se juntar formando uma bola. Retirar do calor e continuar a bater a massa até arrefecer ligeiramente, 2 a 3 minutos.
Adicionar os ovos, um a um, e misturar até estar bem incorporado entre cada adição. Depois de todos os ovos adicionados, obterá uma massa lisa e espessa. Colocar a massa num saco de pasteleiro com ponta larga em estrela.

Recheio:
450 g de queijo ricota escorrido
$^1/_2$ chávena de natas gordas
$^1/_2$ chávena de açúcar em pó
1 colher de chá de extrato de baunilha
$^1/_2$ chávena de pepitas de chocolate
Óleo vegetal
Açúcar em pó
Cerejas em xarope

Colocar a ricota, o açúcar em pó e a baunilha num processador e misturar. Adicionar lentamente as natas com a misturadora no máximo e misturar até a ricota estar macia e espessa, cerca de 20 a 30 segundos. Adicionar pepitas de chocolate e bater 10 a 15 vezes para combinar.

Para *zeppole* frita:

Cortar 12 a 14 quadrados de papel vegetal com 10 cm.
Encher uma frigideira funda com 3 ou 4 cm de óleo vegetal. Aquecer o óleo até aos 180-190 ºC.
Com o saco de pasteleiro, verter anéis de 6 ou 7 cm para os quadrados de papel. Deitar os anéis com a massa para baixo no óleo quente. O papel sairá depois de quente. Fritar até dourar de um lado e depois virar. Virar várias vezes para cozinhar uniformemente até estarem dourados e inchados.
Remover do óleo e colocar sobre papel de cozinha para remover o excesso de óleo. Deixar arrefecer. Depois de frio, cortar ao meio e rechear com o creme de ricota. Polvilhar com açúcar e colocar uma cereja no topo.

Para *zeppole* no forno:

Aquecer o forno a 200 ºC.
Com o saco de pasteleiro, verter anéis de 7 cm num tabuleiro forrado com silicone ou papel vegetal. Cozinhar por 25 minutos. Desligar o forno e deixar ficar por mais 10 minutos ou até estar dourado.
Retirar do forno e deixar arrefecer. Cortar ao meio e rechear com a ricota. Polvilhar com o açúcar em pó e decorar com uma cereja.

Agradecimentos

Mais uma vez, preciso de agradecer à Dina Cimarusti por todas as receitas deliciosas neste livro. Espero que gostem tanto de as fazer como eu!

Como sempre, o meu apreço e gratidão vão para as seguintes pessoas, pelo seu talento, apoio, sabedoria, amizade e incentivo…

Melissa Gaston, Brandi Zelenka, Jenn Watson, Hang Le, Devyn Jensen, Kayti McGee, Laurelin Paige, Corinne Michaels, toda a equipa da Social Butterfly, Anthony Colletti, Rebecca Friedman, Flavia Viotti e Meire Dias, da Bookcase Literary, Nancy Smay, da Evident Ink, Julia Griffis, da The Romance Bibliophile, as revisoras Michele Ficht, Shannon Mummey e Alison Evans Maxwell, Stacey Blake, da Champagne Book Design, Katie Robinson, da Lyric Audiobooks, os narradores Teddy Hamilton e Samantha Brentmoor, os Shop Talkers, a Sisterhood, a equipa das Harlots e da Harlot ARC, *bloggers* e organizadores de eventos, as minhas rainhas, as minhas *beta readers*, os meus revisores, os meus leitores em todo o mundo…

E, mais uma vez, à minha família, com todo o meu amor.

Sobre este livro



Ele procura uma noiva.
Ela precisa de um grande favor.
Unir esforços parece ser o plano perfeito.

Enzo Moretti precisa de se casar rapidamente. Para poder herdar a empresa da família, tem de cumprir as condições definidas pelo pai: encontrar uma mulher e assentar antes de fazer 35 anos. Desesperado e quase a ficar sem tempo, decide pedir a namorada da altura em casamento, mas ela recusa de imediato, deixando-o sem saber o que fazer.

A solução mais improvável surge quando se cruza com Bianca DeRossi, a mulher que há anos lhe mexe com o sistema nervoso. Depois de ouvir a história de Enzo, Bianca, sentindo a pressão do seu relógio biológico, faz-lhe uma proposta irrecusável: um casamento de fachada, com uma duração predefinida e objetivos muito concretos. Mas existem algumas condições, como não se envolverem fisicamente e nunca se apaixonarem.

Parecia o plano perfeito. Peritos em irritar-se um ao outro desde que se conhecem, sabiam que não correriam esse risco. Mas passar da teoria à prática nem sempre é fácil… e infringir as regras impostas pode ser muito gratificante.

Sobre Melanie Harlow

Melanie Harlow é uma autora norte-americana bestseller do *USA Today* e da Amazon.

Exímia contadora de histórias românticas e muito sensuais, gosta de beber martínis secos, calçar saltos altos e apimentar os seus livros sobre casais modernos que se apaixonam à moda antiga.

Depois do sucesso de *Deixa-me Louca* e *Torna-me Tua*, também editados pela Topseller, chega agora *Diz-me que Sim*, mais uma história de amor imperdível passada na pequena vila de Bellamy Creek.

Melanie Harlow vive em Detroit com o marido, as duas filhas e um coelho de estimação.

Saiba mais sobre a autora:
www.melanieharlow.com
Facebook: AuthorMelanieHarlow
Instagram: melanie_harlow